

Volume 14, Nº 2, Año 2016

O que não se sabe



Calibán

Revista Latino Americana
de Psicanálise

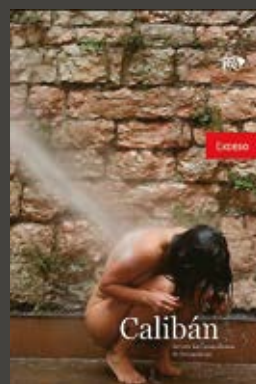
Calibán | Edições anteriores



Vol. 10, Nº 1
Tradição / Invenção



Vol. 11, Nº 1
Tempo



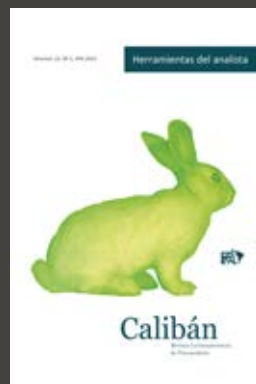
Vol. 11, Nº 2
Excesso



Vol. 12, Nº 1
Realidades & Ficções I



Vol. 12, Nº 2
Realidades & Ficções II



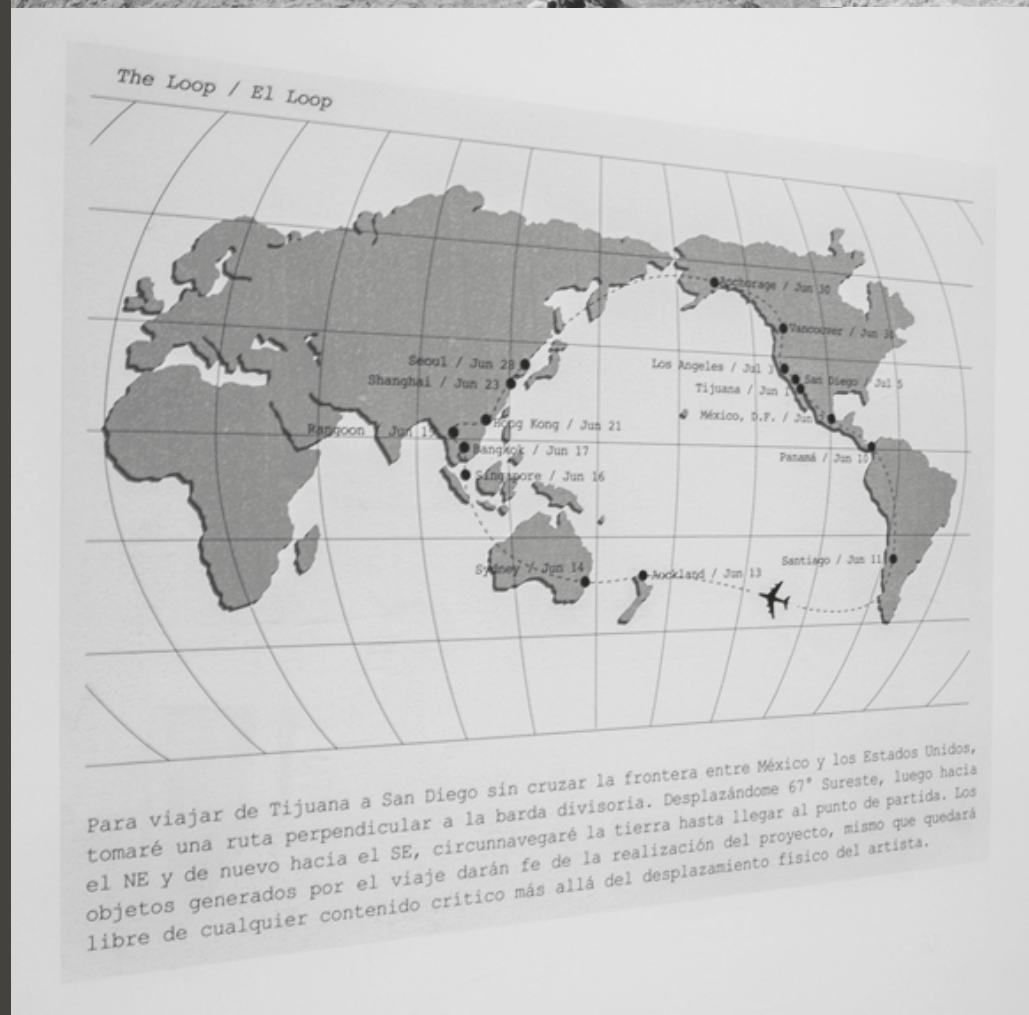
Vol. 13, Nº 1
Ferramentas do analista



Vol. 13, Nº 2
Margens



Vol. 14, Nº 1
Corpo





Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

Publicação oficial da FEPAL
(Federação Psicanalítica da América Latina)

Luís B. Cavia 2640 apto. 603 esq. Av. Brasil,
Montevideo, 11300, Uruguay.
revista@fepal.org
Tels: 598 2707 7342 / 598 2707 5026
www.facebook.com/RevistaLatinoamericanadePsicoanalisis

Editores

- Mariano Horenstein (Argentina), Editor-chefe
- Laura Veríssimo de Posadas (Uruguai), Editora-chefe suplente
- Raya Angel Zonana (Brasil), Editora associada
- Lúcia Maria de Almeida Palazzo (Brasil), Editora associada suplente
- Andrea Escobar Altare (Colômbia), Editora associada
- Cecilia Rodríguez (México), Editora associada suplente

Comissão Executiva

Marta Labraga de Mirza (Uruguai - Editora de Cidades Invisíveis), Sandra Lorenzon Schaffa (Brasil - Editora de De Memória), Lúcia Maria de Almeida Palazzo (Brasil - Editora de Vórtice), Jean Marc Tauszik (Venezuela - Editor de Clássica & Moderna), Laura Veríssimo de Posadas (Uruguai – Editora de Argumentos), Raya Angel Zonana (Brasil – Editora de Dossiê), Natalia Mirza (Uruguai – Editora de Bitácula), Helena Surreaux (Brasil), Wania Maria Coelho Ferreira Cidade (Brasil), Analia Wald (Argentina).

Conselho de Editores Regionais (Delegados por Sociedades)

Natalia Mirza (APU), Eloá Bittencourt Nóbrega (SBPRJ), Raquel Plut Ajzenberg (SBPSP), Graciela Medvedofsky de Schwartzman (APA), Miriam Catia Bonini Codorniz (SPMS), Jacó Zaslavsky (SPPA), Daniela Morábito (SPM), Irene Dukes (APCH), Ramón Florenzano (APCH), Rosa Martínez (APCH), Eduardo Kopelman (APC), Jorge Bruce (SPP), Rómulo Lander (SPC), Maria Arleide da Silva (SPR), Cristina Bisson (APdeBA), Ana Maria Paganí (APR), Julia Braun (SAP), Paolo Polito (AsoVeP), Julia Casamadrid (APM), Adriana Lira (APG).

Revisão da versão em espanhol: Andrea Escobar Altare

Revisão da versão em português: Raya Angel Zonana

Revisão da versão em inglês: Analia Wald

Colaboradores: Abigail Betbedé (SBPSP), Ana María Reboledo (APU), Ana María Olgararay, Roberto Luís Franco (SBPRJ), Claudio Frankenthal (SBPRJ), Iliana Horta Warchavchik (SBPSP), Regina Weinfeld Reiss (SBPSP), Margarita Nores, Brenda Glez y Laura Katz (APA), Admar Horn (Brasil).

Logística e comercialização: Virgínia Velasco (Assistente de Comunicação FEPAL)

Tradução, correção e normatização de textos: Laura Rodríguez Robasto, Daniel Avila, Alejandro Turell, Ana Cristina Carvalho, Ana Paula Corradini, Erika Cosenza, Nadia Piedra Cueva, Denise Mota, Karen Delamuta, Laura Veríssimo de Posadas, Marta Labraga, Natalia Mirza, Gabriela Levi, Analia Wald e Carolina García.

Direção de arte e diagramação: Di Pascuale Estudio [www.dipascuale.com]

Ilustrações de abertura das seções: Lucas Di Pascuale (páginas 12, 89, 95, 105, 159, 185, 201 y 209), Margarita Nores (Página 195).

Comissão Diretiva

Presidente

Roberto Miguel Scerpella Robinson (SPP)
Suplente: Stella Mohme (SPP)

Secretaria Geral

Adela L. Escardó (SPP)
Suplente: Raquel Northcote (SPP)

Tesoureria

Haydée Zac de Levinas (APdeBa)
Suplente: Clara R. Margulis de Braverman (APdeBA)

Coordenadora Científica

Gleda Brandão Coelho Martins de Araújo (SPMS - SPRU)
Suplente: Ana Rozenbaum de Schwartzman (APA)

Diretora de Sede

Ema Ponce de León Leiras (APU)
Suplente: Mercedes Gallinal de Chiara (APU)

Diretora de Conselho Profissional

Patricio Peñailillo (APCH)
Suplente: Naly Durand (SPM)

Diretora de Comunidade e Cultura

Jani Santamaría Linares (APM)
Suplente: Adriana Villareal (APM)

Coordenador de Crianças e Adolescentes

Mónica Liliana Santolalla (APC)
Suplente: María Elisabeth Cimentí (SPPA)

Diretora de Comunicação e Publicações

María Alejandra Rey (SAP)
Suplente: Luisa Irene Acrich (SAP)

Revista indexada Latindex.

- *As opiniões dos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade e não refletem, necessariamente, as dos editores da publicação. Autorizada a reprodução, desde que citada a fonte e apenas com a autorização expressa e por escrito dos editores.*

- *Se você é responsável por alguma das imagens e não entramos em contato, por favor, comunique-se conosco por meio do nosso correio.*

Ilustrações em seções:

- **Editorial, Argumentos, Vórtice, Clássica & Moderna:** Francis Allys.

- **Dossiê:** Carlos Di Nallo.

- **Cidades Invisíveis:** Arq. Daniel Villani

Índice

6 Editorial

Próxima B, Freud & Mendeleiev

por Mariano Horenstein

13 Argumentos

14 Uma psicanálise em movimento

por Dominique Scarfone

22 O conhecido, o desconhecido e o incognoscível

por Julio Frochtengarten

30 O gênero do que não se conhece, *gender queer*

por Natalia Mirza Labraga

40 Elementos para uma antropologia além do patriarcado

por Carlos Plastino

60 O que Freud conseguiu não saber. (E Lacan também, e tampouco)

por Enrique R. Torres

77 A dor e o que não se sabe: ética da escuta analítica

por Xochiquetzaly Yeruti de Ávila Ramírez e Víctor Javier Novoa Cota

89 O Estrangeiro

90 O que não se sabe não são as respostas, mas sim as novas perguntas

por Alberto Kornblihtt

95 Fora de Campo

96 O corpo e os registros possíveis de catástrofes psíquicas

por Júlio César Tadeu Chavasco Labate

105	Textual	176	Turbulências da prática <i>por Cristina Rosas de Salas</i>
106	A melhor conversa da minha vida <i>entrevista com Hanif Kureishi</i>	179	Turbulência na clínica psicanalítica <i>por Yolanda Gampel</i>
123	Dossiê: O que tão-pouco se sabe	182	Turbulência nos Estados Unidos: o efeito Trump <i>por Richard Reichbart</i>
124	O que tão-pouco se sabe: algumas notas <i>por Raya Angel Zonana</i>	185	Clássica & Moderna
127	Faltavam páginas <i>por Arrigo Barnabé</i>	186	Separação, reunião e exílio em Avelino González <i>por Alejandro Beltrán</i>
133	O lado escuro do universo <i>por Héctor J. Martínez</i>	195	Cidades Invisíveis
139	Anotações sobre um caso judicial <i>por Marcio José de Moraes</i>	196	Tenochtitlan, hoje Cidade do México <i>por Griselda Sánchez Zago</i>
145	A psicologia precisa da teoria quântica? <i>por Osvaldo Pessoa Jr.</i>	201	De Memória
153	Onde está a memória? <i>por Pedro Bekinschtein</i>	202	O encontro com Vida e Luis Prego Silva <i>por Nilde Parada Franch</i>
159	Vórtice: Turbulências na clínica psicanalítica	204	Os destinos de um nome na celebração de um olhar <i>por Víctor Guerra</i>
160	Turbulências na clínica psicanalítica: longas-metragens para pensá-la <i>por Andrea Escobar Altare</i>	206	Professor emérito Dr. Luis Enrique Prego Silva <i>por Cristina Martínez de Bagattini</i>
164	O terror político e a sessão analítica <i>por Edmundo Gómez Mango</i>	209	Bitácula
167	O espaço analítico como refúgio para a dupla analítica em meio à violência urbana <i>por Margareta Hargitay Wieser</i>	211	Crianças com suspeita de autismo e analistas com suspeita de ineficácia <i>por Víctor Guerra e Mónica Santolalla</i>
170	O que se sabe do que não se sabe <i>por M. Teresa Naylor Rocha</i>	212	Leituras
173	Um relato contemporâneo <i>por Osvaldo Ferreira Leite Netto</i>		



Editorial

Proxima B, Freud & Mendeleiev

Há algum tempo atrás, um grupo de cientistas japoneses informou a descoberta do elemento 113 da tabela periódica, o niônio. Quase ao mesmo tempo, outro grupo de cientistas, na Universidade de Londres, anunciava a descoberta do Proxima B, um exoplaneta que poderia ter condições similares às da Terra. Ao seu modo, trabalhando em territórios tão distintos como os elementos desconhecidos que compõem a matéria e o espaço sideral, as duas equipes de trabalho conseguiram tornar cognoscível algo que até esse momento não se sabia.

Nada melhor do que explorar o modo de os cientistas abordarem o terreno do que não se sabe para nos aproximarmos do tema deste número de *Calibán*, para pensar a psicanálise com um pouco de distância. Que trabalhemos a uma escala diferente dos cientistas que anunciaram ao mundo suas conquistas, não implica que não afrontemos as mesmas dificuldades, que não nos encontremos com a mesma falta de certezas, que não precisemos da mesma coragem para enfrentar o risco de pensar.

Em geral, os cientistas têm consciência cabal do aspecto fragmentário do seu conhecimento e o trabalho das suas vidas consiste em conquistar apenas alguns milímetros quadrados de terreno do desconhecido e colonizá-los, torná-los inteligíveis, mesmo que de modo provisório.

Mas a perspectiva científica não é a única. Os artistas têm também um laço visceral com o que não se sabe, aliás, com o que não sabem sobre eles mesmos, essa mina da qual extraem os materiais que fundem em suas obras.

Os técnicos, em geral e por definição, situam-se de um modo distinto frente ao que não se sabe. Forçados a praticar uma disciplina, a ganhar a vida através do exercício da sua profissão, são obrigados a obter resultados e a se exercitar com certa aparência de saber, ao menos de um saber fazer. Um engenheiro civil, um torneiro ou inclusive um médico terão de poder trabalhar com esse saber adquirido através de gerações. Mesmo assim, deverão contar com o imponderável da natureza, o comportamento errático de alguns materiais, as zonas obscuras do genoma humano e o imprevisível das respostas individuais.

Nós, psicanalistas, temos um trabalho que é um pivô entre essas diferentes posições, a do trabalho científico, com suas inflexões metodológicas particulares no nosso campo; a da arte ou do artesanato clínico, com sua ênfase no estilo singular; a da prática liberal da profissão com que ganhamos a vida. E frequentemente esse último aspecto, com a necessária ênfase em sustentar um semblante de saber, con-

verte-se em um sustento identificatório que prevalece. Assim acontece quando nós, psicanalistas, frequentemente nos esquecemos da incômoda navegação no que não se sabe para repousar nossa escuta no macio território do que, com muito esforço, podemos conhecer.

As teorias, todas elas, são modos de tornar inteligível a escuridão e de permitir que nos orientemos nela. Ao mesmo tempo, mapas e bússolas são fundamentalmente conjecturas. Assim defenderam, habitualmente, aqueles que as propuseram: conjecturas eficazes para navegar em uma clínica que, paradoxalmente, essas mesmas teorias inventam.

Octave Mannoni estudou isso bem: Freud forjou suas teorias a partir das interpretações que ocorriam a ele. Nós, seus seguidores, pelo contrário, tendemos a extrair nossas interpretações das teorias. Esquecemos seu caráter provisório, conjectural, perfectível e arbitrário, para abraçar o saber que nos oferecem como uma tábua de salvação, e não porque existam territórios virgens: é impossível pensar em um território sem um mapa, e as teorias de que dispomos, mais ou menos explícitas, são nossos mapas, só que até os melhores mapas têm zonas de sombra, beiras onde o terreno se torna cada vez mais impreciso, e nossa orientação é mais precária: o que não se sabe, o que já não se sabe, o que ainda não se sabe ou o impossível de saber.

A viagem que propomos neste número de *Calibán*, somente um convite a algo que tomara continue para além das suas páginas, é mergulharmos nesse território em que a desorientação, o incômodo e a incerteza são a regra.

Então, em consonância com essa posição, pensamos uma proposta a ser desenvolvida, de algum modo, em **Argumentos**. Por um lado, é uma aposta possível, interrogar que lugar ocupa em cada corpo teórico o que não se sabe, como é chamado, que figuras - *Real, ou, mais-além, umbigo*, para citar algumas delas - descrevem isso melhor. Por outro lado, um convite difícil, talvez impossível: pensar, a partir de cada teoria, aquilo que essa mesma teoria *não* contempla.

Mendeleiev ocorre aqui em auxílio a Freud, se adotarmos como modelo sua invenção, a tabela periódica dos elementos. Ali se situam, com suas características precisas, 118 elementos que compõem a complexidade do mundo. Assim como estão registrados elementos que já não existem, representam-se outros, ainda não descobertos, mas cuja existência é possível antecipar. A partir do que, sim, sabe, Mendeleiev abre espaço, em sua construção, para o que ainda não se sabe e nos dá, assim, um modelo para pensar em que medida nossas teorizações permitem que o não sabido encontre lugar nelas. Sem essa orientação, as teorias se convertem em circuitos fechados que não deixam nenhuma fissura, totalidades, pequenas cosmóvisões que nos tranquilizam, liquefazendo nossas incertezas clínicas.

Enquanto os químicos estudam micromundos, outros cientistas esquadriham um universo de tal magnitude que destrói qualquer pretensão de saber. A familiaridade dos astrônomos com a incerteza se torna um modelo para pensar nosso ofício e também abre espaço para o **Dossiê** deste número e o organiza: *o que tão-pouco se sabe*, para além da psicanálise.

O surgimento da palavra falada

Desde a sua origem, *Calibán* aloja um contraponto de seções com formatos e estilos distintos. Esse modelo nos permitiu, por um lado, dar agilidade e vivacidade à sua leitura e abrigar pensamentos próprios e alheios à nossa disciplina, sem artificialismos desnecessários, e, por outro lado - *last but not least* -, aumentar a quantidade de vozes que se fazem ouvir na revista.



Assim, seções que abrigam textos em um formato acadêmico coexistem com ensaios mais livres em sua criação ou com pequenas contribuições que se prestam bem a debates polifônicos. Dentro desse modelo, uma das nossas seções, **Textual**, é reservada a entrevistas. Até agora, nesse espaço privilegiamos intelectuais, artistas, escritores de relevância internacional e com fortes laços com a psicanálise, sem que eles mesmos sejam psicanalistas. Tomamos essa decisão para evitar, na medida do possível, asperezas, ou ser tendenciosos no momento de escolher os entrevista-

dos entre os múltiplos paradigmas psicanalíticos presentes na nossa região.

Neste número, **Textual** inclui uma entrevista que fizemos em Londres com Hanif Kureishi, um dos escritores contemporâneos de maior reconhecimento, analisando entusiasta e observador lúcido da psicanálise. Mas, além disso, quase sem que houvésemos nos proposto a isso, esse formato - o da entrevista - invade como uma hera, de forma quase viral, outras seções que não costumavam utilizá-lo.

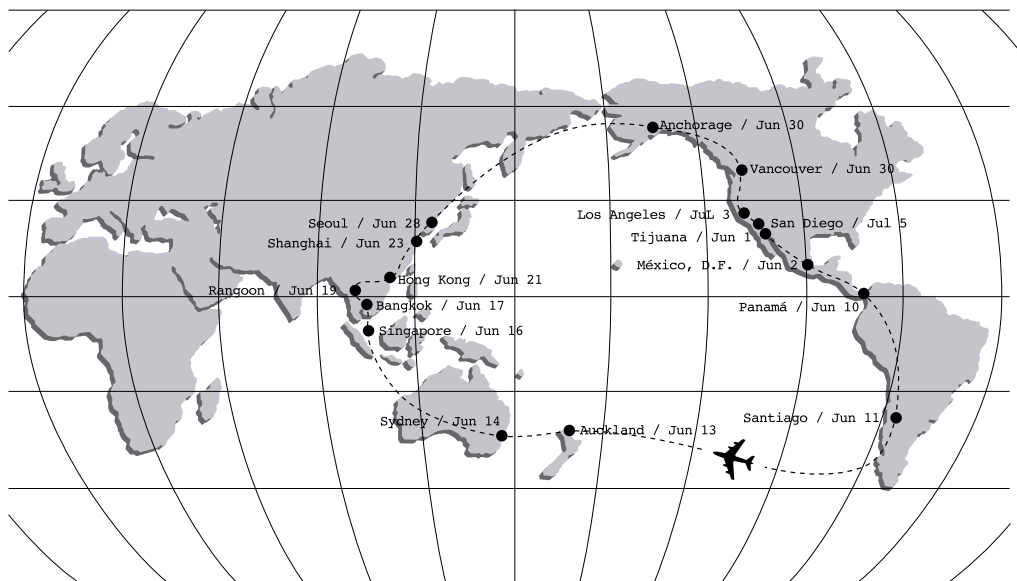
Assim, em **O Estrangeiro**, publicamos os resúdos de uma conversa, fragmentos resgatados de um diálogo que foi mantido de modo tanto presencial como virtual, com um cientista de alto nível e com fortes laços com nossa disciplina, Alberto Kornblihtt, sobre o que não se sabe.

Em relação a **Clássica & Moderna**, nessa ocasião, dedicada a resgatar o pensamento de Avelino González, o formato escolhido por seu autor é o de uma entrevista fictícia, no estilo dessa maiêutica que Freud imaginava às vezes para antecipar perguntas ou objeções às suas teses e argumentar, seguindo o fio de um diálogo imaginário.

Que uma seção dedicada a ensaios que resgatem e atualizem o pensamento dos nossos mestres e outra dedicada às ideias de estrangeiros à nossa prática, além de **Textual**, apelem à entrevista como forma deve querer dizer algo. E podemos nos aventurar a pensar sobre de que se trata essa marca que, imperceptivelmente, impõe-se entre nós: a da oralidade.

Nossa prática clínica é uma prática da oralidade. A associação livre é uma forma de oralidade, a interpretação e, inclusive, o silêncio atento do qual ela surge também o são. Mesmo quando o escrito tiver um estatuto inevitável no nosso trabalho, mesmo quando o analista não só escutar, mas também ler o que escuta, o aspecto oral terá um protagonismo indiscutível na psicanálise, que bem poderia ser considerado um herdeiro legítimo da tradição narrativa oral que registrava, como nenhuma outra, a experiência humana.

Que uma publicação - ou seja, um conjunto de textos - recupere a palavra falada, deixe-se inundar por ela, talvez seja uma indicação preciosa a registrar, um detalhe a não perder de vista. Talvez nos fale da necessidade de construir - e de



escrever e de editar - textos mais leves, mais ágeis, inclusive mais breves. Mais permeáveis ao inconsciente e contaminado pelas suas formações, mais parecidos ao que acontece nas sessões analíticas, esse espaço que justifica nossas publicações, esse formato fresco que restitui a potência e a encarnadura corporal ao que se diz, e que, às vezes, a pressão do cientificismo tende a obliterar.

A possibilidade do impossível

O tornado na nossa capa, a espiral de vento e areia em que um frágil artista mergulha para filmar, contempla a precariedade das nossas certezas e representa esse ponto em que, para saber, é necessário se dispor ao perigo do vórtice. Talvez não por acaso, nossa seção **Vórtice** desta vez seja dedicada às turbulências na prática analítica, rastreadas através de testemunhos do nosso convulsionado mundo atual.

As imagens deste número aludem ao que não se sabe, e os artistas - que, sim, sabem que não sabem - nos ajudam a tornar isso visível. Ao lado das astrofotografias de Carlos Di Nallo e os mapas e croquis de Margarita Nores e Daniel Villani, mostramos desta vez o trabalho de Francis Alÿs, um dos artistas contemporâneos latino-americanos - apesar de belga de nascimento - mais relevantes. Além das figuras do niônio ou do Proxima b, a do turbilhão registrado por Alÿs é um modo de balizar esse espaço em que escutamos às cegas o que mais nos interessa, o da situação analítica e seus furacões transferenciais.

Alÿs - que, sim, sabe algumas coisas - antecipou algo em *The loop*, obra em que, resistindo a atravessar o muro que pretende dividir os Estados Unidos do México, circunavegou meio mundo, do México ao Panamá e ao Chile, passando pela Oceania e pela Ásia até chegar, por fim, depois de um mês de viagem, aos Estados Unidos. Com sutileza, denunciava assim, esse muro ignominioso que duplica em concreto a fronteira de água do Rio Grande, o espaço da América Latina, da Fepal. Outro muro, também invisível, é o que obriga, em outro *loop*, a ter que apelar a três voos para unir duas cidades que se encontram no mesmo paralelo, separadas

por menos de 1.400 km, mas que não pertencem ao mesmo país nem são capitais. Toda uma metáfora da dificuldade enfrentada pela circulação do conhecimento na América Latina, onde é mais fácil receber livros ou convidados da França ou da Inglaterra do que de um país vizinho. Esse muro a ser franqueado é o que nos leva a difundir, a partir de *Calibán*, autores da região - neste caso, Vida e Luis E. Prego Silva, e Avelino González, desconhecidos em muitos dos nossos países - e também a incluir retratos das nossas cidades latino-americanas - nesta ocasião, a Cidade do México, a antiga e orgulhosa Tenochtitlán, a cidade de Alÿs.

Alÿs surge para nós como um canteiro. Ao lado do furacão e do *loop* que elude fronteiras e que encontra longe o que está perto, há duas imagens mais que extraímos do seu trabalho, porque iluminam o nosso, dos analistas e também dos editores.

Certa vez, se propôs a reunir no subúrbio de Lima, 500 homens com pás para mover, por alguns milímetros, um deserto de areia. Esse trabalho sisífico, hiperbólico, impossível é uma cópia da nossa profissão analítica e também, de algum modo, da nossa tarefa editorial, a de modificar o deserto grão a grão.

Quando o artista se propôs a arrastar um bloco de gelo pelas ruas do México durante nove horas e até que ficasse reduzido a nada, iluminou outro aspecto dos nossos empenhos analíticos que por momentos parecem, frente às forças que enfrentamos, um trabalho inútil. E também evoca esse outro trabalho, veremos se inútil ou não, o de editar uma revista latino-americana que esteja acima das nossas próprias limitações. Aí há outro muro a transpor, que, como todo muro, tem seus guardiões e defensores. O trabalho dos editores de *Calibán*, acompanhados por cinco dezenas de colaboradores, ao longo dos últimos seis anos, é também um modo de desenhar com esforço, a cada vez, um novo *loop* para tornar possível cada novo número desta revista.

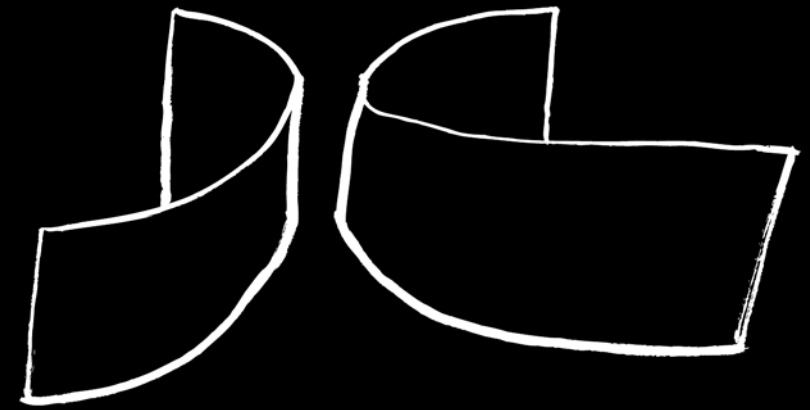
Nossa equipe editorial, tão capaz de investir como de resistir, também muda: adapta-se a entornos distintos, foge do fatalismo da seleção supostamente natural que deixa poucas publicações de pé, dinamiza-se com os novos integrantes que a conformam, com os novos leitores que, de forma cúmplice, vai somando.

Essa equipe é, a esta altura, uma máquina editorial que produz um objeto - nunca apenas um "produto" - único, singular, com marcas de autoria grupal. Diferentemente do dispositivo analítico em que produzimos singularidade (em cada paciente) a partir da singularidade (a do estilo de cada analista), em *Calibán* produzimos singularidade a partir de uma empresa coletiva.

E assumimos um risco com isso. O risco de pensar, de imaginar e de fazer uma revista que se diferencie de outras revistas, tão válidas como esta. Não há invenção, não há descoberta possível sem risco. Nada do que importa na vida é sem risco, e trabalhar em equipe é um modo de mergulharmos com alguma proteção nesse vórtice, no coração do que não se sabe. Assim tentamos nos aproximar das nossas zonas obscuras, peneirar os últimos elementos da tabela - imaginados, apesar de ainda não encontrados -, descobrir novos planetas, tomara que habitáveis.

Formar parte dessa aventura, tê-la liderado inclusive durante um tempo e ver como vai se convertendo em algo novo, melhor, não deixa de me produzir um orgulho singular. Com esse orgulho, com renovado entusiasmo, os convido a ler o que preparamos desta vez.

Mariano Horenstein
Editor-chefe - *Calibán* - RLP



Argumentos



Dominique Scarfone*

Uma psicanálise em movimento

A pergunta “O que ainda não sabemos em psicanálise?” impressiona. Nos leva implicitamente a fazer, em primeiro lugar, o inventário de tudo o que sabemos, ou pensamos que sabemos, para deduzir, em seguida, o que faltaria descobrir. Isso parece completamente normal nas ciências naturais, mesmo que nelas também possa ser perigoso procurar estabelecer o que ainda não se sabe. No final do século XIX, Lorde Kelvin pensou que seria possível dizer que a física tinha descoberto tudo o que havia para saber, e que só faltava fazer medições mais precisas. Alguns anos depois vieram Planck e Einstein... Cometeremos o mesmo erro na psicanálise? O próprio Freud quase cometeu em 1915-1917, quando já havia escrito alguns dos doze capítulos projetados de sua metapsicologia, e achava que havia dito tudo o que tinha a dizer sobre o assunto. Depois, veio *Além do Princípio do Prazer*...

Não podemos certamente, hoje, achar que não há nada novo para introduzir em psicanálise, mas poderemos, no entanto, traçar, mesmo que seja em negativo, a figura do que ignoraríamos? A menos que a própria formulação dessa pergunta não seja pertinente em nosso campo. Em qualquer caso, mesmo aceitando a questão como tal, encontram-se importantes dificuldades relacionadas ao problema de como inventariar o que sabemos e, ainda mais, o problema da relação da psicanálise com o saber como tal.

* Sociedade Canadense de Psicanálise.

Vamos notar, para começar, que há uma ironia – sem dúvida involuntária – em perguntar-se o que não se sabe em psicanálise se pensamos que o não sabido¹ (*Un-ewusst*) é precisamente o seu objeto específico. Embora a proposta não seja totalmente exata, podemos dizer que, antes de Freud, o homem tinha um inconsciente, mas não sabia: a inconsciência, então, era dupla. Depois de Freud, a segunda inconsciência (não saber que temos um inconsciente) pode parecer ultrapassada. Mas, trata-se realmente disso? Se os psicanalistas aprenderam com Freud a ver e ouvir as manifestações do inconsciente, se sabem captar suas incidências, podem por isso saber o que é o inconsciente? Acho que podemos duvidar disso. Falamos disso como se soubéssemos positivamente o que é. Sem dúvida, vale a pena considerar que a palavra *inconsciente* refere-se a, pelo menos, dois níveis de funcionamento. Em um breve artigo recente, propus distinguir o inconsciente “que fala” do inconsciente “do qual falamos” (Scarfone, 2015). O inconsciente “que fala”, ou seja, um inconsciente “estruturado”, composto de respostas, e um inconsciente “não estruturado”, concebido como uma pergunta. Quando pensamos saber o que é o inconsciente, provavelmente nos referimos ao “inconsciente que fala”, aquele de que Freud (1915/2010) dizia que, quando o abordamos de acordo com uma forma de consideração que parte da “consciência, a inteira soma dos processos psíquicos aparece como o reino do pré-consciente” (p. 133)². O reino do pré-consciente pode, de fato, parecer como um espaço ou uma entidade positiva com *conteúdos* psíquicos. Não nos esqueçamos, no entanto, que seu caráter inconsciente necessita a hipótese de um inconsciente radical, aquele cujos efeitos têm propiciado a formação de compromisso entre a pulsão³ inconsciente e as unidades mito-simbólicas proporcionadas pela cultura, um inconsciente que não fala, mas do qual somos obrigados a falar.

Podemos temer, no entanto, que por força de falar sobre esse inconsciente no sentido mais estrito, esqueçamos – ou, pelo menos, descuidemos – de sua radical estranheza. De fato, a escolha de praticar psicanálise não seria um esforço para o propósito de uma certa apreensão, de uma *compreensão* do inconsciente? Ao estarmos familiarizados com os escritos psicanalíticos, pensamos saber, pelo menos intelectualmente, *que o inconsciente existe*. As dificuldades começam quando tentamos dizer algo sobre ele. Aí nos encontramos em um campo minado em termos metodológicos e epistemológicos. É grande a tentação de dizer, *em um modo positivo*, o que sabemos ou pensamos que sabemos, para desenvolver uma *ontologia* do inconsciente, mas não é certo que essa seja a melhor maneira de abordar o tema.

O problema é se podemos separar, distinguir *positivamente* um *que* inconsciente de seu *como*, de suas incidências. Em outras

1. N. T.: *l'insu*.

2. N. T.: Tradução de P. C. de Sousa. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Freud, S. (2010). O inconsciente. In P. C. De Sousa (trad.). *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 99-138). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

3. N. T.: Em francês, *poussée*, que também significa “pressão”.

palavras, estamos diante de uma *entidade* que se chama inconsciente, ou *um conjunto de processos, um modo de funcionamento psíquico*, cujas turbulências nos obrigam a postular um inconsciente? O inconsciente se deixaria captar melhor em sua “coisidade” se fosse concebido como *entidade*, como fato positivo mais que como um conjunto de processos ou um feixe de movimentos? Penso realmente que ninguém procura situar o inconsciente em uma região particular do cérebro, mas levamos Freud verdadeiramente a sério quando salientou que o aparelho psíquico é uma “ficção”, ou que “as pulsões são seres míticos”? Pelo contrário, se o psiquismo não é mais que movimentos, processos, como, então, pensar a fixação, a estase libidinal, os “conteúdos” inconscientes e seu “continente”?

Para aqueles que se preocupam com uma “perda de substância” do inconsciente pensado como processo, podemos facilmente conceber que um modo diferente de operação, uma inflexão específica do curso dos eventos psíquicos, pode exercer o mesmo efeito de realidade que uma estrutura ou um “conteúdo” inconsciente. E, inversamente, quando falamos do inconsciente como uma entidade, sabemos que utilizamos uma metáfora, uma vez que ninguém pode “ver” ou “tocar” o inconsciente. O problema é que, embora utilizemos uma linguagem deliberadamente metafórica, não temos certeza de escapar das armadilhas da própria metáfora. Logo, não estamos inclinados a propor fantasmas como existentes “no” inconsciente?

De minha parte, proponho reter a lição de Freud de “como”, mais que a de “quê”. Como (com qual método e com qual ética) abordar o problema do inconsciente, como (segundo qual processo) parece funcionar, como (sob que aspectos) se manifesta. Esses três *como* podem ser facilmente identificados pela clínica que esteja guiada pela hipótese de um inconsciente efetivo (*wirklich*): associações livres, disposição para ouvir com uma atenção livremente flutuante, processos primários, irrupções intempestivas, formações de compromisso (sonhos e sintomas, lapsus, falhas temporárias de memória, delírio), etc. O inconsciente se manifesta então pela sua capacidade de perturbar o curso dos acontecimentos psíquicos, por um efeito desestabilizador, ora, mais que por contornos positivos. Assistimos o desarranjo de um curso de acontecimentos, curso do qual não podemos mais que *construir* o andar ideal não perturbado, uma vez que não sabemos – nem podemos saber – o que seria um curso de acontecimentos psíquicos não afetado pelo inconsciente.

Propor o inconsciente em termos de processo não retira em nada sua realidade ou sua efetividade (*Wirklichkeit*). Podem se depreender consequências diferentes de uma relação distinta entre os processos, sem a necessidade de postular entidades definidas espacialmente. Certamente, pode-se falar, como Aulagnier (1975), de um “espaço onde o Ego pode advir, embora para ela “o Ego seja um saber do Ego sobre o Ego” (p. 169). Falar de espaço é, sem dúvida, nesse caso, uma concessão inevitável à linguagem comum. Afinal, quinhentos anos depois de Copérnico, falamos sempre de um “belo pôr do sol”, e por que não? Já não pedimos aos astrônomos que confirmem que é o sol que “se põe”, a expressão não faz mal a ninguém. No entanto,

em uma concepção rigorosa, não precisamos *hipostasiar* os processos inconscientes em entidades discretas. Se seguirmos essa ideia até o fim, podemos dizer que não sabemos e não podemos saber o que é o inconsciente, simplesmente porque o inconsciente... *não é*. Pode-se chamar de *inconsciente* a *manifestação*, por meio de efeitos particulares, de uma forma particular de movimento psíquico ou de seus precursores.

No entanto, poderíamos temer que o fato de optar por essa versão “em movimento” ou “em processo” fosse o início de uma tendência que levaria a reduzir o inconsciente a sua versão exclusivamente qualitativa: o inconsciente não seria nada mais do que um movimento específico, desprovido do caráter consciente. O próximo passo seria assimilar esse modo de operar a um *fato da natureza* e reduzir o problema do inconsciente ao de mecanismos *neutros* no campo das relações inter-humanas. Isso levaria a uma versão do inconsciente cognitivo. Caricaturando um pouco, poderíamos imaginar um sujeito dizendo algo como: “Desculpe meu ato falho, esta manhã, o inconsciente funciona mais forte do que de costume...”, desvanecida a conflitualidade e a resistência, evaporado o desejo inconsciente, abolido o *Unheimlich*. Perderíamos assim uma dimensão fundamental do inconsciente freudiano, ou seja, a sua incompatibilidade com o Ego⁴. Um Ego que se vê obrigado a achar que *algo* lhe escapa, que opera sem o seu conhecimento, mas um Ego que deve, no entanto, tomar nota de um sinal, de uma incidência inevitável e problemática desse *algo* nas relações inter-humanas.

Em *O Ego e o Id*, ou seja, no próprio momento em que Freud é tentado a abandonar a noção de inconsciente sistemático e restringir-se à qualidade consciente (ou a falta dela), ele parece logo levado a reagir a essa volta atrás, propondo o inconsciente como *outra coisa (etwas anderes)* (Freud, 1923/2011, p. 34)⁵, isto é, algo estrangeiro e incompatível com o ego, o que vai levá-lo a adotar o termo *id*. Pareceria, então, que com as palavras *outra coisa* e *id* estaríamos realmente mais no âmbito das entidades estáveis que dos processos. No entanto, mais adiante, no mesmo texto, Freud compara o ego e o id do seguinte modo: “A percepção tem, para o Eu, o papel que no Id cabe ao instinto” (p. 31)⁶. Trata-se, portanto, de processo (percepção, pulsão), fato que se reitera em textos posteriores, onde Freud argumenta que as pulsões são “seres míticos, grandiosos em sua indeterminação” (Freud, 1933 [1932]/1976, p. 119)⁷. Encontramos, portanto, frente a muito pouca substância: “ficção” de um

4. N. T.: *le Je (ou le moi)*.

5. N. T.: Tradução de P. C. de Sousa. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Freud, S. (2011). O eu e o id. In P. C. De Sousa (trad.). *Obras completas, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).

6. *Ibid.*

7. N. T.: Tradução de J. Salomão. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Freud, S. (1976) Ansiedade e vida pulsional. In J. Salomão (trad.). *Novas conferências introdutórias sobre a Psicanálise (Conferência XXXII), Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XXII*. Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).

aparelho psíquico, pulsões, “seres míticos”. E, no entanto, isso tem incidências muito reais. Poderemos perceber essas incidências sem recorrer ao *que* e examinar apenas o como?

A prática e sua teorização nos ensinam que os efeitos do inconsciente são uma espécie de “parada” no caminho dos processos mentais, paradas que não significam imobilidade, uma vez que são, de fato, ciclos de repetição: repetição no sintoma e também repetição na própria constituição do ego. Os traços de caráter do ego constituem um dos primeiros exemplos de repetição que Freud dá em seu texto de 1914 (*Recordar, repetir, elaborar*). Isso nos leva a argumentar que o próprio ego é um tipo de processo repetitivo, ele próprio uma *hipóstase*, uma formação que pareceria cristalizar-se definitivamente, não fosse o fato de estar constantemente submetida a um fluxo incessante de processos pulsionais, correntes, e processos que o próprio ego sofre como ataques e contra os quais se defende. Não há, por conseguinte, uma verdadeira parada (isso seria a morte), mas o que parece fixar-se assim pode ser concebido como uma *forma que se repete a grande velocidade*. Nesse sentido, podemos garantir que o ego se constitui pela repressão, e ainda afirmar algo mais sobre o tema desta repressão. A repressão – que Freud considera como uma das bases da sua teoria – pode ser descrita de diferentes maneiras, mas aqui podemos descrevê-la, com precisão, como o modo que tem o ego de pensar-se como substância (Levinas, 1967), que é também o seu modo de resistir ao curso inevitável dos eventos psíquicos. O ego é também, portanto, essencialmente resistência. Essa repressão, essa resistência não seria o percurso repetido em alta velocidade dos circuitos “facilitados” que Freud denominava “redes neuronais” (Freud, 1895 [1950]/2006) e que poderíamos conceber como redes de representações (Laplanche, 1970)? Se assim for, uma observação adicional se faz necessária: as representações são, elas mesmas, modos de substancializar os processos. Com a consequência de que o inconsciente não pode estar constituído de representações – ainda que sejam “representações-coisa” (*Sachvorstellungen*) –, a representação é, por excelência, o produto de uma hipóstase, um tipo de congelamento de imagem (*freeze-frame*). No entanto, a experiência de análise mostra que não podemos escapar completamente dos efeitos da hipóstase, que uma espécie de fetichismo insuperável opera no pensamento, fetichismo derivado de um esforço para *apoderar-se* do inconsciente. De modo que é difícil, se não impossível, saber o que seria um sujeito humano isento da tendência à hipóstase e à substancialização.

Tendo agora nos desprovido de representações inconscientes, é necessário proporcionar uma outra ideia do que move o inconsciente. Na boa tradição freudiana, preferiríamos falar mais de *traços* que de representações, mas isso leva apenas a nos referir ao problema de conceber a natureza exata desses *traços*. Com a palavra *traços*, somos levados naturalmente a ter uma ideia – marcas do pé na areia, por exemplo –, e é difícil ir para além dessa... representação! Assim, constatamos como é necessário um esforço permanente para resistir a uma concepção positiva, “substancialista”, do inconsciente, e apegar-se a uma ideia de processos, de movimentos.

Saber, saborear...

Talvez exista um problema na própria formulação da pergunta que tentamos aqui responder? Talvez seja errado ou improdutivo propor a pergunta sobre a psicanálise enquanto *saber*?

Certamente, existe um saber psicanalítico que pode ser ensinado e transmitido, mas o importante é não perder nunca de vista o que supõe esse saber: uma posição à distancia, desprendida, em exterioridade com relação ao objeto desse saber. Isso implica uma concepção de psicanálise na qual a relação sujeito-objeto diria respeito a um objeto exterior e um sujeito que não se deixaria afetar, alterar, pela experiência. Essa posição seria, no extremo, admissível como ponto de partida, antes do compromisso da transferência. Afinal de contas, esperamos que um psicanalista saiba estabelecer e manter o enquadre da sessão, que haja um certo *know how* e que possa também orientar-se entre um certo número de configurações clínicas. Mas esse saber, se não é suspenso, vai rapidamente converter-se em resistência, inclusive a principal resistência, ao movimento da análise. Esse movimento exige uma mobilização psíquica diferencial dos dois sujeitos envolvidos na análise, e podemos chegar a dizer – como Michel de M’Uzan com a noção de *Quimera* – que a relação analítica constitui uma espécie de nova criatura que possui características irreduzíveis a um e outro dos dois participantes.

Quando se empreende um processo psicanalítico, evidentemente, por causa da transferência, ele se constitui como um sistema, um processo que não poderíamos observar a partir do exterior sem, ao mesmo tempo, destruí-lo ou distorcê-lo. É nesse sentido que não pode reduzir-se a uma questão de *saber*, a menos que esse termo seja pensado a partir da sua raiz etimológica latina *sapere*, que alude ao fato de *saborear*. Mesmo que se possa, *a posteriori*, fazer referência a um terceiro da experiência psicanalítica, são apenas os dois sujeitos comprometidos na própria experiência que “saboreiam” e, portanto, “conhecem” verdadeiramente o que se experimenta nessa análise em particular. E, como tal experiência depende do encontro de dois sujeitos únicos, ela é, por definição, não reproduzível e, portanto, não pode nunca prestar-se a um saber integralmente comunicável.

Há psicanalistas que creem que podem abordar positivamente a questão do saber psicanalítico conjugando psicanálise e neurociências. O esforço *neuropsicanalítico* provavelmente tem o mérito de lembrarnos incessantemente do suporte corporal, cerebral – entre outros – da psique. Mas é preciso ter cuidado com um risco maior nessas áreas, do pressuposto implícito de que haveria uma equivalência entre os mecanismos cerebrais e os mecanismos psíquicos. A partir daí, de fato, é forte a tentação de reconduzir uma negação, uma projeção, uma formação reativa, etc., a uma falha de remissão, a uma disfunção neurocognitiva, a uma anomalia neural. Eu dizia antes que jamais saberemos como seriam os processos psíquicos se eles não fossem incomodados pelo inconsciente. Atualmente, convém propor com clareza que a repressão, por exemplo, *não é um erro neuronal nem corresponde a qualquer anomalia cerebral*, que a transferência tampouco é uma atribuição equivocada ou um problema de funcionamento defeituoso das percepções. A transferência

é um processo, um *fato* universal que advém em toda relação assimétrica; um fato que a psicanálise teve o mérito de ter colocado em evidência e saber trabalhar a serviço de um melhor conhecimento de si e do outro, bem como a resolução de certos *impasses* psíquicos. Isso, aliás, é possível e importante *saber...* mas unicamente comprometendo-se com a palavra na análise, será possível “provar” o que é a transferência. A única experiência não analítica que pode fornecer esse saber (no sentido de *sapere*) certamente está encarnada na obra dos poetas, escritores e artistas que, por meio da sua arte, conseguem transmitir algo que está para além do saber objetificante, inspirando em nós, leitores ou espectadores, uma transferência com suas obras.

Digo, em suma, que o saber positivo adquirido a partir – e em relação ao tema – da psicanálise é sempre susceptível de fazer-nos perder de vista o irreduzível do inconsciente a esse saber. Além disso, isso carrega o risco de conduzir-nos ao caminho da *tecnologização* do trabalho clínico, o que corresponderia a uma ética totalmente diferente daquela da psicanálise. De fato, o saber positivo não tem mais valor a não ser na medida em que permite uma ação, uma intervenção operada a partir da exterioridade, um domínio técnico com vistas ao poder. O saber, enfatizemos, é perseguido por meio da pulsão de dominação (*Bemächtigungstrieb*). E todo saber implica sua própria repressão do não sabido.

O que opor a esse saber-poder? Creio que Freud nos legou, para tanto, um instrumento precioso que conhecemos pelo nome de metapsicologia. Esse termo é concebido com frequência na literatura psicanalítica em alusão a um conjunto de “teorias especulativas” elaboradas por Freud em alguns de seus textos. De minha parte, concebo a metapsicologia não como uma formulação teórica, mas um *movimento sempre recomeçado do pensamento freudiano*, o pensamento de Freud e o daqueles que reconheceram que o método psicanalítico é, acima de tudo, uma forma particular, um giro original do pensamento quando este se deixa “magnetizar” pelas correntes psíquicas que chamamos de *inconsciente*.

À pergunta “O que ainda não sabemos em psicanálise?”, tenho a tentação de responder que não sabemos ainda desconfiar o suficiente da tentação do *saber positivo*, um saber que, como sugeri acima, poderia levar ao oposto do que aspiram a razão e o método freudiano.

Resumo

Frente a pergunta “O que ainda não sabemos em psicanálise?”, o autor constata um primeiro ponto irônico: o que não se sabe (tradução literal do inconsciente freudiano em alemão: *Unbewusste*) é, precisamente, o objeto da psicanálise. Destaca, em seguida, que a psicanálise e os psicanalistas têm uma relação particular com o saber sobre o inconsciente. Para evitar uma reificação dos processos psíquicos inconscientes, propõe que o saber analítico se inspire mais diretamente na raiz latina do termo: *sapere* significa “saborear”, que remete à experiência com o inconsciente, mais que sua captura em um saber positivo.

Descritores: *Saber, Inconsciente, Processo de pensamento, Representação, Pulsão de dominação.*

Abstract

Answering the question of what we do not yet know in psychoanalysis, the author begins by noting the irony in the fact that “what we do not know” is the exact translation of Freud’s German word for the unconscious: *Unbewusste*—the very object of psychoanalysis. He then remarks that psychoanalysis and Psychoanalysts entertain a special relationship with knowledge regarding the unconscious. To avoid reifying the unconscious psychical processes, he suggests that psychoanalytic knowledge should refer more directly to the Latin root *sapere*, which means “to know” but also “to taste”, thus referring more to experiencing the unconscious than seizing it in a positive form of knowledge.

Keywords: *Knowledge, Unconscious, Thought Process, Representation, Drive for Mastery.*

Referências

- Castoriadis-Aulagnier, P. (1975). *La violence de l'interprétation*. Paris: PUF.
- Freud, S. (1991). Le moi et le ça. In S. Freud, *Œuvres complètes* (vol. 16). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2004). Angoisse et vie pulsionnelle. In S. Freud, *Œuvres complètes* (vol. 19). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1933 [1932]).
- Freud, S. (2005). L'inconscient. In S. Freud, *Œuvres complètes* (vol. 13). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2006). Projet d'une psychologie. In *Lettres à Wilhelm Fliess*. Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1950 [1895]).
- Laplanche, J. (1970). *Vie et mort en psychanalyse*. Paris: Flammarion.
- Levinas, E. (1967). Ruine de la représentation. In *En découvrant l'existence avec Husserl et Heidegger*. Paris: Bibliothèque Philosophique Vrin.
- M'Uzan de, M. (2015). *L'inquiétude permanente*. Paris: Gallimard.
- Scarfone, D. (2015). El inconsciente que habla y el inconsciente del que hablamos. *Calibán - Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 13(2).

Julio Frochtengarten*

O conhecido, o desconhecido e o incognoscível

*“Aprendi com meu filho de dez anos
Que a poesia é a descoberta
das coisas que eu nunca vi”
Oswald de Andrade*

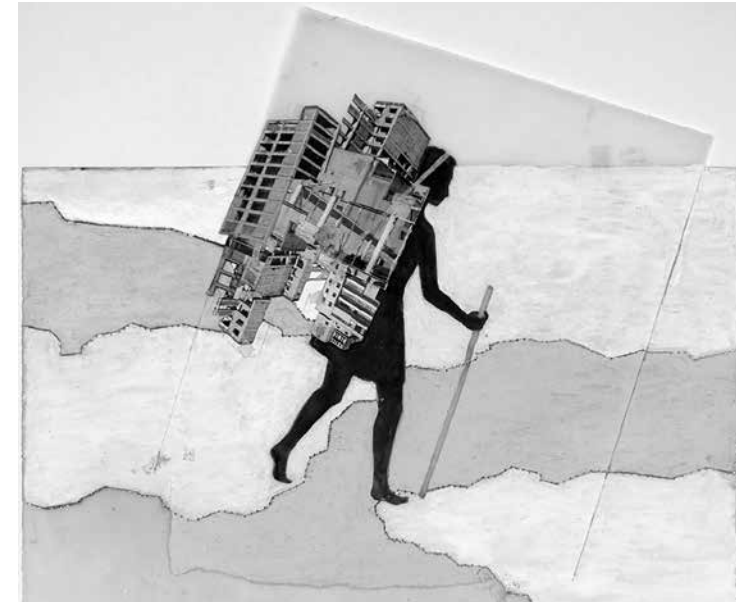
Avançamos devagar em nossos conhecimentos – essa é a sensação que se nos impõe de imediato quando olhamos de relance os nossos anos vividos. Mas uma reflexão ainda que rápida, uma espiada breve em um livro da história de qualquer ciência, logo relativiza essa noção e, então, percebemos alguns ganhos alcançados, pequenos aprendizados, mudanças na forma de ver as coisas do mundo. Nossas curtas existências frequentemente não nos permitem dimensionar nosso próprio avanço, seja em termos de conhecimento, capacidade criativa ou originalidade.

O conhecimento avança sempre à custa de superar limites que se impõem por já não darem conta das realidades que se apresentam. Psicanálise também tem se feito assim, na clínica e nas teorias.

A originalidade de Freud o levou a organizar suas próprias experiências e observações em conceitos que foram se articulando com tal vigor que acabaram por constituir a nova ciência, a psicanálise. Os nomes, conceitos, teorias trazem algum repouso para o pensamento que se faz à custa de esforço e inventividade. Mas, novas realidades vão se apresentando e instigando aqueles que ousam indagar a palavra estabelecida, avançando então por áreas do que não se sabe. Foram e são tantos estes autores que não é possível, nem preciso, mencioná-los aqui.

A distinção e caracterização entre consciente e inconsciente sempre identificou a psicanálise e trouxe enormes avanços para sua prática e, conseqüentemente, a teoria psicanalítica. Preencher lacunas de memória, interpretar sentidos subjacentes, revelar marcas registradas na memória, historicamente marcaram e identificaram o trabalho analítico; e, pelo menos em parte, o fazem até hoje. Na clínica, esta abordagem permitiu expandir o consciente e estabelecer suas raízes nos elementos inconscientes.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.



Nas últimas décadas, a ampliação da noção de um domínio mental que se estende para além do consciente e do inconsciente reprimido, e das estruturas id-ego-superego, tem alargado, e continua a expandir, o campo de atuação possível no dia-a-dia do psicanalista. Essa ampliação transformou muito as possibilidades no trabalho clínico e a produção teórica resultante. Riqueza, criatividade e ideias novas são os ganhos que percebo com essas expansões. Apesar delas, continuamos a usar o mesmo termo –“mente” –, mas é apenas uma forma de nos referirmos a algo que desconhecemos. Qualquer que seja a nossa concepção do significado de mente, é certo que sentimentos e outras formulações – ideias, imaginações, sonhos – ganham expressão a partir de algo incognoscível. Afinal,

A personalidade, ou mente, assim retratada psicanaliticamente em detalhe, é um fotograma recente de uma realidade existente há muito tempo, que tem significado apenas na medida em que uma anatomia arcaica possa tê-lo. A psicanálise poderia parecer um fenômeno efêmero que denuncia certas forças na superfície em que a raça humana bruxuleia, tremeluz e esmaece, em resposta a uma realidade não conhecida, porém gigantesca (Bion, 1975/1991, p. 122).

Nossos conceitos psicanalíticos são uma forma de organização daquilo que se experimenta na clínica. Eles dão ordem e coerência à realidade psíquica, sentido e significado a ela; sedimentam o que se sabe e supõe a respeito da mente, e se fazem acompanhar da sensação de coesão que nos permite lidar com o que vai surgindo no âmbito do conhecimento. A construção de algo consistente leva esse conhecimento a se estabelecer, adensar, refinar; e assim se amplia. O alívio, segurança e êxito que o conhecimento traz podem nos levar a confundir-lo com o objeto ao qual ele alude; assim, ele pode perpetuar-se e morrer. Ficamos como o cachorro que, em vez de olhar para a sal-

sicha para a qual seu dono aponta, fixa o olhar no dedo que a indica.

Mas a realidade desconhecida – e tantas vezes incognoscível – está aí: há que se ter olhos para ver, ouvidos para ouvir, insaturação para intuir, receptividade para acolher. Temos registro de alguns psicanalistas que realmente foram pensadores originais; sua obra permanece, difunde-se. A maioria de nós terá que desenvolver, se puder, esta capacidade em sua breve existência profissional. Ou, a cada 50 minutos, aceitar um mergulho naquilo que desconhece.

Abandonar o que é conhecido, tornar-me receptivo ao que não sei, é fruto de um esforço contra o hábito e a compreensão. No dizer de Paul Valéry (1945/1998), em *Introdução ao método de Leonardo da Vinci* (1945/1998): “Qualquer que seja ele, um pensamento que se fixe assume as características de uma hipnose e torna-se, na linguagem lógica, um ídolo; no domínio da construção poética e da arte, uma infrutífera monotonia”. (p. 29). É o que pode acontecer com os pensamentos de Freud, Klein, Bion e, claro, com os nossos, que em algum momento passado foram vivos e expressos com paixão e singularidade. Nossa contínua formação como analistas clínicos deve envolver – por meio de análise pessoal e capacidade negativa (Bion, 1970/1973, p. 131)¹ – disciplina para nos conduzirmos à semelhança do que Bion falou de seu próprio trabalho: “o traço dominante de uma sessão é a personalidade desconhecida, e não o que o analisando ou o analista pensa que conhece” (Bion, 1970/1973, p. 96).

Para os analistas já se propôs “atenção flutuante”, “cegar-se artificialmente” (Freud), “sem desejo, memória ou compreensão” (Bion). Por experimentar a riqueza e variedade de relações que emanam quando concebo a existência de uma dimensão desconhecida, infinita e imprevisível da mente, escrevo para psicanalistas; e para mim mesmo. Essa riqueza surge tanto por melhores aproximações como pelo contato com o desconhecido, trazendo mudanças na qualidade das experiências. Para os analisandos não há propostas, eles dependem dos psicanalistas que escolheram.

Concebo a realidade psíquica como caos desordenado e sem significado. O acesso a ela se faz por meio de conjunções constantes e fatos selecionados (Bion, 1962/1966, p. 22) que se formam em minha mente a cada momento das experiências vividas: formulações finitas formadas a partir dessa matéria bruta, a desconhecida mente primordial, “o nascente mundo de profundas, escuras águas; arrebatado ao infinito vazio e sem forma” (Milton, J, *citador por Bion*, 1965/2004, p. 176).

Elementos sem ligação, dispersos na experiência – equivalentes à posição esquizo-paranóide – podem então ser reunidos, por síntese criativa, em novas associações que trazem coerência onde antes não havia. Estas podem ganhar significados que estarão impregnados tanto pelas teorias aprendidas como pelas análises pessoais. Tanto as formas organizadoras como os significados atribuídos certamente estão presentes em mim quando volto ao domínio

1. Expressão utilizada por Bion em *Atenção e interpretação* (1970/1973), inspirada numa carta de John Keats a seus irmãos, onde ele menciona a capacidade negativa, a de “um homem capaz de permanecer em meio a incertezas, mistérios e dúvidas, sem ter de alcançar nervosamente nenhum fato e razão”.

da experiência vivida e me aproximo de novas experiências. O conhecimento surge progressivamente, pouco a pouco, por meio de conjunções constantes, mas pode desaparecer de forma súbita, até que algumas vezes aparece e persiste, se manifesta de forma mais repetida e cristalizada.

Esta é uma dimensão da mente que passa a ser conhecida e que convive com outras, conhecidas ou não. A interpenetração e simultaneidade de consciente e inconsciente, do sonho na vida psíquica de vigília, a presença de fantasias construídas na infância em todos os aspectos da vida atual são marcas da simultaneidade entre diversas dimensões da mente.

Reconheço que, tendo adotado essas extensões – a noção de um inconsciente infinito e a dimensão multidimensional do funcionamento psíquico –, somos tomados por perturbação pela perda de conhecidas referências, tanto as próprias como as do grupo psicanalítico maior a que pertencemos. Isso remete à necessidade de explorarmos a qualidade do que é passível de ser observado em psicanálise. Compreender as manifestações psíquicas se dando a partir de algo próprio a cada um de nós e a cada experiência singular, entendê-las como manifestações nunca antes formuladas leva a interpretação, nosso instrumento por excelência, ao limite de seu alcance e possibilidade. Não apenas tornar o inconsciente em consciente, não só o “onde era id, será ego”, não apenas atribuir significados. Será preciso, então, desenvolver e caracterizar esse outro instrumento para a atuação do analista na sessão: uma atitude que seja receptiva – ou até mesmo favoreça – que possa fazer brotar na sessão, no trabalho a dois, aquilo que ainda não se conhece e que “urge por existir”.

Essa atitude impregna o analista que se volta para aquilo que não sabe. É possível manter – ainda que seja num grau mínimo – essa atitude, estado de mente ou disposição para receber aquilo que nos escapa, o que não tem nome? Em qualquer situação de vida, miríades de fatos se perdem; e só costumamos prestar atenção e considerar aqueles que cabem no nosso conhecimento e linguagem. Se tomarmos contato com o conjunto maior de viver neste estado, algo antes desconhecido poderá surgir? Minha experiência diz que sim. E, muitas vezes, esse antes “desconhecido” passa a fazer sua morada em novas ideias, emoções, fantasias, sonhos, imaginações. Em certos momentos da análise até se delineiam pequenas teorias; ou melhor, modelos transitivos. Afinal, não é deles que as boas teorias nascem? O que nos habituamos a chamar “método psicanalítico” pode ser, em parte, o cultivo, a sistematização e a revelação desta atitude.

O interesse por aquilo que não sei é uma postura clínica do analista experiente. Ela demanda análise do analista que possa ajudá-lo na receptividade e submissão ao infinito da experiência. Por sua vez, as apreensões psíquicas que daí decorrem são bases para que possa prosseguir um trabalho com o analisando, mas não esgotam aquilo que não se sabe; ao contrário: ampliam o desconhecido. Pois, no dizer de Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, “... as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (Rosa, 1956/2006 p. 23).

A caracterização de uma atitude receptiva para com o que não se sabe tem sido formulada mais pela negatividade do que pela revelação assertiva de suas qualidades. Bion (1970/1973) propôs que o analista precisaria trabalhar sem memória, sem desejo e sem compreensão. Em *Cogitações* (Bion, 1992/2000, p.271), ele faz uma interessante analogia, apoiado na demonstração de Heisenberg, entre a dificuldade do analista na situação clínica e a do físico quântico: os fatos observados por este dependem da relação com fatos que são desconhecidos, e que jamais poderão ser conhecidos. Com isso, as paredes limitadoras do laboratório são abolidas e, portanto, o próprio laboratório.

Proponho alguns elementos afirmativos na tentativa de caracterizar tal atitude na prática clínica:

a. A adoção de algumas poucas e amplas teorias psicanalíticas, a funcionar como um balizamento da experiência, tomando parte na receptividade e submissão ao infinito. Não teorias destinadas a sustentar uma prática, mas sim a proporcionar alguns pressupostos, direções e vértices; a funcionar como mediações no contato com a dimensão desconhecida da experiência, a favorecer a evolução de sensações e emoções para pensamentos.

b. A Linguagem de Êxito (Bion, 1970/1973), na medida em que uma formulação certa pode evidenciar a imprevisibilidade e abrir caminho para uma qualidade desconhecida da experiência, ampliando a disponibilidade para o contato com estados mentais nascentes. Como procurei desenvolver em trabalho recente (Frochtengarten, 2015), é a linguagem do analista que surge de imediato, acontece como surpresa, perplexidade ou espanto; são momentos raros, não ativamente buscados e que não surgem por um gesto de vontade ou pelo valor do conhecimento que o analista tem da situação. É linguagem expressiva e contrasta com uma formulação descritiva-explicativa. Deste modo, aguça a atenção e promove ruptura no ritmo da sessão, com potencial para despertar reflexão, sobressalto e um enriquecimento insuspeitado da experiência imediata.

O analista encontra o analisando em pé na sala de espera. Cumprimentam-se com simpatia e, ao acomodar-se no divã, o analisando comenta que ao sair do trabalho estava com tanta fome que tomara um café, acompanhado de dois pães de queijo; e ainda arrematara com uma fatia de bolo. Agora estava desconfortável por tanta comida. Após três ou quatro minutos de silêncio o analista intervém, amistosamente e com tom brincalhão: “Vamos ver então se você tem alguma outra fome para a qual eu possa ter alimento.” (Frochtengarten, 2015)

Uma formulação assim pretende delimitar um campo para o encontro analítico, e o que vai transcorrer em termos emocionais e psíquicos a partir daqui é imprevisível para ambos. A linguagem certa evoca uma forma de vivência e imersão numa nova situação da qual não se sabe o que poderá surgir.

Proponho, como modelo para pensar a função analítica frente à mente multidimensional, o *flâneur* e a *flâneurie* – esse andar desprovido de propósito a fim de experimentar a cidade – como protótipo

do que se pode chamar de observação na era moderna. A utilização e teorização do termo vem do poeta Baudelaire; foi depois utilizado por inúmeros pensadores econômicos, culturais, literários e históricos. Com isso, a ideia do flâneur tem acumulado importante significado como uma referência para compreender fenômenos urbanos e a modernidade. Walter Benjamin, o filósofo da modernidade, se serve da ideia do *flâneur* e a identifica com o personagem de *O homem da multidão*, conto escrito por Edgar Allan Poe em 1840; o personagem é tomado como o protótipo do herói moderno, o homem comum.

O episódio se passa na Londres do final do século XIX: o narrador é um homem que, sentado junto à janela do bar de um hotel, observa a multidão na rua, contemplando os transeuntes e sentindo um calmo, porém inquisitivo interesse por tudo. Identifica o que supõe serem funcionários, jogadores, camelôs, inválidos, bêbados, batedores de carteiras e garotas de vida fácil, beldades e infelizes. Repentinamente, um rosto absorve toda a sua atenção e o homem resolve segui-lo na multidão. Deixa o hotel e o segue pelas ruas, por horas e horas, desde o entardecer até o alvorecer do outro dia. Atento aos passos, movimentos, atitudes, procura depreender destes os sentimentos e intenções que os movem para, ao final do conto, concluir, dizendo para si mesmo: “Será escusado segui-lo: nada mais saberei a seu respeito ou a respeito dos seus atos... talvez seja uma das mercês de Deus que *’er lässt sich nicht lesen’* — ele não se deixa ler” (Poe, 1840/1999, pp. 189-190). Há certos segredos e mistérios que não se deixam ser revelados.

Na mesma linha, em *Flanando por Londres*, Virginia Woolf (1927/1915) apresenta em prosa lírica e imaginativa um personagem que, sob o pretexto de ter que comprar um lápis, sai para caminhar prazerosamente numa tarde pela cidade. E, depois de observar os mais diversos tipos, descritos ao longo de quinze páginas, afirma:

E que maior prazer e deslumbramento pode haver do que os de abandonar os caminhos retos da personalidade e tomar o desvio daquelas trilhas que levam em direção ao coração da floresta, para baixo dos espinheiros e dos grossos troncos de árvores onde vivem esses animais selvagens, os nossos camaradas? (p. 60).

Para quando, ao final, ao voltar para casa, com o lápis recém comprado no bolso, pensar no como

é confortador nos sentirmos envolvidos pelas velhas poses, pelos velhos preconceitos; e sentirmos o eu – que foi jogado de um lado para o outro em tantas esquinas, que foi golpeado como uma mariposa na chama de tantas e inacessíveis luzes – abrigado e protegido. Aqui está, de novo, a porta de sempre; aqui, a cadeira virada como a deixamos e o vaso de porcelana e o círculo marrom no tapete. E aqui – não deixemos de examiná-lo com carinho, de tocá-lo com reverência – está o único butim que, dentre todos os tesouros da cidade, conseguimos resgatar: um lápis (p. 60).

Penso que esse modelo atende melhor ao vértice psicanalítico, pois considera as dimensões incognoscíveis da mente. Ao analista cabe acompanhar e contribuir para o crescimento da vida imaginativa,

sonhante, de fantasias e pensamentos do analisando. No modelo da investigação, o analista caminha perseguindo vestígios e, assim, está sustentado pelos conhecimentos já adquiridos, arriscando confirmar sempre o que já sabe. Já o *flâneur* tem, como fundamento radical, aquilo que não se sabe. Ele alude a um modo de apreensão e representação da vida privilegiado que permite nos aproximarmos da multiplicidade, do efêmero, da beleza do acidental, instantâneo e transitório.

Não há investigação ingênua: sempre uma teoria consciente ou inconsciente nos orienta a atenção e investigação; atribuímos sentido ao que não conhecemos a partir do que conhecemos. Nossa paráfrase edípica reza: “onde era ignorância, será conhecimento”. Mas talvez haja aqui um paradoxo ditado pela distância intransponível entre o que é possível conhecer, estando imersos na experiência, e a essência da experiência: o que não se sabe e nunca se saberá por ser incognoscível. Pode o modelo do flânar ingênuo – “sem memória, desejo ou compreensão” – nos aproximar, simultânea e paradoxalmente, desses dois modelos? Em ambos os contos temos um narrador que caminha e encontra-se com o inesperado – os tipos que identifica pelas ruas – tanto no sentido do desconhecido, o que não se sabe, como no sentido do incognoscível: segredos e mistérios que não se deixam ser revelados.

Resumo

O autor trata da questão do analista que sustenta, em sua perspectiva clínica, a dimensão do desconhecido, o interesse por aquilo que não sabe. Esta abrange duas vertentes distintas e paradoxais: uma que o leva, por meio de laborioso processo, ao conhecimento; outra, que o remete ao incognoscível, ao que não é acessível ao conhecimento. Propõe, como protótipo para o analista, o modelo do flâneur e a flânerie – este andar desprovido de propósito, característico do observador moderno – para lidar com este paradoxo entre o que é possível conhecer quando se está imerso na experiência, e a própria essência incognoscível da experiência: o que não se sabe e nunca se saberá.

Palavras-chave: *Conhecimento, desconhecimento, incognoscibilidade. Método analítico e flâneur como modelo.*

Abstract

The author addresses the issue of analysts who, in their clinical perspective, maintain the dimension of the unknown, the interest for that which they do not know. This encompasses two diverse and paradoxical aspects: one that, through a laborious process, leads to knowledge; another that refers them to the unknowable, to what is not accessible to knowledge. As a prototype for analysts, the author proposes the model of the flâneur and the flânerie – a wandering devoid of purpose, typical of the modern observer – to deal with this paradox between what one can know when one is immersed in experience, and the unknowable essence of experience, i.e., what one does not know and will never know.

Keywords: *Knowledge, Unawareness, Unknowability, Analytical method, Flâneur as role model.*

Referências

- Andrade, O. (1990) Três de maio. In *Obras Completas de Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Globo. (Trabalho original publicado em 1925).
- Bion, W. R. (1966). *O aprender com a experiência*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1973). *Atenção e Interpretação*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1970).
- Bion, W. R. (1991). *Uma memória do futuro*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975).
- Bion, W. R. (2000). *Cogitações*. São Paulo: Imago. (Trabalho original publicado em 1992).
- Bion, W. R. (2004). *Transformações*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1965).
- Frochtengarten, J. (outubro de 2015). Nos limites da representação: comunhão, fruição estética e prazer autêntico. XXV Congresso Brasileiro de Psicanálise, São Paulo.
- Poe, E. A. (1999). O homem da multidão. In *Os melhores contos de Edgar Allan Poe*. São Paulo: Globo. (Trabalho original publicado em 1840).
- Rosa, J. G. (2006). *Grande sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Trabalho original publicado em 1956).
- Valéry, P. (1998). *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1945).
- Woolf, V. (2015). *Flanando por Londres. O sol e o peixe, prosas poéticas*. Belo Horizonte: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1927).

Natalia Mirza Labraga*

O gênero do que não se conhece, *gender queer*

Marcela...

“Estive me escondendo, tentando passar despercebida, desviar a atenção de mim durante todo o tempo que estive com ela. Era como se, por não poder assumir uma posição ou definir a minha identidade, não pudesse me definir em nada nem ser nada”. Assim fala Marcela, aliviada pelo espaço social reconquistado agora, ao ter novamente um namorado homem, após um intervalo de alguns anos no qual, pela primeira vez na sua vida, teve um relacionamento com uma mulher.

Marcela não se sente homossexual. Nunca se identificou a si mesma como lésbica e nunca quis dar a conhecer sua situação no seu núcleo íntimo, excluindo seu analista e uma amiga. Nunca quis sair de nenhum closet porque lhe resultava mais asfixiante o fechamento dentro de uma determinada categoria - lésbica ou bissexual -, e suas consequências, do que a relativa liberdade que lhe outorgava o fato de não admiti-lo. “Para mim o closet é dizer ‘sou lésbica’”, diz em formulação quase idêntica à que leio algum tempo depois em Judith Butler (2000, p. 90): “Se eu proclamasse ser lésbica, ‘torno-me visível’ somente para produzir um *closet novo*”.

Essa é uma formulação que poderia nos parecer familiar na clínica do contexto atual, o que não quer dizer que não nos interpele e que não gere múltiplos movimentos de interrogação, nos confrontando com “o que não se conhece”.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Que espaço têm em nossas escutas as concepções teórico-clínicas hetero-normativas da sexualidade? Continuamos apegados à “pastoral genital”, como a chamava Lacan? Como se desempenham aspectos politicamente corretos ou de um esnobismo *open-mind* por trás de um posicionamento supostamente aberto e não censurador? Ou, por sua vez, quanto disso mesmo corre o risco de nos fazer cair em uma desproblematização da sexualidade, criando uma aliança com uma forma desmentida que também tem um ar de onipotência e de evasão da castração? Em definitivo, que corpo estamos pensando, falando e ouvindo hoje em dia, a partir da psicanálise?

Dos nossos binarismos - homem/mulher, fático/castrado, homossexual/ heterossexual - à impugnação das categorias e à defesa da ambiguidade do “gênero fluido” ou *gender queer*, o golpe é forte e o percurso é longo. Do corpo anatômico como algo real e a diferença homem/mulher como limite ou ponto de partida inapelável ao corpo como pura construção cultural, onde devemos nos posicionar?

Marcela, de qualquer forma, sofre. Não há nada simples em seu modo de viver, tramitar, curtir ou padecer sua sexualidade. Tem a ver com uma ideia de se disfarçar, de “se esconder”, de “passar despercebida” para sobreviver; demonstra o quanto precisa matar algo dentro dela para ser aceita, porque não é possível viver em um “não espaço”, nas heterotopias do gênero.

Embora a psicanálise sempre tentou se distanciar das cosmovisões, é verdade que a rigidez e a soberba nos atravessam e que, em contradição com o que muitas vezes defendemos, somos presa fácil dos julgamentos de valores e dos preconceitos, como qualquer outro ser humano ou ainda mais, porque às vezes a repulsa ou a intolerância vêm disfarçados de adequação ou legitimados por um certo conhecimento. Embora não tenha passado tanto tempo desde que a homossexualidade era considerada uma perversão e o transexualismo era considerado uma psicose, o nosso posicionamento no que diz respeito a esses assuntos agora parece ser bastante mais aberto. De qualquer forma, não nos enganemos, porque também é frequente que a repulsa e a intolerância se mantenham, disfarçadas como conceitualizações tranquilizadoras.

Não digo isso com vontade de me posicionar em outro espaço, porque faço absolutamente parte dessas gerações e sinto também o impacto e o desconcertante da vertiginosidade extrema de algumas das mudanças contemporâneas, em especial aquelas que concernem aos corpos e a seu erotismo, bem como seus modos de se conformar e se deformar. Pelo contrário, hoje em dia, me sinto pessoalmente interpelada em relação aos meus modos de conceber a sexualidade e o gênero, e é a partir dessa posição que escrevo. Não somente sob uma perspectiva psicanalítica, e sim também sob uma perspectiva do subjetivo que inclui dimensões políticas e sociais. E me reconheço “envergonhadamente”, para tomar a expressão que com provocação introduz Allouch, ignorante e desconhecadora de muitas das formas em que tais assuntos estão sobre a mesa. “Os que foram envergonhados pelas nossas descrições ‘clínicas’, hoje em grande parte obsoletas, e pelas práticas normalizantes que com frequência as acompanhavam, nos devolveram essa vergonha na cara” (Allouch, 2015, p. 14).

Por algum motivo, em 1998¹, esse autor recolhia o desafio de Lacan de 1976: “Tudo deve ser retomado desde o começo a partir da opacidade sexual” e especialmente isso conduz ao questionamento de que a “máquina edípica” organize a questão sexual (Allouch, 1999, p. 8).

Em seu livro *Sustancias de lo imaginario*, por sua vez, G. H. Mele-
notte (2004) propõe como justamente os movimentos gay and lesbian e atualmente, em especial, os *queer* não somente interrogam a questão do sexual, mas também a sociedade toda, em suas dimensões sociais e políticas, de poder, atribuições e performatividade, incluindo também nesses questionamentos as categorias diagnósticas e os quadros nosográficos, bem como a própria metapsicologia psicanalítica e todas as construções imaginárias que parecem vacilar e perder estabilidade, certamente não para se diluir, porém sim para se transformar.

E Lucía...

Lucía me disse animada: “Agora entendo um pouco mais... Viu que eu dizia que não sou lésbica nem sou bissexual? Que eu gosto da pessoa. Há mulheres que me atraem e outras que não, e o mesmo me acontece com os homens. Hoje ouvi que isso se chama *gender queer*, gênero fluido”.

Lucía já tinha falado no começo da sua análise sobre como seu desejo tinha essas características móveis, mas não tinha encontrado uma definição para isso que não fosse pela negativa: “Nem lésbica nem bissexual”. Agora chega com esse achado linguístico que supostamente dá suporte ao que ela “é”. Formulações desconcertantes em uma jovem que também fazia dessas formas do erotismo uma realidade efetiva na sua vida relacional e sexual, e que não parecia querer causar apenas um impacto em mim, nem adotar apenas uma “pose” *cool*. Por outro lado, pelo menos no momento do relato, a angústia não era um ingrediente substancial. Lucía parecia pular com liberdade sobre os limites e as barreiras conscientes e inconscientes que esforçadamente estamos acostumados a respeitar como neuróticos cidadãos contemporâneos de uma determinada região da América do Sul². Como se levantasse o pé para esquivar com elegância uma incômoda fissura do terreno, do mesmo modo parecia passar por cima da diferença homem/mulher, que não tinha chegado a marcar com repulsa, com desagrado, com culpa ou com ambivalência sua opção sexual.

Ao mesmo tempo em que escrevo e releio esses comentários, posso antecipar a reação dos leitores. Imagino-os pensando: “Isso não deve ser tão assim”, “deve-se tratar de uma defesa frente à angústia” ou “se não sente angústia, então talvez seja uma paciente grave, que evidencia falhas na repressão”. Daí até o transtorno de personalidade, patologia *border* e traços perversos, há apenas um passo. E talvez

1. Cf. Colóquio da *École Lacanienne de psychanalyse* (1998).

2. E de um país, como o Uruguai, de fortes contradições internas, no qual os polos vão do mais reacionário, que reclama o encarceramento dos menores e repele o julgamento dos militares, ao mais progressista, que aprova o casamento homossexual, legaliza o aborto e descriminaliza o cultivo da maconha (para falar com maior propriedade, é uma lei de regulação do uso, venda e comercialização da maconha).

muitas dessas alternativas, como ficções psicopatológicas, tenham algo de verdade. Acaso não acompanhamos as formulações freudianas em relação à repressão, ao traumático e à angústia como inerentes à sexualidade humana como tal e daí estruturantes do psiquismo? Acaso, pessoalmente, não subscrevo as propostas de Lacan sobre a ideia de que a angústia age como barreira ao gozo e habilita o desejo?

No entanto, se além desses posicionamentos, que por momentos correm o risco de se tornar axiomáticos; se além das capturas imaginárias com as que tentamos aliviar nossa necessidade de organização e classificação, pudéssemos escutar que Lucía, com seus poucos, porém já bem experimentados 20 anos, está percebendo uma mudança, uma fratura em determinado tipo de lógica centrada na castração e a diferença binária de sexos? Ou que está denunciando uma virada em relação às formas de pensar e de viver o erotismo e a sexualidade que não necessariamente estão falando de patologia? Ou, pelo menos, não de uma patologia diferente daquela que nos atravessa a todos.

No entanto, algo de sua proposta fica reverberando como um “ruído” em mim: ela não duvida conscientemente de sua condição de mulher e, de fato, é uma jovem extremamente feminina. Poderíamos dizer, então, que o fluido não é seu gênero, e sim, em todo caso, sua opção sexual; porém que, necessitada de se encontrar e de se reconhecer em algum “lugar”, fica presa a partir da sua própria enunciação que denuncia que talvez também para ela, determinada pelo discurso hetero-normativo regulador do seu corpo e de sua concepção do masculino e do feminino, “desejar” uma mulher parece tornar mais instável e mais fluido seu próprio gênero, sua condição de mulher. De qualquer forma, é mais forte a procura de uma “identidade” na não identidade: “Sou a que não pode definir o que é”. Necessidade de um sentimento de pertencimento, de filiação, de uma marca significante que nomeie e, portanto, dê existência.

As pacientes que nos convocam parecem se sublevar frente à pressão social pela circunscrição e a categorização do seu desejo. A possibilidade mesma dessa mobilidade, que inclui também o gênero, está no nó da proposta *queer*³. A renúncia ao encerramento dentro de uma categoria à qual seja inerente uma certa prática e um posicionamento destrutivo sobre saberes, poderes e atribuições. Diz Paul B. Preciado, filósofo, discípulo de Derrida, pós-feminista e um de seus principais ativistas e referentes teóricos:

Houve um tempo em que a palavra “queer” era somente um palavrão. Em língua inglesa, desde seu surgimento no século XVIII, “queer” servia para nomear aquele ou aquilo que por sua condição de inútil, mal feito, falso ou excêntrico questionava o bom funcionamento do jogo social. Era “queer” o trapaceiro, o ladrão, o bêbado, a ovelha negra e a maçã podre, porém também todo aquele que por sua particularidade ou por sua estranheza não pudesse ser imediatamente reconhecido como homem ou mulher. A palavra “queer”

3. Denominado assim por Teresa de Lauretis. Movimento que surge e se distancia do feminismo e cujos principais expoentes são também Donna Haraway, Judith Butler e Paul B. Preciado.

não parecia tanto definir uma qualidade do objeto ao qual se referia, quanto indicar a incapacidade do sujeito que fala de encontrar uma categoria no âmbito da representação que se ajuste à complexidade do que pretende definir. Portanto, desde o princípio, “queer” é mais a marca de uma falha na representação linguística do que um simples adjetivo (Preciado, 2009).

O *queer* surge, então, do ato linguístico (mas também político, estético, performático) de apropriação de um palavrão que se transforma em uma afirmação. Essa dimensão se perde para o espanhol, porque *queer* já nos chega desde sua valoração e não desde seu lado daninho. Se pudéssemos, de qualquer forma, reter essa noção de marca e de sinal de uma falha, o que se aproxima muito da concepção psicanalítica do humano. Da falha enquanto constituinte de nós mesmos, falha na representação linguística que não alcança, mas que ao mesmo tempo ultrapassa, que supõe tanto a perda quanto o excesso e a inadequação; falha nos corpos, que sempre estarão incompletos, furados, desmembrados e fragmentados pela palavra; falha e impossibilidade de representar o gênero e a sexualidade na qual estamos todos: inacabados, falidos e errados, exilados para sempre da “coisa”, porém prisioneiros de montagens imaginárias, todos somos *queer* e todos estamos falidos em relação a um desejo móvel, inapreensível, mestiço e inclassificável.

De outro lado, a impossibilidade da generalização, o irreplicável e de cada subjetividade e a concepção do Eu como fachada sintonizam muito mais com esse posicionamento do que com qualquer outro discurso de gênero, incluindo aqueles puramente feministas, gays ou lésbicos que, por momentos, parecem paradoxalmente reproduzir a rigidez hetero-normativa. Do mesmo modo em que a psicanálise vinha trazer a peste, o objetivo do *queer* é gerar estranheza (*to queer*) e subverter⁴ o domínio da cultura hétero.

No entanto, os sinais de interrogação ou inclusive de possível fratura são muitos. Como pensar psicanaliticamente um posicionamento sustentado em um apelo pela não definição, pela não opção? Reconhecer-se e identificar-se com um gênero é aceitar a perda do outro, marca da castração simbólica que nos confronta com a impossibilidade do todo e do um, relançando assim a busca e o movimento do desejo. Ir além disso, até a fronteira com o gozo e o excesso pulsional, na impossibilidade de satisfação, poderia beirar a morte se a angústia ou o princípio do prazer não agem como barreira?

É muito difícil, frente a Lucía ou a Marcela, não tecer histórias traumáticas que possam dar conta dessas constelações identitárias singulares das quais elas próprias necessitam, ainda que na mobilidade e em suas formas tão diferentes de vivê-las, uma na invisibilidade, outra na visibilidade. Como funcionam as subjetividades “nômades” de identificações móveis e flutuantes, senão no mesmo paradoxal desespero por formas de se consolidar frente à ameaça de diluição?

O movimento *queer* não se conforma com a redução da identidade gay a um estilo de vida acessível dentro da sociedade de consumo neoliberal. Trata-se de um movimento pós-identitário: *queer* não é

4. Retomo palavras de David Halperin.

uma identidade a mais no folclore multicultural, e sim uma posição de crítica atenta aos processos de exclusão e de marginalização que gera toda ficção identitária (Preciado, 2015).

Mas a renúncia ao sentimento de pertencimento a um gênero poderia então ser substituída pelo pertencimento a um coletivo, a uma luta... O/a próprio/a Paul B. Preciado reconhece esse dilema nele/nela:

Toda minha vida é um exercício de afirmação hiperbólica e de desidentificação ao mesmo tempo. (...) quero me definir absolutamente como transexual e me interessa essa definição como corpo subalterno que eu estou fabricando (...), mas ao mesmo tempo sei que isso é uma ficção. Que existe apenas frente a um sistema normativo. Antes o meu nome era Beatriz, mas experimentando ao mesmo tempo um prazer político extraordinário me chamando Paul, porque pela primeira vez estou pedindo a cumplicidade de toda a comunidade linguística frente ao meu desejo (...): Paul é tão falso quanto Beatriz, os dois são ficções políticas, porém a segunda é coletivamente construída: “peço a vocês que acreditem que eu me creio que juntos fabricamos Paul” (Preciado, 2015).

E logo, sugestivamente, acrescenta: “Deixei uma B, que fica por aí pendurada e que é como o que fica do processo de produção normativa, um resto” (Preciado, 2015).

Paul se chamava Beatriz. Beatriz se submeteu a tratamentos de transformação hormonal (com adesivos de testosterona), porém não tanto por uma vontade transexual, e sim para ser testemunha viva dos efeitos do biopoder e da regulação médica e farmacológica sobre os corpos⁵. Ensaio e transformações com contornos de *performance* que, no entanto, deixam um resto. O que resta do nome feminino testemunha essa alteridade, testemunha o “ela” que também faz parte do “ele”, à maneira de objeto “a” que cai e se perde em cada circuito da pulsão e em cada inscrição significante.

Judith Butler (2002, pp. 316 e 323-325), continuadora das propostas de Foucault mas também tomando contribuições de Derrida, sustenta que a materialidade dos corpos é efeito mesmo da repetição de atos performativos sobre eles: efeito repetido de atos e normas reguladoras do discurso e do poder que, ao mesmo tempo, geram uma resposta em ato. À medida que se age, produz-se o gênero. Apela por uma completa dessubstancialização do sexo - como corpo natura -, termo que seria absorvido pelo gênero, isto é, as significações sociais que assume esse sexo⁶.

É verdade que Lacan - assinalado por Daniel Gil (2011) - também propõe que a diferença homem e mulher não se sustenta em nenhuma essência, mas de qualquer forma propõe que “o fato de

5. Isso está documentado em seu livro *Testo yonqui* (Preciado, 2008, p. 15): “Esse livro não é uma autoficção. É um protocolo de intoxicação voluntária com base na testosterona sintética que concerne o corpo e os afetos de B.P. É um ensaio corporal”.

6. Falar de atos performativos, embora pareça remeter a uma tautologia, refere-se àqueles atos que engendram outros atos, e que sob uma aparente liberdade supõem a coação a um determinado fazer (Sandino, 2008, p. 20). Sob essa perspectiva, e apenas de modo ilustrativo, poderíamos pensar o ato de aprovação da lei do casamento homossexual também como coação velada aos modelos da hetero-normatividade, e entender a resistência a ele por parte de alguns grupos *queer*.

existirem dois é um dos cimentos fundamentais da realidade” (Lacan, 2008, p. 204)⁷. O corpo construído de Lacan é o do significante, para o qual o destino não é a anatomia, e sim o discurso, que separa o corpo do sujeito, estendendo esse último desde antes do nascimento até além da morte. Isso seria diferente do limite que propõe o real que, mais do que uma construção, parece supor uma fronteira inapelável (mesmo que secundária à apropriação imaginária e simbólica) que conduz a que, exceto no caso de doenças genéticas, alguém nascerá homem ou mulher.

A grande pergunta seria: até que ponto podemos conduzir à de-substancialização dessas categorias? Até que ponto ser homem ou mulher⁸ pode ser uma opção, uma ação/coação do outro/Outro sobre a pessoa mais do que um fato genético? Qual é o custo psíquico das manipulações e das alterações químicas e cirúrgicas dos corpos, que parecem supor uma abolição em ato de tais limites? A alta prevalência de depressão e suicídios entre os trans é efeito unicamente da dor causada pela marginalização e pela exclusão social? *Eu é outro*, mas até onde não enlouquece tornar realidade efetiva essa alteridade que nos habita? É possível que haja um desejo sem limite, sem proibição? Como se aproxima perigosamente o anseio da emancipação do desejo das vias mais destrutivas da sexualidade? A um certo niilismo que, como as propostas de Leo Bersani, estão voltadas a assinalar o sexo como “destrutivo, egoísta, não relacional” (citado em Halberstam, 2015, p. 107).

Certamente estou mostrando aqui o atravessamento pelos discursos da teoria e a necessidade de um horizonte de representações menos mutante e móvel, que me proteja frente à inquietude gerada pelo que fica sem resposta, na opacidade do que se desconhece. De qualquer forma, me interessa sustentar o mal-estar e conservar a possibilidade de lógicas diferentes. Nesse sentido, além do controvérsio da erótica do “sexo do Amo” proposta por Allouch (2009), posso sintonizar com certo posicionamento desse autor na linha da problematização do Édipo e a abertura a vias múltiplas de sexuação, que não sejam categorizadas a priori como normais ou perversas⁹.

Arte queer?

Além da nossa prática clínica, a arte é a única outra via pela qual podemos nos aproximar de certas formas de vibrar e sentir diferentes das nossas que, de outra forma, viveríamos somente como alheias ou exóticas, e não seriam capazes de nos comover. Mas, além disso, a arte tem essa capacidade maravilhosa de desenhar rapidamente o esboço de uma época e transmitir a atmosfera de um tempo. Somente

7. Efetivamente, o corpo é da realidade, mas acompanho Colette Soler (2010, p. 1) quando propõe que é “no sentido de que a realidade, depois de Freud, tem um estatuto subordinado: é algo que se constrói”.

8. Ou de que modo ser, como propõe Daniel Gil em *o Elogio de la diferencia* (2011, p.195).

9. Já assinalava Allouch, como Lacan, retomando o Freud dos *Três ensaios*, dizia que a perversão era normal (2009, s.p.).

poderíamos falar de uma “arte *queer*” - se é que existe como tal - no sentido de uma arte que tenha como finalidade desconstruir e questionar, inclusive caricaturando ou denigrando, o discurso hegemônico de um tempo e de um espaço específicos.

A modo de breves exemplos:

Em genuíno gesto *queer*, a amostra *Arte degenerado*, no ano passado, na Fundação Engelman Ost, em Montevideu, apropriou-se do que surge em um princípio para nomear o abjeto e o rejeitado da arte - as pinturas que Hitler uniu em uma sinistra amostra e qualificou como “degeneradas” por não estarem consagradas aos valores do sangue e da terra - para tratar o questionamento do assunto do gênero.

Diz o texto curatorial: “Degenerado, fora de gênero, uma arte que se distancia do binarismo feminino-masculino, homem-mulher, heterossexual-homossexual, ativo-passivo, forte-débil e um longo *et cetera*. (...) É possível gerar um discurso a partir da arte que demonstre o que está em jogo sem pretender demonstrar nada?” (Barrios, 2016, s.p.). Quem o escreve, Fernando Barrios, é também psicanalista e poeta e nos interpela desde *Derivas sur*, sua particular invenção de “performance textual”: “(...) Falar porque se tem a asa quebrada, como todos, porém algo diferente, porque as suralternidades se somam e é possível ser pobre e negro e puto e feio ou gordo e é possível crescer ouvindo como insulto os próprios traços (...)” (Barrios, 2016, s.p.).

Desde a outra margem, na amostra *Proyecto visible* (2012), Effy Beth, uma ativista transexual bonaerense que acabou por suicidar-se em 2014, em uma *performance* alterou a vestimenta de todos os que a visitaram fazendo-os exibir um vestido com uma história muito especial para ela. Era o mesmo vestido ajustado que usou em uma comemoração, quando ainda era Lucas, e que dividiu sua família em duas partes, entre os que a aceitaram assim e os que não a aceitaram. Novamente aqui, apropriação da marca da repulsa para fazer disso algo criativo e uma denúncia. Effy criou uma amostra fotográfica de corpos vestidos como ela e, apesar de nenhuma pessoa ter se transformado por vestir a sua roupa, reforçou a demonstração do instantâneo impacto que resulta parecer outro e ser uma corrosão à regra. A exposição esteve em exibição nas paredes da Casa Brandon, um templo do *gay friendly*, declarado Local de Interesse Cultural da Cidade de Buenos Aires.

De outra parte, desde as periferias não somente do gênero e sim também das geografias, das etnias e dos colonialismos, Susy Shock, outra argentina que se chama a si mesma artista “trans sudaca”, de pai pampeano e de mãe tucumana, autora, entre outros livros, de *Poemario transpirado* (2011) diz: “Reivindico o meu direito a ser um monstro/Meu direito a me explorar, a me reinventar. Fazer do meu mudar o meu nobre exercício” (citada em Máximo, 2012).

Enquanto a vemos entonar sugestivas canções “bagualas vidalas” - como ela as chama - junto a seus netos, poderíamos lembrar que sua casa não é uma casa hetero-normal, pois convive com Eduardo, seu parceiro há 22 anos; Mauricio, seu parceiro há 8; e Anahí, a filha que teve há 22 com Ede, a mulher que fora sua parceira quando era

um homem. Susy está quase à margem da lei de identidade de gênero porque não é homem nem mulher, é “Trans: transeunte do decorrer”, diz, e excluída do casamento homossexual, primeiro por ideologia e segundo por poligamia” (citada em Máximo, 2012).

Susy Shock é a prova vivente de que *queer* não é moda, não é pose, não é *cool* e, entretanto, até o mais revolucionário e o mais irritantemente questionador pode se tornar parte do sistema e uma mercadoria a ser consumida. Desse modo, muitos dos teóricos e ativistas *queer* já denunciam o esvaziamento de conteúdo de várias de suas reivindicações, que rapidamente se tornam slogans, destinados a captar um novo e rentável nicho de mercado.

Resumo

O trabalho tem o objetivo de pensar e questionar que corpo sexual estamos pensando, falando e ouvindo hoje em dia a partir da psicanálise. Problematizar os conceitos binários de homem/mulher, masculinidade/feminidade, supostamente marcados por uma anatomia que agiria como destino, à luz das propostas do corpo como construção. Ao mesmo tempo, atender à impugnação das categorias e à ambiguidade do “gênero fluido” que sustenta conceitualizações tais como a teoria e o ativismo *queer*. A partir de algumas situações clínicas e de alguns exemplos artísticos tentamos dar visibilidade ao que interpela à psicanálise a partir da sexualidade contemporânea, colocando em tensão as conceitualizações clássicas sobre Édipo e castração.

Descritores: *Gênero, Corpo, Desejo. Candidato a descritor: Diferença sexual anatômica, Castração.*

Abstract

The purpose of this paper is to reflect and inquire about what kind of body we listen to, speak to and think about nowadays in Psychoanalysis. Taking the body as a construction, the idea is to question the binary concepts of man-woman, masculinity- femininity, male-female, supposedly marked by an anatomy that would act as a form of destiny.

It also considers the challenge of categories and the ambiguity of “fluid gender” that is sustained by the Queer theory and activism.

Using a couple of clinical vignettes and some artistic examples, the article attempts to give visibility to the questioning of Psychoanalysis and its classical conceptualizations of Oedipus and castration, by contemporary sexuality.

Keywords: *Gender, Body, Desire. Candidate to keyword: Anatomic sexual differences, Castration.*

Referências

- Allouch, J. (1999). Editorial y Para introducir el sexo del amo. *Revista Litoral 27, La opacidad sexual*. Ediciones Edelp: Córdoba.
- Allouch, J. (2009). El sexo del Amo: *El erotismo desde Lacan*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata.
- Allouch, J. (2015). Despatologizaciones. In *El cuerpo queer*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Barrios, F. (2015). Texto curatorial. *Arte Degenerado*. Montevideo: Fundación Engelman Ost.

Barrios, F. (2016). *Derivas sur, performance textual em C'estpas sur, Coloquio Sur, La idealización de Europa*. México: Ecole lacanienne de psychanalyse.

Butler, J. (2000). Imitación e insubordinación de género. In *Grafías de Eros*. Buenos Aires: Edelp.

Butler, J. (2002). Cuerpos que importan: *Sobre los límites materiales y discursivos del sexo*. Buenos Aires: Paidós.

Gil, D. (2011). *Elogio de la diferencia*. In Errancias. Montevideo: Trilce.

Halberstam, J. (2015). El giro antisocial en estudios queer. In *El cuerpo queer*. Buenos Aires: Letra Viva.

Lacan, J. (2008). De otro al Otro, *Seminario 16*. Buenos Aires: Paidós

Máximo, M. (2012). Fluidos trans: Arte y performance queer. *Revista Anfibia*. Recuperado de: <http://www.revistaanfibia.com/cronica/fluidos-trans-arte-y-performance-queer/#sthash.c5MjsOoM.PjYy9Jgh.dpuf>, 2012

Melenotte, G. H. (2004). *Sustancias del Imaginario*. Paris: Epel.

Núñez, S. (2008). *El miedo es el mensaje*. Montevideo: Amuleto.

Preciado, P. B. (2008). *Testo yonquí*. Madri: Espasa Calpe.

Preciado, P. B. (2009). “Queer”: historia de una palabra. *Parole de Queer*. Recuperado de <http://paroledequeer.blogspot.com.uy/2012/04/queer-historia-de-una-palabra-por.html>.

Preciado, P. B. (2015). La revolución que viene: luchas y alianzas somatopolíticas. Sicilia Queerfilmfest. [Arquivo de vídeo] Recuperado de <https://youtu.be/lltqAFSVZvA>.

Sibila, P. (2008). *La intimidad como espectáculo*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica.

Shock, S. (2011). *Poemario transpirado*. Buenos Aires: Ediciones Nuevos Tiempos.

Soler, C. (2010). El cuerpo en la enseñanza de Jacques Lacan. Recuperado de <https://agapepsicoanalitico.files.wordpress.com/2013/07/colettesoler-elcuerpoenlaensenanzadejacqueslacan.pdf>.



Carlos Plastino*

Elementos para uma antropologia além do patriarcado

Para além de sua grande importância na teoria e na clínica psicanalítica, a obra de Donald W. Winnicott contém uma importante e original contribuição para a construção de concepções teóricas, capazes tanto de superar os pressupostos milenares do patriarcado quanto a reformulação desses pressupostos operada pelo imaginário moderno. Como tentarei mostrar a seguir, as descobertas clínicas do mestre inglês, bem como os conceitos que as exprimem e organizam no nível da teoria, contrapõem-se aos pressupostos centrais das concepções modernas, fornecendo elementos para a construção de concepções antropológicas, ontológicas e epistemológicas mais sintonizadas com os resultados das ciências e saberes contemporâneos, além de afinadas com a significativa decadência do imaginário patriarcal ao longo do século XX. Com os limites de espaço próprios de um artigo, pretendo esboçar as questões que considero importante discutir no intuito de contribuir para a sempre necessária renovação da teoria psicanalítica. É importante assinalar que, pela sua própria complexidade, essa abordagem precisa ser precedida pela discussão – mesmo que sumária – das características específicas da teoria psicanalítica e de seu processo de elaboração. Tal discussão é importante para a compreensão da complexa e profunda relação que a obra de Winnicott guarda com o trabalho do criador da psicanálise, relação caracterizada tanto pela sua enfática reivindicação da filiação freudiana, quanto pela crítica explícita que formula às construções metapsicológicas de Freud.

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

“Permitam-me dizer de saída”, escreve em 1967, “que a maioria de meus conceitos deriva dos de Freud” (1967/2011, p. 4). Para entender o significado dessas afirmações, convém lembrar que, além de ser uma prática terapêutica, a experiência clínica é também uma experiência de conhecimento. Freud alicerçou sua experiência clínica sobre a escuta do outro, aprendendo nessa escuta a valorizar a participação da fantasia no sofrimento de cada paciente e na singularidade desse sofrimento. Embora o período histórico ainda exigisse que todo conhecimento tivesse que apresentar-se como “científico” para ter a chancela de validade, era evidente que a “nova ciência” da psicanálise diferia radicalmente das concepções das denominadas ciências positivas. O objetivo que subjaz à criação da ciência moderna é conhecer o funcionamento do mundo material. A crença na vigência universal das relações de determinação sustentou a crença na possibilidade de submeter a totalidade do real ao conhecimento científico, ao mesmo tempo em que a eficiência demonstrada pela ciência moderna, ao longo do processo que levou à revolução industrial, facilitou a difusão da crença de que se tratava do único saber legítimo. Nesse contexto, conhecer um objeto equivalia a descobrir suas determinações. Essa estratégia de conhecimento, válida para um setor da realidade regido pelo princípio de determinação, desconsiderava as características singulares dos indivíduos e a especificidade dos conhecimentos sobre o homem. Excludente e totalitária, tal concepção do conhecimento forjada pela modernidade é indissociável da onipotência que sustenta a concepção racionalista do ser e da vida. No contexto da perspectiva patriarcal, caracterizada pelas ideias de conflito e dominação, essa concepção do conhecimento alicerçou o desenvolvimento da atitude predatória do homem moderno.

Essas rápidas considerações sobre a ciência moderna e seu modo de operar visam tornar evidente a sua diferença com as práticas que constituíram o cenário de emergência da experiência psicanalítica e de sua teorização. Trata-se de uma experiência que privilegia a expressão da *singularidade* do indivíduo, e o faz no contexto de uma relação intersubjetiva que substitui o par “sujeito” e “objeto” de conhecimento. Os fatores afetivos são centrais nessa relação intersubjetiva, tanto em seu aspecto terapêutico quanto epistemológico. O que se desenvolve na clínica psicanalítica é um saber *compreensivo* que, à diferença dos conhecimentos *explicativos*, não trabalha com relações de determinação, mas procura a compreensão das singularidades através de processos de apreensão de sentidos, de diversas maneiras, comunicados no relacionamento intersubjetivo. Se “explicar” é atribuir uma ou mais causas a um efeito, compreender é olhar um “objeto” – na verdade um sujeito¹ – “por todos os lados”. Trabalhando com a singularidade, a fantasia e a criatividade, a teoria e a prática psicanalíticas lidam com a enorme complexidade do fenômeno humano.

1. Assinala V. Bonaminio (2010) que, na psicanálise, o termo “objeto” designa na realidade um “sujeito”. O uso do termo “Objeto” foi introduzido por Freud para nomear o que era visado pela “pulsão”. Com a introdução da teoria das relações de objeto, operou-se um deslizamento na significação do termo.

Esta complexidade simplesmente não cabe nos limites ontológicos e antropológico supostos pelo iluminismo materialista e racionalista.

A filiação freudiana

A filiação freudiana reivindicada por Winnicott refere-se à prática clínica, cujos fundamentos remetem às descobertas operadas por Freud na sua experiência clínica e se exprime nos conceitos mais próximos dela, como inconsciente, transferência e contratransferência. Refere-se ainda ao protagonismo do inconsciente no processo terapêutico e à centralidade da dinâmica afetiva, tanto nos processos psíquicos inconscientes quanto na relação intersubjetiva do par analítico. Inclui ainda a compreensão da etiologia das psicose e sua relação com a dinâmica edípica, assim como as técnicas de associação livre e atenção flutuante, e ainda a prática interpretativa como ferramenta central do trabalho analítico no tratamento das psicose. A importância dessa filiação reivindicada por Winnicott, não exclui, todavia, a introdução de inovações clínicas e técnicas, além do desenvolvimento de fortes divergências com relação à clínica ortodoxa. A extensão da prática clínica a modalidades de sofrimento emocional enraizadas no período primitivo do desenvolvimento emocional tornou evidente para Winnicott que as experiências iniciais da vida não podiam ser compreendidas no contexto descoberto e teorizado por Freud a partir do tratamento das psicose. Habitando ainda o mundo da necessidade, o bebê – ou o paciente regredido – lida com uma dinâmica definida pela dependência absoluta e a premente necessidade de acolhimento no contexto da relação primária, e não – como é o caso das psicose – pelo desejo, a sexualidade² a ambivalência, o conflito, a repressão e a culpa. Na base do sofrimento desses pacientes não se encontram conteúdos recalcados que caberia interpretar no contexto das relações transferências. Nesse cenário a ferramenta da interpretação perde efetividade e centralidade, devendo ser substituída por uma conduta terapêutica que privilegia a proximidade e o acolhimento.

Winnicott continuou a reivindicar sua filiação freudiana até o final de sua vida, sem no entanto minimizar ou ignorar suas grandes diferenças com a “psicanálise ortodoxa”. Com toda simplicidade escreve “Nunca fui capaz de seguir ninguém, escreve, nem mesmo Freud” (Winnicott, 1962/1983a, p. 161). Destacava a enorme significação da descoberta do Édipo para a compreensão e tratamento das psicose, mas o profundo conhecimento que adquirira sobre a importância do período primitivo de desenvolvimento emocional, e a importância do ambiente nesse período e no resto da vida – inclusive na vivência do Édipo –, levaram-no a repensar o papel do drama edípico, afastando-se decididamente – como se verá – dos pressupostos do imaginário patriarcal que dominam a reflexão freudiana.

2. Isso não significa que Winnicott ignore a existência da sexualidade infantil, nem seus impactos sobre a vida emocional. Entretanto, repensando-a na perspectiva do desenvolvimento emocional, elaborou uma nova maneira de considerá-la. Nessa, a descoberta de Freud em torno da sexualidade ampliada é reconhecida, mas sua caracterização como fundamento de toda a vida psíquica é contestada. Para o aprofundamento desta rica e importante questão, ver Lejarraga (2015).

A construção de um “teto”: a metapsicologia

Embora a afirmação segundo a qual a experiência clínica constitui a fonte da qual emerge o saber elaborado pela psicanálise decorra das características da própria experiência, na transmissão da psicanálise não é incomum que esse papel seja ofuscado pela importância atribuída à metapsicologia, apresentada como um saber dogmático. Nesses casos, a teoria psicanalítica é transmitida com a enganosa aparência de um conhecimento alicerçado sobre aquela estrutura especulativa. É importante diferenciar entre os métodos de pesquisa que derivam na produção de um saber, e os métodos de exposição do conhecimento obtido. A metapsicologia representa inegavelmente a elaboração de maior nível de abstração do saber elaborado pela psicanálise. Mas isso não faz dela seu *fundamento* ou *fonte*. Essa fonte é a experiência clínica, como mostra a história do processo de formulação de conceitos e teorias regionais. Freud estabelecia uma nítida separação entre, de um lado, a teoria – que considerava quase uma transcrição da experiência na teoria –, e do outro lado, a teoria metapsicológica. A essa última – que considera especulativa e provisória – atribui o objetivo de complementar as teorias que “são expressão direta da experiência, através de hipóteses aptas para dominar o material e que se referem a questões que não são suscetíveis de observação direta” (Freud, 1925 [1924]/1986i, p. 31).

Após abandonar a tentativa de “reduzir os processos psíquicos a estados quantitativamente comandados por partes materiais comprováveis” (Freud, 1950 [1895]/1986j, p. 339), a correspondência de Freud com W. Fliess, seu interlocutor desse período inicial, mostra-o incomodado pelo fato de que *sua psicologia* tenha ficado “no ar” (Masson, 1986, p. 327), utilizando essa expressão para designar suas dificuldades para encontrar uma base material que sustentasse os processos anímicos que descobria em sua clínica, como é notoriamente o caso do recalque. Formula essa queixa ao comunicar sua decisão de abandonar a tentativa de escrever *Uma psicologia para neurologistas*, decisão motivada pela impossibilidade de justificar a existência no psiquismo de fatores de ordem *qualitativa* – como os que protagonizam o processo de recalque – à partir de fatores de natureza *quantitativa* (Masson, 1986, p. 142). Freud tinha empreendido essa tentativa em obediência ao pressuposto materialista da ontologia da modernidade, pressuposto segundo o qual os processos psíquicos eram necessariamente produto da realidade material, encontrando neles sua origem. O fracasso do “Projeto” foi o fracasso da tentativa de inserir sua descoberta sobre os processos psíquicos inconscientes na concepção materialista dominante. Esse momento inicial da saga teórica de Freud foi seguido pelo reconhecimento, no capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1986g), da existência da realidade psíquica, “uma forma particular de existência que não deve confundir-se com a realidade material” (p. 607)³. Embora essa

3. Na verdade, como estabelece a nota 11, a frase citada não constava da primeira edição de *A Interpretação dos sonhos*, tendo sido incorporada na edição de 1909 e, na forma citada, na de 1919. Esse processo, creio, ilustra a evolução do pensamento de Freud e sua luta entre suas crenças herdadas e suas descobertas clínicas.

afirmação revolucionária contrarie frontalmente a concepção materialista dominante, ela não leva Freud a abandonar suas convicções herdadas. Pelo contrário, ilustrando sua dificuldade para se desvincular das crenças do cientificismo da modernidade (materialismo, cientificismo, empirismo), a afirmação da existência da realidade psíquica como diferente da material, convive nele com a expectativa – remetida para um futuro indefinido – de que fossem encontrados os fundamentos materiais dessa realidade. É nesse contexto que ele inventou a metapsicologia, tomando o cuidado de afirmar não ser ela a *base* da teoria psicanalítica, mas sua *superestrutura*. Como tal, a considera provisória e permanentemente submetida aos efeitos de novas experiências clínicas. Seria o “teto” da psicanálise, isto é um “lugar” teórico que permitisse pensar, em um nível maior de abstração, as questões “não passíveis” de observação direta (Freud, 1925 [1924]/1986i, p. 31).

Freud entendia ser esse um nível teórico necessário à elaboração da “nova ciência” da psicanálise. Para construí-lo, propõe “tomar empréstimos de ciências próximas” (Freud, 1915/1986k, p. 113), que lhe forneceriam as concepções gerais necessárias para a construção e organização de seu objeto teórico. Essas ciências, entretanto, tinham sido criadas e desenvolvidas com base nas concepções básicas da modernidade, concepções que longe de serem conclusões irrefutáveis de processos de conhecimento, constituíam os *pressupostos* do trabalho científico, estabelecendo seus limites e condições. Como consequência desses “empréstimos”, os pressupostos centrais da modernidade – racionalismo epistemológico e ontológico, materialismo, determinismo e dualismos – que embasaram a construção e organização das ciências modernas, passaram a organizar também a metapsicologia freudiana. A “naturalização” dessas crenças teóricas, no contexto da hegemonia incontestada do paradigma moderno na época, isentava-as do trabalho da crítica, fazendo com que eles funcionassem na prática *como se* fossem sólidas conclusões do trabalho de conhecimento, embora constituíssem de fato pressupostos que limitavam o conhecimento tanto quanto o organizavam.

Incorporando acriticamente a ontologia materialista e racionalista da modernidade, o exclusivismo de seu racionalismo epistemológico e o dualismo de sua antropologia, Freud aprisionou sua metapsicologia ao interior das fronteiras do pensável construídas pelo imaginário moderno. Ao interior dessas fronteiras não cabia o inconsciente nem o primado dos fatores emocionais. Como consequência, sua metapsicologia entrou em rota de colisão com suas descobertas clínicas e com seus textos de teoria clínica. Dois conceitos importantíssimos da teoria psicanalítica permitem ilustrar esse processo. O primeiro exemplo se refere ao inconsciente. Embora afirmando sem ambiguidades o inconsciente como sendo o psiquismo genuíno, sua primeira elaboração metapsicológica aceita a concepção antropológica cartesiana, pensando o psiquismo (o “aparelho psíquico”) a partir da consciência, e o inconsciente como consequência de processos defensivos (Freud, 1900/1986g, p. 600). Tentando superar as dificuldades teóricas que enfrentava para pensar suas descobertas em termos de *sistemas*, ensaia uma solução propondo pensá-las em termos de *processo* (Freud,

1900/1986g). A descoberta do processo primário é um dos aspectos mais marcantes da genialidade freudiana. Funcionando na base da combinação de imagens e emoções, o processo primário não respeita a lógica identitária, sendo, no entanto, pleno de sentido. Essa revolucionária concepção, inteiramente acorde com sua concepção do psiquismo inconsciente como sendo “o psiquismo genuíno”, lança uma potente luz sobre o trabalho psíquico que embasa a produção discursiva do conhecimento. Apesar de sua importância, todavia, ela não foi recolhida nos textos epistemológicos de Freud⁴. Nesses, ele se alinha com a concepção mais ortodoxamente iluminista, chegando a rejeitar explicitamente qualquer papel da intuição nos processos de conhecimento (Freud, 1927/1986e). A descoberta do inconsciente e do processo primário, obtida através do trabalho sobre os sonhos, os sintomas e o atos falhos – num período de sua vida na qual Freud admite seu desinteresse pela “ciência estrita”, e através de processos no quais a intuição ocupava um papel fundamental – precisava adquirir, na opinião de Freud, uma “expressão científica”, levando-o a escrever o sétimo capítulo de sua obra fundacional. Nessa, o inconsciente é apresentado como consequência de processos defensivos, embora Freud sustente enfaticamente que ele constituía o psiquismo genuíno e primário.

Outro aspecto da teoria psicanalítica que torna explícita a incompatibilidade existente entre, de um lado, a experiência e a teoria clínica e, do outro, a elaboração metapsicológica e seus fundamentos, refere-se à problemática das emoções. A partir de suas experiências clínicas, Freud e Breuer haviam desenvolvido, ainda no século XIX, uma compreensão do sofrimento histérico quase que exclusivamente baseado em fatores afetivos (Freud, 1925 [1924]/1986i). Esse protagonismo dos afetos muda radicalmente na elaboração metapsicológica. Nessa, a consideração dos afetos sofre o impacto da concepção mecanicista da natureza (e, portanto, do corpo) própria da concepção antropológica da modernidade. Não podendo atribuir ao “corpo” nada além de “fatores quantitativos” ou “forças privadas de qualidade”, e sendo as emoções expressão do que no homem é natural, os afetos em si mesmos só consistiriam em “aspectos quantitativos”, “processos de descarga”. Recebendo seus sentidos das representações e suas significações, os afetos seriam em si mesmos insuscetíveis de sentido e, portanto, de recalque. Coerentemente com essa concepção, Freud afirma no seu artigo sobre *O inconsciente* (1915/1986l) a impossibilidade de existirem sentimentos inconscientes comparáveis a representações inconscientes (p. 173). Não foge à percepção de Freud que essa afirmação é inconciliável com a existência de sentimentos inconscientes de culpa, inequivocamente atestada pela experiência clínica, o que o leva a adiar a consideração do tema para um momento posterior, no qual a compreensão da articulação das instâncias psíquicas lhe fosse mais clara. Anos mais tarde, no artigo denominado *O Problema Econômico do Masoquismo* (Freud, 1924/1992), retificando a assimilação do “princípio de prazer” com a pulsão de morte, como

4. Me refiro a *O futuro de uma ilusão* (1927/1986e) e *A questão de uma weltanschauung* (1933 [1932]/1986a).

especulara no seu texto anterior (Freud, 1920/1986h), Freud foi obrigado a rever a concepção sobre o princípio de prazer, passando a afirmar que necessariamente devia existir nele algum fator qualitativo, que tende a identificar com Eros. Essa importante modificação teórica torna evidente as dificuldades que enfrentava para poder pensar, no contexto limitado pelos pressupostos da modernidade, a riqueza e complexidade dos denominados “fatores afetivos”. Como, com efeito, pensar os fenômenos de percepção e comunicação inconsciente, no contexto da constrangedora pobreza teórica que reduz as emoções a sua “dimensão quantitativa”? Repare-se, para avaliar o abismo que separa a concepção quantitativista dos afetos – imposta pelos pressupostos modernos encampados por Freud – e seu pensamento quando afastado dessas limitações, na sua descrição do que denomina “o saber dos poetas”, saber no qual sustenta enfaticamente a participação dos afetos nos processos de conhecimento. Os poetas, escreve, são capazes “de extrair das turbulências dos próprios sentimentos, as intelecções as mais profundas” (Freud, 1930 [1929]/1986d, p. 129). Voltarei sobre essa questão na parte final deste artigo. De momento, me limitarei a assinalar o fato, bastante surpreendente, de que o autor da descoberta do processo primário não tenha percebido o gigantesco impacto de sua descoberta sobre a concepção dos processos de conhecimento. Na dimensão da realidade que constitui o objeto dos saberes sobre o homem, a participação da determinação é incomparavelmente menor do que naquela outra que constituiu o objeto do saber das ciências da matéria. Por estar dotado da capacidade de elaborar imaginativamente suas experiências, o homem é muito mais que seus genes. As características de liberdade e criatividade próprias da experiência humana retiram o ser humano do campo da determinação absoluta, introduzindo a questão fundamental da fantasia e sua participação na construção do conhecimento e da própria realidade. O que no homem é propriamente humano é passível de compreensão, não de explicação, sendo conveniente lembrar que crença no monopólio da ciência se insere em uma concepção da realidade inteiramente organizada conforme a lógica identitária. Todavia, como tornam evidente as ciências e saberes contemporâneos, o real se caracteriza pela heterogeneidade de suas formas de ser, o que torna necessário a construção de uma pluralidade de modos de conhecer. Nessa perspectiva, a crença no monopólio da ciência no conhecimento é totalitária e excludente.

O conservadorismo epistemológico freudiano lhe impediu perceber os severos limites que as crenças paradigmáticas acriticamente aceites lhe impunham na construção da metapsicologia, impedindo que essa acolhesse as revolucionárias consequências de suas descobertas clínicas. Ao mesmo tempo – e paradoxalmente, tratando-se do homem que havia ouvido a voz das pacientes esmagadas pela repressão patriarcal –, sua teoria incorporou importantes preconceitos patriarcais, como a concepção necessariamente conflitiva da vida social, a crença no caráter inevitável da repressão e a desvalorização dos afetos e da mulher. Por tudo isso, o abandono das construções metapsicológicas constituía para Winnicott uma condição de possibilidade, tanto para desenvolver sua experiência clínica quanto para

a elaboração da teoria construída a partir dela. Na sua correspondência com Anna Freud, ele explicita os motivos que o levaram a rejeitar a construção especulativa de Freud, arguindo que ela oferecia “uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe” (Winnicott, 1987/1990, p. 51). De fato, como poder pensar a enorme riqueza do desenvolvimento emocional primitivo, no qual as formas primitivas de vida psíquica são indissociáveis do corpo e das relações ambientais, no contexto do modelo especulativamente construído por Descartes e encampado pela metapsicologia freudiana? Ou como pensar aquilo que no ser humano é natural, no contexto da pobreza abissal que reduz a complexidade da vida à simplicidade do funcionamento das máquinas?

A experiência winnicottiana

Foi também a experiência clínica que levou Winnicott a reconsiderar o campo de aplicabilidade do complexo de Édipo. Não questionava a importância da descoberta de dito complexo por Freud para a compreensão dos sofrimentos psiconeuróticos, relativizando porém sua centralidade ao equipará-la em importância com a descoberta da posição depressiva por Klein. Discordava fortemente da tentativa de entender a complexidade dos momentos primitivos do desenvolvimento emocional valendo-se para tanto do quadro conceitual construído para lidar com a dinâmica edípica. Comentando a contribuição de Melaine Klein, afirma que já no seu trabalho clínico como pediatra, ouvindo as histórias contadas pelos pais sobre a história precoce dos distúrbios de seus filhos, pôde tanto confirmar a pertinência dos *insights* obtidos pela psicanálise quanto perceber as limitações que a teoria psicanalítica então vigente apresentava para a compreensão dos casos clínicos com que lidava (Winnicott, 1962/1983a). “Nos anos vinte”, rememora, “tudo tinha o complexo de Édipo no seu âmago” (p. 157). Relata que as dificuldades anteriores ao período edípico eram tratadas como regressões a pontos de fixação pré-genitais, supondo-se que sua dinâmica provinha do conflito do complexo de Édipo. Essa concepção colidia com a experiência clínica que mostrava reiteradamente a existência de dificuldades emocionais na infância mais precoce, até mesmo no período de bebês. As crianças – constatava Winnicott – podiam adoecer emocionalmente nas primeiras semanas, ou mesmo dias de vida. “Algo estava errado em algum lugar” (p. 157), conclui. Acrescenta ainda que, posteriormente, o exercício da clínica psicanalítica com crianças permitiu-lhe confirmar tanto a origem das psiconeuroses no complexo de Édipo quanto a existência de dificuldades anteriores ao período edípico e independentes deste. A experiência freudiana, como se sabe, tinha com base fundamental o tratamento de psiconeuroses de transferência, cuja etiologia, descobrira Freud, era indissociável dos avatares do complexo de Édipo. A experiência de Winnicott com bebês e suas mães, crianças pequenas e adultos regredidos, permitiram-lhe lidar com o processo de *constituição* das subjetividades com pacientes que tinham sofrido percalços importantes no período primitivo de seu desenvolvimento emocional. Tais pacientes não haviam se constituído como “pessoas

totais” – pensa Winnicott –, não tendo tido em consequência verdadeiro acesso às relações triangulares e a suas relações de ambivalência afetiva, conflito, repressão e culpa. Passa então a pensar o complexo de Édipo como um momento mais tardio do desenvolvimento emocional, precedido por um período mais primitivo, de constituição egóica, período primitivo que abrange tanto a constituição do narcisismo quanto sua limitação no desfecho da posição depressiva. O complexo de Édipo continua sendo central para a compreensão da etiologia das psiconeuroses, porém nada significava para aqueles que, sofrendo um fracasso severo no seu processo de constituição egoica, sequer chegavam a vivenciar, genuinamente, a dinâmica própria do complexo de Édipo. Para Winnicott, ao contrário do que afirmara Freud, não são todas as pessoas que chegam a confrontar-se com o drama edípico, mas apenas aquelas que atingem um mínimo de sucesso no seu desenvolvimento emocional primitivo.

É importante neste ponto da reflexão aludir, mesmo que sumariamente, à questão epistemológica implícita no processo de trabalho clínico e teórico winnicottiano. A comunicação entre inconscientes e o primado dos processos afetivos não eram certamente ignorados por Freud. Sua definição da “atenção flutuante” não deixa dúvidas a esse respeito: o analista, escreve o fundador,

se abandona à sua própria atividade mental inconsciente, evitando no possível a reflexão e a formação de expectativas conscientes, não pretendendo registrar particularmente na sua memória nada do escutado, assim capturaria o inconsciente do paciente com o seu próprio inconsciente (Freud, 1923 [1922]/1986, p. 235).

Essas palavras exprimem bem o método freudiano, que ele associava com o já citado “saber dos poetas”. Tal perspectiva foi enormemente desenvolvida na experiência winnicottiana, tendo sido esse desenvolvimento favorecido pela aproximação que o mestre inglês fazia entre as modalidades de comunicação e relacionamento próprias das relações primitivas do bebê com sua mãe, e as que devem presidir as relações entre o analista e os pacientes cujo sofrimento se insere no processo de desenvolvimento emocional primitivo. As comunicações inconscientes em processos pautados por emoções e imagens, e o intenso funcionamento do processo primário, constituem aspectos fundamentais do processo clínico, também enquanto processo de conhecimento. É a partir desses processos que Winnicott elaborava suas teorias, reconhecendo constituírem construções, mas afirmando enfaticamente que elas “funcionavam” (Winnicott, 1965/1994, p. 94).

No contexto do desenvolvimento emocional primitivo, o conceito de narcisismo primário formulado por Freud, não fazia sentido para Winnicott, que conserva o termo, porém mudando radicalmente seu significado. Para ele, o conceito de narcisismo primário não designa um ego ilimitado, inexistente no início da vida, mas designa “o bebê mais sua mãe”, afirmando assim a impossibilidade de pensar o processo de constituição egoica sem considerar o papel fundamental do “ambiente”. A inexistência do ego no início da vida certamente não

era ignorada por Freud. Pelo contrário, ele a afirma sem ambiguidades (Freud, 1930 [1929]/1986d), associando sua emergência com a ultrapassagem de uma situação que seu amigo e interlocutor Raymond Rolland denominara de “sentimento oceânico” (Freud, 1930 [1929]/1986d). É importante neste ponto perceber que Freud muda significativamente o sentido da expressão introduzida por Rolland. Enquanto este descrevia o “sentimento oceânico” como sendo o sentimento de “um fazer parte de todo”, Freud o entende como o sentimento de “incluir tudo”⁵. A diferença é significativa. O “incluir tudo”, que caracteriza o sentimento oceânico segundo Freud, seria seguido pela experiência de perda e limitação, enquanto a concepção desse mesmo “sentimento oceânico” por Rolland como sentimento de “fazer parte do todo” seria seguido por um processo de individuação, isto é, de emergência do indivíduo. Na sequência da elaboração da teoria ortodoxa, o conceito de narcisismo primário foi adotado para designar o período inicial da vida psíquica (Balint, 1969/2003). Esse desfecho foi provavelmente favorecido pelo fato do conceito de narcisismo primário articular-se perfeitamente com os pressupostos que embasam a metapsicologia freudiana, que, exprimindo a concepção básica do imaginário patriarcal, pensa a vida social em termos de *conflito*. Definindo o narcisismo primário como o componente libidinal do egoísmo, o narcisismo seria a condição normal da vida no início desta, tornando inevitável o conflito com a sociedade. Coerentemente, Freud pensa a posterior implantação do superego como um processo de diminuição do indivíduo “um triunfo da espécie sobre o indivíduo”, escreve Freud (1925/1986b, p. 275). No mesmo sentido, compara a implantação do superego com o estabelecimento de uma guarnição militar no coração de uma cidade inimiga (Freud, 1930 [1929]/1986d). Assim, embora sustentando a inexistência do ego na origem da vida, o raciocínio freudiano não se afasta da concepção central da modernidade, que postula a preexistência do indivíduo e sua inserção social através de um processo inevitavelmente conflitivo e repressivo. Freud adota assim inequivocamente uma concepção basilar do imaginário moderno e o faz na sua versão mais pessimista. A contundente formulação hobbesiana, encampada por Freud (1930 [1929]/1986d), segundo o qual o homem é um “lobo para os outros homens”, sintetiza esta crença do fundador da psicanálise.

O desenvolvimento emocional primitivo

A singularidade de sua experiência clínica, unida à liberdade de observação e pensamento tornada possível pelo afastamento dos pressupostos metapsicológicos, permitiu a Winnicott elaborar uma perspectiva diferente. Observando que os bebês com os quais lidava não possuíam ainda um sentimento de individualidade, percebe que nesse período inicial da vida os bebês vivenciam a mais simples e fundamental das experiências: *a experiência de estar sendo*. Cria, para designar esse ser que ainda deverá percorrer um longo caminho para tornar-se um indivíduo, o conceito de “psicossoma”, com o qual

designa as características fundamentais desse organismo pertencente à classe dos mamíferos, mas dotado da singular capacidade de *elaborar imaginativamente suas experiências*. Observando a indissociável relação existente entre organismo e psiquismo, corpo, imaginação e vida emocional, constata que a concepção dualista que separa corpo e psiquismo não se adequa à realidade do ser e da vida. Abandonando esse pressuposto do pensamento patriarcal e moderno, reproduzido pela metapsicologia freudiana, estabelece as condições para construir, paulatinamente, um quadro teórico que lhe permitisse pensar a extrema complexidade do processo de constituição egípcica e de seus possíveis percalços. Cria assim sua teoria sobre o desenvolvimento emocional primitivo, dando forma e consistência à fórmula tardiamente enunciada por Freud e pouco desenvolvida por ele: a afirmação do primado dos fatores afetivos.

Sendo o bebê humano um organismo dotado da capacidade de elaborar imaginativamente suas experiências, ele se situa na encruzilhada entre a natureza e a cultura, inserindo-se em ambas. Esta perspectiva demonstrava a inconsistência do dualismo central que, separando e opondo natureza e cultura, organiza o imaginário patriarcal, reproduzido pelo imaginário moderno. Dito dualismo, como se sabe, postulava relações conflitivas e hierarquizadas entre ambos polos, pensando o polo da natureza como o polo a ser dominado e o da cultura como o polo dominante. A assimilação do homem à cultura e à razão e da mulher ao corpo, os afetos e a natureza, característica desse imaginário dualista, constitui o cerne da dominação patriarcal e de seus preconceitos, muitos deles inequivocamente presentes na obra de Freud. À luz de sua experiência clínica, essa construção teórica era inutilizável para Winnicott. Com relação à natureza, essa experiência demonstrava que a inserção do bebê humano nela extrapolava largamente as relações de determinação material, apresentando *tendências* cuja efetiva concretização é tributária da história das relações de cada bebê com aqueles que o acolhem. Essas tendências naturais não são pensadas por Winnicott como formas normativas que engessam a existência, mas como “objetivos” da força vital. Constituem exigências do nosso ser, sendo as formas que adota resultado de um processo histórico sempre singular. A atualização das tendências naturais é assim passível de fracassar em algum grau, determinando uma situação doentia capaz de afetar o processo de constituição egípcica. Entre essas tendências próprias da natureza humana, Winnicott identifica a tendência à *integração*, isto é a conquista do sentimento e da experiência de constituir um ego corporal, forma primária do ego, segundo Freud. Identifica ainda a tendência à *personalização*, que define como sendo o sentimento de ancoragem do psiquismo no próprio corpo, e ainda a tendência à *realização*, entendida como a capacidade de diferenciar o próprio ser dos outros e do mundo externo. Nenhum desses processos, cujo conjunto sustenta a emergência do ego, tem um resultado garantido. Isso depende do agir adequado do ambiente primário nas fases primitivas do desenvolvimento emocional. Nesse ponto, insere-se o importante conceito de “preocupação materna primária”, através do qual Winnicott designa a excepcional e provisória capacidade materna durante as primeiras semanas de

5. Ver, sobre essa diferença fundamental, meu artigo “Sobre religião, espiritualidade e psicanálise” (Plastino, 2015).

vida do bebê. Essa capacidade, produto da profunda identificação da mãe com seu bebê, torna possível a experiência que denomina *mutualidade*, fundamental para o sucesso do desenvolvimento emocional primitivo. Assim, a concepção da natureza humana elaborada por Winnicott afasta-se decididamente das crenças deterministas da modernidade, inserindo o fenômeno humano numa dinâmica que tem na *historicidade* uma de suas características mais importantes. A capacidade humana de criar e se criar não é pensada como aprisionada por determinações naturais imodificáveis, como concebido por Freud (1930 [1929]/1986d) ao formular sua segunda teoria das pulsões, que considera a expressão da natureza imodificável na nossa composição psíquica.

A criatividade é central no pensamento de Winnicott, a ponto de considerá-la responsável pela emergência do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida⁶. Acredita que esse sentimento fundamental – cuja precariedade, insuficiência ou inexistência subjaz a muitas das que hoje denominamos *novas patologias* – depende do fato de a criatividade fazer parte da experiência de viver. A tendência a agir criativamente é natural no ser humano, que, no entanto, precisa dispor de uma base a partir da qual operar, ou seja, do sentimento de existência conquistado pelo indivíduo. Trata-se de um sentimento, não de uma percepção consciente, enfatiza Winnicott. A conquista desse sentimento fundamental é realizada por meio da experiência de continuidade na existência, e só é possível se nada interferir, do ponto de vista do bebê, na experiência de estar sendo. É isso que torna imprescindível que o ambiente respeite a espontaneidade do indivíduo, mantendo-se em uma atitude de “*adaptação absoluta*”, a ponto do bebê sequer perceber sua existência. É portanto a *espontaneidade* – expressão da tendência da natureza humana à liberdade – que constitui a condição fundamental da criatividade. E posto que a criatividade é inerente ao estar vivo, sendo a maneira natural do ser humano se relacionar com o mundo, a espontaneidade e a liberdade são também próprias do viver. A criação é, então, inerente ao relacionamento do ser humano com o mundo dos objetos, mas nenhum relacionamento terá realmente sentido se não houver ali um ser. Na perspectiva de Winnicott só um existente estabelecido pode experimentar a procura e o encontro com um objeto como ato criativo. Essa é a razão pela qual, para Winnicott, o ser precede o fazer, e o “Eu sou” dá sentido ao “eu faço”. É nesse sentido que afirma não haver “Id antes do Ego”. O sentimento de ser, por sua vez, emerge da experiência em que o fazer por impulso tem predominância sobre o fazer reativo. Produto do viver espontâneo, a emergência do ser possui também papel fundamental para a saúde. Winnicott afirma que ser e sentir-se real são fundamentais para a saúde, afirmando acreditar na existência de um vínculo entre a saúde emocional individual e o sentimento de sentir-se real.

6. Os parágrafos a seguir, que sintetizam os principais conceitos elaborados por Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo, foram abordados pelo autor em diversos textos, vários deles citados na bibliografia incluída no final deste artigo. A limitação do espaço de que dispomos neste artigo não permite um maior aprofundamento dessa importante questão.

Partindo dos conceitos de saúde e criatividade que desenvolvera, Winnicott propõe uma visão da liberdade. A imperiosa necessidade dela para o ser é já evidente no processo no qual esse ser emerge. Respeitada pelo ambiente, a experiência do agir criativo possibilitará a emergência do ser e a experiência da criatividade. Se a espontaneidade for sufocada por um ambiente intrusivo, a criatividade será destruída, produzindo-se um estado de desesperança no indivíduo. O respeito pelo ambiente primário à expressão espontânea do bebê é de tal importância para o autor inglês, que ele define a *essência da crueldade* como a destruição no indivíduo daquele grau de esperança que faz sentido a partir do impulso criativo e do viver e pensar criativos. É essa liberdade do impulso que faz com que a vida seja sentida como real e valendo a pena de ser vivida, conduzindo a uma visão criativa do mundo e dos objetos. A questão da liberdade foi tradicionalmente pensada junto com a necessidade de estabelecer as condições necessárias para o convívio social, o que supõe compatibilizar a liberdade dos indivíduos com a vigência de uma ética fundada no respeito da alteridade. No contexto de uma teoria antropológica que entende o homem como ser naturalmente antissocial, essa compatibilização só pode estabelecer-se com base em um processo repressivo que resulta em grave limitação da liberdade. Winnicott insurge-se contra essa concepção. Em sua perspectiva, faz parte da natureza humana uma *tendência* à emergência do *sentimento ético* (Winnicott, 1963/1983b), fundado na faculdade natural da *empatia*, atualizada no contexto de um ambiente acolhedor e amoroso, respeitoso do agir espontâneo do bebê e da criança. É nesse contexto que emergem o sentimento ético espontâneo e o superego espontâneo, que não podem ser substituídos, embora devam ser complementados pelo superego – imposto pela sociedade – estudado por Freud. Para Winnicott, então, os valores éticos que tornam o indivíduo capaz de conviver em sociedade resultam da experiência espontânea do indivíduo, e não de uma imposição da sociedade. Emergem de uma relação caracterizada pelo acolhimento amoroso, e não de uma experiência caracterizada pela ameaça e a repressão. A experiência espontânea a que se refere faz parte da experiência de conquista do sentimento de concernimento no cenário da “*posição depressiva*” e da resposta amorosa da mãe que não retalia a destruição operada na fantasia pelo bebê. É esse amor que sobrevive ao ataque que permite a atualização do sentimento de empatia natural no bebê humano. Foi essa compreensão que levou Winnicott (1962/1983a) a escrever que “a educação moral não é substituída para o amor” (p. 90). Em sua perspectiva, o sentimento ético forma-se em estágios muito precoces, anteriores aos estágios verbais, dependendo para isso da confiança do bebê no ambiente e nele mesmo, sustentada no acolhimento de suas tentativas de reparação que se seguem à sobrevivência amorosa do ambiente a seus ataques. A emergência do sentimento ético, no contexto da confiabilidade ambiental, leva a criança à “*crença em...*”, expressão com a qual Winnicott sinaliza a conquista pelo bebê da confiança no outro, em si mesmo e na natureza humana, caracterizando a superação do isolamento narcísico. A espontaneidade necessária ao processo de desenvolvimento emocional primitivo saudável desdobra-se na liberdade ao longo da vida do sujeito.

Na convergência da perspectiva historicista, da afirmação da necessidade da espontaneidade para a emergência da singularidade do sujeito e de sua criatividade, e da participação ambiental na emergência da tendência natural à solidariedade, surge a convicção de Winnicott relativa à viabilidade de cimentar a convivência social em sociedades democráticas, capazes de atender às necessidades básicas dos indivíduos, respeitar a livre expressão de suas singularidades e favorecer neles a expansão da tendência natural à empatia. Trata-se de uma *possibilidade*, viabilizada pelas características da espécie, por sua historicidade e pela tendência à criatividade e à empatia. Uma conquista difícil, sem dúvida, que exige para sua implantação a disseminação de práticas democráticas no conjunto das relações sociais. Winnicott não ignora a agressividade humana, mas critica o determinismo que ofusca a compreensão da historicidade das relações humanas e sociais. Entendendo a agressividade conforme seu sentido etimológico – movimento de andar para a frente –, pensa-a como expressão da capacidade humana de criar e fazer. Expressão da força vital que, quando barrada ou impedida de manifestar-se, tende a transformar-se em agressão e força destrutiva. Critica a desconsideração do que denomina a *bondade originária* e das consequências possíveis do desenvolvimento de modalidades empáticas de relacionamento. Em sua perspectiva, na situação de dependência absoluta – que é inicialmente a do bebê humano –, a empatia e o acolhimento oferecidos pelo ambiente constituem fatores fundamentais *para a afirmação ou a frustração do desenvolvimento desse potencial de bondade originária*.

A problemática da fantasia

Um aspecto importante da construção elaborada por Winnicott, com forte impacto sobre a concepção ontológica, epistemológica e antropológica que é possível elaborar a partir de sua teoria, refere-se a sua compreensão do papel da fantasia. A imensa importância desta questão pode ser mais bem compreendida quando se considera a maneira como a fantasia foi considerada na história de ocidente. No alvorecer do pensamento racionalista grego e no contexto da ontologia essencialista construída pelo pensamento platônico, a dominância do determinismo excluiu a possibilidade de emergência do realmente novo. Como lembra Cornelius Castoriadis (1975/1976) – que utiliza o termo imaginário radical –, entendendo o ser como “ser determinado”, a concepção ontológica essencialista exclui a possibilidade de um devir portador do novo. Tendo a perspectiva do devir sido silenciada pela do ser, a fantasia foi pensada necessariamente como um elemento nocivo, ameaçando a hegemonia das essências eternas e imutáveis que estruturavam o ser e a vida dos homens. No contexto desse pensamento ontológico, não é surpreendente que no seu Diálogo sobre a República, Platão considere necessário excluir da cidade os poetas – esses fazedores de fantasias, esses criadores. Nesse contexto, e por longo tempo, o imaginário (ou a fantasia) designou o resíduo da percepção, isto é, aquilo que pode ser lembrado ao evocar uma percepção. Foi um grande mérito de Freud compreender o papel das fantasias no adoecimento de seus pacientes. Entretanto, e como ha-

via acontecido com outras grandes descobertas que fizera em sua prática clínica, não avançou na compreensão de seu significado para além das fronteiras permitidas pelos pressupostos fundamentais do paradigma moderno. Limitou-se a pensar a fantasia no registro da patologia, como expressão da dificuldade de aceitar as imposições da realidade. Sua própria definição do “saber dos poetas”, na qual associa com propriedade a participação combinada de fantasias e emoções nos processos de criação, descoberta e pensamento, não o levou a aprofundar sua reflexão sobre a fantasia. Assim, coube a Winnicott descobrir e teorizar o extraordinário papel da fantasia nos processos de criação, descoberta e pensamento. Em um desenvolvimento extraordinariamente fecundo da compreensão do processo primário nos processos de pensamento, Winnicott pesquisou as modalidades de processamento do real utilizado numa fase que precede a face discursiva, destacando a centralidade de imagens e emoções nos processos de produção e compreensão de sentido. Freud descobriu o “processo primário” ao estudar as psiconeuroses e os sonhos. Nesses, dito processo foi estudado como produto da transformação dos pensamentos do sonho – cuja forma é o processo secundário – no conteúdo manifesto dos mesmos, isto é, como consequência do “trabalho do sonho” (Freud, 1900/1986g). Nessa primeira elaboração, portanto, o processo primário é compreendido por Freud como o produto de um processo de degradação do processo secundário, característico do pensamento de vigília. Em um momento posterior de sua obra, contudo, à medida que avançava na sua compreensão da imensa complexidade do inconsciente, Freud passou a considerar o processo primário também como processo primeiro, tanto na vida da espécie, quanto na de cada indivíduo e cada ato psíquico. Embora inteiramente coerente de sua compreensão do psiquismo inconsciente como sendo o psiquismo genuíno, essa compreensão não foi considerada por Freud para pensar a questão epistemológica. Como assinalado acima, nesse tema manteve-se rigidamente ancorado aos pressupostos iluministas, ignorando suas próprias descobertas. A abordagem winnicottiana é radicalmente diferente. “A fantasia”, escreve, “é mais primária que a realidade” (Winnicott, 1945/2000, p. 228), afirmando a participação da fantasia nos processos de conhecimento⁷. Considera que as fantasias – tanto as individuais como as coletivas – sempre permeiam nosso relacionamento com

7. A participação do processo primário no processo de pensamento é claramente descrita por Einstein (citado por Laborde-Nottale, 1990/1992): “as palavras e a linguagem, em sua expressão oral ou escrita, parecem não fazer parte do mecanismo do meu pensamento. As entidades psíquicas que parecem servir como elementos do pensamento são certos signos e imagens, mais ou menos claros, que podem ser reproduzidas e combinadas “voluntariamente”. [...] tomado de um ponto de vista psicológico, esse jogo combinatório é, aparentemente, a principal característica do pensamento produtivo, antes que se estabeleça qualquer ligação com uma construção lógica em palavras ou outros signos comunicáveis para outros. Os elementos mencionados anteriormente são, no meu caso, de tipo visual, e em algumas pessoas são musculares. Somente em uma segunda etapa, as palavras ou outros signos convencionais devem ser dificilmente descobertos, quando o jogo de associação foi suficientemente estabelecido e pode ser reproduzido à vontade” (pp. 158-159). A diferenciação dos processos primário e secundário de pensamento, e o protagonismo do primeiro nos processos de criação teórica, dificilmente poderiam ter sido descritos de forma mais clara. É importante lembrar que a genial descrição da atenção fluante acima reproduzida, feita por Freud, aproxima-se no fundamental dessa concepção.

a realidade externa, possibilitando uma relação criativa com o mundo dos objetos. “Objetividade”, escreve, “é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido” (Winnicott, 1971/1993, p. 61). Criação de novas formas e conhecimento se confundem num processo no qual, por meio do processo primário, apreendemos “algo” da realidade externa, criando posteriormente uma forma, já seja através da criação artística ou do processo discursivo. Essa concepção colide obviamente com o realismo ontológico da modernidade, e certamente Freud teria tido sérias dificuldades para admiti-la. Mas ela é próxima da que subjaz à concepção das relações entre o sujeito de conhecimento e a forma da realidade que estuda, presente em diversas vertentes do pensamento contemporâneo. Entretanto, se nossa maneira de ver a realidade externa é sempre mediada por nossa fantasia, pergunta-se Winnicott, o que diferencia nosso pensamento do pensamento dos psicóticos? Responde que a diferença reside no fato de que os não psicóticos aprendemos com a experiência a diferenciar as fantasias que funcionam na vida real das que não funcionam, reservando estas últimas para os campos da religião e da atividade artística. Nossa capacidade de fantasiar é, assim, indissociável de nossa capacidade de criar, sendo oportuno lembrar aqui que a criatividade, para Winnicott, constitui uma específica maneira de relacionar-se com a realidade externa, sendo o oposto a *submissão*.

Embora não compartilhe do pessimismo freudiano nem das considerações do fundador da psicanálise sobre a inevitabilidade do mal-estar na vida social, Winnicott não desconhece que a vida não é fácil. Sua divergência fundamental é com o determinismo freudiano e com os pressupostos patriarcais encampados por Freud, o que o leva a discordar da crença na existência da pulsão de morte, que compara com a doutrina do pecado original. Reconhece a agressão, mas a considera o resultado em algum grau inevitável das frustrações experimentadas, e não o produto de uma pulsão natural de destruição. Afirma que em diversos momentos da vida humana – como, por exemplo, a experiência do drama edípico – o que é “normal” é a existência do conflito, definindo a saúde psíquica não pela ausência de mecanismos de defesa mas pela sua flexibilidade. Considera que a administração da ambivalência afetiva é uma tarefa para toda a vida, mas não compartilha da crença freudiana da inevitabilidade da infelicidade. Enfatizando a responsabilidade do ambiente, pensa ser possível a transformação do sentimento de culpa em sentimento de responsabilidade (concernimento). Sua perspectiva torna possível pensar que a questão da felicidade humana e do sentido da vida não podem ser compreendidas apenas através do conceito de “prazer”, devendo sê-lo no contexto da dupla inserção natural da vida humana: na natureza, por meio da atualização criativa das tendências naturais, e na cultura, pela sua criatividade natural e pela enorme significação do ambiente na sua constituição e desenvolvimento. O sentido da vida depende, nessa perspectiva, do respeito à singularidade e ao viver espontâneo de cada indivíduo, o que só é possível em sociedades livres e democráticas. O significado é uma produção coletiva que organiza um conjunto de representações que, em determinado momento histórico, fornece respostas aceitas como crenças pelo

coletivo, constituindo o *significado da vida*. As “grandes narrativas” cumpriram historicamente esse papel. Os significados são, assim, construções históricas contingentes. O sentido da vida está relacionado com a inserção do homem na natureza, com a atualização criativa de suas tendências naturais e com a inserção criativa e solidária no coletivo humano. O sentido da vida não depende então de se ter respostas sobre questões fundamentais. Trata-se de uma experiência emocional indissociável da experiência subjetiva de criar a própria subjetividade, vivenciando ao mesmo tempo o pertencimento à natureza e ao coletivo humano. Ultrapassando a concepção individualista do homem e o conflito pretensamente insuperável de cada indivíduo com a sociedade, Winnicott sustenta a radical singularidade de cada ser humano e de seu potencial criativo. Essa singularidade, todavia, é indissociável de sua inserção no coletivo a partir do qual se constitui. Na perspectiva ontológica, o pensamento de Winnicott abandona a metáfora mecanicista que tanta influência tivera no pensamento de Freud, desenvolvendo uma concepção *vitalista*. É nesta perspectiva que se inscreve sua concepção de “tendências”, bem como a compreensão da dinâmica fundamental da vida humana, que denomina de *espontaneidade*. Para concluir essa apertada síntese, gostaria de sublinhar que Winnicott foi fundamentalmente um clínico, razão pela qual as concepções acima expostas, surgem na sua escrita como reflexões diretamente inspiradas pela experiência, e não como aplicação de suposições teóricas.

Resumo

Embora se declarando discípulo de Freud e afirmando que aqueles que trabalhavam na clínica deviam tudo a ele, Winnicott rejeita a metapsicologia elaborada pelo fundador da psicanálise. Essa aparente contradição é diluída quando se considera o processo de elaboração da teoria psicanalítica, diferenciando claramente as grandes descobertas de Freud em sua prática clínica da metapsicologia que construiu – como Freud enfatizou – uma superestrutura temporária e especulativa. Atravessada por pressuposições ontológicas, epistemológicas e antropológicas do patriarcado e da Modernidade, tal superestrutura entra em contradição com as descobertas fundamentais da própria psicanálise, empobrecendo a sua radicalidade. Discutindo essa problemática fundamental, o artigo propõe que, ao liberar-se das amarras da metapsicologia, a teoria elaborada por Winnicott contém os elementos que fundamentam a elaboração de uma concepção antropológica capaz de superar as pressuposições milenares do patriarcado e sua reformulação pelo imaginário moderno.

Descritores: *Metapsicologia, Patriarcado, Pressuposições. Candi-*
dato a descritor: *Imaginário moderno, Concepção antropológica.*

Abstract

Although he declared allegiance to Freud and claimed that clinicians owed this latter everything, Winnicott rejects the founder of psychoanalysis' metapsychology. This seeming contradiction dissolves when one considers how psychoanalytic theory was developed,

clearly distinguishing the great discoveries made by Freud in his clinical practice from the metapsychology that is, as Freud emphasized, a provisional and speculative superstructure. Linked to patriarchal and modern ontological, epistemological, and anthropological assumptions, this superstructure collides with the crucial discoveries made by psychoanalysis itself, impoverishing their radicality. In discussing this crucial issue, this article proposes that, inasmuch as it frees itself from the straitjacket of metapsychology, Winnicott's theory contains the elements that underlie the development of an anthropological conception that would overcome the patriarchal age-old assumptions, as well as their reformulation by modern imaginary.

Keywords: *Metapsychology, Assumptions, Patriarchy. Candidate keyword: Modern imaginary, Anthropological conception.*

Referências

- Balint, M. (2003). *Le défaut fondamental*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1969).
- Bonaminio, V. (2010). *Nas margens de mundos infinitos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Castoriadis, C. (1976). *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1975)
- Freud, S. (1986a). 35ª. conferencia: En torno de una cosmovisión. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 22, pp. 146-168). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932])
- Freud, S. (1986b). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 259-276). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1986c). Dos artículos de enciclopedia: Psicoanálisis y Teoría de la libido. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 227-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923 [1922])
- Freud, S. (1986d). El malestar en la cultura. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 57-140). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])
- Freud, S. (1986e). El porvenir de una ilusión. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 1-56). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1986f). Esquema del psicoanálisis. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 133-209). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940 [1938])
- Freud, S. (1986g). La interpretación de los sueños (segunda parte). In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1986h). Más allá del principio de placer. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 1-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1986i). Presentación autobiográfica. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 20, pp. 1-70). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925 [1924])
- Freud, S. (1986j). Proyecto de psicología. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 323-461). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original escrito en 1950 [1895])
- Freud, S. (1986k). Pulsiones y destinos de pulsión. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 105-134). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1986l). Lo inconciente. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 153-214). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1992). El problema económico del masoquismo. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 161-176). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).
- Laborde-Nottale, E. (1992). *La videncia y el inconciente*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1990)
- Lejarraga, A. L. (2015). *Sexualidade infantil e intimidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Masson, J. M. (ed.). (1986). *A correspondência completa de S. Freud e W. Fliess, 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Plastino, C. (2015). Sobre psicanálise, religião e espiritualidade. *Trieb*, 14(1-2), 31-73.

- Winnicott, D. (1983a). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In I. C. Schuch Ortiz (trad.), *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962)
- Winnicott, D. (1983b). Moral e educação. In I. C. Schuch Ortiz (trad.), *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. (1990). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martin Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Winnicott, D. (1994). A psicologia da loucura: Uma contribuição da psicanálise. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965)
- Winnicott, D. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. (2011). O conceito de indivíduo saudável. In D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 3-22). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)

O que Freud conseguiu não saber. (E Lacan também, e tampouco)

*Não só Deus não é como tudo o que sabemos,
senão que também não é como o que ninguém sabe.*
Upanishad

A psicanálise começou assim: como um não saber sobre a causa dos sofrimentos subjetivos. No entanto, não se tratava de um não saber estéril: além de se esconder nos sintomas, transitava sob diversos disfarces, várias desculpas e numerosos desatinos nos círculos médicos ilustrados; suas aplicações terapêuticas eram notoriamente ineficazes, carentes de um fim específico, e infundadas. Mas, nas entrelinhas das formas alusivas que essa classe gostava de cultivar para eludir mal - estares sociais, dizia-se o que se sabia ao mesmo tempo em que se ignorava isso, já que se tratava de um falso não saber, contido nas altas esferas, mas abundante a torto e a direito pelos corredores universitários e na penumbra das alcovas. Às suspeitas já amplamente contempladas por Freud em relação ao rol da sexualidade na causa dos sofrimentos da época, somaram-se a reticência ou, melhor, o discreto deboche com que as autoridades médicas se referiam ao assunto. Dessa forma foi escrito o primeiro capítulo da longa inimizade que a respeitabilidade dos conceitos postulados e a verdade que os sustentava mantiveram durante anos. Tanto assim que o que os médicos haviam admitido em conversas privadas foi desmentido por eles mesmos quando Freud (1914/1992b) quis que eles confirmassem oficialmente o que reservadamente haviam revelado: “problemas de alcova”, para Josef Breuer; “*penis normalis dosim repetatur*”, prescrição para a histerica mulher de um marido impotente, feita pelo ginecologista vienense mais famoso da época: Rudolf Chrobak; “*toujours la chose génitale, toujours, toujours!*”, para Martin Charcot, o único nessa trindade que, por haver morrido, não teve que cair na hipocrisia de voltar atrás em suas palavras, como fizeram, de forma vergo-

* Asociación Psicoanalítica de Córdoba. Asociación Psicoanalítica Argentina.

nhosa, os outros dois. O confuso conhecimento que brotava de todos os vãos e que indicava claramente o sexo ficou reservado ao território privado de alguns e foi guardado como “o segredo” que dava um domínio ilusório sobre o mais indômito dos territórios, ao mesmo tempo em que garantia um refúgio bem guardado para o surgimento de diversos atos levianos. Seriam necessários vários anos para que Freud conseguisse construir, depois de enxugar esse terreno encharcado, o novo saber da psicanálise, e muitos outros anos mais até que Lacan mostrasse, por um lado, o cisma irreconciliável entre a sexualidade e o saber, e, por outro, *contrario sensu*, o íntimo amálgama que une o saber e o gozo.

A libidinagem escondida, a devoção calada ou o espanto subliminar dos praticantes do *rito*, de origens insondáveis, mas remotas e de incessantes renovações, quando não a vocação para cobrir toda a história com um manto de segredo e mistério, são os traços que, de forma difusa, caracterizam a Gente do Costume ou a Gente do Segredo, como Borges chama esses precursores de Freud que fomos nós, os seres humanos, desde o fundo dos tempos, em relação à sexualidade, e que levam inquietude ao relato “A seita de Fênix”¹ (Borges, 1944/1996), como se o simples tratamento do tema impusesse a atmosfera de secretismo e respeito ante algo sagrado e refratário ao (querer) saber. A indagação fictícia que o sujeito narrador realiza entre os possíveis membros da seita tropeça sempre em respostas vagas, como se negassem sua pertinência ou ignorassem o que lhes é perguntado, mas “o inegável é que se parecem, como o infinito Shakespeare de Hazlitt, a todos os homens do mundo” (p. 521). Essa característica universal não foi instituída por um livro, um escrito, mas sim reunida apenas pelo “Segredo” ou por uma esquecida lenda que somente “deixam entrever o veredicto de um Deus, que assegura a uma estirpe a eternidade, se seus homens, geração após geração, executam um rito” (p. 522); a observação disso, do “rito”, é a única liturgia à qual os sectários se dedicam. Borges dissimula a proibição fundadora que há por trás do “costume”: “o uso não requer que as mães o ensinam aos filhos nem tampouco os sacerdotes” (p. 522). Ao que se referem também parece levar a um significado único, apesar de subentendido, e que impregna a linguagem como se fosse consubstancial a ela: “Não há palavras decentes para nomeá-lo, mas se entende que todas as palavras o nomeiam, ou, melhor dizendo, que inevitavelmente o aludem” (p. 522). Também não falta entre os adeptos aqueles a quem “uma espécie de horror sagrado impede [...] a execução do simplíssimo rito” (p. 522), e desprezam-se por isso, enquanto outros “deliberadamente renunciam ao Costume e conseguem um comércio direto com a divindade” (p. 522). Por último, alguns consideram o Segredo vulgar e “(o que é ainda mais estranho) incrível. Não se conformavam em admitir que seus pais houvessem se rebaixado a tais práticas” (p. 523).

Impressiona a lucidez dessa página borgiana para narrar o seu revés: a opacidade sob a qual vislumbramos os temas que intrigavam Freud desde o início: ali são insinuados o mito da origem, es-

1. Todos os fragmentos traduzidos ao português foram retirados de Borges, J.L., A seita de Fênix (H.A. Bugalho, trad.). Recuperado de <http://www.revistasamizdat.com/2009/04/seita-de-fenix.html>

boçada a figura de um Pai gerador, generalizado o “costume” do qual ninguém escapa, algo universal que, no entanto, é selado com a proibição do incesto, além das proibições que a religião inexoravelmente distribui e aumenta. Também as oscilações entre o pudor e a hipocrisia, tributários do férreo laço que une cada palavra anunciada ao gozo que a sustenta e a origina, e que torna *indecente* qualquer discurso com um significado sexual indefectível, apesar de sempre defeituoso, consumido pela castração. A seita não está isenta da “obscura tradição de um castigo”, que expressa, assim, essa qualidade de significar tudo com a sombra da castração e induz talvez aos fracassos mencionados e que incluem autodesprezo ou sacrifícios sublimatórios para agradar a divindade. A menção expressa ao empenho em renegar a cena primária contrasta – ou, melhor, condiz – com a ausência de qualquer indicação sobre o papel da mulher na “seita” e no “rito”. A sexualidade da mulher fica assim relegada, como se o objetivo fosse de aboli-la pelo simples fato de não mencioná-la. Ou como se mencioná-la abrisse – ou fechasse – a porta ao campo mais impenetrável do não saber.

Vamos abordar esses pontos do ângulo em que eles convivem, entremeando-se até se tornarem indiscerníveis, as questões da paixão da curiosidade e o nada querer saber, a fala depurada com a alusão atrevida, a repressão com o retorno. Ao agrupar essas antíteses sob o título da *ignorância*, não nos afastamos do caminho que seguimos, tão cheio de pedras nessa região, com a questão das paixões, que fez com que a puséssemos entre uma das que mais cegam. Há um degrau intermediário entre o *saber* e o *não saber*, e é o *não querer saber que não se sabe*, negação dupla que confessa sua dependência da repressão. “O fruto positivo da revelação da ignorância é o não-saber, que não é uma negação do saber, porém sua forma mais elaborada”² (Lacan, 1955/2009, p. 343). Ou seja, do *não saber que não se sabe ao saber que não se sabe*, há um trajeto de séculos com Sócrates e Nicolás de Cusa, com Freud e com Lacan, e que também se percorre no decorrer de uma cura analítica. Detenhamo-nos um momento em Nicolás de Cusa e sua *docta ignorantia*: ele cunhou essa famosa expressão, apesar de Santo Agostinho tê-lo precedido séculos antes. Esses teólogos abordam o conhecimento valorizando em primeiro lugar o processo de adquiri-lo, mais do que já tê-lo alcançado, a ênfase se coloca na *disposição a saber*, mais do que no aprendido, a substituição da complacência do *já sabido* pelo entusiasmo do *por saber*, a propensão a preferir o verbo *saber*, antes do substantivo *saber*. Nicolás de Cusa subtrai a *curiosidade* do *non licet*, do não permitido, da esfera do pecado onde a Igreja a confinava, e a institui em pleno direito como estímulo para ampliar indefinidamente a esfera do saber, dando-lhe um nome: *cupiditas sciendi*, cuja tradução do latim ressoará, sem dúvida, em ouvidos psicanalíticos: “desejo de saber”, ainda mais se articularmos isso com o termo associado de *concupiscência*, que, além de recuperar o tom de pecado (ou exatamente por isso), nos situa no solo fertilizado –(e removido)– desde o início em torno à inquietação gerada pelo aparecimento tumultuoso de um

2. Tradução retirada de Lacan, J. (1998). Variantes do tratamento padrão. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955).

gozo – pensemos na cena primária –, gozo cuja falta de controle se une imediatamente com o também descontrolado e inútil afã de saber (sabê-lo). Ponto de encontro “congênito” –e ao mesmo tempo de disjunção – entre o sexo e o saber, vizinhança cuja importância Freud (1905/1993) nos indica ao apontar que os primeiros afãs do saber infantil se emaranham, seja sobre a origem das crianças, seja sobre a diferença entre os sexos³.

Tanto os teólogos como Lacan se interessam pelos modos possíveis de demonstrar uma existência: a de Deus, para os primeiros, a do Outro, para Lacan. Assim como Freud discernia claramente o Deus como verdade material – em que obviamente não acreditava – do da verdade histórica, em cuja origem erigia a figura prodigiosa do *Urva-ter*, assim Lacan, a partir de outra plataforma que exhibe a lógica como ferramenta, mas a psicanálise como estratégia, se esforça em traçar a linha divisória entre a existência real – com que não se preocupa, mas sim com suas figurações encarnadas – e a existência lógica do Outro. Não só do Outro do significante, o Outro como lugar da palavra, mas sim, mais precisamente, o Outro do sexo, unindo dessa maneira a existência lógica, fundada no significante, com a existência do Outro do sexo (Rabinovich, 1990).

Se voltarmos agora à criança que há pouco deixamos frente à *Ur-szene*, de forma presencial ou imaginária, assustada frente ao gozo emergente que a ultrapassa, veremos como se debate entre o que a erótica do próprio corpo pode lhe permitir inserir nela, e inscrever com a tinta do gozo *autoerótico* os primeiros parágrafos de um *saber*, uma teoria sexual, recusando-se, com essa invenção, a admitir que não há saber possível sobre o gozo, em uma posição obstinada de *nada querer saber que não há saber-tudo, e menos saber total sobre o gozo*. Insatisfeito, apesar de tudo, com esse gozo recortado que prepara e costura, tecendo-o com o mesmo fio do saber inventado, tentará exigir frutos do saber faltante à árvore seca do Outro do significante, que não lhe dará outros frutos que os ensinados por toda pedagogia e qualquer sexologia, desde a antiga cegonha até a sementinha colocada por papai no seio da mãe, sem que o gozo, por indizível, tenha sido sequer roçado⁴.

Por outro lado, é preciso notar que, desde os vacilantes inícios de fim de século XIX, já se mostrava uma distinção que só muito mais adiante, inclusive depois de Freud, ganharia corpo na disjunção entre *saber* e *verdade*, não diferenciados, mas também não confundidos nos inícios freudianos. E foi necessário esperar também Lacan para que as águas fossem divididas entre *conhecimento* e *saber*. Com o primeiro, traçava-se uma linha divisória e de fronteira com a religião; com o segundo, um caminho bifurcado entre a filosofia – mais

3. Nos adendos de 1915 a *Tres ensayos de teoría sexual* (Freud, 1905/1993), diz o primeiro; em 1925, o segundo. Para além dessas interrogações, o que estimula – e incomoda – a criança é o mistério do gozo parental.

4. Não estou dizendo que a cena primária seja a única instância de surgimento traumático de gozo, mas é, sem dúvida, uma das mais importantes por sua ubiquidade, e foi instaurada por Freud como uma *protofantasia*. Vimos no conto de Borges como o “saber” sobre a nossa origem no leito parental pode ser destruído com uma teimosa incredulidade, assim como a convicção em uma sexualidade exclusivamente fálica impõe ignorar a existência do Outro do sexo.

precisamente, a teoria do conhecimento – e a psicanálise. Porque não bastava o comércio que um sujeito já dado mantinha com o seu objeto, também já ali, mas sim era necessário dar alguma explicação ou refutação à suposta imanência e à escura, quando não mística, procedência de tal objeto e de tal sujeito, e sobretudo dos laços que esses *entes* mantinham com a consciência.

Assim, os dois pontos por onde a psicanálise aparece são, por um lado, sua elucubração – no sentido etimológico originário, proveniente do verbo latino *lucubrare*, que significa “trabalhar de noite, com luz artificial ou de forma esforçada” – no terreno sexual e, por outro lado, o corte – e a comoção, às vezes sufocada pelo alvoroço criado pelo primeiro – que introduziu no pensamento ocidental a postulação do inconsciente, especialmente que ele fosse habitado por pensamentos, ou seja, por um saber do qual não sabemos nada e que, no entanto, nos governa.

De Descartes a Freud e Lacan

Se compararmos a famosa fórmula cartesiana “*cogito, ergo sum*” com a – não muito menos célebre – proposição freudiana “*Wo es war, soll ich werden*”, “**onde** isso **era**, eu devo advir” (Freud, 1933 [1932]/1991a, p. 74), a primeira coisa que percebemos é que Freud interpela o tempo presente instantâneo e puntiforme do *cogito*, movendo o tempo passado (*war*: “era”) e o espaço (*Wo*: “onde”). Essas categorias – cujo *a priori* kantiano será depois impugnado pontualmente tanto por Freud como por Lacan – servem a ele para mostrar a discrepância e o deslocamento entre nosso eu e os pensamentos. Encontrou, de fato, como uma das características mais definidoras do inconsciente, a presença de pensamentos que funcionam de forma autônoma, sem pensador nem propósito algum que não seja o de colaborar na realização de desejos, forjando o que chamou de “*Wunscherfüllende Phantasie*”, “fantasia realizadora de desejos” (Freud, 1917 [1915]/1992a). Tudo isso acontece totalmente fora dos domínios do eu, de quem o separam não só, espacialmente, a *outra cena* (Freud, 1900/1988; cap. 7) em que se acham, mas também sua atemporalidade, alienando-os da índole sucessiva do tempo cronológico. Só o ato da análise tornará possível o resgate de tais deslocamentos quando esses pensamentos tenham sido reconhecidos e assumidos como próprios, e o sujeito tenha se ajustado às verdades reveladas nesse ato.

Por sua vez, Lacan refutará a coincidência cartesiana entre pensamento e ser, entendendo o “logo existo” do *cogito* como o significado da decisiva primeira parte, ou seja, como o conteúdo do *penso*. A tradição filosófica buscava o real do meu ser no que eu era *antes* de pensar; o *ato* cartesiano faz esse corte: a única certeza do meu ser não pode ser fundada por fora e antes de que eu pense, e só no instante em que penso. Essa é a operação que leva Descartes a rechaçar tudo o que pode vir antes de que possa pensá-lo, seja a partir do sensorial, por enganoso que possa ser o que nos informa, ou a partir da razão, cuja sensatez e consistência poderiam ser destruídas por algum “gênio maligno”. O que é, então, o que descarta para alcançar o único objetivo da certeza, o da sua *existência* de sujeito? Nem mais nem menos que todo o sa-

ber, qualquer fosse sua origem, sua fundamentação, sua consistência ou suas qualidades, porque tudo isso termina questionado pela implacável *dúvida hiperbólica*. Exceto, como se sabe, a própria dúvida, que engendra a certeza do *existo*. Esse é, justamente, o **existente** que o *cogito* faz aparecer. O pensamento pelo qual é definido o *cogito*, falso ou não, razoável ou absurdo, empírico ou especulativo, pode me oferecer a oportunidade de concluir que *eu sou* (Milner, 1996) – conclusão que torna inevitável sua comparação com a associação livre. Mas Descartes, ao se afirmar no *ergo sum* como se tratasse de uma dedução lógica do **pensar**, e não simplesmente do seu conteúdo, passa rapidamente ao pensamento qualificado e à consciência. O uso do infinitivo *pensar* ressalta – muito mais do que o da primeira pessoa, *penso* – seu pertencimento à ordem do real, sua dimensão de *ato de enunciação*, que não é a obra de nenhum sujeito, mas sim a causa de que ele advenha precisamente à existência como o efeito de certeza produzido por essa enunciação inconsciente, lançando, além do mais, como significado, o *eu sou*. Ao se perguntar: “O que sou?”, Descartes sai do ponto de certeza para se dirigir ao lugar do saber, o Outro, a partir de onde pode ser formulada a resposta sob a espécie de *res cogitans*: *sou* essa coisa pensante. Ou seja, volta a homologar o eu ao pensamento, como se aquele fosse a *fons et origo* desse, que é precisamente o que Freud veio romper: se há pensamentos no sonho ou no lapso ou no ato falho, o pensamento não é o que a tradição filosófica diz, ou seja, não é um *corolário da consciência de si*, mas sim trabalha longe dela, caminha por si só, acéfalo. O sujeito pontual da certeza, enquanto despojado de toda qualidade, não tem nem *si mesmo*, nem *reflexividade* nem *consciência*; é o que Lacan situa como *sujeito da ciência* – sem afetar o fato de que ela, em seu exercício, o elimine ou o foraclua – e, ao mesmo tempo, equipara o sujeito do inconsciente ao que tratamos na prática analítica. Essa localização do sujeito deriva do fato de que, ante um saber – qualquer que seja, sempre que se repetir com certa regularidade –, tendemos a pensá-lo como vindo de um sujeito que está por trás, organizando-o. Essa é uma demonstração clara do que, com Lacan, chamamos de *Sujeito suposto ao saber*, pilar da transferência, corrigindo de forma leve, mas substancial, o sintagma original de *Sujeito suposto saber* (Lacan, 1964/1987), já que não se trata de supor saber a um sujeito, mas sim de supor um sujeito a um saber que, na verdade, não o possui. Pois bem, esse sujeito *suposto* não é o que aparece na fulguração do cogito, cuja emergência só é possível na medida em que *existe* (**ek-siste**) ao saber, como tampouco é quem dá seu assentimento – ou o recusa –, facultado fugazmente pela estreita e talvez efêmera margem de liberdade que a estrutura deixou sem determinar, sobre o qual o trabalho de uma análise lhe revelou verdades que o motivam. Esse é um sujeito **real**, mais determinante que determinado, mais o que supõe do que o suposto, e que se põe a *decidir* ou a *escolher*, no terreno em que o saber ou a verdade dá lugar ao incalculável da ética (Torres, 2013).

Pois bem, se equipararmos *pensamento* e *saber*, notamos que o sujeito não produz pensamento ou saber, mas sim que é filho deles, de *entre-eles*, a rigor, por muito que, com o eu – com o fantasma ou com os behavioristas –, gostaríamos de acreditar no contrário. Se acrescentarmos agora que o saber se organiza como uma rede de

significantes, e que eles se estendem como um tecido que suporta o “inconsciente estruturado como uma linguagem”, segundo a clássica fórmula lacaniana, chegamos a dizer que o inconsciente é saber, que trabalha por conta própria, sem que ninguém esteja no comando, e que produz repetições que não têm outro propósito – nem outro sentido – que a própria repetição (Freud, 1920/1979).

Percorremos até aqui um dos caminhos trilhados por Freud e Lacan – nem sempre o mesmo; às vezes, divergente – para chegar a essa primeira ruptura que traz a hegemonia da consciência e destitui o eu do seu “comando supremo”, altura de onde é dada a “egocracia”, e que é na verdade desconhecimento até da sua própria tropa, como o cavaleiro, do seu cavalo (Freud, 1923/1996). O conhecimento se subordinou a esse comando, visto que tem uma origem comum com o eu, como destaca Lacan com uma só palavra, *connaisance*, tanto “conhecimento” como “co-nascimento”: ambos modelaram-se sobre a imagem especular, e essa imagem é tanto o próprio eu como o prótípo de todos os objetos ulteriores do conhecimento e os da escolha objetual, ignorando ambos o que tanto falta a essa imagem, como o que devem para a aquisição alienada das suas formas.

Saber que não se sabe e saber impossível de saber

O postulado da coabitação do saber com o gozo, nascido da comprovação de que no gozo do sintoma não parecia se verificar o menosprezo que deriva da castração, supôs um passo fundamental no ensino de Lacan, mudança que começa a se solidificar na altura do Seminário 17 (1969-1970/1982). Durante a época da primazia do simbólico, considerava-se a inserção da linguagem no corpo como uma colonização com efeitos de negatização, desnaturalização; reforçava, antes de qualquer coisa, seu selo mortificante, até reduzir o indivíduo ao regime da palavra e impor-lhe suas regras, diferentes, senão contrárias, às que regulavam seu organismo. Isso levou à perda de um gozo original supostamente pleno, do qual só restariam escombros residuais. É um nome da castração e – guardadas as distâncias e os tempos da teorização – é comparável à minguada satisfação da sexualidade que Freud atribuía às conquistas da civilização, que hoje bem poderíamos resumir em termos de linguagem. Também havia em Freud alguns esboços da mudança que agora indicamos quando, de forma bastante precoce, retirou o Ideal do Eu da posição de arauto dos ideais da civilização e da função antipulsional que tinha no início, para, agora como Superego, denunciá-lo como seu instigador mais ilustre, apesar de oculto.

Ao nos perguntarmos pelas características *linguajeiras* do saber inconsciente e pela sua procedência, vamos remontar às instâncias em que essa colonização plantava suas primeiras sementes no corpo da criança. A insistência repetitiva de alguns vocábulos proferidos no discurso da mãe – meias-palavras, apelidos, hipocorísticos, tons, ênfases ou silêncios – são os primeiros a marcar o real do corpo da criança, e ela os *inscreve* com seu próprio balbucio; apesar de estar longe de construir algum sentido – não por acaso essas primeiras vocalizações costumam ser chamadas de *loquelas* –, forja com eles o acervo em que esse fundo

e irrecuperável *saber* inconsciente se concretiza em união com o gozo. Prova disso é a satisfação do *infans* com seus ensaios de fonação, no eco com os cantos de ninar e as carícias com que a mãe libidiniza os primeiros cuidados do corpo da criança. Ainda mais quando essas sonoridades precoces – significantes soltos ou dispersos, *unidades* fonemáticas sem laços, Uns que não chamam nenhum *dois* – são formas embrionárias da linguagem sem constituir ainda um, e menos um discurso. Apenas dirige-se, digamos, à indústria do gozo. Se em um momento definimos o saber como um tecido de significantes, vemos, no entanto, que nem todo saber se articula dessa maneira, mas que se inscrevem diferentes S_1 que, apesar de parecerem destinados a se unir a um S_2 , ficam em promessa, de modo que, sem chegar a configurar um conjunto articulado, perduram de forma dispersa, carregando, cada um deles, a cada letra, um fragmento do gozo. Sobre isso, Lacan já havia proposto – do Seminário 19 (1971-1972/2011) em diante – o neologismo *lalíngua*, em uma só palavra, em eco com o *laleio* ou a *lalação* das primeiras tentativas de locução alvoroçadas do bebê⁵. Designa, assim, um componente primordial do **Inconsciente real**, *real* porque os significantes que o constituem não formam uma cadeia – impossível fazer com eles uma gramática ou uma sintaxe – e, portanto, não são passíveis de ser entremeados em metáfora ou metonímia propriamente ditas; estão, conseqüentemente, totalmente fora de sentido, e, assim como acontece na psicose, seu desapego dos laços com o resto dos significantes confere a eles esse valor de *real* com que retornam na medula dos sintomas ou, eventualmente, em alucinações (Soler, 2013). Os componentes *literais* da *lalíngua* se consolidaram, de alguma forma, nos contatos precoces com o Outro, mas não em seu discurso nem em seu desejo, não em sua mensagem, como já se disse, mas sim como sons, giros, sílabas, palavras soltas ou modismos cujos tom, entonação, talvez timbre de voz, serão implantados no corpo para abrigar com um mesmo selo o verbo e o gozo, civilizando-o de forma provisória. Isso mantém a *lalíngua* à margem do sujeito, que não pode se reconhecer nela, mas que não a dispensa de viver afetos *enigmáticos* (Lacan, 1972-1973/1975b). A *lalíngua* também está presente no coração gozante do sintoma, onde a *letra* que o inscreve reproduz na identidade consigo mesma o caráter fixo que imobiliza esse gozo (Soler, 2011). Respeitando-se, novamente, as distâncias, uma passagem de *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926 [1925]/1992c) sugere uma perspectiva freudiana similar: “Os estados afetivos estão incorporados à mente como precipitados de experiências traumáticas primevas e são revividos, como símbolos mnêmicos, quando se apresenta uma situação semelhante”⁶. Lacan retraduz os *rastros mnêmicos* freudianos em termos de *Traço Unário*, mas, como ele produz uma diminuição do gozo enquanto o gozo do sintoma o conserva *intato*, faz com que a letra do sintoma derive não do trauma, mas sim da *lalíngua*.

5. Não é difícil encontrar paralelos entre *lalíngua* e o doce vocábulo *lullaby* (canção de ninar), que acrescenta à ressonância fonética, com o *laleio*, o sentido de ninar ou canção de ninar das nossas mães. No entanto, sublinhemos também que a *lalíngua* é assemântica, desprovida de sentido por sua falta de integração em um conjunto. Sem deixar de ter como origem a fala ouvida, a do Outro e a do próprio balbucio, é um primitivo verbalismo que mostra, mais do que nada, sua íntima associação com o gozo.

6. Tradução recuperada de https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16100/16100_4.PDF

Na prática da análise, o pedaço de inconsciente que conseguimos iluminar não só é fragmentário em relação à imensidão da rede associativa que o contém, sempre estruturada como uma linguagem: é muito mais escasso em relação a esse saber da *lalíngua* do Inconsciente real, um saber que não existe para ser sabido. Assemelha-se nisso ao objeto *a*, só que ele não é um saber e, conseqüentemente, sua disjunção com ele é ainda mais categórico, o que não impede que ambos – *lalíngua* e o objeto *a* – intervenham na regulação do gozo; aquela, pela colusão entre significante e gozo; este, por sua condição de *mais-de-gozar*, prestando-se à roupagem imaginária para a conformação do fantasma. Citarei aqui Lacan (1972-1973/1975b), sobre os efeitos da *lalíngua*:

Apresenta todo tipo de afetos que permanecem enigmáticos. Afetos que são o resultado da presença de *lalíngua* na medida em que ela articula coisas de saber que vão muito além do que o ser falante suporta de saber enunciado⁷. A linguagem, sem dúvida, é feita de *lalíngua*. É uma **elucubração de saber sobre *lalíngua***. (p. 127; tradução do autor)⁸

Voltamos a nos encontrar aqui, como havíamos antecipado, com o termo *elucubração*, apesar de que ele agora traz consigo um tom maior de falácia em comparação com a menção anterior, porque seus rendimentos de saber parcial cavalgam sobre aquilo que perdura como inassimilável para o esforço simbolizante: esse fundo de real fora de sentido e que se nega ao saber, saber que se confessa, assim, como não-todo no meio-dizer da verdade. Abre-se aí o sulco que dissocia o S_1 – sob o qual o sujeito busca, sem conseguir, fazer-se significar pelo *saber* (os S_2) – da *verdade* que denuncia precisamente esse fracasso do saber. A verdade, de fato, que não tem outro meio nem outra garantia a não ser a palavra e que, portanto, não tem outra forma a não ser a de se instituir como estrutura de ficção (Lacan, 1960/1966d), *falseia* em parte o que fala porque não pode *dizer verdade* do real, mas ao mesmo tempo dá a reconhecer, em seu meio-dizer, a existência desse real, como demonstrado nos sintomas e nas outras formações do inconsciente, que têm a verdade como causa.

Assim, então, o inconsciente continua a ser “estruturado como uma linguagem”, mas é uma *elucubração* de saber sobre *lalíngua*. Sendo esta intransponível, deciframos aquele, sempre de forma fragmentária. No entanto, além disso, devemos insistir sobre outro fator na avaliação do nosso trabalho. Há um “outro sujeito” cuja aparição é imprescindível: é o sujeito que aceita (ou não) o que foi obtido do trabalho, que pode reconhecer, ou não, esse que supomos haver por trás da cadeia associativa. Esse “outro sujeito” não é “suposto”, não é efeito de nenhum significante nem depende absolutamente dele, mas sim é dono, por um instante, dessa liberdade não conferida por nenhum saber, abre espaço (ou não) ao que ele lhe apresenta. Esse

7. Tradução de Pollo e Rodriguez. Epígrafe. In V. Pollo e M.L. Rodriguez (Trads.), *Prelúdio 6 – Silvia Migdalek*. Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. <http://www.campolacaniano.com.br/preludio06>

8. Tradução livre.

sujeito é *real*, e pertence ao *falante-ser* estendido no divã, a quem nem sequer a estrutura obriga a tomar a decisão de um sim ou um não. Nesse instante, de contato fugaz, mas crucial, com o Real, o tal sujeito – não o tal ou qual sujeito, mas sim *esse*, em sua singularidade – é mais determinante que determinado, mais o que supõe do que o suposto, apesar de esse último ser uma mostra mais da irremediável divisão que o atravessa. Da mesma forma, a *certeza do ato* interpretativo do analista, que, sem deixar de estar marcado pela transferência, está, em si mesmo, fora dela. A tarefa decifradora explora ou reanima significantes adormecidos, inscritos no leito em que jazem, e os une com o pesponto da transferência para atribuir-lhes um sujeito; mas a análise produz, inscreve, também, inédito, algo que não estava ali antes, algo que *cessa de não se inscrever*, fórmula lacaniana do contingente. E que, além do mais, depende de que esse sujeito *real* decida (ou não) inscrevê-lo, decisão igualmente contingente. Convergência sem mistura do nível *epistêmico* com que resgatamos algo do saber inconsciente, com a *ética* de que depende cada um e cuja implicação é tão incalculável como imprescindível para o resultado final.

Observamos agora que, na análise, temos que tratar com dois inconscientes, um dos quais não é conhecido desde Freud, cujo método de decifração não deixou dúvidas sobre a matéria com que lidava: desde o momento em que esse *material* era traduzível em palavras, dissesse isso o paciente com elas ou com outros meios, não podia tratar-se de outra coisa que de linguagem, apesar de que foi somente Lacan quem disse com todas as suas letras: “estruturado **como** uma linguagem” (destaquemos o comparativo que conota homologia, mas não identidade). Falamos da vigência de dois inconscientes porque ele, *como* uma linguagem, subsistiu, enriquecido, além do mais, com todos os acréscimos que lhe foram feitos depois, incluindo não só outro aforismo: “o Inconsciente é o discurso do Outro”, senão dos quatro discursos atribuídos a ele: o discurso do amo é o discurso do inconsciente. Mas não tudo pode ser reduzido à equiparação (em grau de tentativa, como indicamos) de S_1 e S_2 , esse par ordenado ao qual pode ser resumido o tecido simbólico que chamamos de cadeia do significante, a quem supomos-atribuímos um sujeito e, com isso, a dimensão do *sentido* e da *verdade*, dimensões que só existem em relação a um sujeito, ambos clientes do *gozo-do-sentido*, *gosentido* (*jouis-sense*). Não só na psicose é possível apreciar o salto de um elo fora dessa cadeia simbólica, que a rompe para tornar-se real. Os “elementos” da *lalíngua* (aspas para *elementos* porque eles não são agrupáveis em um conjunto) estão *soltos* em si mesmos, estão dispersos, não têm a possibilidade de se juntar nem de gerar uma linguagem propriamente dita, apesar de sua maneira não ser outra que a do fonema⁹, nem de deixar de ter efeitos/afetos insondáveis, mas vivíveis, precisamente por essa união com o gozo que incide no real do vivente. Esse é o IncR, inconsciente real, e, como todo o real, não suscetível de ser sabido, fora do sentido, não demonstrável, mas sim, em todo caso, *mostrável*.

9. Lacan inventa o termo *materialité*, ao qual, pela assonância com materialidade, lhe inocula esse *mot*: vocábulo, palavra, termo.

O que não se sabe é sempre um saber não *sabível*?

Dois fragmentos da obra de Freud, além de uma ferramenta conceitual decisiva, nos conectam com o assunto que estamos tratando. O primeiro se dá no decorrer de *La interpretación de los sueños* (1900/1988), capítulo 7; em um caso, acontece com a impossibilidade de esgotar a interpretação de um sonho ao confrontar-se com o que chama de “o umbigo do sonho, ou seja, o ponto onde ele mergulha no desconhecido”¹⁰ (p. 530). Lido a partir de Lacan, isso contempla nitidamente a descoberta do buraco do **simbólico**, que faz com que o **não-todo** possa ser dito, que o próprio saber seja não-todo e que, infalivelmente, chegue-se a tocar uma impossibilidade, um **real**. O outro fragmento de Freud, já ao final desse texto, afirma:

O inconsciente é o psíquico verdadeiramente real: sua natureza nos é tão desconhecida como a realidade do mundo exterior, e nos é dado pelo testemunho de nossa consciência tão incompletamente como o é o mundo pelos nossos órgãos sensoriais.¹¹ (p. 233)

Trata-se aqui de um *real* mais kantiano do que lacaniano, porque o que Freud afirma ali é que o Inconsciente é mais consistente do que a consciência, relegada a um lugar ilusório ou *imaginário*. Como quer que seja, aqui temos Freud de encontro com os limites do saber, que estreitam, por sua vez, as margens de ação na prática analítica. Com Lacan, caracterizamos a questão do umbigo do sonho, que põe fim à decifração e o real em que desemboca, como o *real do simbólico*, já anunciando que não é o único *real*. Por outro lado, não é a primeira vez que Lacan encontra no simbólico um *impossível de saber* ou de ultrapassar: já havia demonstrado isso desde as primeiras impossibilidades descobertas na combinação de letras em *La carta robada* (1955/1966c), nos *impasses* da lógica e da aritmética com Gödel, dando lugar à primeira noção do real propriamente lacaniano, não já o meramente inas-similável pela linguagem, mas sim o impossível que ele mesmo engendra. Além disso, não se espera a vigência do significante para além do limite que o próprio significante traça, e para além inclusive do produto que ele gera, o objeto *a* que, “caído” no real a partir do veículo que o abandona ali, causa a partir desse lugar a divisão do sujeito, o desejo que o anima e a máquina do mais-de-gozar com que se arma o cenário do fantasma, quadro e tela para tornar o real vivível.

Solto das ancoragens significantes, a operação desse objeto, em *exclusão interna* com o sujeito ($\$ \diamond a$), acontece por fora das margens do saber, apesar de reacendê-lo a partir de seus extramuros, no ardor da curiosidade, por exemplo, *lhe dá* e *lhe nega*, ao mesmo tempo, a verdade do seu dizer inconcluso, ao mesmo tempo em que faz com que brilhem, a partir da sua própria ausência, os encantos do outro quando se enfeita com o imaginário fálico que dissimula sua natureza de lascas carnis e vazio irrepresentável. O insabível do objeto *a* não

é, portanto, da ordem do saber, apesar de perdurar nessa vizinhança com sua função de causa. E o semblante com que está revestido, a partir da posição de agente no discurso do analista, contempla, precisamente, o lugar do não-saber ou o do que “finge esquecer” (Lacan, 1967-1968/inédito), com que o analista trabalha na cura.

O buraco do simbólico é outro nome da *Urverdrängung*, a repressão primordial; essa é a “ferramenta conceitual decisiva” que mencionamos e que instaura propriamente a categoria do impossível. Introduce, além disso, o *não-saber* mais radical, produzido, porém, no próprio engendramento do sujeito, ao “dotá-lo” de um *minus* de saber, menos que estará sempre aí, incurável. Para tocar esse ponto de impossível, é necessário, em uma análise, ter levantado, para dizer como Freud, as repressões ulteriores que estenderam um manto de escuridão e ignorância, instalando um *não saber que não se sabe*. Efeito preciso da repressão secundária, é, além do mais, um nada querer saber da castração, da irreparável divisão subjetiva que desmente minha tola pretensão egóica de governar meu pensamento, meu desejo e meu gozo; da disparidade irresolúvel dos gozos: por um lado, o gozo fálico; mais além, o gozo *Outro*, gozos de encontro impossível pela *não-proporção* que os aflige, decretando a inexistência da relação sexual precisamente por faltar no gozo *Outro a ratio*, a média e extrema razão que confere o conjunto cuja conclusão foi possível pela *existência de uma exceção* à regência do falo, tornando assim habitável esse conjunto e essa regência *para tudo* inscrito do lado masculino (Lacan, 1972-1973/1975b). A não existência da relação-proporção sexual não deve, em si mesma, nada à repressão nem à proibição, que se somam a ela; é só uma falha irreduzível da estrutura e da distribuição dos gozos, ao qual a repressão só contribui com a desconexão desse buraco, buraco *real*, com a viabilidade de um saber enunciável. A falha estrutural da castração, imposta por nossa condição de *falantes*, institui simultaneamente a hegemonia do Falo e apresenta aos falantes o destino sexual disjuntivo dos que se alinharão sob seu único regime e dos que “optarem” por também se afiliarem aí, só que *não-todo* nele. A partir dessa divisão, constituem-se gozos díspares: o que consente a sexualidade restrita do masculino, todo fálico, e do feminino, não-todo fálico. O não-todo anuncia, certamente, um excedente que confere à posição feminina uma passagem a partir do dito e mensurável sobre o tálamo fálico, onde certamente ela também se deita, a esse *Outro gozo*, gozo do *Outro*, suplemento desmesurado -melhor dito, incomensurável- por haver perdido, depois de haver entrado por ela, a *comum medida do Falo*, soltando nesse descarilamento as últimas amarras com a palavra, cuja restituição *lhe* será exigida al *partenaire* homem como uma das demandas mais imperiosas do amor da mulher. Sabe-se, de fato, a diferença verificável entre homens e mulheres em relação à incidência da palavra no encontro sexual: prescindível no homem, porque sua adesão exclusiva ao limitado gozo fálico o abastece quanto à sua identidade, é solidário com a identidade masculina e faz com que se sinta tão mais homem à medida que mais exercita seu sexo. Pelo contrário, no gozo feminino, gozo *Outro*, o desaparego da palavra é completo e

10. Tradução extraída de Freud, S. (1987). *Ed. standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalhos originais publicados entre 1886 e 1889).

11. Tradução extraída de Gurfinkel, D. (2001). *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

gera, para além do tumulto de sensações voluptuosas, essa espécie de desconcerto subjetivo que a lança em uma demanda desesperada, louca, muitas vezes, pela palavra do Outro do significante e pela restituição de sua identidade feminina pela via de ser nomeada no amor, já que o gozo experimentado, ao contrário do que acontece no homem, nada tem de identificante (Soler, 2007). O real em questão encontra, porém, seu lugar, especialmente a partir do Seminário 20, *Aún* (Lacan, 1972-1973/1975b), onde, ao lado das fórmulas da sexualização, são diferenciados os gozos recém-esboçados. A escrita do nó borromeano, último degrau da escada topológica do Lacan vivo, implicou uma revisão dos registros Real, Simbólico e Imaginário, com que especialmente o primeiro deixou de ser uma dependência ou *suposição* do Simbólico, tal como podíamos suspeitar por trás do muro intransponível com que nos encontrávamos depois de haver exaurido até o esgotamento a mistura simbólico-imaginária da associação livre, do pensamento, do saber e, ainda, do fantasma. Além disso, o saber duramente conquistado no trabalho de uma análise por tais meios é, senão em si mesmo *elucubração* (eventualmente imaginária) sobre o saber falado da *lalíngua* do Inconsciente Real, em todo caso não mais que pedaços, fragmentos, pedacinhos desse saber aninhado em fusão com o gozo nos nichos *literais* da *lalíngua* (Lacan, 1972-1973/1975b, 1973-1974/inédito). Esse real, fora do sentido e em consonância com o vivente, é o que espera no centro gozante do sintoma, uma vez que se desembaraçaram seus envoltórios metafóricos, concessores do (gozo do) sentido e promesseiros de mais sentido, em um verdadeiro labirinto interminável de derivas associativas. O gozo do sintoma, forjado na seleção de um S_1 existente entre o balaio de gatos da *lalíngua* e a letra que o estabelece, é imposto, por sua origem *lalínguajeira*, ao gozo fálico e a representar o sujeito na sua mais profunda intimidade, não nesse caso por sua dependência significante, mas sim por portar esse gozo singular, de cada um, intransferível. Se o sintoma é portador do gozo fálico, deduzimos que o Inconsciente em si não conhece outro gozo senão esse, que diz sempre a mesma coisa, que o discurso que o rege e que emite é o do Um fálico e que, portanto, ignora o Outro gozo, que, no entanto, *ek-siste*. De modo que o saber que podemos obter a partir do *dizer* Inconsciente, ou o que suspeitamos na letra que estabelece o gozo do sintoma, está estruturalmente cerceado por esse gozo Outro, o mais negado a todo saber possível porque nunca teve nem terá relação com a palavra. É o ponto gerador, por um lado, da *crença*, ou seja, da aposta, quando toda indagação racional se exauriu, em uma *ek-sistência*, incluída certamente a de Deus, não só suposto ao saber, senão suposto ao *dizer*. Também suscita-se um “ato de fé” em relação ao sintoma: ignora-se o saber que contém, mas *acredita*-se nele, *acredita*-se que tem algo a dizer, e é esse o ponto de partida do *sintoma sob transferência*, princípio básico da psicanálise.

À crença – reconhecida ou não – em um Deus e a crer no sintoma, e pelas mesmas razões da refratariedade ao saber, soma-se a crença no Outro do sexo e sustenta, é importante sublinhá-lo, a sobrevivência da diferença crucial, a diferença dos sexos, a que separa os gozos,

em um tempo em que a vigência de um discurso que só se sustenta no *hegemon* fálico ao mesmo tempo em que nega a castração que o institui como tal – refiro-me ao discurso capitalista – ameaça abolir totalmente essa diferença, abolição que não está alheia aos surtos da violência que se propaga e se multiplica em nossos dias¹².

Poderíamos distinguir, assim, as instâncias em que nossas aspirações ao saber têm que depor seu afã e ceder lugar ao “que não se sabe”. Se nos valermos, para isso, dos registros lacanianos e da sua união ao nó borromeano, observaremos que o *saber que não se sabe*, com que, de Freud em diante, definimos o inconsciente, não é único nem homogêneo. O “*não sabível*” ali corresponde, no que depende “propriamente do simbólico”, ao buraco que o deixa oco e que com Freud chamamos de *repressão primordial*, que determina o momento de perda de saber (e de gozo) que acompanha a própria constituição do sujeito. O *real do simbólico* pode se estender à área que, no nó borromeano, indica o cruzamento do círculo do simbólico com o do real, onde se situa o gozo fálico, *alma Mater* – que não é *alma de mãe*, mas sim *substância nutriz* – do sintoma que se forja ali mesmo, coligando-o a um elemento de *lalíngua* e marcando-o com a letra que o estabelece. Por último, o círculo do Real, *real fora do simbólico*, é um buraco puro onde se dilata em uma infinitização inabarcável o *gozo Outro*, o *gozo feminino*, intocado pela palavra e, para isso, apesar de experimentável por seu ocultamento com o Imaginário, radicalmente inapreensível ao saber. Qualquer uma dessas muralhas onde se acabam nossas possibilidades de saber e nos encontramos com o real pode suscitar uma reação que passível de ser designada, em geral, como um “ato de fé”: trata-se da *crença*, mas destacamos o *ato* porque contempla uma suspensão do saber, pelo menos momentânea. Tão geral é esse fenômeno da crença quando o saber ou a razão não podem nada que Freud (1911-1913/1991b) não pôde ignorar que estivesse pontualmente ausente na psicose. Destacou a *Un-glauben*, a *descrença*, como uma característica que torna o paranoico incrédulo de que possa haver um *mais além* do saber do Outro, ele, que está tão submetido e gozado por esse saber onímodo que descrê totalmente que algo dele mesmo, seu inconsciente, possa estar envolvido na trama de ódio e perseguição que seu delírio inflama¹³. Recordemos que

12. Femicídio ou violência de gênero são as formas adotadas, em nossos tempos, pela tentativa de replantar, pela força, a diferença, ou de aboli-la mediante o crime. “Matei-a porque era minha” ou fórmulas equivalentes costumam ser o argumento subjacente aos ultrajes cometidos contra mulheres, geralmente por autoria dos seus cônjuges atuais ou passados, e que na verdade delata que o empurrão feminicida não revela outra coisa senão a impossibilidade de que o Outro sexo pudesse homologar-se ao fálico, mais além de que a mulher, por estar habilitada também ao gozo fálico, apesar de *não-toda* nele, ajuste-se ao tratamento que a equipara ou incluso exige o tratamento com todo o direito moral, social e político que lhe cabe. Eles matam porque elas jamais poderiam ser deles, mesmo na mais tranquila e consensual das relações de casal, mas a discórdia, a infidelidade, o desprendimento ou a separação deixam solta essa irreduzível e insuportável alteridade, como se nesses casos apenas pudesse ser eliminada a sangue e fogo.

13. Quando, nos primeiros escritos e seminários, Lacan (1953-1954/1975a) trabalhava na questão das paixões fundamentais do ser, ele as estabeleceu em relação com a união de dois dos registros, já consignados como Imaginário, Simbólico e Real, apesar de não desenvolvidos em sua totalidade, especialmente o último. Ali situava o *ódio entre o imaginário e o real*. Mais de 20 anos depois, já com a topologia borromeana, situa ali mesmo o *gozo Outro*, o que permite vincular o *ódio*, o perigoso ódio paranoico ou seu reverso melancólico, com esse gozo obscuro e inapreensível.

Freud preconizava como uma conquista nada menor do trabalho analítico o fato de ter consolidado no analisando a *crença no inconsciente*.

Se o real que vislumbramos por trás das fronteiras do não saber é de fato desprovido dos instrumentos da razão, do pensamento, do saber, em uma palavra, do *logos*, o gozo que habita nele – seja aquele que ainda carrega a marca do significante, o fálico (em *lalíngua*, o sintoma etc.), seja o anômalo gozo *Outro* – só é postulável como **ek-sistentes**, ou seja, não sustentáveis por nenhum discurso que possae enfeitá-lo com algum atributo. Desse *buraco insondável*, também brota a – quase inevitável – crença em Deus, da qual também só pode postular-se sua **ek-sistência**. Daí que a única teologia que cabe a Deus seja uma teologia negativa: qualquer atributo o desmerece, assim como machuca o narcisismo qualquer qualidade que, por melhor que seja, põe limites ao ego, que queria ser sem atributos ou possuí-los em sua totalidade. Por isso o “*Ego sum qui sum*”, “Sou o que sou” com que Deus despacha Moisés, que lhe perguntou sobre seu nome para dizê-lo ao seu povo, não é predicável. A partir dessa fórmula, não é possível seguir nenhum predicado, nem sequer um Nome pode ser atribuído a ele: é um *existente* do qual não pode ser dito nada. É um Um inominável.

Tanto Freud como Lacan, apesar dos atoladeiros que encontraram e que, de forma resumida, foram esboçados aqui, e tendo provado a insuficiência da palavra – ferramenta solitária, no final das contas, na nossa prática –, não abandonaram a batalha em nenhum momento e continuaram de forma tenaz no que, nas escolas lacanianas, chamou-se de *orientação ao real*, assim como Freud havia se lançado em busca do *real do sexo* contra a *realidade* da sua época. Porque é necessário considerar que, às vezes, o ceticismo extremo, aquele que diz que “Não há saber possível” ou “Não é possível saber nada”, transforma-se em uma tampa arrogante da falta que transcreve de forma literal, mas obliterante, o saber da finitude ou o *saber do não saber*. Pois essa barreira, com que Freud se confrontava com um *desejo de saber* ou até com uma *pulsão de saber* (*Wißtrieb*), tinha a custódia de um “afeto”, de acordo com Lacan, que a tornava ainda mais impenetrável: o *horror de saber*.

No entanto, nem Freud nem Lacan deram por encerrado seu ensino, nem se recusaram a deixar interrogações abertas: *¿Qué quiere la mujer?* (Freud e Andreas-Salomé, 1968). Freud conseguiu... não saber. E Lacan também, e... também não.

Resumo

Desde o início, destaca-se a proximidade, e também a disjunção, entre o saber e a sexualidade. Um relato de Borges deixa ver de forma literária, mas vívida, a opacidade sexual. Indica-se também a origem comum do gozo sexual e o saber nas teorias sexuais e na curiosidade da criança. São descritas diferenças entre saber e verdade, bem como entre conhecimento e saber. A separação entre sujeito e saber é apresentada em relação ao *cogito* cartesiano. Destaca-se também a convivência do gozo com a *lalíngua*, base do Inconsciente **real** como distinguível do Inconsciente **simbólico** (*estruturado como uma linguagem*). Finalmente, são esboçadas algumas proposições relacionadas ao (não) saber em relação ao objeto *a* e à incompatibilidade dos

gozos, gozo *fálico* e gozo *Outro*, ou feminino, suporte da inexistência da relação-proporção sexual.

Palavras-chave: *Saber, Gozo, Sujeito, Sexualidade, Gozo fálico.*
Candidatos a palavras-chave: *Lalíngua, Não-todo, Gozo Outro.*

Abstract

Neighborhood, as well as disjunction, between knowing and sexuality are emphasized from the beginning. A story by Borges reveals literary but lively sexual opacity. It is also pointed up the common origin of sexual jouissance and knowing in children's sexual theories and curiosity. Differences between knowing and truth, as well as between knowing and knowledge are described. The split between subject and knowing is presented with regard to cartesian *cogito*. It is likewise stressed the cohabitation of jouissance with *thelangue* (in one single word; fr: *lalangue*; spanish: *lalengua*), foundation of the **real** unconscious, to be distinguished from the **symbolic** one, which is “structured like a language”. Finally, some propositions are sketched in reference to (not) knowing regarding the object *a*, and incompatibility between both jouissances: *phallic* jouissance and *Other's or feminine* jouissance, which brings about as a result the nonexistence of sexual relation-*ratio*.

Keywords: *Knowing, Jouissance, Subject, Sexuality, Phallic jouissance.* **Candidates to keywords:** *TheLangue, Not-all, Otherjouissance.*

Referências

- Borges, J. L. (1996). La secta del Fénix. In J. L. Borges, *Obras completas* (vol. 1, pp. 521-523). Buenos Aires: Emecé. (Trabalho original publicado em 1944)
- Freud, S. (1979). Más allá del principio del placer. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 1-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1980). Recordar, repetir y reelaborar. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 12, pp. 145-157). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1986). Introducción del narcisismo. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 65-98). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1988). *La interpretación de los sueños* (vol. 3; L. López-Ballesteros, trad.). Madri: Alianza. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1991a). Nuevas conferencias de introducción al psicoanálisis. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 22, pp. 1-167). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932])
- Freud, S. (1991b). *Obras completas* (vol. 19; J. L. Etcheverry, trad.). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1911-1913)
- Freud, S. (1992a). Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 215-234). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917 [1915])
- Freud, S. (1992b). Contribución a la historia del movimiento psicoanalítico. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14 pp. 1-64). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1992c). Inhibición, síntoma y angustia. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 20, pp. 71-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926 [1925])
- Freud, S. (1993). Tres ensayos de teoría sexual. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 7, pp. 109-224). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996). El yo y el ello. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 1-66). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. e Andréas-Salomé, L. (1968). *Correspondencia Freud-Lou Andréas-Salomé*. Madri: Siglo XXI.

A dor e o que não se sabe: ética da escuta analítica

*Esse saber não sabendo
é de tão alto poder,
que os sábios debatendo
jamais lhe podem vencer;
que não chega seu saber
a não entender entendendo,
toda ciência transcendendo.*
Juan de la Cruz

Em analogia com o monólogo shakespeariano, neste trabalho, saber ou não saber é a questão, trata-se de uma leitura a partir da psicanálise sobre a relação entre a dor e o que não se sabe. A ignorância que se intromete na ausência de entendimento, na falta de um tomar conhecimento sobre algo “que continua estranho, que um alguém, [...] Esse Um aí se acha nesse estado que podemos chamar existência” (Lacan, 1973/2012b, p. 60)¹. Complexo e paradoxal é aquilo que, sendo estranho, é concebido em uma apreensão imaginária de algo sobre o qual não se sabe, mas que cobra seus efeitos em cada história de vida, no corpo, na relação de objeto, sob a forma de sofrimento. Seguindo o ensinamento de Lacan, poder-se-ia argumentar que é a falta de uma letra, o que se revela como um *saber dizer* sobre a dor.

Isso nos leva a perguntar: O que, em psicanálise, chamamos de dor? Existe um saber sobre a dor? Sabe-se a partir e na dor? Um saber sobre a dor continuará no lugar da estranheza, pois esse *ex-siste* deixa simultaneamente em si e fora de si. Apesar de ser universal e inerente ao humano, no campo da psicanálise, circunscreve-se a um saber que não se sabe e que faz a sua aparição em oposição ao universal, como um saber e um dizer que é não-todo, algo indizível ou que, de outra forma, inscreve-se em um dizer furado como figura enigmática da *ex-sistência*.

Sem filiação a um iluminismo, a psicanálise não adere a uma compreensão, um entendimento ou um conhecimento, não obstante se baseia em um saber não-todo sobre o inconsciente, porque está implicada na repressão de uma dupla maneira: a) por aquilo que a funda sobre o que nunca poderá ser revelado e b) pelo que se revela com a marca dessa impossibilidade. No espaço

* Universidad Autónoma de San Luis Potosí.

** Universidad Autónoma de San Luis Potosí.

1. N.T.: Tradução de M.D. Magno. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Lacan, J. (1985). O amor e o significante. In M.D. Magno (trad.). *O Seminário: Livro 20: mais, ainda* (pp. 53-69). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973).

de análise, sua função é original e diferente de grande parte das estratégias clínicas que baseiam sua ação em um saber e sua intenção na cura como um bem universal. Por isso, P. Guyomard (1998/1999) afirma que “a psicanálise tem a ver com os efeitos da palavra e não com um saber reparador” (p. 25). Isso nos leva a considerar que a relação entre saber e repressão em Lacan é inerente à formulação de uma teoria do sujeito em psicanálise. Sem repressão e, portanto, sem o fundamento do inconsciente em psicanálise, é impossível entrar no campo do sujeito. Sujeito ao reprimido, ao não-todo do saber, capturado no espaço pulsional que o mantém preso no mais íntimo, que por sê-lo em demasia se torna o mais *êxtimo*² de acordo com a proposta de Lacan (1960/2015a), quem o descreve “como sendo esse lugar central, essa exterioridade íntima, essa extimidade, que é a Coisa” (p. 169)³.

Daí o fato de considerar a problemática relação da dor com as paixões, vista não em um sentido romântico, mas no do excesso, no do *pathos*, no de algo que pode aparecer “em torno desse vazio, que designa justamente o lugar da Coisa” (Lacan, 1960/2015a, p. 170)⁴. A dor poderia, então, aparecer na forma de extimidade, manifestação de um *pathos* ou tradução de um não saber.

“Mas, depois de tudo, quem sabe?”⁵, pergunta Lacan (1973/2012b, p. 66), “como para não dizer (...) que o inconsciente é estruturado *por* uma linguagem. O inconsciente é estruturado como os ajuntamentos de que se tratam na teoria dos conjuntos como sendo letras” (p. 65-66)⁶, aludindo assim às matemáticas como horizonte do discurso analítico. Além disso pergunta:

Uma vez que para nós se trata de tomar a linguagem como aquilo que funciona em suplência, por ausência da única parte do real que não pode vir a se formar em ser, isto é, a relação sexual, - qual é o suporte que podemos encontrar ao não lermos senão letras? (Lacan, 1973/2012b, p. 66)⁷.

Questão que continua atravessando a psicanálise tanto em suas conjecturas teóricas quanto em sua prática; nesse sentido, poder-se-ia ler a dor como traço do real impossível de “formar-se de letras”? Pensar sobre a contiguidade entre a dor e o que não se sabe sobre aquilo que se está tentando suprir, e que está sempre presente no tema do sofrimento

2. Miller (2010) assinala que esse vocábulo aparece uma vez n'A *ética da psicanálise*. Embora Lacan o mencione dez anos mais tarde em seu seminário, ele não o retomou. Segundo Miller, “o *êxtimo* é o que está mais próximo, mais interior, sem deixar de ser exterior. [...] O termo *extimidade* se constrói sobre *intimidade*. Não é o seu oposto, porque o *êxtimo* é precisamente o íntimo, inclusive o mais íntimo – tendo em vista que *intimus* já é em latim um superlativo. Essa palavra indica, no entanto, que o mais íntimo está no exterior, que é como um corpo estranho” (pp. 13-14).

3. N.T.: Tradução de A. Quinet. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Lacan, J. (2008). O amor cortês em anamorfose. In A. Quinet (trad.). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960* (pp. 169-187). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960).

4. N.T. *idem*

5. N.T.: *op. cit.*

6. N.T.: *idem*

7. N.T.: *ibidem*

e da não relação sexual, poderia abrir algumas reflexões ao conceber essa relação como uma *revelação* do inconsciente.

Existe na dor um saber oculto ou um *não querer saber*, na medida em que a dor surge como uma figura traçada a partir do *das Unheimliche* como um negativo, no sentido de uma subtração do saber do campo da consciência, que traça o resto que faz marca na ideia de um querer saber que é secreto e que poderia ser revelado. Ou seja, produz-se a substituição de um positivo *por* um negativo que surgiria, entre outras formas, como dor, como fronteira, transformando-se em ligação entre o oculto e o que se está por saber.

Enquanto querer saber e saber oculto, a questão seria pensar se a dor mascara um por dizer ou se também haveria na dor e *no que não se sabe* uma dimensão inquietante⁸, ao reconduzir tanto a dor quanto o inquietante do vivenciar “algo reprimido, há muito tempo conhecido” (Freud, 1919/1992f, p. 368)⁹. A este respeito, a dor pode ser considerada uma ponte que conecta com o mais original, aquilo que foi fundacional e que, portanto, é impossível revelar: a repressão originária em Freud, ou a relação não sexual em Lacan. A dor como ponto de contato entre diferentes espaços e tempos, ao mesmo tempo, atua também como um bálsamo que protege do pior. Lembramos a frase que William Faulkner escreveu em uma de suas novelas: “Entre a dor e o nada, prefiro a dor”.

Reconhecendo que na dimensão inquietante da dor haveria “forças ocultas nocivas” (Freud, 1919/1992f, p. 368-369)¹⁰, a dor é pensada como algo que insiste a partir do íntimo e antigo, corporal e mítico, erógeno e erótico, bem como a partir do ignorado e do por saber: o *das Unheimliche* ou o *êxtimo*.

E o que dizer sobre o que, de uma posição de analista, deve-se saber e fazer, qual é seu saber na análise? Pergunta que é introduzida por Lacan (1953/2009) em *Variantes do tratamento-padrão*, afirmando que aquilo que o psicanalista deve saber é ignorar o que sabe, um fato que o conduz a calar-se “*em vez de responder*” (p. 353)¹¹. Saber ignorar e saber calar tornam-se primordiais para a análise: “É na medida em que o analista faz silenciar em si o discurso intermediário, para se abrir para a cadeia das falas verdadeiras, que ele pode instaurar sua interpretação reveladora” (p. 355)¹².

No mesmo texto, Lacan se refere à douta ignorância como aquilo que leva o analista a “encontrar a sua medida” (p. 364)¹³ na análise. Essa medida é a que dá lugar a uma tomada de posição que abre caminho para futuros desenvolvimentos, que contemplem a análise mais a partir dos princípios de uma ética que de uma técnica, na

8. N.T.: No original, *ominosa*, tal como na tradução em espanhol de “*Das Unheimliche*”, “*El ominoso*”.

9. N.T.: Tradução de P. C. de Sousa. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Freud, S. (2010). O inquietante. In P. C. de Sousa (trad.). *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (pp. 328-376). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).

10. N.T.: *idem*.

11. N.T.: Tradução de V. Ribeiro. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Lacan, J. (1998). *Variantes do tratamento-padrão*. In V. Ribeiro (trad.). *Escritos I* (pp. 325-364). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1953).

12. N.T.: *idem*

13. N.T.: *ibidem*.

medida em que a *questão ética*, como diria Lacan (1959/2015b), “articula-se por meio de uma orientação do referenciamento do homem em relação ao real” (p. 23)¹⁴. Para além de uma pergunta sobre o *ser*, a questão ética da psicanálise aponta para o homem, e não à sua relação com a razão, mas com a verdade, articulação que aqui configura um posicionamento ético que implica o lugar do homem – tanto de quem escuta quanto de quem diz – a respeito da dor.

No tempo desse processo encontramos autores como O. Mannoni (1969), quem afirma que o encontro de Freud com Fliess foi muito além da questão do saber para converter-se na base do que ele chamou de análise original: “Foi esse encontro [...] que permitiu que o saber teórico já adquirido chegasse, não a completar-se, nem tampouco a confirmar-se, mas a ser objeto de uma mutação decisiva” (p. 98)¹⁵, transformação que teve como efeito a submissão de Freud aos efeitos do inconsciente em sua própria história, o que o levou a tomar precaução com o uso que oferecem a transferência e as suposições do saber que ela gera, e com como o analista se vê forçado pela regra fundamental da análise – a associação livre – a renunciar ao uso desse poder. Trata-se da subtração do analista na análise pelo privilégio concedido pelo campo da palavra, que abre uma nova via da maneira em que a verdade está presente como verdade inconsciente, sempre cindida do saber. A verdade não-toda é a que não cessa de dar testemunho, mesmo em um dizer sobre a dor, raro momento de existência em que

essa fala, que constitui o sujeito em sua verdade, é-lhe no entanto permanentemente proibida, fora dos raros momentos de sua vida em que ele tenta, ainda que confusamente, captá-la no juramento, e proibida porque o discurso intermediário o impele a desconhecê-la. Entretanto, ela fala por toda parte onde pode ser lida em seu ser, ou seja, em todos os níveis em que o formou. Essa antinomia e a mesma do sentido que Freud deu à noção de inconsciente (Lacan, 1953/2009, p. 355)¹⁶.

Ora, a partir do lugar da escuta, caberia perguntar-se de onde surge essa posição frente à verdade impossível de dizer, da submissão do analista à regra fundamental que o conduz a situar-se irremediavelmente em cada tratamento nessa via onde a dor é contígua à relação não-sexual? Travessia sem outro referente que aquele que o analista transitou em sua própria análise, de onde a ética iria sobrepor-se ao uso de protocolos e regras de aplicação clínica. Esse dado anterior, que não trata de fundamentar um saber acadêmico, mas o lugar que o analista ocupa frente ao saber não sabido transmitido e encontrado a partir de sua experiência com a castração: “Na análise, a ética limita os abusos, examina o sentido da técnica e preserva a dimensão da verdade, em oposição ao saber” (Guyomard, 1998/1999, p. 14)¹⁷.

Não há analista sem análise, da mesma forma que é impossível pensar o sujeito dividido sem uma teoria que dê conta da relação disjuntiva entre saber e verdade. Nesse sentido, Guyomard (1998/1999) afirma que

14. N.T.: *op. cit.*

15. N.T.: Tradução livre

16. N.T.: *op. cit.*

17. N.T.: tradução livre.

quando Lacan se refere ao desejo, abre o espaço para pensar o campo da subjetividade, porém, tal campo não garante a presença, em nenhum momento, de qualquer sujeito. A verdade do inconsciente põe à prova toda ideia de substancialidade, tendo em vista o sujeito, e é por isso que esse autor defende que no campo da clínica, trabalha-se com o sujeito do fantasma, nunca com o sujeito do inconsciente, porque esta é uma suposição necessária, mas nunca presente como tal.

A experiência clínica revela então diferentes formas de subjetividade que não podem ser reunidas em uma só: sujeito do supereu, sujeito do fantasma e sujeito do inconsciente guardam diferenças radicais entre si que impedem tratá-los da mesma maneira, tanto teórica quanto clinicamente. Dessa posição também se deriva a necessidade de diferenciar o uso que se dá ao termo *sujeito* em referência ao indivíduo social, do uso em referência ao sujeito que está presente na prática psicanalítica. É comum nos trabalhos especializados observar como se passa de um sentido a outro do termo, sem qualquer distinção, o que provoca confusões em relação ao sujeito psicológico e àquele que está no coração da experiência analítica.

Em conexão com o desejo, cuja dimensão essencial é ser “desejo de desejo” (Lacan, 1959/2015b, p. 26)¹⁸ enquanto desejo ligado a um objeto que o causa e que se inscreve no campo da perda, poderíamos pensá-lo como aquilo que abre a possibilidade de provocar, sob transferência, o aparecimento de diferentes subjetividades, mas com a exceção do ponto de partida da aposta analítica: supor o desejo inconsciente como “um saber sem sujeito” (Guyomard, 1998/1999, p. 51).

Nesse contexto, as perguntas que se formulam são: “como pensar a dor na clínica psicanalítica?”, “de onde surgiram as vias para tratar sua relação sempre presente em cada história de vida?”, “quais foram as primeiras aproximações para dar conta de sua inscrição no psiquismo e sua incorporação somática?”.

Partindo da ideia de que a dor e o sofrimento possuem um vínculo diferente com a palavra, no qual saber e verdade se fazem presentes desde os primeiros momentos da vida, tal como pode ser observado no traço que deixa o grito ou o choro do *infans*: por um lado, dirige-se a um outro, e, por outro, introduzem-se sub-repticiamente na ordem do significante e do sentido.

Essas duas coordenadas somadas às questões recém levantadas nos permitirão fazer um percurso pela obra de Freud, no qual podemos vislumbrar em germe o que o criador da psicanálise escutou e teorizou de forma original, rompendo com o saber da sua época.

Freud e a “dor surda”

Na experiência clínica da psicanálise, desde o início, Freud reconheceu no discurso dos pacientes um duplo vínculo ineludível: em cada relato, corpo e história encontravam-se imbricados. Na superposição

18. N.T.: Tradução de A. Quinet. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Lacan, J. (2008). Nosso programa. In A. Quinet (trad.). *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-1960* (pp. 11-26). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960).

de ambos os planos, detectou uma forma de mal estar que chamou de “dor surda”. Tratava-se de uma dor que não era possível constatar por meio dos critérios estabelecidos pelo saber médico. A dor surda pertencia às chamadas doenças imaginárias, e destacava como podia causar um sofrimento igual ou maior do que a dor real.

Dessa maneira, abre-se um novo campo para a pesquisa clínica e terapêutica. Dentro do campo da psicanálise, surgiu assim a necessidade de especular sobre como se produzia a passagem do psíquico ao somático, e vice-versa, ao dar conta de que, nos sintomas e nas experiências de dor e sofrimento, os símbolos, os jogos de palavras, a linguagem, aspectos traumáticos – não tanto pelo vivido, mas pelo interpretado por aquele que sofre – estavam implicados no funcionamento do corpo. As lembranças, o desejo proibido, a força pulsional passaram a ocupar um lugar primordial para recorrer ao sonho e à fantasia como vias de tradução do vínculo com a dor.

Um elemento comum que começou a ser reconhecido como dor psíquica foi a observação da constante constelação que formavam a perda e o luto. Ambos se tornaram um pilar para o trabalho clínico que levou Freud a dar um próximo passo, mas desta vez no terreno do narcisismo. A guinada produzida pelos trabalhos conhecidos como metapsicológicos constituíram um pilar para a localização conceitual da dor na teoria psicanalítica. Cada história apresentava a passagem pela dor, o grau de intensidade variava de acordo com o tipo de laço que mantinha com um objeto, uma lembrança, um ideal ou um desejo. Ele alertou que a perda poderia ser tão dolorosa quanto um traumatismo no corpo, na medida em que o corpo constituía, ao mesmo tempo, o suporte da imagem narcisista como uma das principais fontes do trauma.

A solidez que a teoria do inconsciente ia adquirindo se constatou repetidamente no modo como, apesar da vivência, a dor ficava cindida de sua causa no plano da consciência. No discurso, aquele que sofre não podia perceber a origem de seu sofrimento, encarnava psíquica ou somaticamente uma verdade que não podia acessar o âmbito do saber. Esse fato marcou a necessidade de realizar uma distinção entre duas dimensões do sofrimento; aquela que encontrava a via de expressão através da palavra, e outra, que, mesmo quando apresentava efeitos tangíveis sobre o corpo e a alma, era indizível.

Algo parecido aconteceu com a palavra do analista no uso da interpretação ou da construção. Em ambos os casos, havia ocasiões em que o interpretado ou o construído abria uma ponte para passar do não sabido ao dito, mas em outras, inclusive quando o relato rodeava certos pontos da história, chegava ao *impasse* do saber e, ainda assim, a resolução sintomática ou do sofrimento podia ser observada. Isso leva a um distanciamento da ideia de que na experiência psicanalítica a resolução consiste no dizer; trata-se, antes, de uma mudança nos processos psíquicos – em termos freudianos – ou na posição subjetiva – segundo o ensino de Lacan – em relação ao saber e à verdade do inconsciente, sem que necessariamente passe pelo dizer.

Desde então, o laço entre a dor, o saber e o não saber se alinhava em cada história sob a forma de uma marca que enlaça uma série de elementos que formam um conhecimento escondido. Pode-se

também argumentar que, quando a dor se liga à queixa, mostra já uma intencionalidade e uma direção ao estar direcionada a um outro. Através da palavra, faz-se presente o distintivo da identidade, da singularidade no relato que se faz frente a alguém, ou no lamento ao qual se recorre estabelecendo uma forma de vínculo com o outro através de certa posição em relação à dor.

No entanto, a intimidade com a dor tem um carimbo especial: o que não se sabe. Aquilo, único, que não tem possibilidade de ser exteriorizado, colocado na condição de impedimento. Então, a dor permanece hermética, absolutamente surda, muda, incapaz de ser atravessada pela escuta, pelo silêncio, pela palavra, pela letra, persiste indefinida nos estratos do aparelho perceptivo da alma, uma dor que não dá lugar à representação. É vivida como algo alheio, surge como uma espécie de contusão psíquica difusa e expansiva, colapsando toda possibilidade de tradução, deixando o eu em um estado de inibição frente às exigências da realidade, alterando suas funções e dando lugar a processos regressivos.

Quais seriam as possibilidades da clínica psicanalítica diante dessa condição? Pensar a dor impossibilitada de passar à palavra implica introduzirmos, no campo da relação que o sujeito tem com a sua história, sua possibilidade ou impossibilidade de relatar esse vínculo. Trata-se mais de identificar uma posição que um conhecimento.

Como exemplo, tomemos os desenvolvimentos que Freud (1914/1992a) leva a cabo em *Luto e melancolia*, onde sugere que haveria uma “reação à perda”, reação que na maioria das vezes passa pelo não saber. Aquele que sofre sabe sobre a sua perda, mas não sabe o que foi que perdeu. Isso produz desconcerto, conflito e o início do que Freud (1917 [1915]/1992c) chamou de o trabalho de luto: “não podemos, porém, ver claramente o que foi perdido, sendo de todo razoável supor que também o paciente não pode conscientemente perceber o que perdeu” (p. 277)¹⁹. O perdido é da ordem do que não se sabe e produz uma reação que, no limite, pode levar a tentar reter o objeto através de uma psicose alucinatória de desejo ou uma inibição melancólica que “parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente” (p. 278)²⁰.

Na mesma direção, no *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917 [1915]/1992b), atribui ao luto “certos estados e manifestações, que podem ser considerados como *protótipos normais* das afecções patológicas” (p. 253)²¹. Considere-se que a palavra *luto* apresenta um caso de homonímia, já que seus dois significados principais derivam de raízes diferentes: *duellum* e *dolus*, respectivamente, “luta entre dois em

19. N.T.: Tradução de J. Salomão. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Freud, S. (1976). Luto e Melancolia. In J. Salomão (trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV (pp. 271-291). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915 [1917]).

20. N.T.: *idem*.

21. N.T.: Tradução de J. Salomão. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Freud, S. (1976). Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In J. Salomão (trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XIV (pp.249-267). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

um mano a mano” e “pesar pela morte de um ente querido”²². Ambos os sentidos articulados na combinatória do luto lhe conferem nuances especiais quando este se instala permanentemente sob a forma da melancolia, na qual a perda possui mais peso que o objeto.

Uma vinheta clínica²³ a partir da qual se poderia pensar as encruzilhadas e linhas fronteiriças da dor corresponde à vivência de alguém que, como resultado de um acidente, passou por uma cirurgia para remoção (amputação) de sua extremidade inferior direita. Durante o processo hospitalar, a solicitação de apoio terapêutico foi realizada pela equipe médica, que relatou marcada irritabilidade, isolamento e confusão. Na nota médica constava que se tratava de alguém difícil de lidar. Jovem, migrante, ia em busca do “sonho americano”. Ao tentar embarcar no trem que o levaria, junto com um grupo de jovens, a um lugar próximo à fronteira geográfica para mudar país, escorregou e caiu sobre os trilhos do trem. “Minha mente ficou em branco, sem pensar e sem me mover, fiquei ali”. *Ficar ali*: entre um impulso por e um deslizamento para, confuso, gritava pela dor de uma parte do corpo que havia sido cortada, por um sonho que agora se tornava inviável, e também pelo sentimento de desamparo. Ser um migrante, sentir-se estrangeiro, desterritorializado em um país intermediário entre o próprio e aquele onde realizaria o sonho de trabalhar e juntar dinheiro para sustentar sua família. Frente a esses acontecimentos, suas defesas psíquicas teriam que operar manifestando-se em uma violenta rebeldia e uma dor que medicamente continua a suscitar estudos: referimo-nos à dor do membro fantasma. Dá amostras disso, diz *saber* que não tem a perna, comprova ao ver que lhe falta tal parte do corpo, mas afirma “eu sinto e dói, a perna que me tiraram dói”.

A sensação fronteira entre o que *se teve* e o que *se perdeu*, entre o unido e o cortado, põe em questão as implicações pulsionais que operam na dinâmica do “entre”, à margem do “esquema corporal” e da “imagem inconsciente do corpo” (Dolto, 1986). Assim, frente à perda e à ausência: uma dor e um fantasma. A dor atua como testemunha da destruição das ligações narcísicas tecidas primordialmente por *Eros*, diluindo simultaneamente os contornos da imagem do corpo e dos ideais, em clara dissimetria com o corpo mutilado. Um narcisismo hostil marca um espaço difuso entre a realidade e os fantasmas do e no corpo.

Produz-se uma alteração no funcionamento do aparelho perceptivo e no que diz respeito à fundamentação econômica da dor. Alteração afetiva, mutilação que acarreta a reconfiguração da imagem inconsciente do corpo, mas em uma temporalidade tão indefinida quanto a imagem que não chega a configurar-se, são apenas alguns dos processos que se desenrolam sem determinação frente ao que não se sabe, frente a um não saber o que e onde dói.

Outro elemento importante a destacar nesse e em outros casos, também característico da experiência dolorosa, é o de “uma intensa catexia que pode ser descrita como de “anseio” (Freud

22. N.T.: O autor se refere à palavra luto em espanhol, *duelo*.

23. Caso apresentado na tese de Doutorado intitulada “*Momentos críticos no corpo*” defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em agosto de 2014.

1926[1925]/1992d, p. 195)²⁴, onde o ansioso está ligado à memória de um objeto por “identificação narcísica” (Freud, 1917[1915]/1992c, p. 282)²⁵. Segundo Cancina (2012), o desejado nesse contexto é, citando Freud, “o modo de sentir saudades do objeto psiquicamente, sem a tensão sexual somática correspondente, o que permite que essa saudade dirija-se facilmente para a melancolia” (p. 96).

É interessante observar, na reflexão de Cancina, como a sexualidade passa a ser uma âncora na relação objetal narcísica, que permite abrir vias de elaboração que se interrompem quando a mesma falta, o que nos leva a pensar não unicamente na relação possível com um objeto amado, mas no campo do erotismo, entendido como carga libidinal depositada sobre as mais diversas formas de representação. Nesse caso, referimo-nos à do próprio corpo, carregado libidinalmente e afetado em sua *Urbild*.

Da mesma forma, esse fenômeno tem sido observado em alguns casos em que há uma possibilidade de morte ou de mudanças radicais no corpo, nos quais aparece a operação de mecanismos regressivos: o eu busca caminhos de retorno a tempos em que a dor não havia adquirido representação, ou em que a ameaça de morte ou perda de objeto não estava presente.

Não dói nada, choro porque meu pai também se foi...
O que você sabe? Como não dói em você...
Não posso, você não imagina como é, dói até os ossos...
Ninguém merece essa dor que eu tenho, ninguém poderia com ela, só eu...
Falar dói, mas não vá embora...

São expressões de quem está tentando falar sobre uma dor que parecia absorver e arrebatar a força do corpo, expressões que transparecem, além da dor, desamparo e reivindicação: que tipo de reivindicação, senão uma de amor? Cada frase foi pronunciada em diferentes condições de hospitalização. Expressam uma dor indizível que se transcreve através de queixumes, gemidos ou silêncios, um não saber que está presente no terreno do desamparo, do medo, da angústia, do espanto, da culpa, da vergonha, da frustração e da insuficiência. É importante observar que existe nisso tudo algo que leva o sinal da pulsão, dessa força imperturbável que não cessa e que nos leva a pensar naquilo que Lacan chamou de presença do analista, essa presença sem palavras, que, no entanto, dá suporte à ebulição pulsional e possibilita criar um contorno.

Para concluir

A questão da dor pode ser tratada não só a partir da escuta e da interpretação do inquietante, mas da posição íntima de quem escuta em um espaço onde se representa o desamparo, que, indizível, transcreve-se em olhos lacrimejantes, mãos que apertam, uma mandíbula que se trava,

24. N.T.: Tradução de J. Salomão. A tradução, assim como a referência ao número de página, corresponde a Freud, S. (1976). Inibições, sintomas e ansiedades. In J. Salomão (trad.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XX (pp. 95-201). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).

25. N.T.: *op. cit.*

veias que se escondem, uma tosse que irrita, um vômito que se expulsa, uma ferida que não cicatriza, um órgão que é rejeitado, um enxerto que não gruda, o cabelo que cai, uma unha que se quebra, um osso que não solda. É assim que a dor faz do corpo seu suporte e local de inscrição, daquilo que se mostra ao olhar, mas se vela às palavras.

A presença real se antepõe à escuta da dor e, ao mesmo tempo, possibilita-a frente ao ausente, ao irrepresentável, abrindo um espaço transferencial, enunciando-se ou não a palavra sobre a dor.

No amor, na loucura, no corpo, na doença, não se trata de dar um sentido – pois muitas vezes este está ausente, enfrentando-nos ao som acusmático, ao choro sem esperança, ao soluço que fracassa em atingir a palavra –, mas da escuta de um *dizer*, de um *sem dizer* ou um *não dizer*. Uma escuta que, na dor, na palavra, no choro, no grito, etc., encontra – maligna ou benévola – uma ponte entre o que está no aqui e agora, e o que esteve no passado e naquele então.

O que conta é que, sob a premente questão do silêncio do psicanalista, pouco a pouco chegemos a ser capazes de falar sobre ela, de retratá-la, de fazer desse relato uma linguagem que lembre, e dessa linguagem a verdade animada do acontecimento incompreensível – incompreensível porque sempre está perdido, porque sempre falta em relação consigo. Fala libertadora, a qual encarna precisamente como falta e, assim, finalmente se realiza (Blanchot, 1969/2011)

No momento em que a dor resultante de um quebranto se apodera das funções anímicas, produzir-se-ia a impotência das ações musculares e dos processos da atividade fantaseadora. É a vivência do colapso, da confusão, da paralisia resultante de uma angústia excessiva, do estado generalizado de inibição provocada por uma vivência de dor, quando se necessitaria uma intervenção que tenderia a modificar os protocolos do trabalho clínico clássico. É procurar a criação de um espaço de escuta da letra de uma dor até então indizível, intervenção que não tentasse precipitar uma elaboração que, desde o princípio, resultasse em risco de fratura ou escisão, precisamente de suscitar abruptamente o que havia estado velado. Saber ignorar e saber calar sobre o êxtimo, como foi mencionado, serão condições fundamentais na clínica psicanalítica. Da dor há algo que não se sabe e que abre, por uma via diferente da do sonho, uma via de opacidade ao inconsciente: o que não se sabe.

Resumo

O presente trabalho é uma leitura, a partir da psicanálise, da relação entre a dor e o que não se sabe. Tomando como eixo os desenvolvimentos teóricos de Freud e Lacan, realiza-se um percurso através de textos em que se trabalha a noção de dor em suas fronteiras com o luto e o narcisismo, ressalta-se que a dor revela um espaço pulsional que pode aparecer na forma de extimidade, de manifestação de um *pathos* ou como tradução de um não-saber. Inseridos na questão ética da psicanálise, a partir da posição do analista, saber calar e saber ignorar conferem ao campo da palavra uma nova forma de pensar e fazer a clínica, em que a verdade se faz presente como verdade inconsciente, sempre escondida do saber.

Descritores: *Dor, Psicanálise, Narcisismo.* **Candidato a descritor:** *Extimidade.*

Abstract

This work brings a psychoanalytic perspective on the relation between pain and what is not known. Taking as an axis the theoretical developments of Freud and Lacan, a journey is made through texts in which the notion of pain is worked on its borders with mourning and narcissism, it is emphasized that pain reveals a drive space that might appear under the form of extimacy, as manifestation of a *pathos* or as a translation of a non-knowledge.

In terms of the ethical question in psychoanalysis, from the analyst's position, knowing how to be silent and knowing how to ignore, give the field of the word a new way of thinking and doing the clinic, in which truth becomes present as an unconscious truth always split from knowledge.

Keywords: *Pain, Psychoanalysis, Narcissism.* **Candidate keyword:** *Extimacy.*

Referências

- Blanchot, M. (2011). El habla analítica. *Nueva Escuela Lacaniana del Campo Freudiano*, 60. (Trabajo original publicado en 1969). Disponível em <http://www.nel-mexico.org/articulos/seccion/radar/edicion/60/300/El-habla-analitica>
- Cancina, P. (2012). *El dolor de existir... y la melancolía*. Buenos Aires: Letra Viva.
- Dolto, F. (1986). *La imagen inconsciente del cuerpo*. Barcelona: Paidós.
- Freud, S. (1992a). Introducción del narcisismo. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 65-98). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (1992b). Complemento metapsicológico a la doctrina de los sueños. En J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 215-234). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabajo original publicado en 1917 [1915])
- Freud, S. (1992c). Duelo y melancolía. En J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 235-258). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1917 [1915]).
- Freud, S. (1992d). Inhibición, síntoma y angustia. En J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 20, pp. 71-164). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1926 [1925]).
- Freud, S. (1992e). Nota sobre la "pizarra mágica". En J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 239-247). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925 [1924])
- Freud, S. (1992f). Lo ominoso. En J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 17, pp. 215-252). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1992g). Proyecto de psicología. En J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 323-461). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950 [1895])
- Guyomard, P. (1999). *El deseo de ética*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1998)
- Lacan, J. (2009). Variantes de la cura-tipo. En T. Segovia y A. Suárez (trad.), *Escritos I*. (pp. 311-346). México: Siglo XXI. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (2012a). *Seminario 20, Otra vez / Encore: Clase 1* (R. E. Rodríguez Ponte, trad.). (Trabajo original publicado en 1972). Disponível em www.lacanterafreudiana.com.ar/2.1.9.14%20TODO%20EL%20SEMINARIO%20%20S20.pdf
- Lacan, J. (2012b). *Seminario 20, Otra vez / Encore: Clase 5* (R. E. Rodríguez Ponte, trad.). (Trabajo original publicado en 1972). Disponível em www.lacanterafreudiana.com.ar/2.1.9.14%20TODO%20EL%20SEMINARIO%20%20S20.pdf
- Lacan, J. (2015a). El problema de la sublimación. En J. Lacan, *El seminario de Jacques Lacan, libro 7: La ética del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1960)
- Lacan, J. (2015b). Nuestro programa. En J. Lacan, *El seminario de Jacques Lacan, libro 7: La ética del psicoanálisis* (pp. 9-25). Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1959)
- Mannoni, O. (1969). *La otra escena: Claves de lo imaginario*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Miller, J. (2010). *Extimidad*. Buenos Aires: Paidós.



O Estrangeiro

Alberto Kornblihtt*

O que não se sabe não são as respostas, mas sim as novas perguntas**

O lugar das perguntas

Sabe-se como você vai raciocinar. Sabe-se como você vai analisar os dados. Mas não se sabe exatamente que resultados serão obtidos. Isso tem a ver com outra coisa: o mais importante de uma investigação científica é a pergunta. Mas nem toda pergunta é abordável, nem toda pergunta é nova, nem toda pergunta é válida. A pergunta é o mais importante. O fascínio da ciência consiste no fato de que, quando você faz uma pergunta a si mesmo, e começa a experimentar, a observar, o que surge pode não ser a resposta a essa pergunta que você fez, mas sim a outras perguntas que você não havia imaginado antes e que são muito mais interessantes. Porque, no processo de indagar a natureza, surgem necessariamente resultados que abrem outras perguntas. O que certamente não sabemos são as novas perguntas que vão nos surgir ao tentar indagar as questões que temos agora.

As perguntas são o motor. São o motor da paixão que subjaz na atividade científica (e em qualquer outra atividade criativa). Há quem fale do que, em inglês, se chama *curiosity-driven research*. Ou seja, “investigação conduzida pela curiosidade”. Falar de “curiosidade” poderia ter uma conotação infantil. Mas, apesar de ser óbvio que o cientista é curioso, o que se considera mais pertinente é fazer referência às perguntas formuladas por um cientista ou por um grupo de cientistas em relação à biologia, à física, à química ou às ciências sociais. Essas perguntas não são uma simples curiosidade que faria com que se esgotassem em si mesmas. Não basta a curiosidade: é importante haver um treinamento para que as perguntas, quando feitas, possam ser elucidadas de modo experimental-observacional que, por sua vez, implique uma seleção de perguntas. A curiosidade pode ser cega. As perguntas em ciências não são cegas, não são arbitrarias. O pesquisador teve que descartar as perguntas que outros se fizeram e que outros responderam. Deve-se desmitificar a banalização de afirmar que o motor científico é a curiosidade. O motor científico são as perguntas. Mas têm que ser perguntas peneiradas, perguntas racionalizadas, perguntas discutidas, ouvidas, faladas e selecionadas.

* Universidad de Buenos Aires. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.

** Extratos de um diálogo mantido entre Alberto Kornblihtt e Laura Katz em dezembro de 2016, em Buenos Aires, continuado por um longo intercâmbio de e-mails com o autor.

Quando uma investigação tem início, o rigor implicado na experimentação pode se tornar tedioso e muitas vezes faz com que não sejam encontradas respostas, razão pela qual se perdem – tecnicamente, mas não biologicamente – as perguntas. Essa situação tem a ver com certas limitações que existem no sistema. Podem ser limitações de reprodutibilidade ou limitações de sensibilidade.

No caso das ciências experimentais, a maior parte das perguntas surge dos resultados inesperados que aparecem quando uma pergunta anterior foi posta à prova. Provavelmente nas artes não falemos de perguntas férteis, mas sim de ideias férteis. Nesse caso, surgem do que foi vivido, amado, odiado, do que toca uma pessoa, do que escutou e que, em determinado momento, não prestou atenção, mas que mais tarde – às vezes, muito mais tarde – foi “ressignificado” (termo muito importante na psicanálise) graças à outra experiência aparentemente não relacionada.

Há casos em que o pesquisador quer buscar algo, mas não possui ferramenta suficientemente precisa para poder trabalhar. Essas limitações fazem com que muitas vezes o investigador dedique muito tempo a repetir experimentos ou a pensar em experimentos alternativos aos que planejou, já que eles não lhe estão dando informação porque tecnicamente fracassaram. Essa parte da investigação científica experimental requer muita perseverança e tenacidade; uma combinação de sagacidade e perseverança. Não é uma paciência estática, de sentar-se à espera de que tudo saia bem; é necessário trabalhar para isso.

Quando se conclui uma investigação, envia-se o trabalho a uma revista científica para sua publicação. A revista possui um sistema de revisão por pares, que é o processo através do qual um grupo de pares anônimos avalia os trabalhos enviados. Esses pares fazem críticas, às vezes com boas intenções e às vezes com más intenções. Algumas são críticas destrutivas e algumas são críticas construtivas. O fato de que a pesquisa resultante de um trabalho esteja publicada em uma revista, mesmo que seja das mais exigentes, não é uma vacina que garanta a verdade absoluta. No entanto, se o que foi publicado não é reproduzível por experimentos ou observações feitas de forma independente por outras pessoas em outros lugares, começa a perder força de reconhecimento como algo sólido. Às vezes, permanece oculto durante anos como uma excentricidade não reproduzível e, de repente, é resgatado por novas evidências que confirmam sua universalidade. Isso aconteceu muitas vezes na história da ciência.

Mas volto a insistir: o mais importante, quando se está em um beco sem saída, é perguntar-se: é correta a pergunta que estou fazendo? É pertinente? É atual? É original? E a segunda coisa mais importante: é abordável? É factível respondê-la com os equipamentos que tenho, com os reagentes que tenho, com o orçamento que tenho?

Quando alguém começa a carreira como cientista, é importante que tenha uma boa formação, ainda que não seja recomendável ler literatura científica demais, porque com o tempo isso termina limitando a criatividade do pesquisador. É importante a formulação de perguntas em relação ao seu tema de investigação, mas é importante que depois se comprove se, na literatura científica, alguém já fez isso, para ter a garantia de não repeti-lo.

As situações experimentais que colocam as perguntas à prova dirigem-se a como se encadeia o acender e o apagar dos genes desde o zigoto até o animal ou a planta adulta, quais são as bases moleculares da diferenciação celular, da formação de órgãos, da resposta dos genes aos estímulos ambientais, do funcionamento do sistema nervoso.

Esse rigor certamente reducionista não exige a abordagem, com similar rigor, de perguntas macro, tais como as que podem apresentar um médico ou um psicanalista. A prática da ciência não necessita, obrigatoriamente, do reducionismo.

Os Darwin

Dizer hoje que Darwin não sabia nada de DNA, de cromossomos, de RNA ou da origem monofilética da vida não é uma carga para Darwin. O que ele não sabia não era um peso para ele. Darwin tinha o mesmo espírito crítico e o mesmo rigor aplicados hoje no campo da bioquímica ou molecular, aplicados à observação da natureza, da geografia, da fauna, da flora. Existe uma fantasia errônea de pensar que pesquisar o microcosmo, o que é molecular, atômico, físico ou químico, tem mais rigor científico do que pesquisar o macrocosmo, a ecologia ou o ecossistema. As conclusões de Darwin foram robustas em razão do que ele observou, e depois coincidiram (ou se resignificaram, como diz a psicanálise) com a genética e com a biologia molecular.

Seria possível dizer que foram descrições inéditas da realidade cujo íntimo mecanismo descobriu-se muito tempo depois, apesar de não terem ficado invalidadas do rigor de quando foram postuladas. Darwin apresenta o ancestral comum da seguinte maneira: há duas espécies que hoje em dia não são idênticas e que não se cruzam entre si, mas que devem ter tido um ancestral comum que deu origem a um e a outro. Referir-se ao ancestral comum era uma novidade na época, e postula a seleção natural.

Erasmus Darwin era o avô de Charles. Era um evolucionista, mas sem fundamento observacional; um evolucionista simplesmente por intuição e subjetividade, o que estava em sintonia com seu deísmo e com sua religião.

Se tivesse que decidir sobre qual dos dois Darwin (Charles, com a seleção natural, e Erasmus, como gerador de uma teoria absolutamente sem fundamento e quase por capricho) está mais próximo da psicanálise, diria que é Charles Darwin, apesar de a psicanálise não precisar da validação química, física e neurológica. Porque, se considerasse Erasmus Darwin próximo da psicanálise, cairia na simplificação de ver a psicanálise como um capricho, uma ficção literária. Mas ela não é isso. E o que faz com que a psicanálise se aproxime mais de Charles do que de Erasmus Darwin? O fato de que, apesar de não ter uma validação estatística populacional, funciona. E o que funciona tem validade. A teoria de Erasmus sobre a evolução não poderia se sustentar porque não poderia nem sequer ser submetida a prova. Charles Darwin se baseou em sua observação, com todas as falhas e críticas que possa ter.

Por sua vez, poderia fazer referência a outro corpo disciplinar que não possui validação estatística populacional, mas que demonstrou funcionar na prática clínica, como a psicanálise. A psicanálise é uma atividade humana cuja robustez ou beleza está no fato de que tem uma lógica interna construída sobre a base de uma série de princípios (sonhos, lapsos, chistes, transferência, atos falhos etc.) que indicam a existência do inconsciente. Além de operar sobre o indivíduo, tem um valor histórico (a descoberta de que o homem não controla tudo o que faz) e filosófico (ao responder muitas das coisas que a filosofia propunha sobre a essência do ser humano). Não estou preocupado particularmente com a verificação empírico-estatística dos seus postulados, mas sim com o fato de que funciona, de que existe uma cura pela palavra, de que no contexto analítico o paciente pode falar de coisas sobre as quais não falou com ninguém, nem sequer consigo mesmo. A psicanálise não é uma ciência, nem pretende sê-lo. Mas, assim como acontece com a ciência, exige-se dela que as afirmações que emite tenham algum fundamento e não sejam meros enunciados dogmáticos.

Dizer o que se pensa... ou não dizer nada

Assim como Freud é o pai da psicanálise, Darwin pode não ser o pai da evolução –porque a evolução já era conhecida anteriormente–, mas sim da seleção natural como mecanismo de evolução. Mas ninguém no mundo biológico tomaria ao pé da letra os textos de Darwin, senão que são considerados a partir de uma perspectiva histórica, como um campo fértil pioneiro. Depois de tanta acumulação de outras evidências, de outras formas de ver, não é necessário recorrer à palavra de Darwin para fazer certas afirmações. No mundo psicanalítico, existe um hábito que não é da psicanálise como *corpus*, mas sim dos psicanalistas. Esse hábito consiste em referir-se a Freud (ou a outros, como Lacan), em seus textos ou palestras, cultuando o princípio de autoridade: porque Freud disse, ou porque Lacan disse, deve ser considerado verdadeiro. Isso tem vários inconvenientes óbvios para um observador externo.

O primeiro deles é a falta de contexto histórico. Não se considera que há vida depois de Freud ou depois de Lacan, que as sociedades e o conhecimento humano mudam, e que é positivo referir-se a esses personagens como pioneiros, mas não necessariamente como guias atuais. O que Freud sabia sobre o que é herdado e o que é adquirido no começo do século XX é irrelevante hoje. Invocar as séries complementares como um guia hoje possui um sentido histórico, mas nada além disso.

Segundo: a excessiva veneração da palavra dos pioneiros limita a originalidade e a criatividade na geração de novo conhecimento e/ou de novas experiências por parte dos analistas. Não se dispõem a postular suas próprias teorias porque estão submetidos aos seus pais castradores. Um contraexemplo representa o papel de Darwin na teoria da evolução. Darwin foi um pioneiro, mas nenhum biólogo pensaria em citar seus textos como se fossem atuais, porque a evidência acumulada em mais de 150 anos supera amplamente essa contribuição. Ou seja, ele é respeitado como um pioneiro, não como um mestre atual.

O terceiro inconveniente é a permissividade que os psicanalistas como um todo se dão para reler, reinterpretar, recitar, invocar, celebrar, reelaborar Freud. Isso cerceia a própria geração de conhecimento, com o consequente efeito de que qualquer um pode elaborar uma apresentação, apesar de não contribuir com ideias próprias. A importância de fazer uma palestra é poder oferecer novas contribuições. Se não há, então não se deverá dar tantas palestras. Se as palestras não contribuem com algo novo, então não falemos. Não é necessário recorrer ao princípio da autoridade para descrever esse mundo. Para descrever esse mundo, o que é necessário é que o psicanalista tenha força suficiente para dizer o que pensa. E não o que pensa em relação ao que Freud disse. É importante dizer o que pensa, o que acontece com ele, o que conclui, o que descobre. E, se não tiver tudo isso, não há por que falar.

Se pensarmos essa questão em relação ao que é herdado e adquirido, sempre digo: se você não souber se tal característica de uma pessoa é herdada ou adquirida, se não tiver provas de nenhuma das duas coisas, não só não se pode optar por uma ou por outra, senão que não é necessário dizer nada.

A subjetividade do investigador

De nenhum modo a subjetividade do investigador é alheia ao trabalho de investigação. Em um extremo dessa subjetividade, reside a fraude científica, que é simular os dados, mentir de forma flagrante. Isso é muito difícil de sustentar, porque, se outros pesquisadores não puderem reproduzir o experimento, começa a haver suspeita. Esse seria o extremo da subjetividade, que é falsificar dados, a mentira, a

corrupção científica. Mas no meio disso há toda uma variedade de influência do aspecto subjetivo que obviamente tem que ser considerada; o desejo, o estado de espírito e as crenças que influenciam a tarefa do investigador. Essa subjetividade pode fazer com que omita controles que deveria ter feito ou que interprete mal os resultados, de modo inconsciente. Não é que o investigador esteja cego de forma consciente, mas sim que, inconscientemente, vê apenas uma parte do resultado, e não a outra. Isso faz com que tire conclusões que provavelmente não são suficientemente corretas.

Em geral, trabalha-se em grupos de investigação. A investigação não é realizada por um bolsista que está em seu mundo e escreve seu *paper* e sua tese com seu orientador, sem que ninguém mais veja o trabalho antes. Existem comitês de acompanhamento de teses, reuniões grupais em que os resultados são discutidos. Muitas vezes, os companheiros são os mais críticos de todos. Há também a revisão por pares, a instância em que o trabalho é avaliado para a sua publicação.

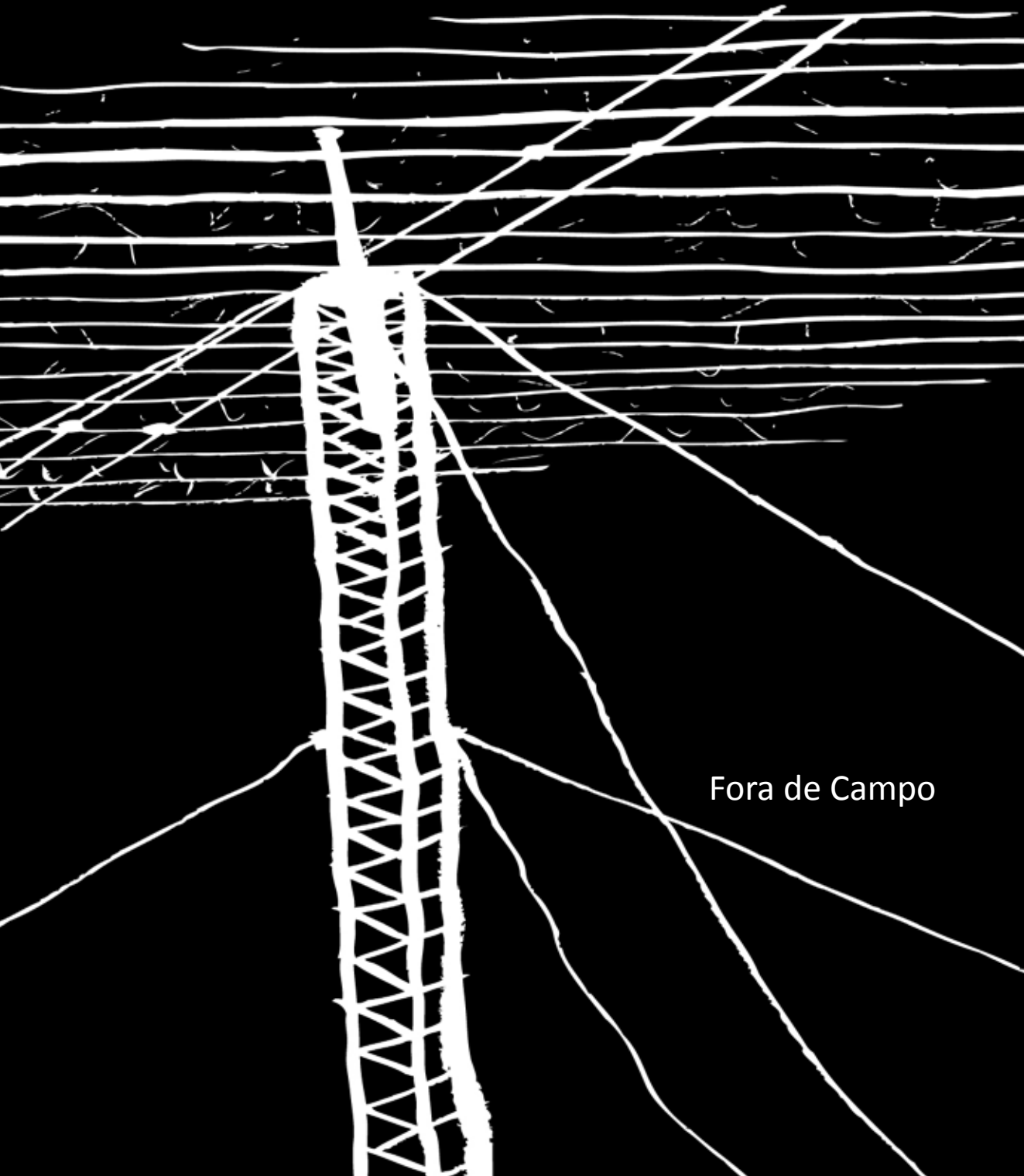
É importante mencionar o que se chama vida do grupo de investigações. Muitas vezes, o orientador é muito autoritário e pode impor, ao experimentador ou ao autor da tese, de modo coercitivo, que interprete seus resultados de um determinado modo, omitindo certos controles. Nesse caso haveria um elemento de poder, de submissão, onde o submisso vai aceitar o que o orientador diz, apesar de sua própria ética como cientista não justificar isso, certamente por medo de ser dispensado ou de ser alvo de uma má carta de recomendação, ou de ser colocado em um “buraco negro”...

Existem duas variações disso: uma é a do chefe autoritário que, de forma coercitiva, inibe o pós-doutorando que está fazendo os experimentos, e este não lhe demonstra que a interpretação dos dados não é correta e que há uma manipulação. E a outra, não tão comum no mundo latino, mas muito frequente no mundo oriental: a do pós graduando que, em seu afã de ter seu artigo publicado em uma revista de prestígio ou de conseguir um cargo, tergiversa os resultados sem fazer do orientador seu cúmplice; que o orientador acredite no que ele lhe mostra e aceite como válido, e que depois seja publicado.

Será necessário ver se há estatísticas, mas tudo isso tem a ver com os valores que põem o sucesso acima da ética. Não há uma ética pessoal que corresponda a uma ética social, senão que às vezes a pressão do sistema por ter êxito leva a esconder resultados do orientador.

O lugar da transmissão da ciência

Quanto ao lugar de transmissor da ciência como docente e pesquisador, sigo o paradigma de que não se ensina o que se sabe, mas sim o que se é. Portanto, incluo na transmissão meu gosto pelas letras, pela arte ou pelo latim. Ocupam um lugar privilegiado na minha transmissão os professores que me ensinaram a pensar ou que me deslumbraram não tanto por sua sabedoria, mas pela capacidade de fazer com que se entenda como a ciência funciona ou como a experimentação funciona, e pela clareza ao expressar isso.



Fora de Campo

Júlio César Tadeu Chavasco Labate*

O corpo e os registros possíveis de catástrofes psíquicas¹

...O que mais impressiona até hoje – e causa mais confusão – são os “corpos” das vítimas. Muitos acreditam que aquelas figuras expressivas são os restos dos moradores petrificados. Na verdade, são apenas estátuas, feitas a partir dos moldes deixados pelos corpos de verdade. A avalanche de cinzas e rochas que caiu formou uma espécie de cobertura, que se solidificou. Com o tempo, o material orgânico se decompôs, deixando um espaço oco no meio das rochas. Conforme descobriam as vítimas, os arqueólogos recheavam com gesso esse espaço vazio, conseguindo reproduzir a posição exata de homens, mulheres, crianças e até animais mortos durante a erupção. Os corpos não estão lá, mas o sofrimento e a dramaticidade estão.

Claudia de Castro Lima

Durante as várias escavações das cidades de Herculano e Pompeia, soterradas pela lava da erupção do Vesúvio no ano de 79, os arqueólogos se depararam com espaços vazios dentro de rochas vulcânicas. Só algum tempo depois, compreenderam que eram registros de corpos que foram sepultados pela lava, deixando sua marca no vazio limitado pela lava endurecida.

A história de Herculano e Pompeia sempre me chamou atenção e me emocionou: a imagem visual da tragédia, o sofrimento estampado nos “corpos” – imaginava que fossem corpos petrificados. Na verdade, são estátuas de gesso. Essas estátuas me surpreenderam, pois servem como um modelo que representa o vazio que havia na crosta de lava, o vazio sem sentido que, ao mesmo tempo, é o sinal de uma existência, sinal de que uma pessoa existiu e sofreu uma experiência enquanto viva. Nos espaços vazios, presentes dentro da crosta de lava endurecida, encontra-se o registro da existência de uma vida. Estes registros surpreendem por reunir, além da forma concreta do corpo físico, a dimensão abstrata do sofrimento e da dramaticidade vivida. As cenas resgatadas, recompostas através do gesso, com sinais impressos pela mistura de cinzas, rochas e lava, viajam através do tempo e transmitem um esboço do que foi vivido naquele momento. Essa crosta, que guarda e conduz o registro da catástrofe, sobrepõe-se à cena guardada, confundindo-se e misturando-se, a ponto de não se discriminar uma da outra. O espaço vazio, que foi moldado sobre um corpo que não está mais lá, permite reencontrar o registro de uma experiência emocional. A princípio, só se discriminavam rochas, lava e buracos, constituindo um caos sem outras informações. A busca por algum sentido,



<http://historianovest.blogspot.com.br/2009/06/furia-de-vulcano-em-pompeia.html>
(<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/furia-vulcano-pompeia-433930.shtml>)

a partir da convivência com os elementos observados, permitiu o surgimento de uma hipótese. Esta pôde ser confirmada através de uma ação, que veio ordenar e dar sentido ao caos. O preenchimento dos espaços vazios com gesso permitiu aos arqueólogos terem acesso a uma dimensão que estava inalcançável. Os elementos que compunham um caos adquirem, então, um sentido muito próximo da realidade a que estão ligados e informam sobre catástrofes ocorridas.

Vinheta clínica – Estátuas de gesso e a crosta vulcânica

A partir de uma rêverie (Bion, 1962/1980) em que associei estados emocionais de um paciente em análise com as imagens das estátuas de gesso, uma série de mudanças puderam ocorrer na relação que estávamos vivendo. Percebi que o contato com o paciente seria como o contato com a crosta de lava endurecida e sem sentido, cheio de vazios incompreensíveis. Foi necessário interagir com essa crosta, sofrer com sua dureza e rigidez, suportar por meio da capacidade negativa, até surgir um momento em que algo pudesse reorganizar e dar sentido ao que estava sendo vivido.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de Riberão Preto.

1. Prêmio Sigmund Freud 2016.

O paciente procura atendimento para análise e desde o início coloca-se de maneira arrogante e autoritária. Traz queixas de ansiedade, queixas somáticas e hipocondríacas, relata episódios em que tem a certeza absoluta de que vai morrer de infarto ou qualquer outra doença. Sendo um empresário bem-sucedido da área de saúde, autodiagnostica-se. Ao primeiro sintoma de desconforto que sentisse, exigia exames e indicava o próprio tratamento. Com arrogância, cobrava médicos e laboratórios que o atendiam, acreditando ter, por direito, poder sobre todos à sua volta. Logo, sua postura diante da análise e de mim não era diferente.

Sou hipocondríaco. Sempre fico preocupado com alguma doença física. Tem dias que acho que estou com colesterol alto, ou com a próstata aumentada. Faço exames com frequência, mas está tudo bem. Tenho uma dieta rigorosíssima e já tomo os remédios para prevenir qualquer doença. Mas de repente tenho certeza de que estou com alguma doença. Tive um acidente no meu olho esquerdo. Surgiram máculas no meu campo visual. Tenho medo de ficar cego. Fiquei internado no CTI. Fui atendido pelos melhores oftalmologistas, acham que um trombo pode ter se despregado...

Assim, entre mandos e desmandos, conta-me sua história. Relatou esse “acidente” na visão que desencadeou a piora de seu estado emocional e culminou com a procura pela análise. Descreve uma situação em que, após um desentendimento no trabalho, surgiram “máculas” em seu campo visual. Fala em seguida sobre a morte da mãe em um “acidente” de automóvel quando tinha três anos. Não se conforma com a maneira como o acidente ocorreu, a qual descreve como “uma estupidez”:

Eu era bem pequeno, tinha três anos e não fui com ela nesse passeio. Era a primeira vez que ela ia andar de carro. Foi com minha irmã que era recém-nascida, fiquei com meus avós. Sabe que não tenho uma fotografia de minha mãe? Nem sei como era a cara dela... Que povo ignorante! Não me lembro de nada disso, sei o que contaram para mim. Não tem um registro, uma fotografia, um quadro de minha mãe. Não existe mais ninguém vivo daquela época que possa me dar uma resposta.

Essa sequência de associações chamou minha atenção de imediato: a descrição das máculas em seu campo visual, que chamara de “acidente” da visão, a lembrança do acidente de automóvel em que perde a mãe, o fato de observar que “não tem nenhum registro”, que “não tem uma foto de sua mãe”, o relato de não conhecer o rosto de sua mãe e de não ter ninguém que possa testemunhar seu sofrimento. Tudo isso se destacava para mim, ao mesmo tempo em que era apresentado por ele apenas como dados de sua história, sem nenhum sentido, além disso, sem nenhuma emoção possível de elaboração. Estas informações eram para ele apenas dados biográficos, sem a menor importância. Foram meses de atendimento, com acolhimento e interpretações que me pareciam muito pertinentes, mas sem nenhuma relevância no trabalho. Continuava como se nada tivesse sido verbalizado ou vivenciado. Repetia e repetia as mesmas falas, as mesmas ações.

Em muitas sessões vinha ansioso, irritado, arrogante, exigindo melhoras e cobrando que a análise fosse eficiente: “Cabeça é uma tristeza, viu, Doutor! Tenho a cabeça muito ruim. Só fico pensando nessa hipocondria. A análise tem de me curar! Tenho que pensar positivo”. Em outras, contava-me sobre o relacionamento frio e distante com a esposa, ao mesmo tempo fazendo elogios à mulher que ela era, ao casamento duradouro, contando em seguida sobre seus casos extraconjugais com a maior naturalidade. Descrevia situações de domínio e pouquíssimo

afeto, com um temor muito grande de se apaixonar por alguma amante, ou de se perceber envolvido com alguma mulher.

Suas sessões eram sequências de queixas que, se inicialmente me despertaram o interesse por ele, com o tempo passaram a causar-me cansaço e desânimo. O que eu falava, parecia não ser ouvido. O contato com ele passou a ser sofrido e desgastante, pois sentia-me perdido e desorientado, sem ter uma compreensão do que acontecia. Eu me percebia com frequência angustiado, pressionado, olhando para algo que não conseguia compreender. Percebia-me diante de algo duro, impermeável, irregular e desconhecido como a crosta vulcânica com seus vazios, sem conseguir ter nenhum entendimento do que via ou do contato com meu paciente. Parecia que eu não existia para aquela superfície dura e esburacada. Esta era a pessoa que se apresentava para mim. Esta era a maneira possível dele se fazer existir.

Meltzer (1990) aponta elementos do comportamento que são manifestações cheias de sentido da personalidade, discriminando daquelas que representam manobras sociais de adaptação, instintivas ou aprendidas. A partir das ideias centrais da teoria do pensamento de Bion, descreve que, se uma experiência emocional, por algum motivo, não pode ser processada para formar representações simbólicas, será evacuada da mente na forma de alucinações, perturbações psicossomáticas, linguagens ou ações sem sentido e comportamento grupal.

O contato com estes aspectos de meu paciente era o contato com a “crosta”, que pude então entender tratar-se de aspectos inconscientes evacuados em ações sem sentido, hábitos, respostas automáticas e queixas hipocondríacas.

O registro do sofrimento psíquico expresso no sofrimento do corpo

Meu paciente sentia medo de ter uma doença, ao mesmo tempo em que acreditava estar doente, lamentando-se por isso e já pensando no que fazer se tal diagnóstico se confirmasse. Certa vez entrou na sessão falando alto e se desculpou por estar falando no telefone celular. Determinou que ficaria com o celular ligado, pois aguardava o resultado de um exame para saber se tinha câncer de próstata (PSA). Colhera a amostra de sangue naquele dia pela manhã, “de urgência”, pois estava desconfiado, desde o dia anterior, que seu PSA aumentara e isso não lhe saía da cabeça. Já havia ligado para o médico urologista, queria marcar uma consulta o mais rápido possível, por isso já havia colhido o exame logo cedo. Na sessão, ao me contar, questionava-me e acuava-me:

Vão me ligar assim que estiver pronto. Tenho hiperplasia benigna da próstata, será que é melhor mudar de médico? Ele não faz nada! Ele me mandou tomar um remédio caso eu precisasse, depois que eu insisti muito. Caso tenha muita dificuldade para urinar. Ele até perguntou: será que precisa mesmo? Não tomei. Tenho medo de tomar, na bula diz que tem risco de ficar brocha.

Apresentava-se a mim uma cena confusa e sem sentido. O que realmente ocorrera, não era conhecido, não havia registro. O que era possível observar, era a cena sem sentido. O que o deixara desesperado, impotente, não lhe era acessível, mas os fragmentos sensoriais da experiência vivida estavam registrados nos vazios da crosta com a qual ele se apresentava. Intercalava períodos em que se sentia bem, porém não fazia uma crítica sobre seu precário estado psíquico. Queixava-se, sem entender do quê. Pude pensar que tentava se livrar de sentimentos de depressão, tristeza e desânimo, os quais não suportaria viver, através de uma situação em que se via adoecido. Por isso, providenciava exames para diagnosticar possíveis doen-

ças que significavam ameaças à sua integridade. Enquanto buscava um diagnóstico, podia lamentar-se de quanto era infeliz por ser tão doente, dando um significado possível para seu estado emocional.

Entendo que esse paciente poderia se encontrar no estado em que Bion (2004/1963) descreve:

(...) um estado misto, no qual o paciente se encontra perseguido por sentimentos de depressão e deprimido por sentimentos de perseguição. Estes sentimentos são indistinguíveis de sensações corpóreas e do que, à luz de uma posterior capacidade de discernimento, poderia ser descrito como coisas-em-si. Os elementos beta são objetos compostos de coisas em si, sentimentos de perseguição-depressão e culpa e, portanto, de aspectos da personalidade vinculados por um sentido de catástrofe.²

Os elementos beta, que podem sofrer ação da função alfa, geram pensamentos os quais podem então ser armazenados e utilizados como recursos. Na falha dessa função alfa, esses elementos beta são evacuados, contendo ruínas de registros sensoriais dessas experiências emocionais insuportáveis.

Foram inúmeras situações que se repetiam de maneira semelhante. Para cada órgão que acreditasse estar adoecido, o mesmo funcionamento, tomando providências e se aliviando dentro de três a quatro dias. São descrições de situações de angústia que são seguidas geralmente de uma ação, em que pode se vangloriar de sua onipotência. Esta era maneira possível de se aproximar de seu estado emocional. O fato de não ser feliz com sua esposa, viver distante dos filhos, não poder ter uma relação familiar verdadeira e afetuosa, não ter relações de confiança nem com familiares nem com sócios de sua empresa, eram apenas informações desprovidas de uma importância emocional. A percepção possível eram as doenças no corpo, este era o registro possível da experiência emocional que vivia.

Penso que a obra As ruas da cidade (1988), de José Leonilson³ ilustra este aspecto de meu paciente. Eu o reconheço nesta imagem, em que “as verdades” se encontram no que poderíamos entender ser a mente em comunicação direta com os órgãos do corpo e em contato direto com o externo, com “as ruas da cidade”. É verdade o que sente, o que sofre fisicamente. É a comunicação direta com o mundo. Da mente para os órgãos, dos órgãos para As ruas da cidade (fig.1), sem sofrer nenhum processo de simbolização.

Sua percepção de possíveis doenças tem a função de denunciar um sofrimento psíquico, uma catástrofe da qual não tem consciência e que, ao mesmo tempo, serve de vínculo entre diversos aspectos de sua personalidade (Eingen, 1985). Dentro desta conjectura, as máculas em seu campo visual – de que se queixou no início do atendimento – não seriam pontos cegos, mas flashes de consciência incipiente tentando romper sua cegueira, sua inconsciência. Ao ter alguma consciência incipiente, sofre imediatamente a catástrofe de sua consciência, desorganizando-se. Tem como referência, como sinais, apenas elementos contendo fragmentos sensoriais da realidade vivida, que não puderam ser ligados a nenhuma outra informação de uma experiência pregressa, não puderam sofrer o processo da função alfa (Bion, 1962/1980).

2. N. do T.: A tradução é de Haydée Fernández, e o número da página corresponde à seguinte edição: Bion, W. R. (2000). Elementos de psicoanálisis. Buenos Aires: Lumen Hormé.

3. Fortaleza, 1957 – São Paulo, 1993.

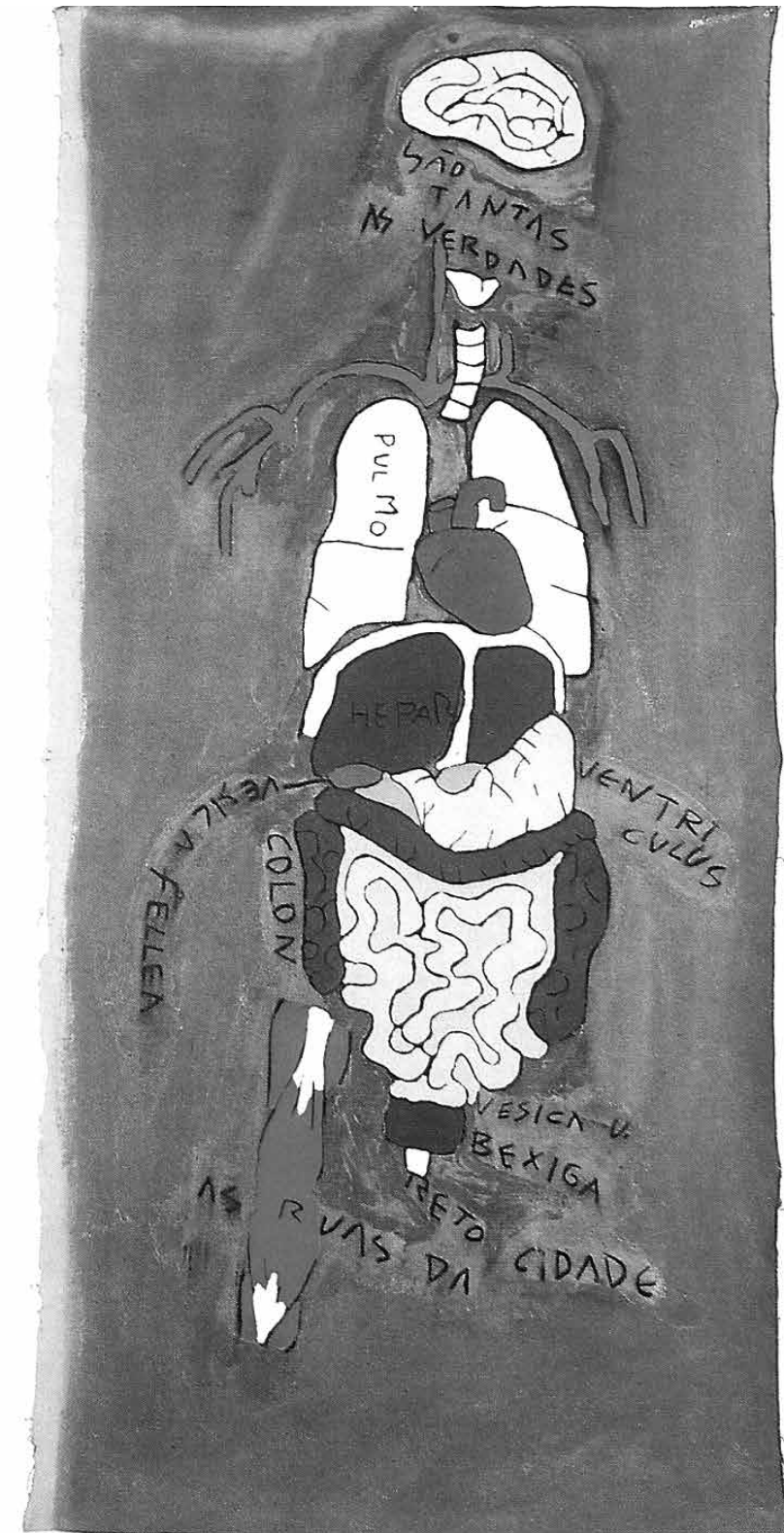


Figura 1

Indo além da crosta

Após um contato inicial em que apresentou sua história, o que conversávamos era utilizado para formar um manancial de informações e experiências sem significado. Ao longo de muitas sessões, em muitas ocasiões eu (sujeito subentendido) diria que pude apenas tolerar isso. Cada sessão parecia um fragmento que se repetia, sem sentido, apenas estilhaços, consequências de catástrofes.

Quando associei com as imagens das estátuas de Herculano e Pompeia, percebi que estava diante de marcas de uma intensa catástrofe psíquica e toda aquela maneira de se apresentar, de se relacionar, tinha a função de comunicar sofrimentos inalcançáveis. Sofrimentos cujos registros estavam perdidos, havendo apenas estes sinais sem simbolizações. Progressivamente o caos foi dando lugar a elementos, que se organizavam de modo a dar algum sentido para o que estava vivendo. Identifiquei-me com os arqueólogos. Estes, ao se depararem com buracos vazios que pareciam não informar nada, nada podiam inferir. Estar com o meu paciente era como estar diante dos buracos na crosta de lava endurecida, sem nenhum sentido. A princípio, suas queixas nada me informavam, não permitiam nenhum contato com sua vida emocional. Vivíamos apenas o caos.

Em *O aprender com a experiência*, Bion (1962/1980) nos conta sobre a importância de desenvolver condições apropriadas para a observação, que permitam um estado de *rêverie*, ou seja, que conduza à função alfa, ao surgimento do fato selecionado e à construção de modelos relacionados a poucas teorias essenciais.

Na clínica psicanalítica, a descoberta de sentido de um determinado fator, elemento ou característica, até então aparentemente sem significado, assemelha-se, nesse modelo que proponho, ao momento em que, por meio dos moldes de gesso, os buracos na crosta vulcânica são compreendidos e passam a dar sentido a outros elementos constituintes daquilo que antes era o caos, até então sem sentido.

Bion (1962/1980), ao descrever o termo “fato selecionado”, cita Poincaré:⁴

Se um novo resultado há de ter algum valor, deve unir elementos conhecidos há muito tempo, porém que estavam até então dispersos e tenham sido aparentemente estranhos entre si, e subitamente introduzir ordem onde havia aparente desordem (p. 103).

Abandonar o olhar calcificado do vértice que define ou aprisiona uma informação, sem julgamentos, memória ou desejo, permitiu-me ampliar a possibilidade de encontrar elementos que dessem algum sentido àquilo que compunha o caos e aproximar-me de uma realidade que já se transformara. A partir do momento em que deixei de me prender às informações que trazia e pude me deixar levar pelas emoções que comunicava, um novo horizonte de ideias surgiu – através da qual pude observar uma reorganização dos elementos conhecidos, permitindo uma nova compreensão do que se via, a partir de um fato selecionado.

Vinheta clínica II – Acessando catástrofes

Já estávamos juntos há quase três anos. Continuava com suas queixas repetitivas, mas vinha progressivamente dando espaço para conversarmos sobre outros

assuntos. Conversávamos, então, sobre suas viagens às fazendas, sobre cidades que visitava, sobre lembranças que passou a ter da sua infância. Seus relatos passavam a ter um colorido, chegando a se emocionar algumas vezes. Nesse dia, queixava-se de muito cansaço, tensão e preocupação com os negócios de sua empresa. Falou sobre a neta pequena que tinha cólicas. Então lhe disse que, como ela, ele também precisava de colo. Contou, em seguida, sobre o neto mais velho, de pouco mais de dois anos, que vinha chorando muito. Disse que ele sentia muita falta da mãe. Quando a mãe estava em casa, ela ficava mais com a outra filha (irmã do garoto), que era bebê. Meu paciente achava que sua nora não era cuidadosa e deixava os filhos muito tempo sob cuidados de babás.

Quem tem chorado muito é o menino. Ele agora passou a ir para a escola à tarde. Fez dois anos agora, é muito novo! Dizem que é ciúme da irmã. Mas agora, chega em casa pra ficar com a gente, só chora! Eu fico triste, preocupado, com raiva da mãe dele... acho que ele está, na verdade, sentindo falta dela. Você acha que ele vai querer ir pra casa do avô? Só pode chorar!... Imagina passar o dia sem a mãe?! Uma criança pequena deve sentir, quando a mãe passa o dia longe... (faz uma pausa e prossegue). É... deve ter sido isso que eu senti. É essa falta que devo ter sentido quando minha mãe morreu... Fiquei com minha avó. Mas imagino quantas noites não ficava chamando: Mamãe?! Mamãe?! Quantas noites não fiquei chorando até sentir esse amor pela minha avó?.

Sinto que não dá vontade de encerrar a sessão, estamos nos entendendo. Quando encerro, levanta-se e despede-se podendo olhar nos meus olhos e aperta minha mão firmemente.

Ter acesso a *rêveries* modificou o vértice de nossa relação. O clima de desafio, cobrança e irritação foi dando lugar a uma atmosfera mais amena, onde outras emoções passaram a fluir. Parecia menos ameaçado em estar comigo, permitindo-se elaborar emoções até então inacessíveis. A relação analítica pôde ir construindo uma contenção para experiências emocionais que lhe eram insuportáveis. Aos poucos, a necessidade de se ver adoecido ficou menos intensa. Passou a transitar por emoções que antes ficariam espalhadas nos vazios da crosta. Nessa sessão, a experiência de ter um colo lhe permitiu visualizar o sofrimento do neto e se aproximar de emoções que há muito estavam petrificadas.

Resumo

Observando um paciente de difícil contato interpessoal, com queixas de hipocondria e angústia, o autor relata que, a partir da experiência de uma *rêverie*, ocorrem mudanças no padrão da relação analítica. Quando visualiza as estátuas de Herculano e Pompeia, cidades que foram soterradas na erupção do Vesúvio, convida o leitor a imaginar como seria a crosta de lava vulcânica, associando com o estado psíquico de seu paciente, que se mostra rígido, impermeável e de difícil acesso, com vazios sem sentido na sua maneira de se relacionar. Vazios que estão impregnados de fragmentos de registros sensoriais de experiências emocionais insuportáveis. A partir da teoria do pensamento de Bion, aproxima-se da ideia de que elementos beta, que não são elaborados pela função alfa, são evacuados através de comportamentos, hábitos, sintomas hipocondríacos, confundindo-se com aspectos da personalidade. As queixas hipocondríacas podem ser compreendidas como registros de catástrofes

4. Poincaré, H. (1952). *Science and method*. Nova York: Publicações Dover.

inconscientes, que são mantidas ao longo do tempo. Aborda a importância da rêverie e do fato selecionado, para possibilitar um melhor trânsito das experiências emocionais insuportáveis.

Palavras-chave: *Rêverie, Corpo, Experiência emocional, Elemento beta, Hipocondria.*

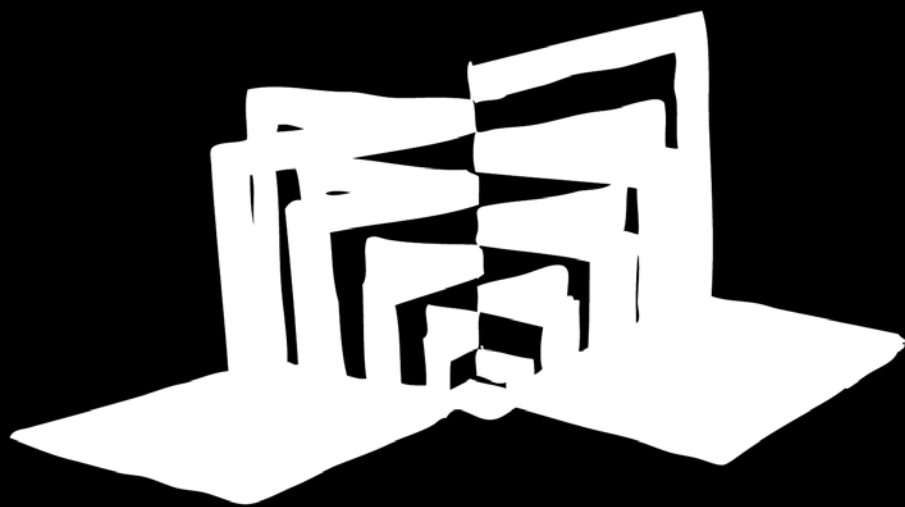
Abstract

Of observing a patient who presents poor interpersonal skills, tormented by hypochondria and anguish, the author relates that, after experiencing a rêverie, changes occur in the analytical relationship pattern. When viewing the statues of Herculaneum and Pompeii, cities that were buried during Vesuvius's eruption, he invites the reader to picture the lava crust, associating it with his patient's mental state. This shows itself rigid, impermeable and difficult to access, with meaningless voids in its ways to bond. These voids are impregnated with fragments of sensory registers of unbearable emotional experiences. From Bionian thoughts' theory, the author approaches the idea that beta elements, which are not elaborated by the alpha function, are evacuated through behaviors, habits, hypochondriac symptoms, mistaking itself as personality aspects. The hypochondriacal complaints can be comprehended as registers of unconscious disasters, which are maintained through time. Furthermore, he addresses the reverie and selected fact's importance in order to be able to deal with unbearable emotional experiences more effectively.

Keywords: *Rêverie, Body, Emotional experience, Beta element, Hypochondria.*

Referências

- Bion, W.R. (1980). *Aprendiendo de la experiencia* (H. B. Fernandez, trad.). Buenos Aires: Paidós (Trabalho original publicado em 1962)
- Bion, W.R. (2004). *Elementos de Psicandlise* (J. Salomão, trad., E. H. Sandler e P. C. Sandler, rev., 2a. ed.). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1963)
- Eigen, M. (1985). Toward Bion's starting point: between catastrophe and faith. *International Journal of Psychoanalysis*, 66, pp 321-30.
- Leonilson, J. (1988). *As ruas da cidade* [Acrílico sobre tela]. São Paulo: Coleção particular.
- Meltzer, D. (1990). Qué es una experiencia emocional? In D. Meltzer, *Metapsicología ampliada: aplicaciones clínicas de las ideas de Bion* (p. 16-24). Buenos Aires: Spatia.
- Castro Lima, de, C. (2005). *A fúria de Vulcano em Pompéia*. Aventuras na História. Disponível em <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/furia-vulcano-pompeia-433930.shtml>



Textual



Hanif Kureishi

Escritor nascido em Londres, de origem paquistanesa. Estudou filosofia no King's College. Obteve o prêmio Thames Television por seu primeiro roteiro teatral. Foi nomeado autor fixo do teatro Royal Court, 1980. Prêmios: George Devine Award, 1981. Prêmio Whitbread, Prêmio PEN/Printer, 2010. Comendador da Ordem do Império Britânico. Possui uma profusa carreira, tendo incursionado em diversos gêneros: novela, teatro, roteiros para cinema, relatos e ensaios. Dedicou-se ao ensino da escrita, ministrando oficinas para jovens. Publicou, entre outras obras:

Novelas:

- O buda dos subúrbios. Relógio d'Água, 2015.
- O álbum negro. Companhia das Letras, 1997.
- Intimidade. Companhia das Letras, 2000.
- O dom de Gabriel. Companhia das Letras, 2002.
- Tenho algo a te dizer. Companhia das Letras, 2009.
- O corpo e outras histórias. Companhia das Letras, 2004.
- A última palavra. Companhia das Letras, 2016.

Relatos:

- *Amor em tempos tristes. Teorema, 2000*
- *Meia-Noite Todo o Dia, Teorema, 2000*

Ensayos:

- *Soñar y contar. Anagrama, 2004*

Roteiros de filmes:

- Minha adorável lavanderia. 1984
- Sammy e Rosie. 1987
- Londres me mata. 1991
- Meu filho, o fanático. 1997

A melhor conversa da minha vida

Entrevista com Hanif Kureishi*

Você ainda está em análise?

Sim.

Você gosta?

Por isso vou... Vi meu analista pela última vez na semana passada, é, vou duas vezes por semana. Duas vezes por semana por 23 anos. Acabo de começar.

Com o mesmo analista?

Sim. Estava pensando outro dia, bem, estou pagando para ouvi-lo falar, quando ele fala é um homem muito interessante. Eu gosto de falar com ele. Posso falar com ele sobre meus sonhos, minha mãe... mas posso também falar com ele sobre Kafka, se estou com ideias sobre Kafka. Ele também é escritor, então se estou pensando sobre

* Realizada para Calibán - Revista Latino Americana de Psicanálise, em Londres, em outubro de 2016, por Mariano Horenstein. Versão em português da transcrição para o português feita por Roberto Franco e Claudio Frankenthal.

Kafka eu vou e falo sobre Kafka, se estou pensando sobre Dostoiévski, eu posso pensar sobre isso, então é a melhor conversa da minha vida. Por isso, eu vou. Não posso dizer que sou particularmente louco e que precise de conserto.

Quando alguém lê você, Hanif, tem uma sensação de frescor... permeabilidade ao inconsciente, é algo muito semelhante ao que acontece na análise, você não acha? Eu tenho a sensação, quando o leio, de que você está em análise. Não me acontece com muitos escritores.

Devo começar do início? Direi que, na universidade, lia filosofia e estava interessado na história das ideias. Um dos meus professores era alguém que acho que tinha feito análise com Melanie Klein, e ele começou a nos falar sobre Freud, ele começou a nos falar sobre o inconsciente. E comecei a usar muito cedo na minha escrita o método da livre associação, que eu chamo de livre escrita. Você poderia dizer que minha escrita é um equivalente freudiano da associação livre. E eu uso de manhã, quando sento para fazer minhas páginas diárias, páginas diárias... Então, você escreve seus sonhos, você escreve suas associações, você escreve algo que sua mãe falou quando você tinha 4 anos de idade, blá blá blá. E descobri que a melhor maneira de criar material para escrever era usar este método de escrita do inconsciente. E descobri que muito do que saía era bobagem, mas no fundo havia ideias muito boas, ideias, que poderia usar em minhas histórias, novelas, ensaios... Quando uso esse método de livre escrita, de associação livre pela escrita, descubro que eu dizia coisas que não sabia que iria dizer. Mais tarde, quando comecei a fazer análise, vi que era uma linda ideia, que isso é o que toda a ideia era. Assim, gostaria de pensar, como você disse, que a melhor ideia que me ocorreu – que me ocorreu, você pode dizer, automaticamente ou sem coerção, como você sabe – é a ideia da livre escrita, como na livre associação de suspender o superego. A coisa te ocorre livremente, você pode então explorar. Portanto, tenho vozes na minha escrita, eu sempre me interessei pelo inconsciente por causa dos sonhos, e depois, 10 anos depois, bem, 22 anos atrás quando comecei a minha psicanálise, eu vi o inconsciente de um ponto de vista diferente, através da reflexão de um analista. Mas vi no início como escritor que o melhor material vinha quando você não estava olhando, poderíamos dizer. Então, essa é minha história, e quando estou escrevendo, começo cedo na manhã, sento, e quando estou fresco, não tenho inibições, não tenho superego, tento escrever o mais espontâneo que posso. Depois, quando você se está escrevendo uma novela ou um filme, ou o que seja, você produz, dá forma, torna-o artificial ao leitor, mas o impulso inicial é do inconsciente.

Então existem relações íntimas entre a psicanálise e a literatura, na sua opinião...

Bem, como você sabe, se leu, a obra de Freud está cheia de referências a Sófocles, a Shakespeare, a Ibsen, e você sabe, claro, que Lacan era um amigo chegado dos surrealistas, era muito interessado em Joyce, e **a psicanálise para mim sempre foi mais próxima da literatura e da filosofia do que da ciência.** E como sabe, também, se você estuda psicanálise e literatura, elas se iluminam mutuamente, e você poderia dizer que, se quisesse ter uma visão do que o homem e a mulher realmente gostam, você olharia para a história da cultura. Poesia, literatura, pintura, música, você veria o que os homens e mulheres gostariam. Não encontraria isto na ciência ou na psicologia. Assim, existe uma grande sobreposição, para mim, entre psicanálise e literatura.

... Você adora filosofia, psicanálise e literatura, elas têm em comum a linguagem.

A mesma coisa, linguagem comum, falada, escrita, e poderíamos dizer, as formas de criatividade humana, sim.

A psicanálise está fora da moda hoje, você sabe...

Sim – me interrompe, transformando o entrevistador em entrevistado – o que você pensa sobre isso?

Eu prefiro essa situação, não gosto das coisas da moda. Na Argentina, na década de 60 e 70, estava muito, muito na moda, todos faziam análise.

O mesmo em Londres, em Paris...

Prefiro essa situação, mas de que modo você se tornou um analisando, de que modo chegou ao divã?

Bem, como você sabe, a psicanálise estava muito na moda nos anos 60. Agora, digamos que você tem um sintoma, há milhares de analistas, grupos de analistas, os analistas que cantam, aromaterapeutas, você procura em um guia telefônico, existem milhares de terapeutas. E, como você diz, eu frequentemente me pergunto, tenho amigos que são analistas, que moram em Paris e eles não têm pacientes, porque os analistas não prometem felicidade. A análise não lhe promete nada. Se você vai a qualquer outro terapeuta, eles dizem, “sim, que em 6 meses estará feliz, ou em 6 meses você poderá fazer isso, aquilo e tudo”. A análise não te oferece nada a não ser sentar em uma sala e falar. Então estou preocupado com a psicanálise, me preocupa o futuro da psicanálise como prática, sim, e você?

Na América Latina a psicanálise ainda é muito importante, apesar de que não está na moda... muita gente gosta mais de tomar remédios ou tratamentos cognitivos do que de psicanálise.

O mesmo em Londres. Qualquer um em Londres que se sente deprimido vai a um bom médico, “ohhh tenho me sentido um pouco deprimido”, ele fará uma prescrição, lhe dará remédios. Adoro drogas, mas só gosto das drogas ilegais, uma boa sensação. Qualquer coisa prescrita pelo Estado é melhor esquecer. Mas estou preocupado com a psicanálise, porque adoro a psicanálise e acho que é uma linda ideia que você possa se sentar em uma sala com um homem por 20 anos, um homem ou mulher, por 20 anos só falando, é uma grande ideia. Mas posso ver que não oferece nada. Apesar de que, posso dizer que salvou minha vida.

É verdade que a psicanálise salvou sua vida?

Em muitas vezes, de muitas maneiras, sim. De muitas maneiras.

Você pode me falar sobre isso ou é muito pessoal?

Bem, posso falar sobre isso em termos gerais, eu acredito que a psicanálise pode evitar que se seja tão autodestrutivo. E Freud, eu acho que falou em algum mo-

mento que, tudo que a psicanálise é capaz de fazer é mitigar os efeitos do superego, do instinto de morte, ou a possibilidade de não nos causar dano. Me salvou disso, o que já é muito, e também posso dizer que me permitiu aprender a falar, porque... existem muitos escritores que, na realidade, não gostam de falar, porque eles gostam de escrever, assim encontram sua inspiração, ou sua criatividade em seus espaços privados, em seus quartos, escrevendo, e então eles podem falar a verdade.

E você?

Eu tive que aprender a falar. Também, se você vem de uma origem como a minha, eu cresci nos anos 50, é muito... digamos... uma época anterior aos anos 60, anterior à quebra dos tabus. Quando havia muita coisa que não se dizia, não era permitido dizer, e falar era muito controlado nos subúrbios, havia muita coisa que eles não queriam ouvir. Assim você tem que aprender, se você é um neurótico comum como eu, tem que aprender a falar.

A psicanálise ajudou você a aprender a falar?

Bem, você se ensina ouvindo...

Escutando-se a si mesmo.

Sim

Ouvindo-se falando?

E ouvindo-se não falando, bem, escuta aonde está o limite, a fronteira, tudo que poderia pensar que não pode dizer.

E que acha disso, quanto podemos falar ou mesmo escrever sobre o que é impossível de dizer? Porque você citou Wittgenstein em alguns ensaios...

Estava fascinado por Wittgenstein, e foi assim que me interessei por Lacan, pela preocupação com a linguagem e ele, como sabe, escreveu sobre a ideia da linguagem privada, que me interessou muito porque é impossível uma linguagem privada, mas há uma outra linguagem privada que tem a ver com a inibição, com o limite da fala.

E você trabalha nos limites da fala? Ou não?

Não sei, não posso responder isso. Estou ciente de que quando estou escrevendo sobre o que você teme dizer e que não pode dizer, e aquelas coisas que se sente nervoso de dizer e que, frequentemente, são as mais significativas, mais frequentemente tem maior força, mais eletricidade, sim.

E que lugar ocupa a psicanálise em seu trabalho e em sua vida atualmente?

É bastante central para mim o trabalho de Freud e de Lacan, mas principalmente o de Freud. E você deve saber que Freud teve grande influência no cinema, ainda se vê quando se pensa sobre sexualidade, sobre a infância, quando se pensa sobre os líde-

res, como Trump, o que seja, para mim se tornou impossível pensar sobre o mundo sem pensar através de Freud, usando as ideias freudianas. É central para mim, sim.

Você é alguma espécie de personagem anacrônico no mundo contemporâneo?

O que você quer dizer?

Anacrônico na maneira em que adora a psicanálise e em que usa muito a psicanálise, e a psicanálise não está na moda, e despender tanta atenção a esta disciplina não sendo você um analista, eu acho um pouco anacrônico em um muito bom sentido. Eu adoro o anacronismo...

Mas a psicanálise não está na moda, não está na moda, como você disse, mas está em toda parte.

Na cultura...

Na cultura, se quiser falar, não sei, de arquitetura, ou falar de sexualidade ou... você sabe, etc., etc., pode ver que a linguagem continua estando cheia de ideias psicanalíticas... frequentemente estúpidas ou má entendidas, mas está lá.

Você sabe que Susan Sontag disse que a sessão psicanalítica tem uma forma estética e poderia ser um espécie de instalação ou performance. Ninguém prestou atenção à característica estética da sessão analítica. O que acha disso? Pensando a sessão, não do ponto de vista do pensamento ou do tratamento de alguém, mas apenas o aspecto estético.

Não estou certo a este respeito. É certamente uma performance, poderíamos dizer,

Uma performance feita por duas pessoas...

É um show, uma performance. Sim, poderíamos dizer. Não há outra ideia no mundo como a ideia da sessão psicanalítica, não é? A ideia de duas pessoas que estão sentadas em uma sala, homem ou mulher, ou dois homens, mas sentados em uma sala por 25 anos, apenas falando, talvez duas, três vezes por semana, ou o que seja, que só falam das coisas mais estúpidas. De fato, a estupidez seria a essência do trabalho, poderíamos dizer. É uma ideia extraordinária. Podemos ver porque não está na moda! Porque é uma ideia tão bizarra, mas ainda assim uma ideia linda. E parece mais bela quanto mais velho fico, que se pague para sentar em uma sala e falar bobagens durante 22 anos, me parece fantástico. É algo absurdo.

Também é importante escutar bobagens durante muitas horas do dia

Bem, eu sim, não sou um psicanalista, mas sou professor de escrita e muitos de meus estudantes vem sentar-se ali e eu sento aqui, mas... nós conversamos e principalmente eu os escuto falar sobre a escrita e eles falam de suas mães, de suas vidas, disso e daquilo, não estou fazendo psicanálise.

Mas você os escuta de um modo especial... como se fosse um psicanalista.

Um tipo de psicanalista, mas quando escuto algo, eu digo: "o que você acaba de falar é realmente uma ideia interessante. Por que pensou nisso? Talvez possa colo-

car em seu romance. Por que não começa a pensar mais sobre isso?”. Assim posso perceber coisas deles que posso devolver e eles podem usar ou não.

E alguma vez pensou em ser psicanalista, Hanif?

Não. Não acredito que você possa ser psicanalista e romancista. É impossível, porque você sempre sentiria que está buscando material ou escutaria o material... não escutaria os pacientes com o mesmo desinteresse. Como escritor, estaria buscando material e não poderia fazer o mesmo como analista. De qualquer forma, eu já tenho um bom trabalho, tenho um ótimo trabalho. Meu analista costuma trabalhar das 7 da manhã até 5, 6 da tarde, isso é uma puta escuta. Eu não sei como vocês fazem isso, realmente não sei, me faria...

Você gosta de estar consigo mesmo, trabalhando...

Adoro, fico muito feliz de sentar em um quarto, escrevendo um pouco, uma hora e mais outra, fico muito feliz de fazer isso. Eu não preciso, necessariamente, de muita companhia.

Mas você sabe que, em minha opinião, quando uma pessoa se compromete com uma análise por tantos anos de uma maneira importante está mais próxima de ser um analista. Lacan acreditava que por mais que gente tenha estudado muitos seminários e textos freudianos, não interessa se você decide trabalhar ou não como psicanalista, mas a posição não é tão distante da de um psicanalista. Acredito que a maneira como você escuta seus alunos provavelmente poderia ser uma maneira psicanalítica de ensinar...

Bem, você tem razão, porque nos alunos de escrita a verdade está neles, não em mim. Se são escritores, então a verdade está neles e eu tenho que... poderia ajudá-los a trazer a verdade, porém a verdade não está em meu conhecimento, mas em suas histórias. Poderíamos dizer, assim, que nesse sentido é semelhante, mas o que você disse também é interessante, porque **a psicanálise não é uma cura pela fala, é realmente uma cura pela escuta**, é uma cura do ser escutado, poderíamos dizer. Quando você se sente escutado é muito curativo ou aliviante.

Você disse que atualmente ninguém escuta aos outros

Não, todos estão distraídos, ninguém quer escutar, e é interessante. Eu vejo com os estudantes, eles vêm me ver, sentam-se ali. Às vezes eles só falam, falam, falam, então caem fora, porra, e saem, e você pensa “esse pessoal não tem habilidade de escutar, não tem desejo por escutar, não há espaço, não há sonho, eles simplesmente não conseguem se sentar”. Às vezes digo “por que você não se senta ali e olhamos pela janela?”. Podemos sentar por meia-hora e eles não aguentam, é muito difícil de fazer. A habilidade de suportar o silêncio é muito importante, eu gosto. Eu entro na sala do meu psicanalista, é totalmente silenciosa, não há barulhos, nem rádio, nada, simplesmente nos sentamos lá em silêncio, e o silêncio é maravilhoso e o silêncio é o meio, ele realmente funciona. E no silêncio você também tem ideias, quero dizer, isso é meditação. Na meditação, o ideal é se livrar de seus pensamentos. Na psicanálise – no silêncio de duas pessoas juntas como você e eu – temos bons pensamentos, pensamentos interessantes, pensamentos criativos.

De que maneira você acredita que sua própria análise determinou sua maneira de contar histórias?

Esta é uma pergunta muito boa. Espero que tenha feito minha escrita menos lógica. Espero que tenha feito minha escrita mais estranha.

Mais estranha, mesmo para você...

Espero que sim. A psicanálise me permitiu pensar mais livremente, pois a psicanálise ensina a ser não-defensivo, a psicanálise te ensina, você tem os pensamentos e sentimentos que tem, então me permitiu pensar mais livremente. Quando eu era jovem, era muito inibido, era muito, muito nervoso. Nervoso pelas pessoas, nervoso de falar, nervoso de meus próprios pensamentos, meus pensamentos pareciam perigosos para mim. Outra coisa que se aprende na psicanálise é a falar tudo, e quando você fala se dá conta de que não causa nenhum dano. De fato é bem mais interessante, então é – Freud dizia – uma reeducação, e me permite pensar e falar coisas, e a escrever coisas que me envergonhavam, de fato, mas eram realmente interessantes, não só relacionadas com a sexualidade, mas com as relações, com amizades, com qualquer coisa. Simplesmente pensar mais livremente, pensar, ter mais ideias, de modo que sua mente se torne mais uma democracia. Há mais coisas na república democrática da sua mente.

“A República democrática da sua mente”, gostei disso.

Ter mais pensamentos e estar ciente do que está reprimindo, ou tapando. Na medida em que puder. Quero dizer que sempre me interessei pelos sonhos, fascinado pelos sonhos, e trabalhei muitos anos com meu analista sobre os sonhos, não tanto agora, mas por um longo tempo o material do sonho era realmente de meu interesse.

É o título de um de seus ensaios...

“Dreaming and Scheming”. Fizemos isso durante anos e achei profundamente iluminador, pensar e falar sobre sonhos e usar e conhecer a linguagem dos sonhos, a linguagem que você usa para falar dos sonhos, portanto, eu achei muito liberador. Quero dizer, não sou psicótico.

Sim, eu sei.

O que é uma pena para um artista.

Não ser psicótico é uma pena?

Sim

Por que você pensa que só psicóticos podem ser bons artistas?

Na maioria das vezes, você não acha?

Não, eu não concordo. Os psicóticos sofrem muito...

Eu sei, não me importa, ha ha!... Mas imagino em minha fantasia que há uma liberdade na psicose que não existe em quem tem inibições...

Você acha isso?

Eu imagino, não sei.

Não, não acredito. Há uma ideia popular de que existe muita liberdade nos psicóticos. Existe muito sofrimento nos psicóticos, não liberdade.

Mesmo?

Sim, acredito que sim.

Mas os psicóticos têm muitas teorias, não é? E eu acho as teorias bem criativas.

Sim, é verdade. De certo modo, talvez Joyce estivesse muito perto de uma psicose.

Lacan achava isso de Joyce, sim.

E quando você fala no divã, pensa como um personagem de Kureishi ou não?

Quando falo no divã, não tenho self. Abandonamos a segurança do self.

Mas imagine por um momento que você pode se ver e se ouvir no divã...

Quando falo no divã, como sabe, não é uma conversa normal, obviamente, assim não tento dizer ao analista como estou, como estou se sentindo, o que estou fazendo...

É um tipo de conversa maluca...

Sim, assim, nesse sentido, ele não é uma pessoa porque eu não pensei, nós não seguimos as regras de uma conversa normal, “como você está se sentindo hoje?”, “como está seu resfriado, blá blá blá”. E eu não sou eu mesmo tampouco, então não diria que sou um personagem, sou apenas uma máquina que faz palavras.

Uma máquina que faz palavras. Sim, mas lhe explicarei um pouco mais o que queria perguntar, porque você se mostrou muito em seus romances e ensaios, mas o que você mostra é também ficção, ainda que fale de si mesmo de um modo muito íntimo, e de uma maneira que permite ao leitor sentir o que você está dizendo de si mesmo, a sua verdadeira intimidade. Mas imagino que é também uma ficção.

Sim, é artificial, eu que criei e estou fazendo... É uma ficção como uma performance, um livro é o que Philip Roth diz, ele diz que nós somos uma sit down. Você conhece os comediantes que fazem stand up, nos sentamos como comédicos que fornecem histórias – como você diz – sobre nós mesmos, sobre o eu ficcional para entreter o leitor. Na psicanálise, eu não estou, de modo algum, tentando entreter

meu analista, não estou nem mesmo tentando me entreter, só estou falando. Assim, diria que não existe um personagem, não existe um eu se você está aberto a ser analisado. É muito mais aleatório se você tem sorte.

Você emprega muitos conceitos técnicos, usualmente lê... não apenas Freud, Winnicott, Bion..., mas faz um uso muito preciso de alguns conceitos psicanalíticos.

Leio tudo isso, mas procuro nunca usar uma linguagem técnica, não estou escrevendo para psicanalistas, estou escrevendo para pessoas comuns que ouviram Freud, ou leram Freud, mas que não são psicanalistas. A maioria dos escritos psicanalíticos, como você sabe, é muito ruim e difícil de ler. Lacan é impossível de ler, Freud é um grande escritor. Portanto, eu uso conceitos psicanalíticos, mas uso uma linguagem comum. Mas meu analista usa uma linguagem comum também.

Sim, claro. A linguagem na qual a interpretação é feita é a linguagem comum. Mas você leu muitos autores psicanalíticos.

Tenho muitos amigos que são psicanalistas, muitos amigos, sim, por muitos anos, que são psicanalistas.

Pais e filhos

Qual a idade de seus filhos?

Eu tenho gêmeos, eles têm 22, e eu tenho outro filho que tem 18 anos, então eu tenho 3 meninos. Eu poderia escrever sobre meninos, sim. Eu poderia fazer isso.

E algum deles gosta de escrever, ou não?

Um deles é um escritor, mas ele escreve para a TV. Todos querem trabalhar no cinema e na televisão, que é o futuro, ou o presente e o futuro. Eles não querem escrever romances. Eles não leem romances.

Mas há três gerações de Kureishi que escrevem. Isso é outra coisa sobre a qual eu queria falar: a maneira como você trata o seu pai. Eu gostei muito do livro que você escreveu (Mi oído en su corazón) e achei deliciosa a maneira como você lida com essas coisas. Você sabe que Freud pensava que a questão de um pai é o assunto mais importante para um homem, lidar com isso, e a maneira como você lida com isso... você tem Kafka lhe observando... (Kafka, a partir de uma fotografia, nos observa da sua cozinha)

Sim, é lindo.

E Philip Roth também escreveu – e eu gostei muito – “Patrimônio”, sobre seu pai.

Sim, seu pai, um livro maravilhoso.

Mas eu terminei de ler “Patrimônio” e ele me tocou muito. E acho seu livro maravilhoso, mas me perguntei: seu pai, como você descreveu no livro, é uma espécie de invenção? Você inventa o seu pai lá?

Sim, claro, eu o inventei, assim como Kafka inventou seu próprio pai também. Kafka inventou todos eles, toda a família. É bonita essa ideia. Ele é o instrumento, ele domina seu próprio pai, você poderia dizer, ele o domina para sempre ao criar seu próprio pai. Eu notei isto, sim. Então o pai de Kafka se torna uma caricatura bastante grotesca na literatura de Kafka. Sim, eu inventei meu pai, mas também ele era uma pessoa .

Sim, eu imagino.

Além de ser uma invenção minha, ele também era uma pessoa. Eu tenho os diários de meu pai aqui (**se levanta e busca umas pastas que me mostra, como quem oferece uma prova**). São os diários de meu pai, que eu leio e leio e penso sobre eles. Eu estou lendo os diários do meu pai, então ele também era uma pessoa real e em quem eu também posso pensar. Ele era uma pessoa real também.

Mas você acha que não é tão fácil ir além de seu pai, porque você tem que matá-lo de algum modo, você não acha? E você foi além dele como um escritor.

Bem, sim, muito, muito além dele como escritor. O que você pensa sobre isso?

Eu queria saber, por exemplo, se você precisava de seu pai morto para escrever esse livro?

Sim, oh Deus, sim, para escrever livremente. Meu pai morreu em 92, antes de meus filhos nascerem. Tive que esperar que meu pai morresse antes de fazer muitas coisas, de fato. Antes de ter filhos, antes de me apaixonar, muitas coisas, em muitos aspectos. Não tenho certeza se Freud estava certo de que o pai é a figura mais significativa. Na verdade, eu diria que a mãe também é. Eu entendo o que Freud quis dizer, e posso ver o que ele estava dizendo, mas eu não tenho certeza. Freud tendia a subestimar as mulheres, certamente as mães. Havia muito pouco sobre as mães em Freud. Não é o suficiente, razão pela qual o trabalho de Melanie Klein ou Karen Horney é tão importante.

Mas, então, você precisava do seu pai morto para fazer muitas coisas, mas de alguma forma, você deveria ter matado seu pai para escrever muitos livros antes dele morrer. Você escreveu muito antes, antes de 1992.

Eu escrevi “Minha adorável lavanderia” em 1984, e antes disso, a partir do final dos anos 70 para meados dos anos 80 eu estava escrevendo para o teatro... Meu primeiro romance foi “O buda dos subúrbios” que saiu em 1990. Meu pai ainda estava vivo em 1990, então, eu sempre fui um escritor, meu pai queria que eu fosse um escritor, meus tios eram escritores e agora é claro, pelo menos um dos meus filhos é escritor. Então, é possível escrever sem matar seu pai.

Mas você pode matar seu pai de uma maneira simbólica.

Bem, eu o mantive vivo e o matei, colocando-o em um livro, assim como – você poderia dizer – Kafka fez em “A Metamorfose”. Você o mantém vivo e você o mata, mas você o mantém lá.

(Interrompe a entrevista para falar por telefone com seu filho)

Você está cansado?

Não, não, vamos falar um pouco mais.

Ok. Podemos falar sobre esse assunto um pouco mais, sim. Acho que é muito importante. Você já leu sobre um autor cômico, um americano, Art Spiegelman? Ele escreveu “Maus”...

Eu sei quem ele é, mas eu não li.

Ele lida de uma maneira muito boa com seu pai. Seu pai era um sobrevivente de Auschwitz, mas eu li diferentes maneiras nas quais alguns autores têm lidado com seus pais: Paul Auster em “ A invenção da solidão”; Art Spiegelman em “Maus”; Kafka ... o que você acha sobre o seu próprio caminho para lidar com seu pai, como parte de seu trabalho.

Bem, era muito difícil para mim lidar com meu pai, porque ele era um patriarca, ele era forte e tinha opiniões muito fortes. Ele era um homem muito grande para mim e minha vida como uma criança, obviamente. Mas, em outro sentido, ele também era um homem muito fraco, o que tornava isso pior, quero dizer, um pai fraco é mais difícil de se desfazer, digamos, do que um pai forte. Porque meu pai nas duas últimas décadas de sua vida estava doente, ele teve muitos ataques cardíacos, também foi um fracasso, ele se achava um fracasso como um escritor. Ele queria ser romancista profissional, na verdade, e jornalista, e ele nunca foi realmente bem-sucedido. Então ele era infeliz em seu trabalho. Meu pai também era um imigrante, que tinha vindo para a Inglaterra, e acho que ele sempre se sentiu infeliz, alienado na Inglaterra, e meu pai tinha um relacionamento muito ruim com sua mãe, que tinha 12 filhos, o que é muito, e ele era um dos mais jovens, de modo que não recebeu muita atenção.

Também o pai do meu pai, meu avô foi muito cruel com meu pai, então meu pai, embora fosse pai, também era um homem fraco e humilhado, o que torna muito difícil para um filho livrar-se dele, matá-lo, como você diz. Porque eu passei muito tempo como um jovem tentando manter meu pai vivo, não para matá-lo, mas para ouvir sobre suas histórias seus sonhos, os romances que ele queria escrever, sua vida, então eu também era – você poderia dizer – seu analista, seu apoio, seu amigo, seu irmão, além de ser filho. Um pai assim, um pai fraco, você poderia dizer, um pai que você não pode simplesmente jogar no lixo, é uma ideia muito mais complexa do que se você e seu pai são ambos fortes, e se houver uma briga, você o joga fora. Era impossível e também, é claro, eu estava muito interessado, como um jovem, na ideia da imigração e da mudança social e racial que estava acontecendo na Grã-Bretanha. E meu pai era muito vulnerável na Grã-Bretanha porque ele era imigrante, um paquistanês. Portanto, há muitas questões que eu tenho que pensar. Então, a ideia de que você pode simplesmente remover o seu pai não está clara, não é o caso, mas o que você pode fazer é evitar que seu pai seja um limite ou uma fronteira para você, para que você possa ir felizmente além de seu pai, e continuar respeitando-o e amando-o como o centro da família.

E o que você pensa sobre o fracasso e o sucesso?

Bem, você pode dizer, se você é freudiano, que fracasso é algo que você faz ou fracasso é algo que é muito importante para você, e que meu pai fracassou – poderíamos dizer – como criança em seus relacionamentos com seus pais, o que era muito ruim. E ele

falhou toda a sua vida como escritor, ele foi humilhado, você pode dizer, pelo mundo editorial, porque eles não gostaram dos seus livros. E ele passou a vida – eu acho – como um homem que foi humilhado. Ele foi humilhado, meu pai. Eu passei um pouco da minha vida sendo humilhado, mas agora tenho uma análise muito longa, então eu meio que me livrei disso e agora, você pode dizer, que eu tenho o que você chama de sucesso e fracasso, nenhum deles já é problema para mim. Nem penso neles.

Você não acredita no sucesso...

Não, eu pensaria na felicidade, ou na capacidade de amar alguém ou de ser amado, ou na minha habilidade de educar meus filhos, ou na minha capacidade de ser amigo.

Você sabe que essa é uma maneira em que Freud definiu a saúde mental, a capacidade de amar e a capacidade de trabalhar. Você pode fazer as duas coisas.

Sim, quase, quase (bate na madeira, golpeando sobre a mesa).

No meu país, a madeira não deve ter pernas...

Oh, realmente? Eu não sabia disso! Funciona de qualquer maneira. De certo modo, você pode transcender a ideia de fracasso e sucesso. Eu escrevo. Algumas pessoas adoram meus livros, outras pessoas não gostam dos meus livros, mas eu escrevo e tenho a minha família, então eu não penso nisso.

E você acha que escrever um livro, por exemplo, poderia substituir uma análise? Poderia ocupar o mesmo lugar que uma análise?

Bem, Lacan disse – não é? – que o pecado original de Freud foi ter se analisado, e ele se analisou, você poderia dizer, através de suas cartas com Fliess, principalmente, e qualquer outra pessoa diria que é impossível analisar a si mesmo. É como ver a parte de trás de sua cabeça, é impossível, você não pode ver seu próprio inconsciente. Então eu não acredito que um livro seja uma análise. Você pode ter uma análise com eles e alguém mais lá. Isso é um ponto, e é uma fantasia.

Não sei se você leu as cartas escritas por Freud para Oskar Pfister, o pastor?

Não, eu não li. São interessantes?

Em uma delas, Freud disse... Pfister era um bom homem, era pastor, e também analista. Freud disse que para ser um bom analista você não pode ser uma boa pessoa. Um analista deve se comportar como um vilão, como um artista que gasta todo o dinheiro da família para comprar os materiais para pintar. Ele deve se comportar como um malfeitor, e quando eu leio algumas de suas obras eu encontro valentia, a maneira em que você fala sobre sua vida, tão abertamente, como com uma espécie de evidência. Eu sei porque li que você pagou o custo disso. É verdade?

Não tenho certeza, o que você quer dizer?

Não é de graça escrever sobre a família, por exemplo.

Ah, entendo.

Philip Roth pagou um preço alto... escrevendo sobre sua família. O que você pensa sobre isso?

É um preço que vale a pena pagar.

Sim, sempre pagamos um preço.

Sempre há um preço. O que você acha do preço do silêncio? O preço do silêncio é alto, é mais caro do que falar, há sempre um preço, como você diz. A psicanálise explicaria para você que não há lugar seguro. Não há nenhum lugar seguro. Se você está em silêncio é perigoso, se você fala é perigoso, é sempre perigoso.

Você considera a análise como uma atividade perigosa, de certo modo?

Eu sou, como eu disse, uma pessoa bastante nervosa e bastante inibida. Quando eu deito no divã e começo a falar, acho perigoso. O que estou dizendo, eu nunca disse antes. Ontem mesmo, quando peguei minha bicicleta e fui ver o meu analista, eu estava muito nervoso. Disse a ele: “eu vejo você, porra, faz 22 anos que eu me deito aqui e ainda estou nervoso”. Ele disse: “isso é bom, significa que está funcionando”.

Eu li que sua irmã uma vez ficou irritada ou até mesmo zangada com você porque ela não concordou com sua descrição da família.

Minha versão dos fatos.

Mas é como se ela não concordasse com sua família, como se tivesse tido outra família.

Sim, ela teve.

Claro, isso é um terreno comum na psicanálise e na literatura. Na maneira como contamos nossas histórias de um modo singular, todos nós tivemos famílias diferentes e pais diferentes, não é?

Sim, mas ela pensou que nós todos tínhamos a mesma família e que eu não estava vendo direito.

Ela ainda está brava com você?

Eu não sei, vou perguntar a ela. Não sei. Não falo com ela há 20 anos, então eu poderia perguntar a ela. Talvez ela não estivesse zangada por causa da minha versão, talvez ela se irritou porque eu estava falando, minha liberdade de falar. Mas isso acontece muito frequentemente entre irmãos. Um irmão tem uma visão do passado, o outro tem uma outra visão, todo mundo tem uma visão diferente, os pais têm uma visão diferente.

E Hanif, hoje em dia você é mais velho que seu pai quando morreu, não é?

Sim, ele morreu em torno da minha idade, então eu vou embora em breve. Sim, ele morreu em torno de minha idade, 61, 62. Ele morreu perto de 63. Acho que 64.

Como se sente? Com a mesma idade que seu pai tinha naquele momento?

Bem, eu sei que sou mais feliz do que meu pai, mas também sei que estou muito

contente porque sou escritor e as pessoas leem meus livros, e que eu ganhei a vida com os meus livros, o que é importante para mim. E isso também, para a geração do meu pai – tenho certeza que com a sua família é o mesmo – ter 60 anos era realmente ser velho, era bastante velho. Normalmente se morria em torno de 65, 70. Eu tenho um amigo que tem 75 anos. Ele acabou de começar com uma nova namorada e comprou um apartamento novo. Ele está olhando para a frente. 75, você sabe e ele transa com a sua namorada. Ele trabalha como diretor de cinema, você sabe, é como se ele tivesse 35 anos. Por isso, temos diferentes concepções de idade. Mas também tenho 3 filhos que ainda tenho que cuidar. Mesmo eles tendo seus 20 anos, eu ainda tenho que continuar empurrando-os e a ajudando-os financeiramente... Eles vivem com suas mães. Todos no bairro.

Hanif, em qual de seus livros você é mais claramente você?

Bem, provavelmente os primeiros. Particularmente “O Buda”... porque quando eu leio sobre meus pais, se eu abro “O Buda” e eu olho para ele, é como assistir a um filme. Você vê seus pais, você vê sua mãe – oi mãe, aí está o seu pai – e porque... quando eu escrevi esse livro eu tinha 30 anos e meus pais ainda estavam vivos e agora, 30 anos mais tarde, posso vê-los – oohhh aí estão eles. Isso é o que eles diziam, isso é o que eles fizeram, e eu era mais ingênuo quando escrevi esse livro, poderíamos dizer. Eu só escrevi, o que eu vi, o que eu lembrava, o que eles diziam. Então é um vislumbre, você pode dizer. Um livro é como um sonho de muito tempo atrás, e tudo se esclarece de repente. Sabe, quando você tem um sonho, você não entende, mas, quando anos depois você volta para o sonho, fica completamente claro. Um livro é assim – para você ver – ainda que eu não fosse lê-lo, mas se eu o abro, vejo algumas páginas e lá estão eles, aqui está o meu pai – olá!. Incrível!

Mas essa divisão entre ficção e não-ficção... você concorda com essa divisão em seu trabalho?

Não verdade, não. Para mim é tudo escrita, é apenas escrita. Para mim, escrever, fazer um filme ou até jornalismo, é tudo escrita para mim. Eu realmente não penso nessa diferença. Não, não é uma grande coisa.

E você sente que faz parte de que tradição literária? Que tradição você inventa?

Fazer parte? Fazer parte dela? De que tradição eu acho que faço parte? Eu não posso responder isso. Posso dizer os escritores que eu gosto, poderia dizer os escritores que eu admiro, mas não poderia dizer que sou como eles, sabe? Quero dizer, quando eu... Você sabe que eu diria que amo Nietzsche, ou que amo Freud, ou que amo Kafka, ou que amo Dostoiévski, Tchekhov, quem quer que seja, mas eu não diria que estou nessa tradição, eu nem sequer diria que eles são iguais. Mas gosto de escrever perto da vida.

O que isto significa?

Bem, veja, que não acho que meus livros são puramente entretenimento, eles são sobre a falta de sentido, eles são sobre a felicidade, eles são sobre o fracasso sexual, eles são sobre o desastre, bem como sobre o desejo, a felicidade e as famílias. Eu quero escrever sobre coisas negras, escuras, de uma maneira interessante, para uma grande audiência.

Você não acha que o escritor e o psicanalista poderiam compartilhar o lugar do estrangeiro, de alguma maneira?

Bem, você poderia dizer que a psicanálise promoveria a ideia de que todo mundo é estrangeiro, porque é estranho para o seu próprio inconsciente e também – poderíamos dizer – estranho ao inconsciente das outras pessoas. Por isso, essa ideia do estrangeiro é central para a psicanálise. Claro, Freud também era estrangeiro, sendo judeu em Viena naquela época.

Mas um escritor – e um analista também – nunca está muito integrado à sua sociedade, como um sargento ou como um professor poderiam estar, você concorda?

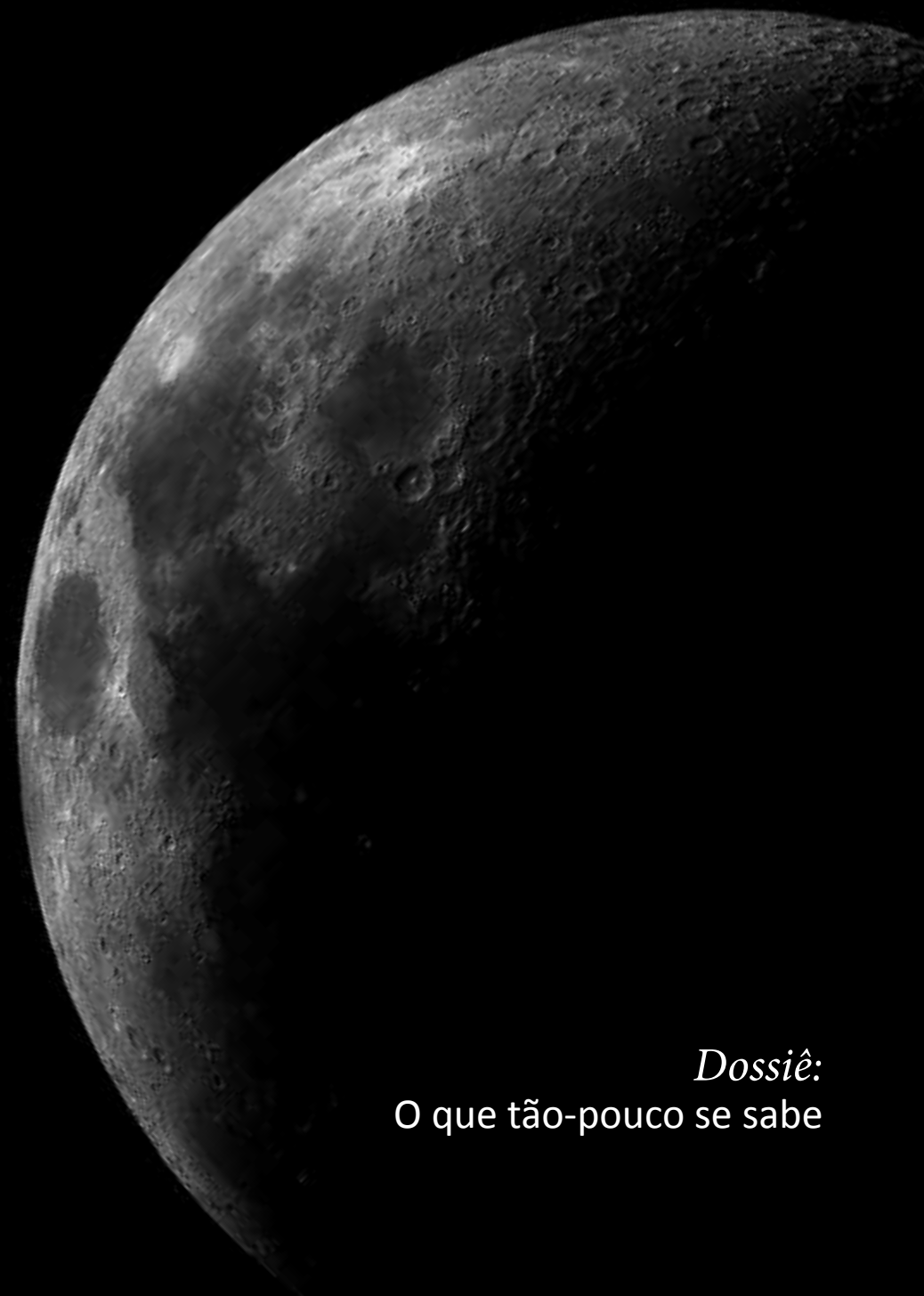
Eu não quero estar integrado.

Sim, eu sei, tenho certeza...

Eu gosto de não estar integrado. Quando eu era criança, eu queria me integrar, é claro, mas agora eu sou adulto e me parece que não estar integrado é uma ideia muito bonita.

Para você, como é a sensação de estrangeiridade, vivendo em Londres atualmente?

Me sinto estrangeiro em Londres porque falo em inglês! Minha namorada é italiana. Ela é de Roma e veio morar em Londres comigo. Ela diz que é incrível, você anda por Londres, e todo mundo fala em espanhol, todo mundo fala em italiano e todo mundo fala em árabe, todo mundo fala em farsi. Ninguém fala em inglês em Londres. Eu disse que eu sou o único agora, eu sou o londrino nativo.



Dossiê:
O que tão-pouco se sabe



Raya Angel Zonana*

O que tão-pouco se sabe: algumas notas

*“A vida é um milagre.
Cada flor,
Com sua forma, sua cor, seu aroma,
Cada flor é um milagre.
Cada pássaro,
Com sua plumagem, seu voo, seu canto,
Cada pássaro é um milagre.
O espaço, infinito,
O espaço é um milagre.
A memória é um milagre.
A consciência é um milagre.
Tudo é milagre.
Tudo, menos a morte.
– Bendita a morte, que é o
fim de todos os milagres.”*
Manuel Bandeira

Como falar do que não se sabe? Só é possível nos aventurarmos por este campo munidos do algo que sabemos/vivemos, e do perene desejo de busca que acompanha o ser humano desde seu nascimento até a morte – único ponto “conhecido” nessa viagem, mas do qual, na verdade, nada sabemos. Assim...

- No capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, texto inaugural da psicanálise publicado em 1900, Freud se dedica a estudar minuciosamente o funcionamento mental partindo do

sonho, criação sempre enigmática. Observa e propõe uma nova linguagem, a do inconsciente: uma outra lógica, com seus movimentos próprios, seus meandros. Descreve o método psicanalítico como maneira de penetrar esse “espaço”. A escuta, a interpretação. Em sucessivas camadas, “desfolha” o oculto, o reprimido e... eis que se vê chegar a um ponto impenetrável – “umbigo” do sonho. “...*existe uma meada de pensamentos oníricos que não pode ser desemaranhada. Este é o ponto central do sonho (umbigo), o ponto de onde ele mergulha para o desconhecido. (...) É num certo lugar em que essa malha é particularmente fechada que o desejo onírico se desenvolve, como um cogumelo de seu micélio.*” (Freud, 1972/1900, p. 560)

O obscuro do sonho, o que não se deixa interpretar, é o que move o desejo direção ao que tão-pouco se sabe.

- Em 1932, após 40 anos de trabalho, tendo em vários momentos se debruçado e se perguntado sobre o feminino, Freud escreve seu último texto dedicado especificamente a este tema: a conferência XXXIII, *Feminilidade*. Ao final do artigo, ao aceitar suas limitações em explorar este objeto, Freud sugere ao leitor que deseja ir além que busque o que não se sabe do feminino em sua própria experiência ou então,

que pergunte ao poeta – este que tem o poder de, ao conservar a fantasia infantil, adentrar o mistério do desconhecido “continente negro”. (Freud, 1976/1932)

- *Esboço de Psicanálise* (1938), último texto de Freud, que o deixa inacabado ao morrer. Um esboço, algo a ser lapidado, redesenhado. Território em que há muito ainda a se buscar. Sabia ele que haveria ampliações, acréscimos, digressões, dissensões, rupturas, descobertas, transformações no desenho desta jovem teoria, da qual, na verdade, ainda hoje, somos exploradores, na tentativa de ir mais além daquilo que não se sabe.

O que não se sabe em psicanálise é o que a norteia, o que a constitui como a possibilidade de um contato com “espaços negros móveis”, que ora se desfazem, ora tocam um no outro, constituindo novas figuras que logo se desmancham e que, em determinados momentos, iluminam-se por meio da linguagem e tornam-se por um instante compreensíveis. Mas há sempre um resto; a palavra nunca diz tudo e, assim, o objeto da psicanálise somente se pode mear, tatear. Neste processo de fugacidade do conhecimento, constitui-se uma trama que permanece e pela qual podemos caminhar. *É o Esboço de Psicanálise.*

Pela brecha que Freud deixa aberta neste *Esboço de Psicanálise*, entram os autores que, a partir dele, ampliaram o espaço conceitual psicanalítico em busca do desconhecido. Neste escopo de autores não há somente psicanalistas, já que o campo teórico criado no final do século XIX em Viena alcançou muitas outras disciplinas, assim como obteve destas os aportes fundamentais para seu desenvolvimento.

Cada novo pensamento de qualquer disciplina mapeia a estrada com novos desejos que nascem dos rastros do já sabido. O começo se dá pela fantasia. O começo do começo, aquele que, na verdade, toma a estrada já construída, surge do desejo, esse eterno insatisfeito. Não há linearidade, e sim um movimento de enlaçamento do novo com o já existente e conhecido. “Em todos os começos há intenção e atitude. Cada começo cria uma singularidade, mas também entrelaça o existente, o conheci-

do, à herança da criação da linguagem da humanidade, paralelamente ao seu próprio fértil e singular afastamento”. (Oz, 2007, p.15)

Assim também *Calibán* sugere o novo, um pensamento singular, fecundo que encontra no que não se sabe seu estímulo, sua busca.

O Dossiê deste número de *Calibán* – *O que não se sabe* – segue este tema em áreas não próprias da psicanálise, nas quais, no entanto, nós, psicanalistas, sempre buscamos seiva que nos fertilize. Assim, pedimos aos autores que pudessem, cada um em seu metiê, caminhar para terrenos dos quais “tão-pouco se sabe”.

Em cada um dos artigos que se seguem, os autores revisitam o sabido, o familiar como fonte de alguma segurança, para daí se lançarem em hipóteses, desejos e fantasias. Criam assim o trajeto particular, em língua própria.

Em tons musicais, Arrigo Barnabé, compositor brasileiro de vanguarda, nos leva por esta trilha com o frescor e delicadeza com que se revisitam lembranças de infância. Nascido em uma cidade do interior do Paraná, sul do Brasil, Arrigo, em um texto muito pessoal, relata o impacto que lhe causaram os primeiros contatos com o mundo “psi” e com a música. As fantasias que o mundo adulto provoca na criança, palavras sonoras cujo significado se tenta decifrar e percepções estranhas ao olhar infantil surgem no texto de Arrigo ao lado de sua trajetória pelo mundo musical, campo de criação do autor. Em muitos momentos de sua obra, a psicanálise se encadeia à música, constituindo espaço de descobertas na direção de novos saberes.

As lembranças, como fios que a memória tece artesanalmente, contam a história de cada ser humano, ligam o passado e o que se faz presente. Como? Algo do que a biologia sabe sobre a memória nos é contado por Pedro Bekinshtein, em uma prosa clara que nos aproxima dos labirintos do funcionamento cerebral. Ao final do texto, o autor expõe algumas dúvidas que a biologia espera solucionar, dúvidas que a psicanálise mantém como guia em suas passadas. Encontro sempre produtor de novos significados este, entre a psicanálise e a biologia.

A memória, de uma outra forma, é também o guia do texto de Marcio de Moraes, jurista brasileiro. Juiz Federal nos “anos de

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

chumbo”, época de extrema repressão durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), Marcio apresenta seu percurso ao julgar o caso Herzog. Vladimir Herzog, jornalista, ficou marcado na história do país como um símbolo da resistência à ditadura ao ser preso, torturado e assassinado, oficializando a extrema violência e desprezo pelo humano com que os militares subjugavam o país. No relato de Marcio de Moraes, surge a evidente tentativa de se borrar a história, para que, como muitas vezes acontece em nossos países latino-americanos, tão-pouco se possa e se queira saber.

O indecifrável habita o texto de Hector Martínéz, astrônomo. Põe-nos em contato com o universo que nos envolve, que não conhecemos e não chegaremos a conhecer, apesar de dele fazermos parte. Adentrar neste universo obscuro, nos “des-astra” – palavra que se origina na ideia de “perder o astro”, perder o rumo. O objeto de estudo de Hector Martínéz é esquivo e, se dá a conhecer menos aos astrônomos do que aos “físicos que estudam as coisas mais mínimas. É muito paradoxal – e, às vezes, incômodo – que as coisas mais abundantes no universo escapem tanto a nós, astrônomos.” O astrônomo, em seu desejo de conhecer, lamenta que possa ser antecedido pelo físico na aventura de penetrar no desconhecido, no lado obscuro do universo.

Neste dossiê, cabe a Osvaldo Pessoa, físico e estudioso de filosofia da ciência, penetrar na delicada intersecção entre física quântica e psicanálise. Nas trilhas desta intersecção, o autor se move com argumentos em uma linguagem não familiar a nós, psicanalistas, e que talvez, exatamente por sua estranheza, ative a curiosidade, ferramenta essencial em nosso fazer diário.

Então, como psicanalistas, “o que tão-pouco se sabe” se faz presente a todo momento em nossa clínica, em cada história que vivemos, analisando por analisando. Somos como o *flâneur*, que percorre a cidade sem um objetivo aparente, mas com o olhar atento à história dos locais pelos quais passa. A errância do analista durante a sessão, a atenção flutuante, caminha ao encontro de algo novo, que não se conhece, em direção a uma criação da dupla.

Que o leitor possa, nos encontros com cada um dos textos que seguem, construir um espaço de exploração e descoberta em direção ao que tão-pouco se sabe.

Referências

- Freud, S.(1972). *A interpretação dos sonhos. ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. V. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1976). *Conferência XXXIII. A Feminilidade. ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932).
- Freud, S. (1975). *Esboço de Psicanálise. ESB das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938).
- Óz, A. (2007). *E a história começa*. Rio de Janeiro: Ediouro.



Arrigo Barnabé*

Faltavam páginas

No começo da década de 1960, tive meu primeiro contato com o termo “psico”. Foi quando estreou em Londrina, minha cidade natal *Psicose* de Alfred Hitchcock.

Lembro-me de que havia certo frisson entre os adultos, todos falando do filme. Meus pais, meus tios e tias foram a uma sessão noturna, e nós – eu, meus irmãos e primos – ficamos com minha avó materna, Constanza. Na

época não havia televisão em Londrina; então, no cinema, além da sessão de domingo à tarde, havia sempre uma sessão noturna durante a semana. Ir a essa sessão noturna era o nosso hábito. Às vezes as crianças iam junto. Lembro-me que foi assim que assisti a *Peter Pan*, numa sessão noturna. E, numa sessão noturna, as tristezas e angústias que eventualmente existem podem ser realçadas pela pungência

* Músico e ator.

do filme. Na volta para casa, na pequena peregrinação pelas ruas familiares, quando já superamos a angústia do ocaso, e alguma tranquilidade parece advir da cidade que repousa calma, as cenas projetadas na tela, e intensificadas pelas sombras da noite, podem adquirir vivacidade em nosso íntimo, fazendo com que seja difícil conciliar o sono e gerando reflexões sobre a vida, o mundo, a religião, o efêmero. Sobre crescer. E sobre Peter Pan, e os meninos perdidos. E Wendy. E voar, voar, voar. E o feroz Capitão Gancho. E o crocodilo.

Por isso, para não favorecer essas angústias, ficou cada vez mais raro irmos ao cinema à noite com os adultos. A noite de crianças e risos só acontecia quando passavam comédias: Oscarito e Grande Otelo, Cantinflas, Mazzaropi, Totó, Fernandel...

Mas agora estou falando de uma noite em particular; da noite em que foi exibido um filme evidentemente sinistro, dominado por calafrios.

Um filme para adultos.

Naquela noite ficamos com minha avó Constanza, na casa de tia Laura, a caçula das irmãs de minha mãe. Tia Laura tinha uma enorme coleção de gibis de terror: Terror negro, Gato preto, Sobrenatural etc... Às vezes nos deixava ler essas revistas proibidas, divertida com nosso espanto, lendo nossas expressões de pavor com aquele deleite peculiar que os adultos apresentam face à fascinação infantil.

Mas, naquela noite, tia Laura estava no cinema e, o terror, na luz projetada sobre a tela.

Naquela noite, os gibis permaneceram trancados na estante da sala.

Naquela noite, o pequeno acordeão azul de Felipe não saiu do estojo.

Naquela noite, nem brincadeiras inocentes davam conforto aos indignados infantes.

Pois aos pais fora reservada a diversão: o filme *Psicose*. Aos filhos, a rotina tridimensional noturna das reuniões de crianças: esconde-esconde, adivinhas, cabra-cega. A minha prima Cida, de olhos vendados, tentava tocar alguém, orientada pelos risos abafados, quando os adultos chegaram.

Poucas vezes presenciamos tal frenesi depois de uma sessão de cinema.

Era algo que fugia da rotina, assim como a conversa, que parecia indecifrável; conversa de adultos. Conscientes que estávamos no limiar de nosso entendimento, tateávamos no escuro das palavras, palavras comuns, mas que não faziam sentido:

– ELE era a mãe!

Claramente o pronome pessoal masculino na terceira pessoa, ELE, havia sido designado como “a mãe”. Além da compreensão!

– Nessa hora eu tapei os olhos – disse alguém, a respeito da impressionante cena em que descobrem que a mãe, além de morta, fora precariamente preservada pelo filho: uma caveira de peruca, sentada numa cadeira. Arrepios.

Depois disso, ouvi algumas vezes conversas sobre psicologia, e sobre “complexos”, mas tudo de uma forma muito distante; esse conhecimento era completamente fora do nosso universo. Nosso mundo era caipira.

A minha professora de piano e teoria musical, Dona Eudora Pitrowsky, foi uma pessoa muito importante na minha formação musical. Com ela aprendi a gostar de Bach, estudei as invenções a duas e três vozes. Além disso, ela tinha uma mentalidade muito aberta, sem nenhum preconceito contra a música popular. Era grande fã de Ernesto Nazareth, e lembro dela abismada com Pedro Pedreiro e *Olé Olá*, canções recém-lançadas por Chico Buarque nos então primórdios da MPB.

Em 1964 ou 1965, estávamos eu e meu primo Felipe em uma aula de teoria musical, quando a Dona Eudora falou sobre um filme que havia acabado de entrar em cartaz: *Freud além da alma*. Recomendou que assistíssemos a ele, que era um filme importante e tudo mais. (Agora percebo que deve ter sido em 1965, porque o filme era proibido para menores de 14 anos e a inspeção na entrada do cinema era rigorosa.) Fomos assistir. Ficamos muito impressionados.

Eu me lembro da cena em que David McCallum (que conhecíamos da série *O Agente da U.N.C.L.E.* como Ilya Kuriakin) abraçava com tesão o manequim com as roupas da mãe, e depois transpassava com o sabre o manequim com as roupas de seu pai. E também das cenas em que Freud desmaiava no cemitério, se esforçando inutilmente para passar pelo portão do campo santo. São tantas cenas



marcantes, mas, para mim, nada foi mais impressionante do que a paciente, sob hipnose, gritando ao se lembrar do local onde seu pai havia morrido: “Ele morreu num BORDEL!!! Ele morreu num BORDEL!!!”

Eu não sabia o que era bordel, e passei algum tempo cismando com aquilo. Um dia, resolvi perguntar a meu pai o que era. Pelo silêncio que veio a seguir, percebi que não era uma boa pergunta. Pude perceber uma contração no rosto dele, como se estivesse crispando as orelhas contra a cabeça. Na época, achei que ele tivesse ficado bravo com a pergunta. Hoje penso que talvez estivesse controlando o riso. Depois de alguns perceptíveis segundos, veio a resposta, que não admitia réplica: “É onde vivem as mulheres de má vida.”

Fiquei na mesma, mas aprendi que existiam mulheres de má vida – eu não sabia absolutamente o que era isso. Mas percebi que adentrava algum território proibido...

O filme repercutiu imensamente em nós, eu e meu primo. Ele, resolvido a seguir os passos de Freud, quando perguntado sobre sua vocação, respondia sem pestanejar: “psiquiatra!”. O nome Freud tornou-se familiar. A ciência de descobrir as doenças da psique,

de curar as mentes defeituosas, de confortar os enfermos da alma passou a fazer parte do nosso universo interiorano.

Vale relatar outro episódio, este passado em Curitiba, em 1969, quando fui para lá estudar. Minha residência passou a ser o Hotel Barbosa, verdadeiro pardieiro, na zona central da cidade. O lugar era tão mal afamado, que o taxista não queria me deixar lá, advertindo:

– Mas aqui era a pensão Marumby! Aqui era um lugar de mulheres de má vida!

Tive que explicar que o lugar tinha virado uma pensão para estudantes e insistir que estava tudo bem. O taxista, inconformado, foi embora, e lá fui eu, ingressar no ex-bordel, onde tive um dos melhores anos da minha vida, com os amigos com quem convivi no inesquecível Hotel Barbosa. Até hoje sonho que chego a Curitiba e vou ao hotel, que em sonho ainda existe, e me hospedo lá por uma noite, espantado ao perceber como conseguia ser tão alegre vivendo em lugar tão desconfortável.

Como tinha o hábito de frequentar bibliotecas, fiquei sócio da Biblioteca Municipal de Curitiba. Para minha alegria, eles tinham as obras completas de Sir Conan Doyle, livros so-

bre yoga e esoterismo, sobre paleontologia, e, um dia, descobro um livro de Sigmund Freud. Não sobre Sigmund Freud, mas de sua autoria. Era um livro de coleção, encadernado, que retirei durante o rigoroso inverno curitibano. Depois de alguma dificuldade, consegui adquirir interesse pela história, na passagem em que ele estava no trem e sua mãe lhe deu algo para brincar. Era alguma coisa assim, mas ele descrevia muito bem aquela viagem de trem. Eu me lembro disso porque fiquei com a sensação de ter eu mesmo feito a viagem descrita por ele. De repente, a narrativa se interrompe porque faltavam páginas no livro! Não pude continuar a leitura, porque a história realmente ficava indecifrável... Sempre acho impressionante essa história.

Nos anos 70, já em São Paulo, aluno da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), tinha um colega que fazia terapia com o Gaiarsa (terapeuta famoso na cidade naquela época). Psicodrama, essas coisas que me davam um medo danado, laboratório teatral. Sempre achei horrível você ter que permitir intimidade a um desconhecido...

Então sempre tive um pouco de medo do divã, das coisas que poderiam descobrir sobre mim, coisas que poderiam ser ruins, e das quais eu não tinha consciência nenhuma.

Em 1978, escrevi a letra e a música de uma canção inspirada pelo “sertanejo lisérgico” – era assim que eu denominava a poética de Tetê Espíndola e seus irmãos, recém-chegados de Mato Grosso do Sul. Depois, Tetê ficou bastante conhecida ao vencer um festival com a canção *Escrito nas estrelas*, em 1985. Contudo, em 1978, o trabalho deles era bastante calcado em uma mistura de gêneros típicos do Mato Grosso do Sul, como a guarânia e a polca paraguaia (bastante assimilados pela música sertaneja) e blues, rock, Janis Joplin, Mahavishnu Orchestra etc. Então, havia um olhar sertanejo para as coisas, mas era um olhar sertanejo de quem conhecia a “viagem”, de quem conhecia o ácido lisérgico.

Isso me impulsionou a compor *Canção dos vagalumes* para Tetê Espíndola. Foi uma das primeiras músicas que fiz usando o sistema dodecafônico. A letra trabalhava bastante com aliterações e choques consonantais porque

eu queria criar um efeito de “cricri” de grilos quando ela fosse cantada em andamento rápido. A canção é apresentada primeiramente de forma lenta, rubato, bem à vontade. Depois, o tempo fica estrito e o andamento, muito vivo. Então, na procura dos choques consonantais, eu fui fazendo:

“Brincou no brejo, brilhou no pantanal (sequências de ‘br’ em ‘brin’, em ‘bre’ e ‘bri’)
Luz de pirilampo, o sol já morreu
Cigarras gritam pelo fim do dia (‘gr’ de ‘gritam’)
Dragão brinca na brisa (‘dra’, ‘bri’, ‘bri’)
Frágil tremular (‘fra’, ‘tre’)
Brotam plumas, palmeiras ao luar (‘bro’, ‘plu’)
Brilhando longe no breu do arrozal (‘bri’, ‘bre’)
Luz azul luzindo
Gravetos bailam (‘gra’)
Criciri de grilos Freud não explica (‘cri cri’, ‘gri’, ‘freu’, ‘pli’)
Caboclo bugre durma (‘clo’, ‘gre’)
Nave espacial
Gravita entre cravos e cristais (‘gra’, ‘cra’, ‘cris’)”

Na hora de escrever a letra, eu ia ao dicionário procurar palavras que proporcionassem o efeito e fossem adequadas. Por exemplo, na página que tinha ‘fr’, todos os vocábulos começavam com esse choque consonantal. Então eu ia selecionando, de acordo com as possibilidades que intuía nas palavras, e depois tentava utilizá-las dentro da letra. Quando pensei em “cricri”, a frase foi irresistível: “cricri de grilos Freud não explica”.

Engraçado: depois de tudo pronto, percebi que a música não era dodecafônica – eu havia utilizado uma série de onze sons, em vez dos doze prescritos por Schönberg! Mas ficou legal, soava bem, embora não seguisse as regras. Que sorte eu não haver percebido essa “falha” enquanto estava compondo, senão a canção não viria à luz!

Mais tarde, em 1994, lendo o caderno de cultura do *Jornal da Tarde*, um título me chama a atenção imediatamente: *Conversas com o homem dos lobos*. Era uma página de resenhas literárias. Não pude deixar de pensar: “‘o homem dos lobos’, mas que ótimo nome!” E em seguida, pensei: “Poderia até ser ‘o homem dos crocodilos...’”

Eu ainda não sabia nada sobre esse livro, *Conversas com o homem dos lobos*, de Karin Obholzer. Então, li a resenha. Era sobre um caso famoso de Sigmund Freud, “História de uma neurose infantil”, que era seminal no desenvolvimento da teoria psicanalítica. O paciente, alcunhado de “homem dos lobos”, ainda vivia quando o livro foi escrito. Na verdade, a autora esteve entrevistando pessoalmente Sergei Pankejeff. Comprei o livro, conheci um pouco da história desse atormentado nobre russo e de como ele foi protegido e amparado pela sociedade psicanalítica de Viena até o fim de sua vida, tendo sido analisado não apenas por Freud, mas praticamente por toda a linhagem de psicanalistas mais importantes a partir dele. E sem resultados positivos, como ficou evidenciado pela recorrência dos sintomas. O que me interessou também foi isso: um caso célebre de Freud, mas que Freud não resolveu, Freud não explicou, como na brincadeira da canção dos vagalumes.

Pensei que era um bom material para uma ópera. Pensei em fazer uma ópera no divã, toda a ação no consultório psicanalítico. Um compositor em crise (ai, ai, ai...) não consegue mais compor e vai procurar ajuda na psicanálise. Essa era a minha ideia. E, para que fosse mais autobiográfico, o título seria “O homem dos crocodilos”. Até aquele momento, eu nunca havia feito análise, embora tivesse amigos que fizessem, e amigos psicólogos, psicanalistas e psiquiatras...

Bom, tenho que explicar agora o porque do crocodilo. Embora alguns leitores possam saber, acredito que nem todos conheçam meu trabalho mais divulgado, *Clara Crocodilo*. Essa música (e uso o termo intencionalmente, pois não se trata de uma canção) foi composta em etapas sucessivas durante os anos 70.

Toda a parte musical foi composta em Londrina, em parceria com Mário Lúcio Cortes, quando voltávamos de férias; o Mário do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) em São José dos Campos, e eu, da FAU em São Paulo. Havia um grupo de amigos em Londrina, formado no final da adolescência, a partir dos 16 anos. Éramos todos muito interessados em cultura, especialmente música, tanto erudita quanto popular. O Mário, por ser incrivelmente musical, era admirado por todos.

Nas férias de dezembro de 1971 começamos a trabalhar, e no final de janeiro de 1972, havíamos composto os dois primeiros módulos de *Clara Crocodilo*. A cooperação entre nós funcionava muito bem. Pensávamos em uma “obra aberta”, em fazer uma composição modular que permitisse diferentes configurações. Nas férias de julho de 1972, terminamos os cinco módulos, e comeci a pensar em colocar texto em dois módulos que tinham linhas melódicas evidentemente vocais.

Pensei num personagem, gostava de história em quadrinhos, no Homem Aranha, que era uma espécie de anti-herói; a ditadura assolava o país, a sensação de aprisionamento era muito grande. Pensei em um anti-herói andrógino, justapondo um nome feminino e um masculino, certamente inspirado por Alice Cooper, ou Béla Bartók. Em 1969, em Londrina, depois de termos comentado como era inexistente a presença de mulheres na área da composição erudita, o Mário me ligou, dizendo que havia, sim, mulheres compondo música erudita. Ele descobrira o nome de uma húngara, Béla Bartók. Liguei para uma amiga pianista, Marta Furtado, que morreu de rir ao ouvir isso. Ela me explicou que Béla era um nome masculino na Hungria, e que ela estava estudando o *Allegro Barbaro* (nome por si já sugestivo), e nos convidou a ouvi-la tocar. E foi assim que, abismados, conhecemos Bartók.

O nome surgiu desses contrastes entre feminino e masculino: o feminino etéreo, luz, Clara, e o masculino submerso, escuro, rugoso, crocodilo. O que unia os dois nomes era a repetição de letras, como se uma estivesse infiltrada na outra. Enfim, essa “peça” *Clara Crocodilo* ficou bastante conhecida, e meu personagem, o repórter radiofônico que vai entrevistar o monstro, passou a ser confundido com o monstro, o crocodilo.

Isto posto, vamos seguir com a história da ópera. Eu tinha a ideia, mas sabia da minha incapacidade para escrever o libreto. Naquele momento, fiquei sabendo da existência de um autor de canções, dramaturgo e escritor de Buenos Aires, Alberto Muñoz, que gostava muito do meu trabalho. Conheci Alberto em 1994, e percebi que poderíamos trabalhar juntos. A partir do pensamento inicial, Alberto

(que tem formação em psicologia) teve ideias geniais: o compositor não consegue compor porque tem medo que a tampa do piano feche sobre suas mãos enquanto trabalha, “cas-trando-o”. Houve mais alguns encontros, mais ideias, e finalmente, em 2001 apareceu a possibilidade de realizarmos o trabalho por meio de um patrocínio do Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo.

Nesse meio tempo, acabei me casando com uma psicanalista (pura coincidência), e fiz análise por alguns anos (com outra psicanalista, claro).


Conheci um pouco sobre a psicanálise por meio da Silvana, minha mulher, e achei interessante o pensamento de Fabio Herrmann, da Teoria dos Campos. Tenho a impressão que existe algum tipo de paralelo entre a atuação, ou a configuração da análise proposta por ele, e a atuação dos músicos na improvisação livre contemporânea, como proposta por John Cage ou Walter Smetak.

Quando você faz improvisação livre, é necessário ter uma liberdade muito grande e, ao mesmo tempo, um “diálogo desapegado” com os outros músicos. Mas, realmente, não tenho conhecimento suficiente dessa matéria para saber se essa intuição procede. Talvez eu deva ler algum livro.

Tomara que não faltem páginas.

Referências

- Barnabé, A. (1980). *Clara Crocodilo* [CD]. São Paulo: Nosso Estúdio.
- Barnabé, A. (1982). Canção dos vagalumes [gravada por T. Espindola]. In A. Barnabé, *Pássaros na garganta* [CD]. São Paulo: Som Da Gente.
- Buarque, C. (1966). Olé, Olá. In C. Buarque, *Chico Buarque de Hollanda* [CD]. Rio de Janeiro: RGE.
- Buarque, C. (1966). Pedro Pedreiro. In C. Buarque, *Chico Buarque de Hollanda* [CD]. Rio de Janeiro: RGE.
- Disney, W. (produtor), Geronimi, C., Jackson, W. e Luske, H. (diretores). (1953). *Peter Pan* [Filme]. Estados Unidos: Walt Disney Productions.
- Espindola, T. (1996). Escrito nas estrelas. In *Canção do amor* [CD]. São Paulo: Movieplay.
- Freud, S. (1974). Historia de una neurosis infantil. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 6). Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabalho original publicado em 1918)
- Hitchcock, A. (produtor e diretor). (1960). *Psycho* [Filme]. Estados Unidos: Shamley Productions.
- Obholzer, K. (1982). Wolfman: *Conversations with Freud's patient sixty years later*. Nova Iork: Continuum International Publishing Group.
- Reinhardt, W. (produtor), e Huston, J. (diretor). (1962). *Freud* [filme]. Estados Unidos: Universal Studios.
- Rolfe, S. (Produtor). (1965-1968). *The man from U.N.C.L.E.* [Série]. Estados Unidos: MGM Television.



Héctor J. Martínez*

O lado escuro do universo

Se nosso conhecimento atual do universo for correto, ou se pelo menos nosso conhecimento da gravidade (a teoria da relatividade geral de Einstein) for correto, nós, astrônomos, conseguimos acumular nas últimas décadas evidência contundente de que vivemos em um universo que está assustadoramente dominado, em sua dinâmica global, por dois componentes enigmáticos e, até agora, esquivos: a matéria escura e a energia escura.

Se nos perguntássemos do que é feito o universo, a resposta seria a seguinte: a matéria da qual nós somos feitos, a Terra, o Sol, os milhares de milhões de estrelas da nossa galáxia e todos os milhões de galáxias que habitam o universo observável seriam apenas 4%, enquanto a matéria escura constituiria 26%, e a energia escura seria 70% do que existe.

Em outras palavras, de tudo que existe, só podemos ter acesso, por meio da observação direta, a uma minúscula fração. O que é ainda mais impactante é que esses dois componentes escuros dominam a dinâmica do universo e as estruturas que existem nele. O universo é regido por um lado escuro enigmático, objeto de alguns dos maiores esforços observacionais e teóricos da astronomia atual, na tentativa de explicá-lo.

A matéria que conhecemos, chamada matéria bariônica, constituída por prótons,

nêutrons e elétrons, interage com a radiação eletromagnética e, portanto, é detectável com instrumentos sensíveis, seja à luz, ou seja à radiação eletromagnética de outras longitudes de onda, como rádio, micro-ondas, infravermelho, ultravioleta, raios X ou raios gama. Nós mesmos somos emissores de luz infravermelha e refletimos luz visível. Os dois componentes escuros do universo não podem ser detectados por nenhum tipo de radiação eletromagnética – tal é sua qualidade em comum, de escuros – e, portanto, sua existência e ação se revelam por meios indiretos.

A matéria escura é uma forma ainda não identificada de matéria, que só interage entre si e com a matéria bariônica através da força da gravidade. Não pode ser constituída pelas partículas elementares que conhecemos porque, se assim fosse, poderíamos detectá-la diretamente. Sem sua existência, as galáxias, como a nossa própria Via Láctea, não existiriam. A matéria escura rodeia e permeia as galáxias, e age como um adesivo gravitacional que impede que elas, bem como as agrupações de galáxias, desmontem. Sem a contribuição gravitacional da matéria escura, não teriam sido formadas as grandes estruturas que hoje observamos no universo, ou seja, as galáxias não existiriam e, com toda a certeza, nunca teria sido formada

* Universidad Nacional de Córdoba. Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.

uma minúscula estrela que chamamos de Sol, o que leva a entender que não existiria a vida, pelo menos como a conhecemos.

Por sua vez, a energia escura é uma forma ainda desconhecida de energia distribuída de forma uniforme por todo o espaço, responsável por um dos fenômenos mais estranhos: a expansão acelerada do universo. Sua densidade é extremamente baixa, de tal modo que sua ação, similar à de uma força de repulsão que acelera a velocidade com que as galáxias se afastam umas das outras, manifesta-se apenas quando são consideradas distâncias enormes, inclusive para as escalas astronômicas. Ou seja, seu efeito é tangível sobre o universo como um todo, mas não é tangível em escalas do tamanho de galáxias ou de sistemas de galáxias.

Os dois componentes escuros do universo são de naturezas diferentes – um é matéria, o outro, energia –, e seus papéis se contrapõem. A matéria escura, mediante a força da gravidade, cumpre um papel de atração que faz com que as estruturas no universo se formem e se mantenham coesas. A energia escura age como uma força de repulsão que acelera a expansão cósmica. Podemos pensar que seu papel é oposto ao da matéria escura; sua ação é, de certo modo, destrutiva.

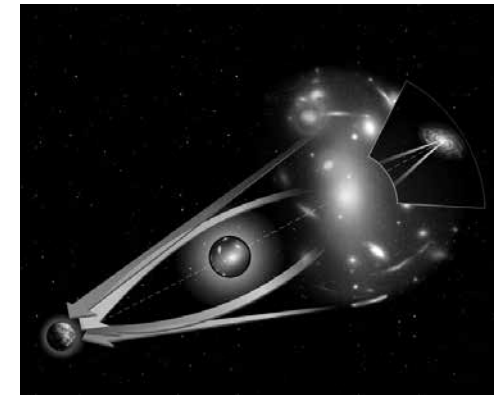
A matéria escura

As primeiras evidências da existência da matéria escura datam de 1933, quando o astrônomo suíço Fritz Zwicky estudava o movimento das galáxias nos cúmulos de galáxias. Os cúmulos de galáxias, os objetos mais massivos do universo, são agrupamentos que podem conter desde 50 até milhares de galáxias, que interagem entre si através da força da gravidade. Zwicky descobriu que as velocidades com que as galáxias se movem dentro dos cúmulos são muito altas e que a única forma de os cúmulos permanecerem em equilíbrio e não se desestruturarem é que entre eles haja muito

mais matéria do que contêm as galáxias que os integram. Essa matéria extra provê a força de gravidade necessária para manter os cúmulos em pé. Para alguns cúmulos, necessita-se de até cinco vezes mais matéria do que a fornecida pelas galáxias.

Do trabalho pioneiro de Zwicky até os dias atuais, a evidência da existência da matéria escura – e de sua notável abundância – foi aumentando a partir de observações astronômicas de naturezas muito distintas, que envolvem a necessidade de explicar fenômenos gravitacionais que não poderiam acontecer sem a existência de uma grande quantidade de matéria “perdida”, não visível. Dois tipos de observação que revelam a existência da matéria escura se destacam por sua precisão e contundência: a rotação das galáxias espirais e as lentes gravitacionais.

As galáxias espirais, como nossa Via Láctea, são sistemas que incluem milhares de milhões de estrelas e gás, distribuídos em um disco que contém zonas de maior densidade – os braços espirais – e um esferoide central. Uma característica fundamental desse tipo de galáxia, e que lhe dá sua estrutura, é a rotação. As estrelas e o gás que constituem uma galáxia espiral participam de um movimento de rotação ao redor do centro da galáxia. No nosso caso, o Sol gira em torno do centro da Via Láctea com uma trajetória circular de 27 mil anos-luz¹ de raio e se move a uma velocidade de 220 km por segundo, razão pela qual uma volta completa demora cerca de 240 milhões de anos. O estudo da rotação das galáxias espirais oferece resultados conclusivos: essas galáxias fazem uma rotação acelerada demais e poderiam desestruturar-se, caso todo o material que as compõe fosse somente aquele que se observa em forma de estrelas e de gás. Para explicar a rotação das galáxias espirais, é necessário assumir que elas estão mergulhadas em grandes formas esféricas de matéria escura, muito mais massivas e ampliadas do que o material visível das galáxias, e que fornecem a atração



Usando o fenômeno da lente gravitacional para medir a massa de um conjunto de galáxias e detectar matéria escura. Acima: Esquema da operação de uma lente gravitacional. A luz proveniente de uma galáxia distante (quadro à direita), representada pelas setas curvas, encontra-se com um conjunto de galáxias em seu caminho (círculo central) e é desviada pela gravitação exercida por este. Como resultado, a partir da Terra, observamos imagens múltiplas em forma de arcos da galáxia distante, que parecem vir das direções definidas pelas setas retas. Abaixo: Imagem do conjunto de galáxias Abell 1689, obtida com o telescópio espacial Hubble. As galáxias que pertencem ao conjunto são a maioria das galáxias de cor amarelada, as imagens com forma de arco correspondem a galáxias distantes detrás do conjunto, deformadas pelo efeito da lente gravitacional. O estudo das formas e posições dos arcos e das distâncias ao conjunto e às galáxias distantes permite medir a quantidade de matéria no conjunto. Essa maneira de pesar o conjunto nos permite deduzir que a maior parte da matéria que forma o conjunto é matéria escura. Créditos: NASA / Imagens extraídas de: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Gravitational_lens-full.jpg - https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Abell1689_HST_2003-01-a-1280_wallpaper.jpg

gravitacional necessária para que as galáxias não se desestruturarem. Ao estudar as galáxias, podemos saber não só quanta matéria escura é necessária para que permaneçam em equilíbrio, mas também como essa matéria escura deve estar distribuída em termos espaciais.

Outro fenômeno em que a existência de grandes quantias de matéria escura nos cúmulos de galáxias se manifesta é o da lente gravitacional. A teoria da relatividade geral afirma que a luz que passa perto de objetos massivos é desviada de sua trajetória retilínea e refletida em outra direção. O fenômeno é análogo ao produzido pelas lentes óticas, que desviam a trajetória dos raios de luz e os focam no ponto desejado. Um cúmulo de galáxias age como lente, que desvia e foca os raios de luz provenientes de objetos localizados na mesma direção em que está o cúmulo, mas o faz para mais longe do que faria a lente. O estudo das deformações nas imagens das galáxias longínquas, cuja luz foi afetada pelo efeito de uma lente, nos permite extrair uma informação valiosíssima sobre o cúmulo que age como lente:

podemos saber quanta matéria há no cúmulo e como se encontra distribuída. Essas análises nos levam a confirmar o que sabíamos desde a época de Zwicky: que os cúmulos de galáxias são dominados por matéria escura. Agora chegamos à mesma conclusão por métodos totalmente diferentes e complementares.

Atualmente, sabemos quanta matéria escura há no universo e como ela se distribui, e entendemos o papel fundamental que cumpre na formação das estruturas no universo. O que não conhecemos ainda é a sua natureza. Por motivos que excedem o alcance deste artigo, com o passar dos anos foram sendo descartadas várias explicações possíveis para a matéria escura, como a de que se trata de matéria comum, mas em formas dificilmente detectáveis, ou a de que se trate de partículas muito velozes e quase sem peso, conhecidas como neutrinos.

Muito provavelmente, a resposta final para a natureza da matéria escura não será dada por nós, astrônomos, mas sim pelos físicos de partículas. Por mais paradoxal que pareça, os

1. O ano-luz é uma medida de distância, não de tempo. É a distância percorrida pela luz durante um ano, à sua velocidade de aproximadamente 300 mil kms por segundo. Um ano-luz equivale a 9.460.730.472.581 kms; daí a conveniência de expressar distâncias em anos-luz, e não em quilômetros. Como referência, algumas distâncias no universo: a distância Terra-Lua é de 380 mil kms, ou 1,2 segundo-luz; a distância Terra-Sol é de 150 milhões de kms ou 8 minutos-luz; a distância para a estrela mais próxima do nosso sistema solar é de 4,3 anos-luz; a distância do Sol ao centro da Via Láctea é de 25 mil anos-luz; a Via Láctea tem 100 mil anos-luz de diâmetro; a distância para a galáxia de Andrômeda, companheira da Via Láctea, é de 2,3 milhões de anos-luz.

estudiosos das coisas muito pequenas talvez tenham a chave para explicar o que é muito grande. Apareceram muitos candidatos para a partícula que seria a constituinte da matéria escura. Por enquanto, o candidato favorito se chama WIMP (do inglês Weakly Interacting Massive Particle, ou partículas pesadas fracamente interagentes). Essas partículas hipotéticas teriam interação entre si e com a matéria comum através da gravidade e de força nuclear fraca. Essa força nuclear fraca é muitíssimo mais poderosa do que a gravidade, mas de um alcance infinitamente mais curto, muito menor do que o tamanho do núcleo de um átomo de hidrogênio. Calcula-se que cada centímetro quadrado da superfície da Terra é atravessado por milhões de WIMP a cada segundo. Por ser tão pouco provável que interajam com a matéria comum, são muito difíceis de serem detectadas. No entanto, hoje em dia, há um número expressivo de experimentos sob a superfície da Terra que tentam detectar diretamente a existência das WIMP. Alguns deles estão sendo realizados há quase uma década e conseguiram detectar fenômenos que podem ser explicados como WIMP, mas que também podem ser explicados pela ação de outros fenômenos físicos. Ainda não se conseguiu obter nada que possa ser atribuído unicamente à ação das WIMP. Então, por isso e por enquanto, continuam a ser uma hipótese.

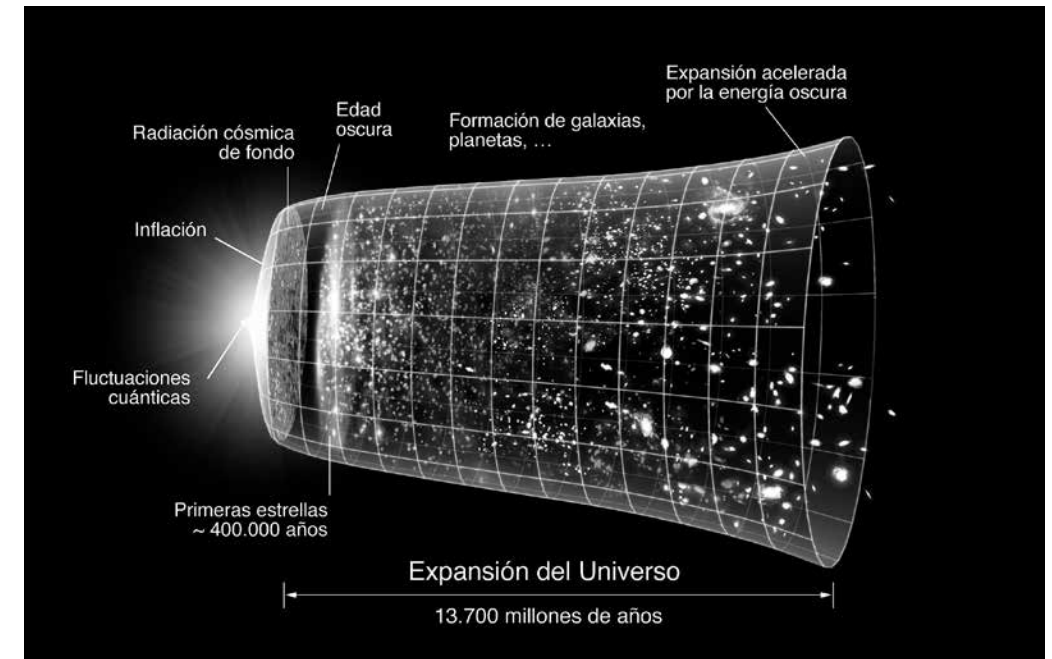
A energia escura

Em astronomia, contemplar distâncias é olhar para trás no tempo. Ainda que a luz se mova a uma velocidade fantástica, a partir de qualquer lugar que consideremos, ela demora um pouco a chegar até nós. Quanto mais distante estiver um objeto em questão, tanto mais a luz por ele emitida demora a chegar até nós (ver a nota de rodapé anterior). Assim, a luz do Sol demora oito minutos para chegar à Terra, e a luz das galáxias mais longínquas já observadas, viajou pelo universo durante milhares de milhões de anos para chegar a nós. Muitas das galáxias que observamos são tão distantes que a sua luz que hoje vemos, começou seu caminho em direção a nós muito antes de que a própria Terra se formasse. Portanto, estudar

objetos situados a distâncias muito grandes e variadas é estudar o universo em épocas muito anteriores e diferentes. Em particular, podemos estudar com qual velocidade o universo como um todo se expandiu em diversos momentos do passado.

Desde finais da década de 20, com os primeiros estudos das velocidades das galáxias feitos por Hubble e Humason, sabe-se que o universo como um todo está em expansão. A distância entre pontos distantes do espaço cresce continuamente. Isso não acontece dessa forma em relação a distâncias menores, nas quais a força da gravidade vence a expansão e mantém os objetos próximos uns dos outros, movendo-se em interação mútua, contidos dentro das estruturas que formam o universo, como as galáxias e as agrupações de galáxias. Mas, se olharmos com distância suficiente, percebemos que os objetos se afastam uns dos outros. A expansão do universo constitui uma das descobertas mais importantes da ciência no século XX. A teoria da relatividade geral explica como é o universo em grandes escalas e nos diz como tem que se comportar a expansão, de acordo com o conteúdo do universo. Assim, um universo com uma densidade de matéria superior a um determinado valor crítico deverá deter sua expansão devido à ação gravitacional mútua entre os objetos e, posteriormente, deverá contrair-se. Se, pelo contrário, a densidade de matéria, for inferior a esse valor crítico, a expansão deverá ir diminuindo, mas sem nunca deter-se. O debate sobre se, no futuro, o universo frearia ou não sua expansão, desenvolveu-se durante décadas com defensores de uma e da outra hipótese, mas sem muitas evidências, nem em um sentido, nem no outro.

Em 1998 e 1999 foram publicados os primeiros trabalhos científicos – de duas diferentes equipes de astrônomos – que apresentavam evidência de que a expansão do universo não estaria diminuindo, mas, ao contrário, estaria se acelerando. Nesses trabalhos, foi estudado um número considerável de explosões de estrelas (conhecidas como supernovas) a grandes distâncias da Terra e pôde ser medida pela primeira vez a velocidade de expansão do universo em diversos momentos do passado. Essa



Efeito da energia escura na expansão do universo. A imagem mostra um diagrama da história do universo desde o Big Bang até o presente. As sementes das estruturas maiores que hoje constituem o universo se originaram de flutuações muito pequenas na densidade de energia imediatamente após o Big Bang. O universo teve uma primeira fase de crescimento extremamente rápido, conhecido como inflação. Posteriormente, o universo expandiu-se a velocidades menores e decrescente, e as estruturas que observamos hoje foram formadas. Há cerca de 5.000 milhões de anos, a energia escura começou a assumir o controle da expansão, fazendo com que essa se acelerasse, ou seja, fazendo com que o universo se expandisse cada vez mais rapidamente. *Créditos: NASA / Imagem extraída de: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Evolucion_Universo_CMB_Timeline300_no_WMAP.jpg*

descoberta da expansão acelerada do universo deu o prêmio Nobel de Física de 2011 aos principais responsáveis dessas equipes, Saul Perlmutter, Brian Schmidt e Adam Riess.

Como entender a expansão acelerada do universo? Para encontrar uma explicação, foi desenterrada uma velha ideia de Einstein de 1917. As equações da sua relatividade geral, quando aplicadas ao universo, implicavam que ele era instável e que devia entrar em colapso sob o efeito da gravidade, mas isso não era o que se observava. Pelo contrário, a imagem que se tinha nessa época era que o universo nem se contraía, nem se expandia. As coisas se moviam no universo, mas o universo, como um todo, era estático. Einstein percebeu que, se incluísse nas suas equações o que denominou “constante cosmológica”, que agia como força de repulsão, o universo, em suas equa-

ções, se tornaria estático. A constante cosmológica era a explicação de por que o universo não entrava em colapso. Com a descoberta, alguns anos depois, da expansão do universo, já não era necessário invocar uma força de repulsão que se contrapusesse à gravidade. O universo não entrava em colapso porque estava se expandindo. Talvez em um futuro distante a expansão terminaria e o universo se contrairia, mas nesse momento a constante cosmológica era desnecessária. Einstein descartou -a e referiu-se a ela como um grande erro. Quando foi descoberto, no final dos anos 90, que o universo se expande de forma acelerada, foi necessário uma vez mais algo que agisse como força de repulsão: a constante cosmológica, descartada durante sete décadas. A constante cosmológica de Einstein, atualizada no jargão da cosmologia contemporânea,

é a chamada energia escura. É descrita nas equações como uma energia inerente ao vazio, que não estaria tão vazio na verdade, mas sim cheio dessa forma de energia.

A evidência da existência dessa forma de energia, que constituiria 70% de tudo o que existe no universo, não se limita às observações de supernovas distantes. Também inclui uma série de estudos astronômicos de natureza diversa, que vão desde a radiação de micro-ondas proveniente do universo precoce até a distribuição espacial das estruturas no universo. Hoje em dia, estão sendo feitos levantamentos de áreas muito grandes do universo para determinar se o vazio sempre teve a mesma densidade de energia escura ou se houve variações no decorrer do tempo.

Nesses cenários hipotéticos mais complexos, já não se fala propriamente de uma energia escura, mas sim de uma Quintessência: uma versão mais complicada da energia escura. Por enquanto, as evidências mostram que a energia escura domina a dinâmica do universo e faz com que, a cada momento, aumente a velocidade com que objetos distantes se afastam um do outro e de nós,

O universo começou em um evento que originou o espaço e o tempo, e que se conhece como Big Bang (“grande explosão”), há cerca de 13,8 bilhões de anos. A velocidade com que o universo foi se expandindo em diversos momentos da sua história foi determinada, fundamentalmente, pela abundância relativa da matéria escura, da energia luminosa e da energia escura. A energia escura começou a ter o controle do universo há relativamente pouco tempo em termos cosmológicos: cerca de 5 bilhões de anos. O detalhe que torna essa cifra muito curiosa é que se trata da época em que nosso sistema solar e nossa Terra se formaram na galáxia espiral que conhecemos como Via Láctea.

O conhecimento que temos da energia escura é, no melhor dos casos, bastante preliminar. Se o que hoje sabemos sobre ela for correto, podemos adiantar algumas ideias sobre como será o destino do universo. A velocidade com que os objetos distantes irão se afastar uns dos outros aumentará ininterruptamente. Chegará um momento muito remoto no futuro, em que

deixaremos de ver os objetos mais distantes porque eles vão se afastar mais rapidamente do que a luz, e a luz que eles emitirem não poderá nunca nos alcançar. Gradualmente, perderemos de vista objetos cada vez mais próximos, e nosso universo visível será cada vez menor. Eventualmente, as estruturas no universo irão começar a se desagregar, na medida em que a expansão sem controle for ganhando da lei da gravidade. Esse cenário, por enquanto mais de ficção científica do que de ciência, é conhecido como Big Rip ou “grande ruptura”.

Como acontece com a matéria escura, muito provavelmente a explicação definitiva da natureza da energia escura virá dos físicos que estudam as coisas mais mínimas. É muito paradoxal – e, às vezes, incômodo – que as coisas mais abundantes no universo escapem tanto a nós, astrônomos. Os atores principais no drama cósmico, a matéria escura – que produz as maiores estruturas – e a energia escura – que o acelera e que pode determinar o fim dessas mesmas estruturas –, são os dois maiores enigmas da astronomia contemporânea.

Anotações sobre um caso judicial

Escrever, para mim, nunca foi fácil. Quando se escreve sobre uma experiência pessoal – e é o que farei adiante – fica ainda pior. E mais sabendo que, ao escrever para psicanalistas, serei lido nas entrelinhas, pelo latente. Sei lá o que lerão. Mas, vá lá, a idade tem seus benefícios. Torna-nos mais complacentes com a crítica, embora a vaidade projete ansiedade, a idade gera alguma benevolência.

Início por me referir a algo estrutural para a psicanálise e um tanto estranho ao direito, como a subjetividade. E nessa matéria não me cabe estender porque esta Revista se dirige a especialistas no tema. Cabe apenas registrar que a questão da subjetividade no campo do Direito, quanto aos seus operadores, é em grande parte desconhecida. Dela não se cuida, especificamente, na literatura jurídica, a não ser em poucas obras de filosofia do direito (por exemplo, *A justiça de toga*, Dworkin, 2010), ou em obras pessoais de alguns juristas sobre experiências em suas especialidades, ou poucas criações doutrinárias (por exemplo, *Teoria da Decisão Judicial*, Lorenzetti, 2014). Mas os afetos, as angústias e em última análise, o inconsciente dos juristas, do membro do Ministério Público, do advogado, do procurador e mais especialmente do juiz – porque é ele

que decide as contendas processuais – não são considerados mais amplamente pela ciência do direito. Compreende-se, contudo, essa possível omissão. É que o direito constitui uma ciência (para os que assim o consideram) normativa. Estuda o ordenamento jurídico e sua implicação na vida nacional como uma estrutura de normas jurídicas que se hierarquizam e se buscam harmonizar. O direito, visto como ordenamento jurídico positivado, ainda hoje é adstrito a uma visão positivista e normativa de inspiração kelseniana¹.

Em suma, o direito se preocupa com a norma jurídica e sua interpretação e aplicação, mas não perquire do aplicador e sua subjetividade. Agora, é indubitável que a subjetividade do juiz, por exemplo, estará implicada diretamente na sua decisão no processo e se assim não for, por hipótese, corre o magistrado o risco autoritário de se transformar num Procusto, que aplicará as suas medidas normativas a todos os jurisdicionados indiscriminadamente, sem a imprescindível mediação de sua subjetividade e da subjetividade e circunstâncias particulares das partes. Sim, porque a sentença de um juiz, é, antes de mais nada, e em última análise, uma obra humana! Portanto estará necessariamente impregnada de subjetividade

* Desembargador Federal aposentado, Juiz Federal (1976 a 1989).

1. Com a finalidade de legitimar sua teoria e afastá-la de críticas e questionamentos indesejáveis, Hans Kelsen (jurista e filósofo austríaco 1881-1973) considerou a ciência jurídica como pura, positivista e anti-ideológica, afastando-a da influência de outras ciências. Segundo Kelsen a questão dos valores e da justiça das normas diriam respeito a outras ciências, tais como a sociologia e a filosofia. A ciência jurídica deveria apenas descrever a realidade, legitimando-se por seus próprios fundamentos.

e do seu inconsciente, por consequência, não importando o escândalo que essa afirmação (ah! o inconsciente) signifique para os puristas, que ainda se apegam à visão mecanicista do final do século XIX do juiz como “a boca da lei”, mero autômato da previsão normativa.

Veja-se o que diz Richard A. Posner (2008/2011), magistrado do Tribunal de Apelação do Sétimo Circuito dos Estados Unidos da América:

Poderia parecer que mudar o sentido de “político” por um significado ou outro, permitiria esgotar a contagem de possíveis fatores não legalistas que estão presentes na adjudicação. Mas esse não é nem sequer o começo. Outros fatores possíveis (chamemos de “pessoais”) incluem as características da personalidade ou temperamentais (desta maneira, a emotividade estaria em um extremo do espectro temperamental, e a indiferença no outro), que constituem características pessoais inatas.

E mais adiante, do mesmo autor:

Os fatores políticos criam preconceitos, muitas vezes inconscientes, que o juiz projeta em cada caso (p. 21).

Assim é que, para contribuir para esse debate, concernente ao estudo da subjetividade do juiz e dos demais operadores do direito, conto-lhes o que ocorreu num caso que vim a julgar como juiz federal, em São Paulo, nos idos de 1978. Aqui me proponho relatar algumas impressões de cunho pessoal para falar de algumas perplexidades, angústias, sentimentos e mesmo agruras que um juiz vive ao decidir um processo e que por decorrência do humano de cada juiz – e ainda bem que o há – influencie a escolha normativa que fará posteriormente para decidir o caso concreto.

O caso judicial foi o seguinte.

O Brasil vivia então numa ditadura militar, iniciada com um golpe tentado pelas forças armadas em 1964 e que veio perdurar até, aproximadamente, 1986. Assim também ocorre em boa parte da América Latina, especialmente na Argentina, Chile, Uruguai. Nesses países a repressão das ditaduras se revelou

até mais violenta do que ocorreu no Brasil, principalmente nos dois primeiros. Mas violência é sempre violência, é atentado ao mundo do Direito e causa suas tragédias dentre os inocentes, dificilmente dentre os acólitos que dela se nutrem.

A década de 1970, especialmente, foi marcada entre nós, por um período de grande repressão política, por causa de uma dissidência nas forças armadas brasileiras que ameaçava com avivar ainda mais o regime nas forças armadas brasileiras. Essa dissidência ultraconservadora, integrada também por parte do alto empresariado, temia alguns avanços conquistados pelos sindicatos de trabalhadores, através de movimentos grevistas, e se confrontava com certa oposição da intelectualidade que esboçava manifestações pela mídia, a pesar da censura oficial promovida pela ditadura.

Essa ala militar radical intensificou, então, a chamada “caça aos comunistas”, colocando em ação os ditames da doutrina da Segurança Nacional, de inspiração norte americana, adotada como ideologia pela Escola Superior de Guerra, instituição militar de formação superior dos oficiais das forças armadas. Os comunistas constituiriam, segundo a propaganda oficial, o núcleo da resistência ao regime, inclusive com participação maciça na luta armada clandestina.

Em São Paulo, o comando militar do II Exército, com a colaboração de policiais militares e civis estaduais, iniciou a perseguição de opositores, à procura de comunistas, primeiramente na imprensa e depois, nos sindicatos. Assim veio a intimar o diretor de telejornalismo da TV Cultura, vinculada à Secretaria de Cultura do Estado, Vladimir Herzog, para que prestasse esclarecimentos no DOI CODI (Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna) do II Exército. Lá compareceu o jornalista pela manhã acompanhado de um colega de profissão. No dia subsequente o exército divulgou um comunicado oficial dizendo que Vladimir Herzog havia cometido suicídio, por enforcamento, naquela dependência militar. Para tanto teria usado a cinta de seu macacão de encarcerado, exibindo-se no comunicado a foto em que Herzog aparece pendurado pelo cinto, preso numa janela, com as pernas dobradas.

Nessa ocasião, em 1975, eu não era ainda Juiz Federal, mas advogado liberal, e tinha escritório no centro da cidade de São Paulo, próximo à Praça da Sé. No dia em que Herzog se apresentou ao DOI CODI, depois de ter lido essa notícia no jornal, numa pequena coluna (havia censura à imprensa), me lembro de ter ficado apreensivo. É que se dizia, principalmente nos meios acadêmicos e por jornais clandestinos, que o regime militar estava prendendo, torturando e matando pessoas. Falava-se que esses DOI CODI eram, em verdade, centros de tortura, assim como existiam outros centros semelhantes em outros Estados, não só pertencentes ao exército, como também à marinha e à aeronáutica. Eu resistia a acreditar nessas notícias. Meu irmão, que estudava na Faculdade de História da USP, relatava-me casos de colegas que eram presos e ou desapareciam, e ainda assim eu não os admitia. Mesmo da Faculdade de Direito da USP onde estudei (turma de 1968), chegavam informações alarmantes no mesmo sentido, com nomes de colegas que eu conhecia, presos ou desaparecidos.

Pois quando a notícia da apresentação de Herzog ao DOI CODI me chegou pelo jornal, temi. Geraram-me dúvidas, mas as desconsidere. No entanto, no dia seguinte, li a notícia sobre a morte de Herzog por suicídio, mediante enforcamento, segundo a versão oficial, aí me sentí estupor. Pensei imediatamente: o mataram! Hoje, creio que nesse exato instante de revolta, de vergonha por minha cômoda ingenuidade, mesmo não existindo ainda o processo do caso Herzog e nem sendo ainda juiz, comecei a julgar como é que seria depois do caso Herzog. Faço então uma formulação que tenho para mim como verdade, não desmentida por cerca de quarenta anos de experiência de magistratura, a de que o juiz, nos casos mais candentes, julga primeiro com sua experiência de cidadania, ou melhor, com sua ética de vida, ou ainda, com um saber desconhecido, empírico e recôndito (inconsciente?) e depois, necessariamente, é certo, com a Constituição e com as leis. A pontuação indispensável nesse aspecto é saber se a formulação ética de experiência de vida do juiz conforma-se ou não com a Constituição e as

leis. Conformando-se, aí residirá o núcleo de uma sentença para o caso concreto que estará próxima de se fazer Justiça. Se não se aplica, deverá ser revisada e reformulada apontando ao mesmo ideal de justiça.

Mas mesmo depois desse choque de realidade, creio que recai. Acreditei que deveria comparecer ao culto ecumênico pela morte de Herzog que se realizou na Catedral da Sé alguns dias depois de seu falecimento (31 de outubro de 1975) como mostra de solidariedade e protesto. Chegando lá, no dia do culto, sozinho, percebi o clima de guerra que a polícia tinha montado, condizendo com as notícias de jornal que anunciavam a possível intervenção policial para dispersar a multidão à força. Achei melhor, confesso, não adentrar ao interior da catedral, onde não haveria rota de fuga. Confinamento em multidão sempre foi para mim situação fóbica. Fiquei ali na praça, nas bordas do público que lotava a Sé, e perto de uma pastelaria, calculando que caso houvesse a anunciada repressão, teria a desculpa de lá estar como mero transeunte inocente, a caminho de comer um pastel. Após o culto voltei ao meu escritório de advocacia com certo peso na consciência, de haver negado a verdade duas vezes antes do galo cantar; a primeira, quando duvidei das notícias sobre a ferocidade do regime militar, e a segunda, quando para protestar, me escondi.

Pois jamais poderia supor que cerca de dois anos depois seria um Juiz Federal e, por circunstâncias inéditas na história do Judiciário viria a ser encarregado de julgar o caso Herzog. A viúva de Vladimir Herzog, Clarice Herzog, e seus dois filhos menores propuseram perante a Justiça Federal da 1ª instância de São Paulo uma ação declaratória contra a União Federal, para o fim de que fosse declarada a responsabilidade civil pela prisão ilegal, tortura e morte de Vladimir Herzog.

Esse processo foi distribuído à 7ª. Vara da Justiça Federal de São Paulo, da qual eu era juiz substituto, sendo juiz titular o Dr. João Gomes Martins Filho que presidiu e instruiu todo o processo, sem maiores incidentes até que o juiz titular resolveu designar uma audiência para anunciar sua sentença. Ocorre que o Tribunal Federal de Recursos, em Brasília,

lia, com o argumento de que a leitura da sentença poderia atentar contra a Segurança Nacional, determinou, via liminar no mandado de segurança, que o Juiz Federal encarregado do processo e no pleno exercício de suas funções jurisdicionais, ficasse proibido de manifestar a sentença. Tal fato, único e insólito nos anais do Judiciário, chocou a todos.

Mesmo quando recebi asnotícias posteriores de que o Presidente daquela Corte teria motivos sérios para dar aquela liminar, ficou muito claro a todos que conviviam com a Justiça Federal de São Paulo, e para mim especialmente, o intuito perverso do regime militar ao engendrar aquela aberração. O juiz titular, Dr. João Gomes Martins Filho, estava às vésperas de completar 70 anos, isto é, da sua aposentadoria compulsória; ele iria ler a sua sentença em audiência pública, e no dia seguinte se aposentaria compulsoriamente. Nos cálculos do governo militar o juiz titular não tinha nada a perder se viesse a condenar a União Federal e se retiraria da carreira da magistratura, por assim dizer, em “gran finale”. Mas, a mesma ditadura deve ter calculado que o Juiz Federal substituído, em início de carreira, com apenas dois anos de magistratura, teria muito a perder em sua ascensão funcional na carreira, posto que para tanto era, como ainda é, indispensável o apoio político do executivo federal, que inclusive expede os atos de nomeação. Ou seja, confiava a ditadura que o juiz novo poderia lhe ser favorável na medida em que estaria arriscando sua carreira, no mínimo.

Mas havia um risco muito maior que certamente entrou nos cálculos da ditadura. A sentença do caso Herzog foi prolatada em outubro de 1978 durante a vigência do Ato Institucional nº 5, o qual, em síntese, legitimava qualquer ato de força do governo militar, sem possibilidade de revisão pelo Poder Judiciário. O governo podia então cassar, aposentar ou praticar qualquer ato de força, sem que a vítima tivesse direito de defesa. Portanto, o risco que o juiz corria não era apenas em relação à sua carreira, mas também era pessoal, concernente à sua integridade física e, por via de consequência, extensível à sua família. Vários amigos me visitaram na ocasião, inclusive dos círculos governamentais, sugerindo que

eu esperasse para dar a sentença após a perda de vigência do AI 5, que se daria em janeiro de 1979, ou seja, apenas quatro meses depois. Quando então, diziam, se eu resolvesse condenar a União Federal, como de fato condenei, não teria contra mim a ameaça dos atos de força contidos no AI 5. Mas essa sugestão intimamente rechacei de imediato, porque intui que a condenação da União Federal pela tortura e morte de Herzog teria muito mais valor, como ato de resistência à ditadura, se fosse dada enquanto vigentes as ameaças que aquele ato revolucionário continha.

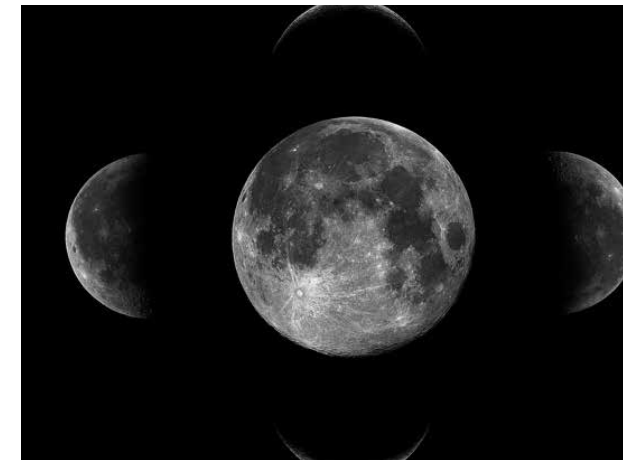
Essas foram as circunstâncias inusitadas que me levaram a assumir o processo do caso Herzog para sentenciá-lo. Eu, que dois anos antes não acreditava nas notícias de que a ditadura torturava e matava pessoas e que tinha comparecido ao culto ecumênico, escondido de medo. Como já disse, sentia-me como tendo renegado duas vezes antes do galo cantar e, portanto, tive a certeza absoluta, de que, custasse o que custasse, ao dar a sentença, não renegaria a terceira vez. Eu condenaria a União Federal.

A questão de convicção que nessa altura me incomodava era apenas saber qual seria a extensão da condenação porque os contornos teóricos e técnicos para tanto eu já havia elaborado mentalmente, em decorrência de estudos anteriores em matéria de responsabilidade civil do Estado. Recebi os autos das mãos do juiz titular Dr. João Gomes Martins Filho. Entregou-me o processo em seu gabinete, com um bilhete manuscrito no qual dizia ao final que “mal sabem eles que o processo será assumido por mãos mais fortes do que as minhas”. Perguntou-me se eu queria levar também cópia da sentença que ele havia preparado. Agradei mas preferi não aceitar. Não queria ser influenciado. Foi muito marcante para mim essa ocasião do recebimento dos autos no gabinete do juiz titular da Vara, um homem que aprendi a admirar, como um grande humanista. Com ele percebi que a cultura humanista é pressuposto imprescindível e anterior à formação jurídica para um magistrado. Ao brandir no exame de outros casos judiciais que discutíamos como colegas de profissão, os códigos, artigos, incisos e aspectos técnicos processuais a que me atinha, ele me ouvia e sutilmente, creio que em respos-

ta, introduziu-me na obra de alguns clássicos, a começar por Eça de Queirós. Empréstou-me de sua biblioteca o conto “O conde d’Abranhos” me mostrando a ironia requintada e demolidora de Eça (1925/2012). Esse movimento intelectual que empreendi na literatura com a sua ajuda, foi fundamental na minha formação de juiz, assim como de como pessoa. Esse aspecto cultural-humanístico sempre procurei realçar e desenvolver na formação de juizes federais. Creio que sem esse substrato cultural o magistrado corre o risco de se perder em tecnicidades normativas vazias e autofágicas que podem lhe embotar o senso de Justiça para as realidades e dramas da vida que lhe cabem julgar.

Vejo-me então àquela época levando os autos do processo do caso Herzog para minha casa. Não havia muito o que extrair dos autos que já conhecia em grande parte mas claro, levei vários dias lendo minuciosamente o processo folha por folha. Tirei férias de trinta dias para me dedicar exclusivamente à confecção da sentença. Não queria que dissessem que dei preferência a esse caso sobre outros processos. E ademais e principalmente, havia a questão da vigência do AI 5, pelo que a publicação da sentença que comecei a proferir não poderia ultrapassar de forma alguma a dezembro de 1978. Durante cerca de dez dias não consegui redigir uma linha. Atormentava-me a tragédia em si do que acontecera com aquele homem e sua família. O que ele sofrera naqueles porões da rua Tutóia, ao lado da Igreja do Santíssimo Sacramento, lugar por onde muitas vezes passava sem imaginar as atrocidades que lá ocorriam. Lembro-me de sonhos de muita angústia dos quais acordava sobressaltado, sufocado, com cenas de uma aflição confinada entre paredes intransponíveis.

O exame do mérito do processo, que de antemão sabia que conduziria à procedência da ação e condenação da União Federal, era o cerne da questão. Bem poderia, e essa foi minha primeira ideia, dar uma solução cômoda e ascética para o processo, sem maiores comprometimentos de minha parte. Ou seja, aplicando simplesmente a teoria da responsabilidade objetiva do Estado: a União Federal seria civilmente a responsável pela morte porque o detento veio a falecer nas suas de-



pendências (nesse sentido havia farta jurisprudência). Mas essa tese em si não tocava no fato da tortura e do pretense suicídio, valendo lembrar que o laudo do exame necropsicópico atestava a morte por asfixia mecânica. Tratava-se, pois, de uma prova documental forte a ser considerada na sentença. Constattei, ainda que o referido laudo foi elaborado e assinado por um só perito e apenas poucos dias depois, assinado por outro que não participou do exame cadavérico, quando o Código de Processo Civil então vigente exigia a presença e assinatura de dois peritos.

Então declarei a nulidade formal do laudo e passei a examinar evidências que contrariavam a sua conclusão material, qual seja, a tese do suicídio. Não havia como se aceitar o suicídio por enforcamento de alguém com pernas dobradas, embora essa hipótese segundo a medicina legal não fosse considerada completamente impossível, senão que altamente improvável e sempre dependente de circunstâncias especialíssimas, inexistentes no caso. Ademais, como os algozes deixaram o preso com a cinta do macacão, se até os cordões dos sapatos se lhe haviam retirado? Todas as testemunhas que estiveram no DOI CODI na mesma ocasião foram vítimas de maus tratos e ouviam constantemente gritos de tortura, inclusive da cela para onde Herzog foi levado. O conjunto das provas, então, não deixava dúvidas de que ele também tinha sido torturado.

Depois de praticamente pronta a redação da sentença, me vi diante de um dilema. Mostrei a minuta da sentença a um Juiz Federal, mais an-

tigo, em que depositava absoluta confiança que a leu e me perguntou se eu iria ou não aplicar o então artigo 40 do Código de Processo Penal. O artigo referido, do qual não me lembrava e fui prontamente buscar, determina ao juiz, que, ao tomar conhecimento da prática de crime de ação pública, em autos, deve encaminhar ao Ministério Público as cópias e documentos para as suas providências criminais. Nisso não tinha pensado. Já chegara, pelos meus critérios, ao máximo rigor ao desmentir a versão oficial das autoridades militares e condenar a União Federal pela prisão ilegal, tortura e morte de Vladimir Herzog. E se a sentença provocasse um endurecimento ainda maior do regime? E se me aplicassem os atos de força do AI 5? Agora, acionar o Ministério Público Militar para que fossem apurados e denunciados os criminosos, torturadores e assassinos, existentes na corporação militar envolvida, certamente seria demasiado! Mas senti que não poderia recuar, teria que ir às últimas consequências e dar uma sentença completa. Confesso que então nem meditei muito tempo sobre isso, porque se pensasse talvez não tivesse feito. Num rompante, acho que suando frio, aditei no final a última folha da sentença que eu já havia assinado para aplicar o artigo que mandava que fosse oficiado, com cópia integral do processo, ao Chefe do Ministério Público Militar, para que tomasse as providências para apuração dos crimes. Foi uma frase propositadamente sem adjetivos, seca, em não mais de três linhas, onde joguei o último lance desse tabuleiro de temeridades, ousando, ao que supunha, impor um xeque ao rei.

Publicada a sentença, inclusive na íntegra em alguns jornais de grande circulação fui me surpreendendo até o estarecimento, porque ninguém comentou aquela ordem judicial contida na sentença. Não conheço até hoje qualquer comentário, mesmo de especialistas, sobre aquele final da sentença que tanta angústia me custou. Ninguém notou meu pretenso xeque ao rei. Parece que naquele momento não interessava a ninguém a providência que determinei. Suponho que a todos bastou a condenação da União Federal. Mas por que? Me pergunto. Pelo meu conhecimento, essas apurações para identificação e punição dos torturadores nunca foram feitas. Não se sabe quem recebeu, ou não, meu Ofício diri-

gido ao Ministério Público Militar da União Federal. Não há registros do seu trâmite nas repartições militares. Os torturadores não foram oficialmente identificados, muito menos processados criminalmente e punidos.

Em 2010, o Supremo Tribunal Federal, por maioria, declarou constitucional a Lei de Anistia de agosto 1979 – note-se que editada menos de um ano após a sentença do caso Herzog – entendendo que ela inclui, dentre seus beneficiários, os assassinos e torturadores da ditadura militar, ficando assim todos eles anistiados, como se crime algum houvessem cometido.

Por todos que sofreram tanto e pelo meu país, lamento. Lamento pela tentativa de se transformar em o que não se sabe, algo que todos sabemos.

Referências

- Dworkin, R. (2010). *A justiça de toga*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eça de Queirós, J. M. (2012). *El conde de Abranhos*. Barcelona: Acantilado. (Trabalho original publicado em 1925).
- Lorenzetti, R. L. (2014). *Teoria da decisão judicial*. São Paulo: Revista dos Tribunais.
- Posner, R. A. (2011). *Cómo deciden los jueces*. Madrid: Marcial Póns. (Trabalho original publicado em 2008).

Oswaldo Pessoa Jr.*

A psicologia precisa da teoria quântica?

1. Breve introdução à teoria quântica

A teoria quântica é a teoria física que descreve átomos, moléculas e a radiação entre eles. Sucintamente, ela envolve duas teses. A primeira é ontológica¹, formulada por primeira vez por Louis de Broglie (1924), tendo sido formulada pela primeira vez por Louis de Broglie (1924), e afirma que a matéria é ondulatória. Ou seja, há oscilações muito rápidas associadas a átomos, moléculas e radiação, e tais oscilações ondulatórias se manifestam experimentalmente em “padrões de interferência”.

A segunda tese está associada às medições efetuadas em partículas microscópicas que, por serem muito pequenas, necessitam de energia externa para que sua presença seja amplificada até os níveis macroscópicos a que temos acesso direto. Ao final desse processo, tanto a luz quanto uma onda de matéria (como elétrons) são detectadas na forma de pontinhos discretos, quanta (plural de quantum), que nos lembram partículas. Quem tropeçou pela primeira vez nesta quantização da matéria foi Max Planck (1900), mas a noção de que ela é fruto da interação do observador com o objeto quântico foi desenvolvida por Werner Heisenberg e Niels Bohr, em 1927.

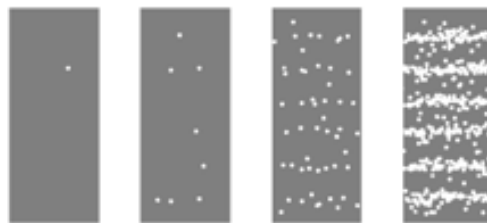


Fig. 1. Ondas luminosas ou eletrônicas aparecem paulatinamente, na forma de pontinhos discretos (quanta). Após o acúmulo desses *quanta* aparece um padrão de interferência, em que fica manifesta a existência de regiões proibidas (“regiões escuras”), explicadas a partir da noção de “interferência destrutiva” da física ondulatória.

Fonte: elaboração própria.

2. Interpretações realistas e antirrealistas da teoria quântica

A partir do que foi exposto acima, pode-se perguntar o que está acontecendo na realidade, antes de a medição se completar (no domínio do inobservável). Os pontinhos correspondem a partículas que seguem trajetórias bem definidas (interpretação corpuscular)? Ou será que a luz e os elétrons se propagam como ondas, mas na detecção acabam “colapsando” para um ponto (interpretação ondulatória)? Ou será que não devemos especular sobre o que está além daquilo que é medido (interpretação instrumentalista)?

* Universidade de São Paulo.

1. *Ontologia* refere-se à natureza das coisas, ao “ser”, enquanto *epistemologia* refere-se ao conhecimento das coisas, à maneira como são observadas, medidas, ou como podem ser inferidas.

Vemos que a teoria quântica pode ser interpretada de diferentes maneiras (na verdade, dezenas de maneiras), todas elas consistentes com a parte “objetiva” da teoria quântica, que são os dados medidos e a expressão teórica dessas previsões experimentais. As interpretações que postulam uma realidade por trás das medições, realidade esta que seria bem definida a cada instante, são chamadas de interpretações “realistas”. Por exemplo, de Broglie e David Bohm (1952) propuseram uma interpretação realista dualista, em que corpúsculos coexistiriam com uma onda que os guiaria.

As interpretações “antirrealistas” se baseiam apenas naquilo que é observado, recusando-se a especular sobre uma realidade que nunca poderá ser observada diretamente. A interpretação da complementaridade de Niels Bohr é antirrealista, pois o quadro que associamos a um determinado experimento, que pode ser ondulatório (quando há interferência, como na Fig. 1) ou corpuscular (quando pode-se inferir uma trajetória bem definida para cada quantum, como na Fig. 2, abaixo), é entendido apenas como uma representação mental (no estilo da filosofia de Kant), e não como um retrato da realidade que estaria por trás das observações (para mais detalhes, ver Pessoa, 2003).

3. Pausa para comparação com a psicologia

Podemos traçar uma comparação simplificada entre aspectos epistemológicos da física quântica e o que ocorre na psicologia (incluindo as diversas correntes psicanalíticas). Na psicologia, o cientista ou clínico tem acesso a sintomas manifestados por um ser humano, na forma de comportamentos, expressões e fala. Estes comportamentos observados podem geralmente ser considerados fatos objetivos. Porém, o que ocorre por trás das aparências, no corpo e na mente do sujeito?

O behaviorismo adota uma postura instrumentalista (antirrealista), de evitar falar sobre estados mentais, salvo como sendo uma disposição para um comportamento. Outras correntes psicológicas adotam uma postura mais realista. O cognitivismo supõe que o processamento de informação esteja ocorrendo no encéfalo do sujeito. A psicanálise freudiana su-

põe que haja processos inconscientes reais que causam ideias e comportamentos, sendo “materialista” em sua origem. A psicanálise junguiana adota um realismo não-materialista, em que um inconsciente coletivo ligaria experiências de diferentes indivíduos. A psicanálise laciana tende a ser antirrealista, ao abandonar uma noção de verdade por correspondência.

A neurociência vem trabalhando “de baixo para cima” para atacar a questão do que ocorre por trás do comportamento manifesto. A partir do estudo das células nervosas (neurônios e glias) e da sua estruturação em diferentes núcleos e regiões no encéfalo, por meio de técnicas como a eletroencefalografia e de imagens, busca-se construir explicações materialistas (uma forma de realismo) para diferentes estados de consciência e de comportamento.

Veremos que, desde os primórdios da teoria quântica, diversos autores têm apontado uma conexão íntima entre fenômenos quânticos, de um lado, e a consciência ou a subjetividade, de outro. Isso tem sugerido uma aproximação entre a teoria quântica e a psicologia. Talvez a semelhança maior entre os dois campos seja o fato de que qualquer observação do objeto por parte do sujeito influencia o próprio estado do objeto (um átomo, em um caso, um ser humano, em outro) de maneira incontrolável e incorrigível (ver Pessoa, 2003, p. 93).

4. “Colapsos” segundo a interpretação ondulatória

Voltemos à física quântica e exploremos brevemente uma das interpretações realistas da teoria quântica, aquela que considera que um ente quântico, como um átomo, é uma onda que se espalha pelo espaço, até interagir com um detector (medidor), quando “colapsa” para um pacote de onda bem comprimido. A onda em questão costuma ser representada pela letra grega ψ , e considera-se que, antes de gerar um quantum observável, ela exprime uma “realidade potencial”, como discutiremos mais para frente. Em outras palavras, podemos dizer que, antes da detecção, o átomo se encontra numa “superposição” de diferentes posições, ou seja, está potencialmente em diferentes posições. Tal potencialidade, porém, não seria uma questão

de ignorância por parte do cientista; de fato, ontologicamente, o átomo estaria distribuído em diferentes posições.

A Fig. 2 representa um experimento quântico simples, em que o cientista pode observar o átomo no detector A ou no B. Antes da detecção, não se pode dizer que o átomo esteja em uma posição definida, pois seria possível recombinar os dois feixes e obter padrões de interferência, como os da Fig. 1 (ver Pessoa, 2003, pp. 48-50). Pode-se associar ao átomo uma onda que está espalhada nos caminhos A e B. Por outro lado, quando o átomo é medido ele irá aparecer em um dos detectores de maneira bem definida: na figura ele aparece no detector A. Antes da detecção, a probabilidade de aparecer em A é $\frac{1}{2}$ (ou seja, 50%), e de aparecer em B é também $\frac{1}{2}$. Após a medição, o átomo não está mais em uma superposição de estados: seu estado colapsou (ou “se reduziu”) para um estado com posição bem definida (aquela que foi detectada pelo aparelho de medição).

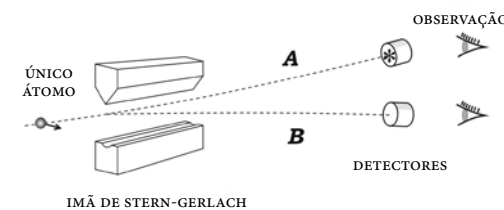


Fig. 2. Experimento de Stern-Gerlach. Antes da detecção, o átomo está em uma superposição de estados A e B, e tem probabilidade $\frac{1}{2}$ de cair em cada detector. Fonte: elaboração própria. Fuente: *Elaboración propia*.

5. O problema da medição

LA Fig. 2 é um exemplo de como, na física quântica, a observação provoca um distúrbio no objeto medido, pois o estado do sistema se altera durante a medição. Como se dá esta observação? Trata-se de um processo que envolve uma intrincada aparelhagem experimental. Entre o objeto e a consciência do cientista, há uma cadeia de diferentes etapas, representada esquematicamente na Fig. 3.

A “análise” refere-se à separação do feixe em diferentes componentes, que não envolve colapso (pois os feixes podem ser recombi-

nados, gerando interferência). O termo “detecção” refere-se ao instante em que o objeto quântico encosta na fina placa metálica do detector, e interage com o “mar de elétrons” presente no metal. Na figura há duas linhas pontilhadas, cada uma caindo em uma placa detectora. Essas duas linhas representam um único átomo, que está superposto nos dois caminhos. Cada um desses componentes interage com elétrons no metal, e isso pode acabar fazendo um elétron sair voando do outro lado da placa. Mas notem que isso acontece nas duas placas. Portanto, há agora uma superposição de elétrons, cada componente rumando por um caminho, mas ambos associados a um único elétron.

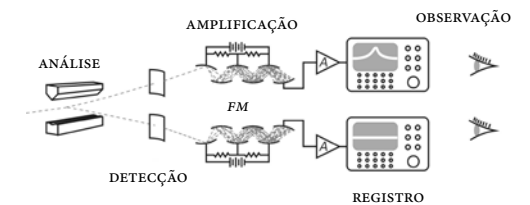


Fig. 3. Processo de medição do componente de spin de um átomo de prata, em um aparelho de Stern-Gerlach, com amplificação do sinal eletrônico. Em que etapa do processo de medição ocorreria o colapso? Fonte: *elaboração própria*.

A etapa seguinte é a amplificação. Nesta etapa ocorre um aumento de energia (fornecida por uma bateria), necessário para que o ser humano possa ver o resultado da medição. O amplificador representado na figura por “FM” (uma fotomultiplicadora) transforma um elétron que entra em um milhão de elétrons que saem. Será que esses milhões de elétrons continuam em um estado de superposição? Interpretações “objetivistas” afirmam que não, ou seja, afirmam que o processo de amplificação é suficiente para que ocorra um colapso. Na verdade, bastaria o acoplamento do objeto quântico ao amplificador em um estado “metaestável” para haver perda da coerência da onda quântica, de forma que o colapso pode ocorrer mesmo quando não há efetivamente uma amplificação (esta é a chamada “medição de resultado nulo”, ver Pessoa, 2003, pp. 54-56). Nos anos 1980, esta perda de coerência passou a ser bastante estudada na abordagem

conhecida por “descoerência induzida pelo ambiente”. O ambiente em questão pode ser o próprio aparelho de medição macroscópico ou então um ambiente térmico agitado em torno de uma molécula em estado quântico, que perde seu caráter quântico ao ser “monitorada” por este ambiente.

Já visões chamadas “subjetivistas” consideram que, mesmo após a amplificação, mantém-se uma superposição, de forma que registro macroscópico do caminho tomado pelo átomo de prata continua ontologicamente indefinido (ou seja, não seria uma questão de falta de conhecimento por parte do observador).

Finalmente, chega-se à última etapa da cadeia da medição, que é quando o ser humano observa conscientemente os sinais registrados no papel ou em uma tela de computador. Neste instante, com certeza, o cientista observa apenas um sinal, e não dois em superposição. E ele então pode anunciar: “Ocorreu um colapso da onda quântica”. Mas a dúvida permanece: se o colapso for algo real, onde e quando ele ocorre? Na detecção? Na amplificação? No registro macroscópico? Ou na observação feita por um ser consciente? Este é o “problema da medição” (ou do colapso).

6. Interpretação subjetivista

Todas as possibilidades sugeridas no final da seção anterior são consistentes com a parte objetiva da teoria quântica, e o problema está longe de ser resolvido. No entanto, a concepção de que o ser humano consciente seria responsável pelo colapso sempre chamou a atenção de filósofos e psicólogos, e é esta interpretação “subjetivista” que examinaremos agora.

A ideia de que a mente ou a consciência humana provocaria o colapso de uma partícula surgiu na década de 1930, em um período em que alguns consideravam eminente o surgimento de uma revolução científica na biologia e na psicologia, assim como tinha acontecido na física. Em 1939, o físico alemão Fritz London e o francês Edmond Bauer popularizaram essa visão em um pequeno livro.

Logo antes de ocorrer um colapso, London e Bauer (1939) consideraram a cadeia que consiste no objeto quântico, no aparelho de

medição e no observador consciente, de forma que todos estariam em uma superposição. Influenciados pela fenomenologia de Edmund Husserl, apontaram para a faculdade de introspecção do observador: “em virtude deste ‘conhecimento imanente’, ele atribui a si mesmo o direito de criar sua própria objetividade” (p. 251). Ou seja, a cadeia de superposições quânticas só seria quebrada com a presença de um observador consciente. Inauguraram assim a “interpretação subjetivista” da mecânica quântica (às vezes chamada de “mentalista” ou “idealista”), que defende que nossa consciência teria o poder de provocar um colapso. No entanto, é importante ressaltar que a nossa consciência não poderia afetar o resultado da medição (ver seção 8). A visão subjetivista é uma variante da interpretação ondulatória realista.

Outros cientistas da primeira metade do século XX, que defenderam explicitamente posições semelhantes, foram os físicos Walter Heitler e James Jeans, o astrônomo Arthur Eddington e o bioquímico John Haldane. O físico Eugene Wigner defendeu esta visão na década de 1960 (depois viria a abandoná-la, com o conceito de descoerência). Vemos assim que a interpretação subjetivista da teoria quântica foi defendida por diversos cientistas ortodoxos, mesmo que eles constituíssem uma minoria na comunidade acadêmica. A partir de 1975, essas ideias foram incorporadas como ponto de partida do movimento cultural que pode ser chamado “espiritualidade quântica”, e que até hoje está bastante presente na mídia (seção 8).

Uma outra corrente do período inicial da física quântica, associada aos nomes de Niels Bohr e Werner Heisenberg, enfatizava que a separação entre sujeito e objeto se tornara impossível na nova teoria, conclusão esta que gerou muitas análises filosóficas. Associado a esta posição, Wolfgang Pauli chegou a explorar com Carl Jung certas conexões entre a noção de complementaridade e a psicanálise. Após a Segunda Guerra Mundial, Bohr adotou uma posição mais objetivista, mas Heisenberg teve uma virada idealista ou platônica. O mais respeitado defensor atual da interpretação subjetivista, Henry Stapp (2007), trabalhou com Heisenberg e Pauli neste período, no final dos anos 1950.

7. O cérebro seria quântico?

Até os anos 1960, os partidários da interpretação subjetivista defendiam apenas que a consciência humana seria responsável pela ocorrência de um colapso da onda de matéria, associada por exemplo a um átomo. A partir dos anos 1980, porém, várias abordagens surgiram tentando amarrar a teoria quântica à mente também no sentido oposto, ou seja, a física quântica passou a ser usada para explicar o funcionamento do cérebro.

O neurocientista espiritualista e ganhador do prêmio Nobel John Eccles defendeu que a liberação de neurotransmissores é um processo probabilístico, que seria descrito apenas pela física quântica. Tal liberação, chamada de “exocitose”, ocorreria com uma probabilidade relativamente baixa. De acordo com ele, a mente (que em sua visão dualista existiria independentemente do cérebro) poderia alterar levemente essas probabilidades de exocitose, o que constituiria um mecanismo para a ação da mente sobre o cérebro (Beck e Eccles, 1992).

Outro importante defensor da tese do cérebro quântico é o matemático inglês Roger Penrose. Seu ponto de partida foi a tese de que a mente humana seria capaz de fazer coisas que um computador nunca poderia fazer: computar funções “não-recursivas”. Ele acredita que um matemático, ao fazer uma descoberta nova que envolve muita intuição, estaria fazendo algo que uma máquina mecânica nunca poderia fazer. Após este primeiro passo, Penrose (1994) argumentou que o problema do colapso na física quântica requer, para sua solução satisfatória, a introdução de uma nova lei, e esta lei desempenharia um papel essencial no cérebro humano, explicando como ele seria capaz de computar funções não-recursivas.

Depois disso, Penrose viria juntar esforços com o anestesiológico Stuart Hameroff, que defendia que ocorrem processos essencialmente quânticos no interior dos microtúbulos de proteína que formam o esqueleto celular. Sabe-se que tais microtúbulos têm função estrutural e de transporte, mas Hameroff passou a defender que o citoesqueleto teria também uma função cognitiva, ligada à memória. Ou seja, o processamento de informação no cérebro não ocorreria apenas em um nível neuronal, mas

também subneuronal. Como esses microtúbulos são estruturas muito pequenas (com diâmetro de 25 nanômetros), é em princípio possível que superposições quânticas se mantenham neles. Tegmark (2000), porém, calculou que o tempo de descoerência dessas superposições quânticas, devido às flutuações térmicas, seria muito pequeno, inviabilizando a proposta.

Outras propostas têm sido feitas (ver Pessoa, 1994), mas o balanço não é muito animador para aqueles que acreditam que a consciência seja um fenômeno essencialmente quântico. Está claro que os átomos do cérebro funcionam de acordo com a mecânica quântica, mas na passagem do nível microscópico para o mesoscópico, os efeitos essencialmente quânticos se cancelam ou se diluem (descoerência), não gerando nenhum efeito que não seja explicável em termos de física clássica.

Apesar das dificuldades de se manter uma superposição quântica nas temperaturas relativamente altas de um organismo biológico, em 2007 descobriu-se um fenômeno essencialmente quântico na biologia. Trata-se de um processo quântico envolvido no processo de fotossíntese em certas algas. Os dois grupos responsáveis por esta descoberta se originaram na Universidade da Califórnia, em Berkeley, sob a supervisão do químico Graham Fleming. Eles mostraram que, a baixíssimas temperaturas, macromoléculas envolvidas na absorção da luz solar apresentam oscilações eletrônicas conhecidas como “batimentos quânticos”, que só podem ser descritas pela física quântica (ver Collini et al., 2010). A luz é absorvida como onda por diferentes centros absorvedores (átomos de magnésio) da macromolécula, que assim entram em superposição, antes de o quantum de energia ser absorvido por uma molécula de ADP, provocando o colapso da onda quântica (em um processo análogo a uma medição). Se o sistema fosse clássico, o colapso teria que acontecer em apenas um dos centros absorvedores. Como cada um deles vibra com uma frequência levemente diferente, e eles entram em superposição, resulta daí o fenômeno ondulatório de batimento, gerando uma frequência mais baixa de oscilação (como ocorre quando duas notas musicais muito próximas são tocadas).

Apesar de o resultado experimental inicial envolver baixas temperaturas, há bons indícios de que o sistema funcione quanticamente também em temperaturas ambiente.

Apesar de novos fenômenos da biologia quântica poderem ser confirmados, a conclusão desta seção é que a psicanálise ou qualquer teoria da mente não precisa da física quântica. Muitos psicólogos vêm propagando uma nova “psicologia quântica” (ver Chopra, 1990), mas tal aproximação não é aceita pela maioria dos físicos. Exploremos a seguir alguns aspectos desta “espiritualidade quântica”.

8. O dilema do espiritualista

O dilema do espiritualista ou do religioso, em face da ciência, é o seguinte: deve-se aceitar a existência de fenômenos que vão contra aquilo que prevê a ciência estabelecida, ou deve-se aceitar apenas a existência de entidades e processos que não entram em contradição com a ciência? Chamarei o primeiro de espiritualismo “desafiador” da ciência, e o segundo de espiritualismo “conciliador” com a ciência (Pessoa, 2010).

Por exemplo, deve-se aceitar que o ser humano evoluiu a partir de outros primatas, ao longo de milhões de anos, ou deve-se acreditar que ele foi criado por Deus de forma já acabada? Alguém que acredita em Deus e em outros mistérios, mas que aceita a evolução biológica do ser humano, está adotando uma postura conciliadora com a ciência. Neste caso, o texto da Bíblia deve ser interpretado de maneira figurada, e não literal. Já os chamados “criacionistas” adotam uma postura desafiadora da ciência.

Sabemos que a física quântica pode ser interpretada de maneira espiritualista. Nos últimos anos, o físico indiano Amit Goswami tem se destacado na mídia, defendendo uma interpretação “idealista” da teoria quântica. Uma de suas teses centrais é que a consciência humana seria responsável pelo colapso da onda quântica. Já vimos, na seção 4, que esta interpretação subjetivista é consistente com os resultados da física quântica, apesar de a maior parte dos cientistas não a aceitar. De-

fender que o observador consciente é quem causa o colapso da onda é um exemplo de espiritualismo conciliador com a ciência.

Segundo a teoria quântica, no experimento da Fig. 2, o observador não pode alterar as probabilidades de detecção simplesmente com sua vontade (a não ser que ele mexa no aparelho). No entanto, alguns autores afirmam que a vontade consciente do observador pode alterar os resultados de experimentos quânticos. De fato, dois engenheiros da Universidade de Princeton, Robert Jahn e Brenda Dunne, realizaram experimentos em que afirmam que um observador consciente pode alterar as probabilidades em diferentes processos estocásticos (como o lançamento de uma moeda ou o experimento mencionado acima).

No entanto, os resultados de Jahn e Dunne (1987) não são levados a sério pelos cientistas “ortodoxos”. A razão principal é que tal efeito vai contra a visão “materialista” que permeia boa parte dos cientistas ortodoxos, segundo a qual a força de vontade da mente não pode afetar um objeto material externo ao corpo. Além disso, os resultados de Jahn e Dunne não foram reproduzidos por cientistas que trabalham em laboratórios respeitáveis.²

Portanto, podemos concluir que Jahn e Dunne são espiritualistas desafiadores da ciência (nem conciliadores com a ciência, no sentido exposto acima). Goswami (2005, pp. 50-52) também tem adotado uma postura desafiadora com relação à ciência. Ele defende a veracidade do experimento realizado pelo mexicano Jacobo Grinberg-Zylberbaum e colaboradores, que envolve uma transmissão instantânea de pensamento à distância. Mesmo que alguns outros cientistas tenham obtido resultados semelhantes, como salienta Goswami, tal resultado é inaceitável para a ciência ortodoxa, pois uma transmissão instantânea de informação macroscópica violaria a Teoria da Relatividade Restrita de Einstein.

Quem tem razão? Qual é a verdade? Cada um terá que adotar uma opinião por conta própria. A ciência ortodoxa é fruto de um método bastante rigoroso e frutífero, mas deve-se

reconhecer que as teorias científicas mudam com o tempo, de forma que não há certeza que a posição materialista sobreviverá à próxima grande revolução nas neurociências. Por outro lado, o ser humano tem um imenso desejo de que a morte não seja simplesmente o fim do indivíduo, de forma que talvez a espiritualidade quântica seja apenas um produto desse desejo de vida eterna e comunhão universal.

Cada um terá que decidir por si mesmo. E, nessa escolha, o espiritualista e o religioso têm que levar em conta o dilema mencionado no presente texto: restringir-se a uma postura conciliadora com a ciência, em que o espiritualismo não entra em choque com a ciência ortodoxa, ou arriscar uma posição desafiadora da ciência, que poderia levar a uma grande revolução científica, mas que corre o risco de ser falseada quando o consenso a respeito dos resultados experimentais finalmente se formar.

9. Teorias de potencialidade

A conclusão da seção 7 pode ser rephraseada da seguinte maneira: não há ligação “ontológica” entre física quântica e psicanálise. Mesmo assim, a partir das semelhanças entre as duas apontadas na seção 3, pode-se propor uma aproximação entre a estrutura da teoria quântica e a de certas teorias das ciências humanas, como a psicanálise e a sociologia.

A teoria quântica tem uma característica notável de permitir que dezenas de interpretações diferentes sejam consistentes com o formalismo mínimo da teoria. Algumas dessas interpretações deixam claro uma estrutura que chamarei de “teoria de potencialidade”. A potencialidade é uma espécie de realidade intermediária que possui leis próprias (no caso quântico, leis deterministas), mas que não é diretamente observada. O que é diretamente observado é comumente chamado de “atualização”. As atualizações, no caso quântico, se formam no momento da observação. O cientista pode escolher que tipo de atualização deseja observar (por exemplo, a posição de uma partícula, ou sua velocidade), mas o valor que ele obtém como resultado da medição é geralmente imprevisível. Quem fornece as probabilidades de obter os diferentes valores possíveis

é justamente a potencialidade. Assim, além da lei de evolução determinista das potencialidades, existe uma regra estatística que descreve a passagem de potencialidades para atualizações.

As teorias de potencialidade fornecem uma estrutura conceitual mais ampla do que as teorias clássicas, ou seja, aquelas sem um nível de potencialidades, na qual existe apenas uma lei de evolução para as atualizações. Dado que as atualizações correspondem a uma realidade observada, e dado que supomos normalmente que a realidade é única, teorias clássicas possuem uma restrição forte que as teorias de potencialidade não têm. No nível de potencialidades, qualquer coisa poderia ser permitida. No caso da física quântica, a potencialidade é a realidade microscópica, que para mais de uma partícula envolve mais do que três dimensões espaciais e envolve ação à distância (não localidade).

O ponto a ser colocado é que pode ser interessante encarar a teoria psicanalítica como uma teoria de potencialidade, sendo que a potencialidade seria o inconsciente. Isto parece ser especialmente interessante para a abordagem hermenêutica da psicanálise, que não costuma interpretar o significado de um sintoma, sonho ou lapso como sendo uma causa inconsciente real (ou seja, uma atualização). No caso da psicanálise, talvez o nível das potencialidades não tenha caráter ontológico (como na interpretação ondulatória da teoria quântica), mas sua introdução pode trazer alguma vantagem metodológica.

Pensando na psicanálise como uma teoria de potencialidade, o que nossa analogia quântica sugere que devemos fazer? Pelo menos, duas coisas. Primeiramente, estipular qual é o nível de potencialidades (o inconsciente) e quais são as leis que regem a estrutura e a evolução temporal deste nível. Em segundo lugar, determinar quais são as atualizações (falas e atos), e estipular quais são as regras, que poderão ser estatísticas, que descrevem a passagem da potencialidade para a atualização.

Tal proposta poderia ser adaptada não só para a abordagem hermenêutica, mas também para a mais científica (hipotético-dedutiva), desde que a regra de passagem das potenciali-

2. O físico Gabriel Guerrer está trabalhando atualmente em um experimento semelhante, como pós-doutorando no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

dades para as atualizações seja estipulada com precisão suficiente para selecionar leis e regras boas e rejeitar as ruins. No entanto, como sabemos, é este justamente o ponto problemático da psicanálise enquanto teoria científica: é muito difícil, senão impraticável, testá-la.

Outra abordagem metodológica que a estrutura da teoria quântica pode sugerir consiste em atribuir amplitudes de probabilidade diferentes para diversas estruturas explicativas da psicanálise. A partir da livre associação, o analista pode mapear um conjunto de memórias em uma estrutura simbólica, como o complexo de Édipo. Há sempre, no entanto, outras estruturas simbólicas explicativas que podem ser utilizadas para o mesmo conjunto de memórias (uma situação de “subdeterminação”). Em vez de escolher apenas uma, talvez fosse fecundo considerá-las todas, atribuindo probabilidade ou amplitude de probabilidade para cada uma delas.

Referências

- Beck, F. e Eccles, J. C. (1992). Quantum aspects of brain activity and the role of consciousness. *Proceedings of the National Academy of Sciences U.S.A.*, 89, 11357-11361.
- Chopra, D. (1990). *A cura quântica*. São Paulo: Best Seller.
- Collini, E., Wong, C. Y., Wilk, K. E., Curmi, P. M. G., Brumer, P., Scholes, G. D. (2010). Coherently wired light-harvesting in photosynthetic marine algae at ambient temperature. *Nature*, 463 (7281), 644-647.
- Goswami, A. (2005). *A física da alma*. São Paulo: Aleph.
- Jahn, R. e Dunne, B. (1987). *Margins of reality*. San Diego: Harcourt, Brace & Jovanovich.

London, F. W. e Bauer, E. (1939). *La théorie de l'observation en mécanique quantique*. Paris: Hermann.

Penrose, R. (1994). *A nova mente do rei*. Rio de Janeiro: Campus.

Pessoa Jr., O. (1994). A física quântica seria necessária para explicar a consciência? In: *Questões metodológicas em ciências cognitivas* (Coleção Documentos - Série Ciência Cognitiva - 20). São Paulo: Instituto de Estudos Avançados - USP, pp. 184-9.

Pessoa Jr., O. (2003). *Conceitos de física quântica*. São Paulo: Livraria da Física.

Pessoa Jr., O. (2010). O fenômeno cultural do misticismo quântico. In O. Freire Jr., O. Pessoa Jr. e J. L. Bromberg (org.), *Teoria quântica: estudos históricos e implicações culturais* (pp. 283-304). São Paulo: Livraria da Física.

Stapp, H. (2007). *Mindful universe*. Nova Iorque: Springer.

Tegmark, M. (2000). Importance of quantum decoherence in brain processes. *Physical Review E*, 61, 4194-4206.

Pedro Bekinschtein*

Onde está a memória?

A questão da localização da memória vem inquietando cientistas há muitas décadas. Porém, não se trata da memória de curto prazo – a que usamos para ler ou lembrar onde deixamos o telefone celular –, mas aquela que nos permite viajar ao passado e recuperar agradáveis momentos de infância, nos quais tudo era questão de brincar e ser feliz, mas também ir à escola e ter que suportar a senhorita Naomi que gritava conosco, a lição de casa, os cadernos encapados com papel gofrado¹ e os manuais de História e Geografia. O mesmo com os nascimentos, funerais, férias e a primeira vez de muitas experiências. Ora, talvez não queremos nos lembrar de tudo, porque nem tudo no passado foi melhor. Mas o que aconteceria se não tivéssemos memória? Que seria de nós? Antes de discorrer sobre o lugar onde a memória se encontra no cérebro, devo fazer um aviso. A maneira pela qual nós cientistas avaliamos os mecanismos cerebrais da memória é o estudo da sua falta, isto é, a amnésia. Contudo, a ausência da memória pode ter duas origens: ou a informação já não se encontra no cérebro, ou a informação está presente, mas inacessível. É muito difícil distinguir entre as duas opções e, portanto, é preciso levar em conta essa advertência ao ler este artigo.

A resposta a essa pergunta começou a ser respondida há algumas décadas, com o nascimento de Henry Gustav Molaison, o paciente mais famoso da neurociência. Mais conhecido como paciente H. M., Henry nasceu em 1926. Com a idade de 9 anos, foi atropelado por um ciclista em seu bairro perto de Hartford, nos Estados Unidos, e bateu a cabeça com força. Foi assim que um evento desafortunado mudou a história de um homem e contribuiu para um dos avanços mais importantes na psicologia e na neurociência.

Aos 16 anos, Henry começou a sofrer crises epiléticas recorrentes. Finalmente, em 1953, H. M. visitou o hospital de Hartford para uma consulta com o neurocirurgião William Beecher Scoville. As convulsões eram devastadoras, e ele não só continuava sem poder passar uma linha pela agulha, como também sofria desmaios e já não podia mais trabalhar na reparação de motores, tal como vinha fazendo por anos. Depois de esgotar os tratamentos disponíveis na época, Henry passou por uma cirurgia no cérebro para remover certas partes que provavelmente causavam os problemas. A operação foi realizada com sucesso, as crises diminuíram, mas Henry desenvolveu o que os neurologistas chamam de “amnésia profunda”, ou seja, tornou-se incapaz de formar novas

* Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas.

1. N.T.: No original, *papel araña*, tipo de papel colorido com desenhos de teias de aranha em relevo. Comumente usado na Argentina para encapar livros e cadernos escolares.

memórias. Sim, não é motivo de alegria que H. M. tenha tido essa sorte, mas a palavra preferida dos neurocientistas – mesmo que não seja a dos presidentes – é “déficit”, porque quando se encontra um déficit na função cognitiva, é possível descobrir a sua causa e entender algo sobre o que deveria acontecer no cérebro para que esse processo funcionasse.

H. M. não podia aprender coisas novas. Na verdade, lia as mesmas revistas repetidamente, surpreendendo-se com o conteúdo, e armava os mesmos quebra-cabeças uma e outra vez, sem melhorar nem um pouco o tempo que levava para completá-los. Contudo, e talvez ainda mais interessante, H. M. tinha perdido a memória de eventos do seu passado, e estava congelado em um presente histórico. Haviam extirpado de Henry, de ambos os hemisférios cerebrais, uma estrutura chamada “hipocampo”, e ao longo dos próximos cinquenta e cinco anos, cada conversa, cada viagem, cada encontro, cada refeição e cada ida ao banheiro eram experiências que ocorriam pela primeira vez. H. M. foi estudado durante todo esse tempo até que morreu em 2008, deixando seu legado e seu cérebro à ciência que – com todo o respeito, mas assim o fez – cortou-o em fatias bem finas e o analisou para determinar com precisão a natureza das lesões.

Seu caso, somado a dezenas de casos similares e experimentos com animais de laboratório, forneceu evidências para compreender que o hipocampo é uma estrutura do cérebro essencial para o que conhecemos como “memória episódica”, aquela que armazena os eventos de nossa vida, essa memória que nos permite viajar ao passado e retornar ao presente em segundos. Os seres humanos inventamos a viagem no tempo há milhares de anos, mas só recentemente descobrimos isso.

A duração das lembranças

Em 2003, estreou um dos melhores filmes que lidam com o tema da memória, que não é outro senão Procurando Nemo (Walters, 2003). Esse filme de animação dos estúdios Pixar conta a odisseia de um peixe-palhaço chamado Marlin, que procura com desespero seu filho Nemo. No caminho, ele encontra Dory,

um peixe da espécie *Paracanthurus hepatus*, vulgarmente conhecido como “cirurgião azul”. Dory é muito simpática, mas logo Marlin percebe algo estranho em seu comportamento, pois ela parece esquecer as experiências com grande rapidez. Finalmente, Dory confessa que tem um problema de memória que, segundo ela, “é de família”, ainda que não se lembre bem se é assim.

Poderíamos dizer que Dory é uma espécie de H. M. do cinema, já que possui uma memória de curto prazo, mas não a de longo prazo. A memória de Dory desaparece à medida que correm os minutos, e não há nada que ela possa fazer para evitar. Para entender o que se esconde por detrás do problema de Dory, devemos viajar no tempo até o ano de 1900, quando o psicólogo alemão Georg Elias Müller e seu aluno Alfons Pilzecker publicaram um manuscrito que relatava experimentos que mudariam a visão de como as lembranças se constroem (Lechner, Squire & Byrne, 1999). Müller e Pilzecker realizaram alguns experimentos muito simples: eles pediram a seus sujeitos experimentais que aprendessem uma lista de sílabas sem sentido (como, por exemplo, “hiw”, “lek” ou “pux”).

Imediatamente após essa aprendizagem, apresentou-se, repetidas vezes, a um grupo dos sujeitos outra lista de sílabas, enquanto que a outro grupo não se apresentou uma segunda lista. O que eles descobriram é que a retenção da primeira lista era muito pior no grupo que tinha visto a segunda lista, em comparação com aqueles que não a tinham visto. Então, por que, apesar de a informação ter sido percebida e entrado no cérebro dos participantes, ela se perdeu? Os psicólogos cunharam o termo em alemão *consolidierung* para se referir à ideia de que, uma vez que a informação é adquirida, ela permanece em um estado lábil por um tempo, até que finalmente se estabiliza nos circuitos cerebrais.

Esse fenômeno de estabilização da memória é conhecido como “consolidação” e, desde aquela descoberta alemã, estamos estudando e conhecendo quais são suas bases biológicas. A existência da consolidação apresenta implicações importantes para a aprendizagem do discurso, pois o que acontece logo após as in-



formações terem sido adquiridas por meio da aprendizagem terá impacto sobre os mecanismos de armazenamento. Distrações, estresse, alimentação e exercício físico são alguns dos fatores que podem modificar a consolidação da memória. Assim como no experimento de 1900, uma distração imediatamente posterior, por exemplo, à aprendizagem de um texto, irá interromper a consolidação e prejudicará o armazenamento, enquanto que, sob certas condições, o exercício físico poderia melhorá-la. Além disso, existem evidências de que o sono também melhora a consolidação, e que sua falta a impede. O que sabemos também é que essa janela de consolidação em algum momento se fecha, de modo que depois de um tempo, a informação já não seria suscetível de ser eliminada ou melhorada. Dependendo da informação adquirida, o período de consolidação pode variar de minutos a horas, refletindo a natureza dos processos biológicos que a sustentam. Quais são esses processos biológicos? Para entender do que se trata, é preciso primeiro falar sobre as proteínas, que são as moléculas que fazem tudo que é biológico funcionar, desde a nossa respiração até a regeneração da pele depois do corte com o papel em que estava escrito o discurso. E também, obviamente, a memória.

Há algumas décadas, sabemos que para que uma memória de curto prazo se converta em uma de longo prazo, é necessário que as proteínas sejam produzidas no cérebro. Me-

dante o emprego de uma série de compostos, é possível bloquear a produção de proteínas no laboratório, e o mesmo pode ser feito em regiões do cérebro, por exemplo, no hipocampo. O resultado é que, embora a lembrança exista, ela dura apenas uns poucos minutos, porque a memória de curto prazo não se converte em uma de longo prazo. Ou seja, para que a aprendizagem se converta em memória de longo prazo, é necessário que proteínas sejam produzidas no seu cérebro durante o período de consolidação.

Em suma, a memória é construída ao longo do tempo. Fabricar uma memória de longo prazo leva tempo: aquele que é usado para estabilizar as lembranças dentro de circuitos neuronais de armazenamento. Uma vez armazenadas, seu destino vai depender do seu uso, como veremos a seguir.

A reconstrução do passado

O que acontece quando a informação é armazenada e consolidada na memória de longo prazo? Ela se torna imutável?

No filme *Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças* (Bregman & Golin, 2004), estrelado por Jim Carrey e Kate Winslet, o personagem de Carrey, chamado Joel, estava tão triste após o fim de seu relacionamento com Clementine, interpretada por Winslet, que continuar vivendo era insuportável. Por isso, recorre a uma espécie de neurocientista

para apagar as memórias do relacionamento terminado. Em outras palavras, ele queria tirar sua ex da cabeça. Esse tipo de cientista/inventor havia desenvolvido um aparelho capaz de cumprir o desejo de esquecer. Tal aparelho consistia de um capacete de metal capaz de detectar a atividade de neurônios relacionados com certas lembranças.

Joel coloca o capacete e o cientista vai lhe mostrando objetos ou outros estímulos relacionados com sua ex, Clementine. Assim, a presença de uma mecha de cabelo vermelho desencadeia a evocação de uma memória de seu rosto em um passeio de trem, o aroma de seu perfume, uma tarde balançando-se na praça. Sempre que uma lembrança era ativada, o capacete identificava os conjuntos de neurônios em que estava armazenada. À noite, Joel vai dormir com o capacete e, durante uma reativação das memórias do dia durante o sono, o capacete detecta essa atividade e destrói as lembranças uma por uma, até que não sobra nenhuma. Eu adorei o filme, não apenas porque há um neurocientista, mas porque ele tem o que um bom filme de ficção científica deve ter: um conteúdo científico no qual, embora impossível, é possível acreditar. Podemos nos perguntar em qual parte é possível acreditar, e se é possível apagar lembranças específicas sem causar amnésia ao destruir as regiões onde a memória é armazenada. A resposta é sim, e isso é relativamente simples.

Essa pergunta foi feita pelos psicólogos James R. Misanin, Ralph R. Miller e Donald J. Lewis a ratos de laboratório. Em 1968, eles publicaram um artigo na revista *Science*, no qual descreviam um fenômeno curioso: eram capazes de apagar a memória dos roedores se, imediatamente após os animais evocarem a memória de uma experiência particular, um choque eletroconvulsivo fosse administrado no cérebro (Misanin, Miller & Lewis, 1968). Por outro lado, se o choque era administrado na ausência da evocação, a memória permanecia intacta. Isto é, parecia que a memória entrava em uma fase de fragilidade quando era evocada.

Muitos anos depois, em 2000, outros cientistas, chamados Joseph Ledoux, Glenn Schafe e Karim Nader (2000), retomaram a ideia e

realizaram um experimento de condicionamento no qual, na primeira etapa, ensinavam ratos de laboratório a associar um som com um choque elétrico nas patas. Como nos conhecidos experimentos de Pavlov que pretendiam associar o som de um diapasão com a chegada de alimentos, os ratos respondiam agora ao som com um comportamento de medo, porque previam a chegada do choque elétrico. No dia seguinte à aprendizagem, já consolidada na memória de longo prazo, os pesquisadores fizeram com que os animais ouvissem o som, mas desta vez na ausência de choque elétrico. Eles sabiam que os animais se lembravam de ter recebido o choque, porque mostravam um comportamento de medo na presença do som: ficavam congelados. Um grupo de ratos recebeu uma injeção de um bloqueador da fabricação de proteínas em uma estrutura do cérebro chamada “amígdala”. A amígdala é normalmente ativada quando nos lembramos de eventos que causam medo. Os cientistas observaram que, no terceiro dia, os ratos injetados com o composto já não expressavam um comportamento de medo frente ao som (em vez de congelar-se, continuavam em movimento), enquanto que aqueles injetados com solução salina (sem composto ativo), de fato mostravam essa resposta.

Além disso, assim como nas experiências de 1968, a evocação era essencial para que a droga tivesse um efeito amnésico. Sem ela, a inibição da síntese de proteínas não tinha nenhum impacto sobre a memória. Os pesquisadores concluíram que a evocação da memória coloca as lembranças em um estado lábil, e que elas precisam ser rearmazenadas por meio um processo que chamaram de “reconsolidação”. Ou seja, toda vez que as lembranças são recuperadas, elas se desarmam e voltam a se armar, e para que sejam reconstruídas é necessário, como no início, que se fabriquem proteínas.

Essa descoberta teve um enorme impacto no campo da neurociência da memória. A ideia de que a ativação de uma lembrança a colocava em risco de ser apagada não teve aceitação imediata na comunidade científica, e foi preciso muitos anos e muitos experimentos até que a maioria dos cientistas se convencesse de que isso acontecia. A reconsolidação foi

encontrada em várias espécies de animais, tais como moluscos, caranguejos, camundongos, ratos e seres humanos. Atualmente, assume-se que, como a consolidação, a reconsolidação é uma característica universal de todos os organismos que aprendem. A função biológica associada a ela é a de atualizar a memória. Se as lembranças não fossem flexíveis e não pudessem se atualizar, elas provavelmente seriam inúteis. A reconsolidação é uma maneira com que conta o cérebro para ajustar as lembranças em relação a nossas experiências adquiridas e o que acontece conosco no presente. Se ela não existisse, viveríamos ancorados no passado.

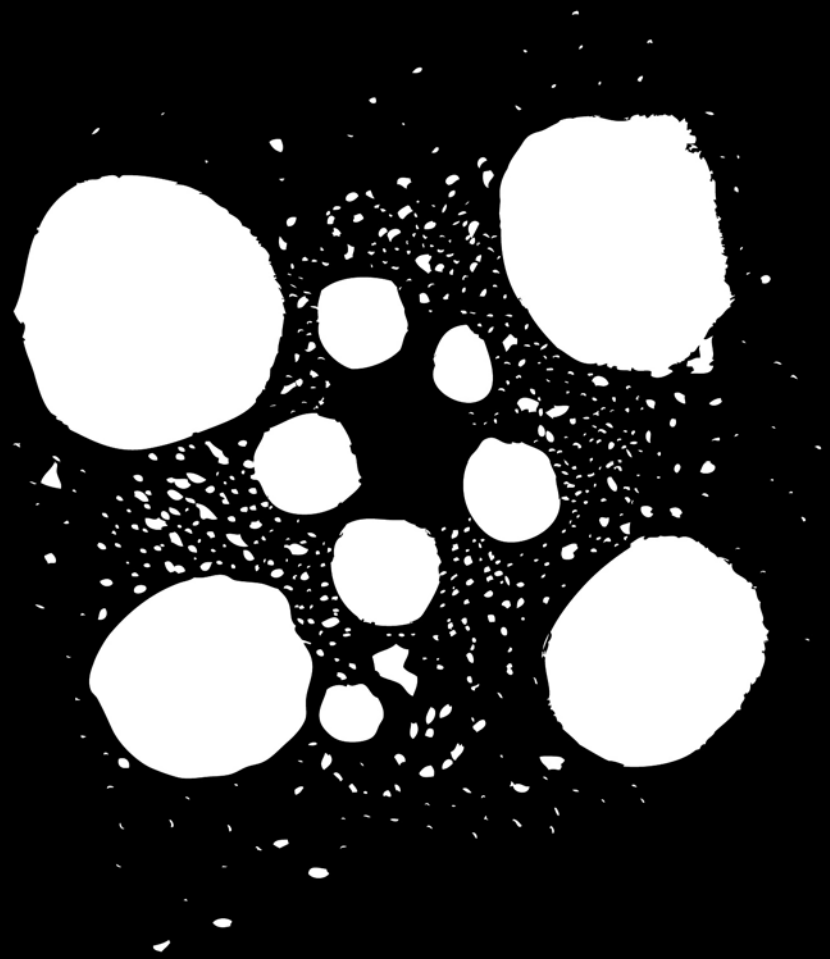
Assim, nossas lembranças são uma espécie de Frankenstein mnemônico. Nosso cérebro evoluiu de modo que a memória se atualizasse incorporando a nova informação que fomos adquirindo em diferentes momentos de nossas vidas. Nesse sentido, a memória tem mais a ver com o presente que com o passado. Ela é evocada pelas nossas emoções, intenções e sabedoria do presente. Então, assim como nos filmes de viagens ao passado, os personagens sempre acabam mudando o futuro, nossa viagem mental ao passado o modifica, e muda o nosso presente.

Apesar dos grandes avanços na compreensão dos mecanismos da memória, ainda há muitas perguntas sobre essa função do cérebro. Talvez, a questão mais importante permanece sem resposta, porque não sabemos exatamente o que é a memória, nem a natureza precisa do seu substrato físico. Essa pergunta leva a muitas outras que são relevantes para todos os âmbitos da vida, particularmente para a terapia. Por exemplo, não podemos responder se a ausência de memória ocorre porque a informação não está fisicamente no cérebro, ou se o que acontece é que ela não é acessível aos mecanismos de evocação. As previsões do que acontece nas patologias associadas com a memória e os possíveis tratamentos são completamente diferentes se assumimos que a memória não está presente, ou que está e é recuperável. Por fim, uma vez que a memória é uma função flexível e somos suscetíveis à geração de falsas lembranças, um dos grandes desafios do estudo do cérebro é poder diferenciar biologicamente a natureza das

lembranças reais das lembranças falsas e das lembranças modificadas. Essas são algumas das perguntas que considero importantes para a compreensão do comportamento humano, o tratamento de distúrbios associados com a memória, e o papel que a neurociência poderia ter nos âmbitos legal e moral.

Referências

- Bregman, A., Golin, S. (Produtores), & Gondry, M. (Diretor). (2004). *Brilho Eterno de uma Mente Sem Lembranças* [Filme]. Estados Unidos: Focus.
- Lechner, H. A., Squire, L. R., & Byrne, J. H. (1999). 100 years of consolidation —Remembering Müller and Pilzecker. *Learning & Memory*, 6(2), 77-87.
- Misanin, J. R., Miller, R. R., & Lewis, D. J. (1968). Retrograde amnesia produced by electroconvulsive shock after reactivation of a consolidated memory trace. *Science*, 160(3827), 554-555.
- Nader, K., Schafe, G. E., & LeDoux, J. E. (2000). Fear memories require protein synthesis in the amygdala for reconsolidation after retrieval. *Nature*, 406(6797), 722-726.
- Walters, G. (Produtor), Stanton, A., & Unkrich, L. (Diretores). (2003). *Procurando Nemo* [Filme]. Estados Unidos: Pixar Animation Studios, Walt Disney Pictures.



Vórtice:
Turbulências na clínica psicanalítica



Andrea Escobar Altare*

Turbulências na clínica psicanalítica: longas-metragens para pensá-la

* Sociedad Colombiana de Psicoanálisis.

Rodrigo D. No futuro (Calle & Trujillo, 1990) foi o primeiro filme de Víctor Gaviria, um cineasta colombiano. O cenário em que transcorre o enredo é a cidade de Medellín, em 1988: Rodrigo, seu protagonista, está contemplando a cidade da janela do último andar de um edifício no centro dessa cidade. Vai saltar de lá sobre Medellín, a cidade que o marginalizou e o abandonou. Rodrigo cresceu em um ambiente no qual nada lhe interessa: não participa do comércio do tráfico de drogas como a maioria de seus conhecidos, não rouba, não se importa com sua casa, não aceita álcool do pai para embebedar-se com ele, tampouco quer ficar na turma com seus amigos. Muitos morrem ao longo do filme. Rodrigo só está interessado em ouvir música punk, quer ter uma banda e fabricar uma bateria de maneira artesanal, com os objetos que conseguir para montá-la.

A cidade de Medellín vivia nesse momento uma transformação social que serviu de berço para o personagem do assassino, ou “pistoloco”. A máfia, a violência e o tráfico de drogas atingiram a Colômbia de maneira profunda na década seguinte, e muitos dos jovens que viviam em bairros onde a pobreza e o abandono do Estado eram a norma, constituíram gangues temíveis: deslocavam-se em duplas em motos e matavam sob encomenda em troca de dinheiro, de acordo com os pedidos que recebiam de chefões do negócio do tráfico de drogas. Víctor Gaviria filmou *Rodrigo D. No futuro* com jovens desses municípios de Antioquia. Nenhum dos seus protagonistas era ator profissional, todos eram jovens que estavam realmente vivendo essa realidade que o diretor tentava captar no filme. Assim se lembra Gaviria:

Eu via que esses rapazes estavam em uma etapa de experimentação, eles eram “mortos-vivos”, porque eram rapazes excluídos socialmente: mortos-vivos sociais, e haviam convertido essa experiência de não ser ninguém, de ser NN¹ na cidade, estar à beira da morte e indagar, procurar o que acontece quando a pessoa entra no mistério

da morte, ver o que era isso, se essa morte era parecida com a morte deles em vida (Mejía, 2016, p. 106).

Com o cinema de Gaviria, os colombianos se encontram diante de uma grande verdade: nossos jovens estavam encarnando a falta de saída para seus projetos, entrando em gangues, dispostos a sacrificar-se por dinheiro. O tráfico de drogas, naquele momento, oferecia pelo menos um caminho para satisfazer algum desejo que pudesse se materializar, graças ao dinheiro pago pelo assassinato.

Os anos 90 passaram e durante a década seguinte as grandes figuras do tráfico de drogas desapareceram, porém as gangues de jovens marginalizados encontraram novamente líderes dispostos a pagá-los por assassinatos: sequestraram, venderam drogas, extorquiram, prostituíram-se, transformaram seus bairros em fortalezas armadas. Os jovens continuaram a morrer, e a diferença social e econômica do país nos revelou uma vala imensa, cujas margens é impossível unir. Uma fenda que, atualmente, leva os colombianos a viverem tantas diferenças quando poderiam pensar juntos, na esperança de um processo de paz em nosso território.

Novamente, é o cinema colombiano que propõe imagens para entender o que está acontecendo. No ano passado, o diretor Juan Sebastián Mesa nos apresentou *Los nadie* (Arbelaez & Duke, 2016). A trama gira em torno de um grupo de jovens *paisas*² que se encontram vivendo às margens de Medellín – outra vez –, e que planejam a melhor maneira de escapar da cidade. Imaginam uma viagem pelas estradas da América Latina. Não têm dinheiro, não têm trabalho, tampouco entraram em uma universidade, nem exercem um trabalho para ganhar a vida. São amigos entre eles, alguns vivem apenas com a mãe, outros cuidam de irmãos mais novos. Uma das protagonistas está sob os cuidados de uma tia, desde que sua mãe foi para os Estados Unidos em busca de um emprego para mandar dinheiro para a fa-

1. N.T.: Sigla utilizada na Colômbia para referir-se aos mortos que, sem poder ser reconhecidos devido às torturas ou ao estado de decomposição, são enterrados anonimamente sob o título de “Nenhum Nome”.

2. N.T.: Gentílico de uma região da Colômbia que inclui Antioquia e os departamentos que compõem o chamado Eixo Cafeeiro.

mília. Outro é um malabarista e faz piruetas nos semáforos para ganhar algum dinheiro. Dois deles estão apaixonados. Como satisfazer o desejo da viagem? Uma das jovens permite que seu namorado tatue em seu pescoço uma palavra: *Imagine*. O punk – a música que acompanha a trilha sonora desses garotos, novamente – permite-lhes denunciar a solidão que sentem, a falta de futuro que experimentam, a falta de vontade de seguir os caminhos que os outros percorreram: o trabalho e a pobreza dos pais, o tráfico de drogas da geração dos Rodrigo D. que faleceram nas últimas décadas. Não fazem nada além de imaginar a viagem para fora daqui. Sem dinheiro e com apenas um poucos pertences carregados em mochilas. Fugir sem saber para onde, mas tendo claro do quê.

E é que “os ninguém” e os Rodrigo D. acodem aos nossos consultórios na América Latina: como conseguir dinheiro fácil para mudar a vida de forma mágica é um dos desejos que aparecem enunciados por alguns dos nossos jovens, os sentimentos profundos de abandono e solidão de outros, a negativa de encontrar nos pais as figuras de identificação, por desgaste dos mesmos, por cansaço de captar tanto esforço sem encontrar que essa energia leve a qualquer lugar de prazer ou diversão, a exaustão sem ter provado, a falta de sonhos por medo de arruiná-los somente por pensar. O que está acontecendo conosco? Creio que nós, psicanalistas, temos o dever de olhar de novo, de tentar entender o que está acontecendo em nossas sociedades a partir dos seus representantes, encarnados naqueles que escutamos diariamente. Estamos escutando? Tentamos compreender?

É por isso que o Vórtice que apresentamos nesta nova edição de *Calibán* é fundamental desde a pergunta que o inspira: Quais turbulências da clínica psicanalítica estamos experimentando?

Maria Teresa Naylor Rocha nos lembra que a subjetividade e o universo sociocultural se encontram necessariamente articulados, e que essa ligação é essencial quando perguntamos sobre o estado atual do sujeito: a loucura privada e loucura coletiva devem ser entendidas a partir de um olhar multidimensional para poder pensar sobre o estado de “desabituação” de

si mesmos do qual se encontram prisioneiros alguns dos sujeitos com que trabalhamos em nossos consultórios. A potência da psicanálise se torna uma das principais ferramentas da nossa época para fazer frente a esses estados.

De outra esquina da nossa geografia latino-americana – Caracas –, Margareta Hargitay reflete sobre o perigo que representa para o analista e seus pacientes o contexto socioeconômico, político, social e cultural no qual habitam. Ela relata as implicações de trabalhar em uma situação de crise real e extrema, na qual é precisamente a função analítica que se encontra vivenciando a possibilidade de enfraquecimento e perda. A analista tenta cuidar de si mesma e dos outros nessas condições que apresenta a partir da narrativa de fragmentos de sua prática.

Cristina Rosas de Salas observa que o trabalho do analista hoje se realiza em áreas que ultrapassaram os limites do consultório particular, e que essa realidade é precisamente um dos principais desafios que devem enfrentar os institutos de formação dos futuros analistas, se queremos que nosso ofício esteja em sintonia com as exigências da nossa época. Como levar em conta as leituras dos nossos contextos, seus pedidos e, em qualquer caso, tender a uma “heterogeneidade prudente”? Seu texto procura oferecer-nos algumas coordenadas para começar a pensar sobre essas tarefas pendentes.

De outra latitude, Edmundo Gómez Mango empresta sua memória para lembrar-nos das ditaduras que durante a década de 70 foram vividas em nosso território latino-americano. Muitos analistas tiveram que exilar-se para preservar suas vidas e seus vínculos, e, mesmo de territórios estrangeiros, escreveram e compartilharam seus testemunhos para que nunca esqueçamos essa parte de nossa história. Em seu texto, ele faz um chamado à psicanálise para levar a cabo a tarefa de pensar o fanatismo contemporâneo.

Oswaldo Ferreira Leite nos apresenta um relato atual que muitos reconhecemos no cenário da nossa prática: a forma como a psicanálise – e sua particular maneira de escuta – procura manter seu lugar, mesmo em espaços que não são aqueles que os psicanalistas habitamos cotidianamente. São lugares onde buscamos

a maneira de preservar nosso diálogo com a psiquiatria – para ali poder colocar em ação a nossa maneira de entender as experiências de exclusão social e da própria singularidade –, apresentados pelo autor a partir do relato de um integrante ativo de um coletivo LGBT.

Se nos movemos em direção ao norte do continente americano, Richard Reichbart escreve um texto veemente com o qual quer ilustrar os efeitos psíquicos, para seu povo, da eleição de um novo líder que vem para ocupar a posição mais importante de uma potência mundial. Através da sua própria voz e da de seus pacientes, relata-nos o ambiente feroz e a percepção de que algo vai essencialmente mal nesse território. Como exercer a psicanálise nesse lugar, quando demanda honestidade, decência e compaixão?

Nesse ponto da leitura de Vórtice, o leitor poderá suspeitar de que não se trata apenas do que está acontecendo ali. Até agora, temos apresentado diferentes relatos de analistas que escrevem os roteiros que permitem imaginar as cenas que estão presenciando e vivendo na massa do seu próprio sangue (Saramago, 2006).

Yolanda Gampel também reflete na mesma turbulência ilustrada por Reichbart, agora desde Israel: o político e os produtos da subjetividade social irrompem na sessão com seus pacientes, que expõem a seu analista suas angústias e estados emocionais associados a esse acontecimento. Duas palavras, *coragem e audácia*, retumbam em sua reflexão final. Quero retomá-las para fechar a apresentação deste Vórtice: *coragem e audácia* é o que necessitamos neste momento para que a psicanálise ofereça ferramentas que nos permitam estudar esses roteiros. Pode ser que, se trabalharmos juntos neles, possamos produzir outras imagens para longas-metragens mais esperançosos.

Referências

- Arbelaez, A., Duque, J. M. (Productores), & Mesa, J. S. (Director). (2016). *Los nadie* [Filme]. Colombia: Monociclo Cine.
- Calle, G., Trujillo, A. M. (Productores), & Gaviria, V. (Director). (1990). *Rodrigo D. No futuro* [Filme]. Colombia: Compañía de Fomento Cinematográfico.
- Mejía, J. (2016). Víctor Gaviria. Rodrigo D. No futuro. In *Ópera prima*. Medellín: Fondo Editorial Universidad EAFIT.
- Saramago, J. (2006). *El nombre y la cosa*. Ciudad de México: Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey / Fondo de Cultura Económica.

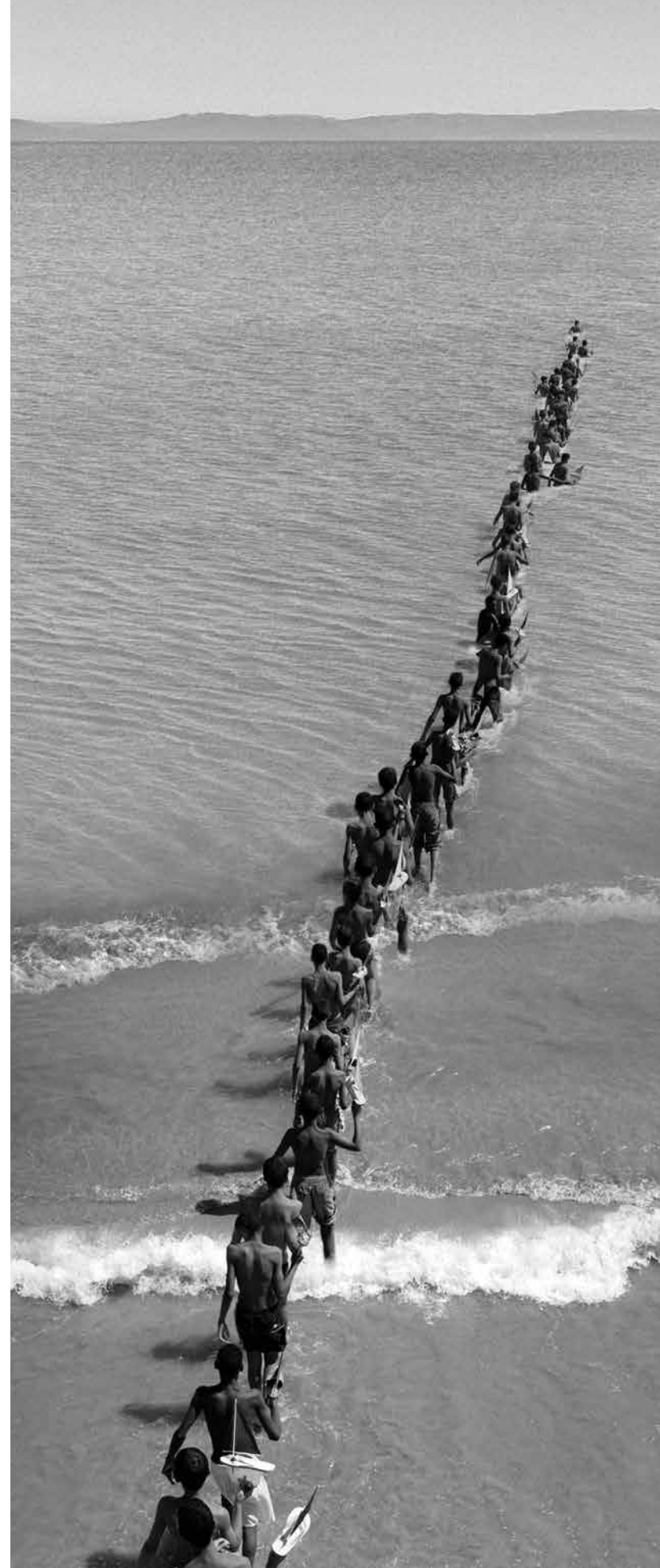
Edmundo Gómez Mango*

O terror político e a sessão analítica

É difícil descrever a violência do terror de Estado das ditaduras que nos anos 70 estenderam-se pelo cone sul da América Latina. O golpe de Estado que instaurou a ditadura cívico-militar no Uruguai ocorreu em 1973. Eu estava em Paris. Após terminar minha atividade em um serviço do Hospital de Santa Ana, onde, entre outros, Lacan prosseguia fazendo as suas famosas apresentações de pacientes psicóticos, voltei ao Uruguai.

Tudo havia piorado desde o começo do golpe militar. A ditadura converteu-se pouco a pouco em um verdadeiro regime de terror de Estado. Esta expressão o diz com precisão: todos os poderes do Estado estavam a serviço de um punhado de políticos e de chefes militares que haviam tomado o poder. Isto inclui o Poder Judiciário e o ensino em todos os seus níveis, mas também havia uma censura total da imprensa e da televisão, proibição do funcionamento dos sindicatos e dos partidos políticos de oposição, detenções arbitrárias e a impossibilidade de exercer qualquer reclamação legal, incerteza -que podia durar meses- sobre se o detento estava vivo ou morto e para qual quartel militar ou cárcere havia sido transferido. Tudo isto foi criando um clima de opróbrio, de angústia, que esmagava a opinião pública. O roubo de crianças recém nascidas,

* Associação Psicanalítica da França.



a desapareção dos cadáveres dos assassinados em tortura, este ataque ao nascimento e à morte, violaram os direitos fundamentais de uma comunidade humana. Meu consultório de psiquiatria e de psicoterapia mantinha-se funcionando. Mas eu mesmo e quase a totalidade dos pacientes estávamos marcados pela atmosfera opressiva manifesta. As sessões estavam impregnadas do medo generalizado, propagado pelo terror de Estado. Ninguém sabia publicamente, mas todos sabiam interiormente: continuava a tortura nos quartéis e dependências policiais. A tortura generalizada foi uma das características da ditadura uruguaia. Perseguiu uma dupla finalidade: primeiramente arrancar informação e destruir psicologicamente os dirigentes ou líderes da oposição, porém também dissuadir a população de qualquer tentativa de oposição e infiltrar na atmosfera social uma violência surda, que se bem se exercia no segredo dos calabouços, difundia-se em toda a cidade como uma neblina nefasta e irrespirável.

A violência política do terror de Estado teve consequências nefastas para a atividade da psicanálise. As psicoterapias de grupo foram concretamente proibidas. Vários consultórios de psicanalistas foram invadidos pela polícia militar e saqueados. Muitos analistas e pacientes fugiram do país para evitar o cárcere ou em busca de horizontes de trabalho em um clima de liberdade que havia desaparecido de Montevideu.

O silêncio impune que ainda reina na cidade e protege aos carrascos, apesar do retorno da democracia, continua atentando contra o exercício do pensamento livre e contra a vida dos ideais coletivos dos direitos humanos. As feridas da memória simbólica da cidade, os empecilhos ao trabalho de luto e de comemoração, a degradação da linguagem coletiva, são traumatismos que ainda seguem ativos no seio da sociedade.

Os atentados cometidos na França pelo fanatismo terrorista islâmico comoveram profundamente a sociedade francesa. Os atentados do dia 07 de janeiro de 2015 contra a revista Charlie Hebdo, onde foram assassinadas doze pessoas - em sua maioria jornalistas e desenhistas, e também uma psicanalista -, e, horas mais tarde, o assassinato de quatro pessoas em um estabelecimento comercial

frequentado pela comunidade judaica, provocaram, dias depois, uma multitudinária manifestação de repúdio por grande parte da sociedade francesa.

Os atentados do dia 13 de novembro de 2015 em Paris evidenciaram um contraste patético: um grupo de jovens fanáticos, servidores da morte e da destruição, assassinava, sem critério, com rajadas de metralhadoras, centenas de jovens “comuns”, que desfrutavam a vida dançando, escutando música, comendo, bebendo, no cosmopolitismo irreverente e festivo, mestiço, de Paris. Os terroristas invocavam o Estado Islâmico. Reivindicaram vingar-se dos ataques do exército francês na Síria e no Iraque.

Como analista, recebi pacientes que moravam em bairros atingidos diretamente pelos atentados. Um deles contou sobre a grande angústia que sentiu ao voltar a seu domicílio, muito próximo da sala de espetáculos do Bataclan, onde foram assassinadas 137 pessoas e centenas ficaram feridas. Evocou em muitas sessões a intensa ansiedade da sua família, da sua esposa que relatava repetidamente o horror entrevisto pela janela - gente fugindo, alguns gravemente feridos -, ou o temor da sua filha para voltar à escola.

Os efeitos sobre a população são persistentes: temor generalizado, medo da repetição imprevisível, clima de desconfiança contra a comunidade muçulmana -muito numerosa na França. A ultradireita exacerbou os fantasmas primitivos: ódio aos estrangeiros, exaltação extrema de “o nosso”, transformar as fronteiras em muros. Muitos pacientes comentavam atemorizados a chegada à Europa de milhares de refugiados de guerra, mal chamados “imigrantes”: fogem para salvarem suas vidas de países assolados pela morte guerreira.

O analista tentava ajudar aos que foram atingidos pelo horror e elaborar angústias de perseguição arcaicas que se reavivam por estes traumas coletivos. O retraimento identitário, o discurso da “salvação” pelo ódio e o extermínio do outro, a pseudo-heroificação de figuras destrutivas, invadem o imaginário social e impedem uma aproximação racional aos acontecimentos sociopolíticos.

Muitas hipóteses tentaram compreender o terrorista. Não acredito que sejam, como foi

informado, jovens “radicais”. Muitos deles são “desarraigados”, mercenários, personalidades frágeis, intensamente fanáticos por imagens e ideais simplistas e vazios, superficiais. Costumam ser atraídos por uma falsa identidade: passam do sentir-se “nada”, a desolação dos marginais, à crença megalomaniaca de transformar-se em todo-poderosos, de terem armas, dinheiro, automóveis, mulheres. Entregam-se ao martírio suicida e ao massacre de massas, fascinados por uma morte que lhes proporcionará no mais além dos paraísos religiosos tudo o que lhes foi negado no mais aqui terrestre, onde conheceram a brutalidade, a miséria e o desprezo. O atentado mortífero fanático conserva o poder de um acontecimento impávido, como um pedaço do “real” desmedido em sua brutalidade imediata, fascinante em si mesmo por seu “terror”, que tenta impedir o trabalho do pensamento simbólico.

A tarefa da psicanálise é voltar a pensar o fanatismo contemporâneo em toda sua complexidade política, social e simbólica.

Margareta Hargitay Wieser*

O espaço analítico como refúgio para a dupla analítica em meio à violência urbana

No meio do bosque, há uma clareira inesperada que só quem está perdido pode encontrar.

Tomás Tranströmer,
“El claro”, 1978/1988

É uma segunda-feira, sete horas, na minha Caracas, a cidade dos contrastes... da fúria... Chego ao consultório depois de um desjejum com café e algumas torradas, acendo a luz, verifico o banheiro para ver se há água – estamos acostumados a ter racionamento de água e luz, sem aviso prévio. Hoje, temos água e luz. Abro a porta, coloco a bolsa – desculpe, mochila – sobre a mesa. Já não uso bolsa para evitar que me assaltem no caminho do estacionamento ao consultório. Também não uso salto alto; apenas calçado confortável que me permita caminhar rápido quando saia à noite para o estacionamento. Há roubos e linchamentos frequentes. Apesar de supor que tenho o consultório em uma área bastante segura, já não é mais assim. Hoje, havia uma fila em frente ao mercado do outro lado da rua: estão à espera de comida desde a madrugada.

Reviso minha agenda, a campainha toca...

— O primeiro paciente se deita no divã: “fui sequestrado na sexta-feira, saindo de uma balada a caminho de casa... Iam em um BMW, quatro caras com armas grandes, me interceptaram... A pior noite da minha vida... Me lembrei de tantas coisas... Sabia que se percebessem que era homossexual estava morto... Pedi um baseado que estavam fumando...”

Pensei em como conseguir sobreviver... Até cheguei a pensar no que discutimos aqui... Acho que usei tudo que estava na minha cabeça para sobreviver e conseguir lidar com esses caras tão agressivos... Estavam drogados... Me ameaçavam o tempo todo... Me bateram um pouco...”

— Chega a segunda paciente. Ela se senta: “já tenho os resultados da biópsia... Tenho uma recaída... Preciso começar a quimioterapia novamente... Quatro anos depois, já não é a mesma situação... Não se consegue os medicamentos... Chamei todos os meus colegas médicos e familiares... Tento não me preocupar, mas me ocupar... Tenho muita gente me ajudando... Já me conseguiram algumas coisas... Além de ter que pensar sobre o que está acontecendo dentro de mim, o país também está em crise... Tenho muita raiva e

* Asociación Venezolana de Psicoanálisis.



frustração... Raiva porque é duro ter uma recaída, mas que tudo esteja tão caro ou não se consiga... é ter que lidar também com este país tão deteriorado”.

— Outra paciente se senta: “Ontem, eu explodi... Isso é demais... Sinto que nada faz sentido... Não sei como me recuperar... O primeiro roubo foi importante, levaram vários computadores, equipamentos... Mas esse roubo, nem um mês depois, foi devastador. Fizaram um buraco na parede e destruíram tudo. Eu tinha arrumado os escritórios, o refeitório, tudo estava tão acolhedor para os estudantes, para os professores... Não sobrou nada. Agora sim, nos quebraram... Nada pode pará-los, nem a cerca elétrica, nem as câmeras, nem o alarme...” As lágrimas escorrem enquanto ela olha para mim e olha para suas mãos. “Mesmo depois do primeiro roubo, eu me animei e quis ir em frente... Quero acreditar no país... E agora, como é que vamos fazer?”

Tomo um copo de água e preparo um chá... A manhã não foi fácil, tenho pouco ape-

tite, mas preciso comer para continuar com os pacientes da tarde. Sinto-me cansada e é só segunda-feira. Cada um dos cinco primeiros pacientes da manhã necessitou que o ajudasse a digerir e metabolizar suas angústias de morte. Primeira sessão da semana após o fim de semana. Os pacientes projetam suas ansiedades e elementos não metabolizáveis na analista. Esperam que através da função rêverie possam conter essas ansiedades esquizoparanoídes. Como evitar que meu self se identifique com o objeto? Temo pelos meus filhos sequestráveis, raiva pela minha mãe sobrevivente de um câncer que teve que pedir seus medicamentos no exterior. Identifico-me e me resgato, ofereço aos meus pacientes um espaço para pensar.

— Segunda paciente da tarde: “Genebra foi difícil... Eu era das poucas com experiência. Havia aqueles que nunca tinham ido à Europa... Me vi refletida, retratada em muitos deles... Tantas coisas que falamos aqui sobre minha intensidade e como isso às vezes dificulta

a comunicação... Espero que isso tenha servido para alguma coisa, que as denúncias sejam ouvidas... Sabe, o pessoal do governo nos fotografou lá, e aqui na imigração também... Sem qualquer dissimulação... Temos as orientações de segurança, mas não sei se isso é suficiente para mim... Estou preocupada... Bom, assustada... Essa gente está muito organizada, tem um lobby imenso... Isso de que estão fracos não é verdade... Sinto como a bota pode me esmagar, pode esmagar todo mundo... Já no avião de volta, sonhei com você: tinha muitas cestas de maçãs, mas todas vazias... Muitas cestas sem maçãs, e mostrava para você...”

— Entra uma adolescente. Sorri e me cumprimenta com um beijo. “Minhas duas melhores amigas vão embora do país... Estou angustiada demais... Quero ir com elas... Não sei como seria estar aqui sem elas... São como minhas irmãs... Já disse aos meus pais... Maria não faz outra coisa que não seja chorar. Ela não quer ir, mas seus pais já não aguentam mais. Têm medo de que algo aconteça com suas filhas... Sabe, esta semana houve vários sequestros... Não quero que me contem, não pergunto, não quero saber... Viveria morta de medo... Não quero parar de ir às festas”.

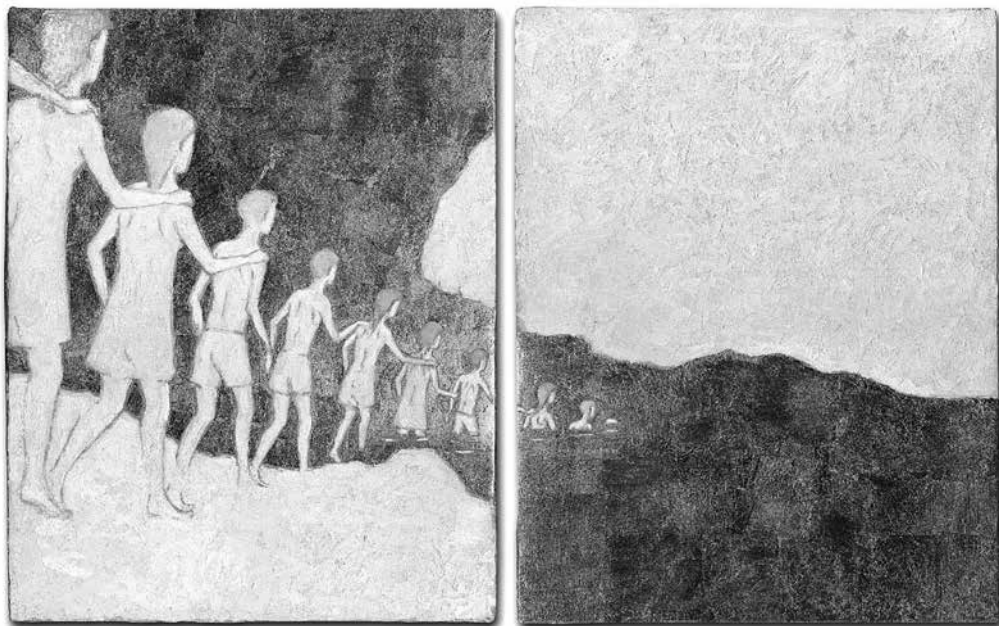
Trabalhar em situações de crise externa real e extrema, como falta de alimentos básicos, escassez de medicamentos, roubos, sequestros e assassinatos diários, faria a análise – de acordo com Freud – praticamente impossível. A realidade psíquica se vê tomada pela realidade externa. Mas o inconsciente e a relação de objetos internos não desaparecem. Nossos pacientes se encontram invadidos e tomados por ansiedades persecutórias reais que se encontram com substratos internos variados, com um mundo interno de relações de objeto aonde vão se desenvolver os teatros mentais individuais. Cabe à analista conter e compreender suas próprias ansiedades reais e contratransferenciais para assim poder ajudar o paciente a pensar a si mesmo. A finalidade do processo é o estabelecimento da capacidade de autoanálise, uma tarefa que dura uma vida inteira, na medida em que implica a responsabilidade pela realidade psíquica. Penso que é possível ver através dessas vinhetas como cada um desses pacientes introjetou em grau variável a função analítica e a possibili-

dade de pensar a si mesmos para poder lidar da melhor maneira possível com a realidade externa que afeta o seu mundo interno. Como, mesmo nessa situação externa violenta e invasiva, o enquadre, a abstinência, a neutralidade, a recepção do paciente sem memória e sem desejo (Bion, 1962/1975), e a constante revisão da minha contratransferência, permitem me sustentar e repensar o processo analítico, sem deixar que me sequestram e sem roubar minha própria capacidade de pensar.

Referências

Bion, W. (1975). *Aprendiendo de la experiencia*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1962).

Tranströmer, T. (1988). El claro. In T. Tranströmer, *Postales negras* (Trad. R. Mascaró & C. Kupchik). Estocolmo: Inferno. (Trabalho original publicado em 1978)



M. Teresa Naylor Rocha*

O que se sabe do que não se sabe

Na modernidade passamos a acreditar que, sob a égide da razão, explicaríamos a essência de tudo. Costumamos pensar as teorias científicas como verdades naturais e escudo contra a angústia da castração. Em psicanálise, a organização em torno de escolas parece espelhar essa orientação e passamos a disputar qual delas deteria a herança freudiana.

No entanto, nas últimas décadas, para responder às demandas da clínica contemporânea, tendemos a ultrapassar os limites das escolas, o que equivale a pensar a psicanálise em seu referencial de complexidades. Passamos a não mais considerar as diversas correntes como excludentes, mas, ao contrário, todas podendo atrair outros pensamentos e permitir que entrem no vórtice propulsor de transformações. Não temos mais que trabalhar com

um ou outro referencial, mas ampliando nossa escuta de acordo com o momento. Podemos ter uma prática que considere os caminhos da pulsão e das relações de objeto; que leve em conta o desamparo e o desejo; que permita pensar o conflito e o déficit; que dê atenção ao intersubjetivo e ao intrapsíquico. O analista, como pesquisador, é convocado a uma posição implicada, para seguir a apreensão das reverberações de seu inconsciente e do paciente. Nesse jogo entre inconscientes, não bastará sobreviver; ele se propõe a um lugar como de um objeto real que não se retira, investe maciçamente, se diferencia para não saturar e não repetir a ausência ou falhas invasivas dos objetos primários (Figueiredo, 2009).

Nessa perspectiva, ampliamos a analisabilidade a organizações clínicas que operam na complexidade intersistêmica, com defesas pela via da clivagem, da negação e da idealização. Portanto, uma clínica voltada para as situações de luta dos sujeitos pela sustentação de sua existência simbólica, comprometida pela quebra de pertencimento à relação com o outro, seja no âmbito individual ou social.

Isso significa conceber que não existe o indivíduo isolado, e que há uma importância essencial na vivência de pertencimento. Nesta noção, a subjetividade e o universo sociocultural se encontram necessariamente articulados. No entanto, afirmar essa correlação não significa estabelecer uma relação de tipo causa e efeito.

Nesse processo, decorrente da prematuridade, o bebê humano dependerá de investimentos libidinais dos objetos primários mediante suas ações de cuidado (continência, testemunho e excitação). Esse estado de dependência originária e desamparo que lhe é constitutivo implica o caráter essencial do outro para o sujeito. Essa base de reconhecimento não se inscreve somente no âmbito das relações primárias, ele se alonga necessariamente a outras esferas, operado pelo amparo dos objetos sociais, formando uma moldura dialética protetora ao narcisismo e à noção de pertencimento à ordem humana. Dito de outra forma, a noção de pertencimento se processa de forma subterrânea e intersubjetiva. Na medida em que essa moldura se encontra comprometida, o sujeito fica exposto às exigências de redobrado trabalho psíquico, que

ameaça tanto sua unificação narcísica quanto sua experiência de pertencimento à estrutura social (Travessia, 2016).

Nessa condição, podemos falar de um sujeito em estado de des-habitação de si mesmo. Quando o narcisismo se encontra ameaçado, o sujeito se utiliza de defesas que, no limite, tenta desesperadamente a afirmação e recuperação narcísica, baseada na lógica da sobrevivência. Essa des-habitação pode se expressar no “agir” como forma de retomar a posição ativa e manter a mínima integridade egoica; pela via espaço do corpo; por neutralização afetiva ou a hipomania. Ela afeta o plano do pensamento, via inibição ou exacerbação intelectual (Furtos, 2012). São circunstâncias em que o sujeito se sente retirado da possibilidade de jogar o jogo da vida consigo mesmo e com seus semelhantes e passa a gravitar na loucura privada ou coletiva.

Essa concepção se desdobra em uma prática psicanalítica que contempla a complexa dinâmica individual e social contemporânea que constrói subjetividades. Tal abordagem coloca em xeque questões teóricas e técnicas na situação analítica, contribui para uma visão etiológica das patologias atuais em geral, e convoca a ações interdisciplinares e as instituições psicanalíticas à responsabilidade social.

A situação analítica passa a se inscrever como um palco para os implicados dizerem o que desconhecem. Ela propicia o brincar, busca recuperar os traços simbólicos interrompidos por vivências traumáticas decorrentes do desamparo individual ou social, ou de ambos. Já que o fluxo associativo muitas vezes se encontra comprometido, será na vida vivida da sessão que o paciente pode experimentar a função reflexiva, a possibilidade de compartilhar, a capacidade empática e a própria noção de vida inconsciente apreendida da percepção de sua influência no inconsciente do analista. Nesse sentido, podemos pensar que a montagem transferencial e contratransferencial é proporcionada pelas condições e recursos da dupla analítica (Bollas, 1995).

Podemos ainda dizer que há uma mudança quanto ao valor do processo de clivagem, posto que esta possui uma função protetora, por possibilitar esquecer o traumático até que o sujeito possa pensar o impensável. Este

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

trabalho de ligação primária se realiza através de trocas intersubjetivas, diferentemente da simbolização que é operada na cena intrapsíquica (Alvarez, 1994).

Um último aspecto, pinçado para incluir nas turbulências da clínica contemporânea com base na indissociável relação entre subjetividade e laço social, diz respeito à potência da situação analítica. Ela pode ser definida pela positividade de forças regidas para além do princípio do prazer, que impõem trabalho ao psiquismo. Isso significa dizer que será na porção disjuntiva da pulsão que se trava a luta frente ao desamparo vivido nas experiências-limite e não pelo rebaixamento de tensão para retornar ao equilíbrio regido pelo princípio do prazer (Zaltzman, 1993); e que será no encontro, e em função da resposta do objeto, que a pulsão se revela não só como descarga, e a repetição aparece como re-apresentação diferencial para a possibilidade de enlace simbólico.

Referências

- Alvarez, Anne. Companhia Viva. Artes Médicas. Porto Alegre, 1994.
- Bollas, C. *Cracking up: the work of unconscious experience*. Great Britain, 1995.
- Figueiredo, L.C. As diversas faces do cuidar. São Paulo: Escuta, 2009.
- Furtos, Jean. *Cliniques de l'extrême*. Armand Colin, 2012.
- Travessia/PROPIS/SBPRJ, Expressão da dor e do desamparo via corpo. Trabalho apresentado no XXXI Congresso Latino-americano de Psicanálise, Cartagena, 2016.
- Zaltzman, N. *A pulsão anarquista*. São Paulo: Escuta, 1993.

Oswaldo Ferreira Leite Netto*

Um relato contemporâneo

Deborah é recebida na Instituição Psiquiátrica de Assistência e Ensino onde dirijo um Serviço de Psicoterapia. Lá criei um núcleo de psicanálise, no qual, juntamente com um grupo de psicanalistas – a maioria médicos e psiquiatras de origem – promove-se uma escuta psicanalítica. Esse exercício se dá em um meio não muito favorável; vive-se claramente o aspecto à contracorrente de nossa prática, numa época da psiquiatria baseada em evidências. Estamos fora de ambientes mais protegidos, de settings mais tradicionais, melhor delimitados. Psicanálise “a céu aberto”, como propôs a Diretoria de Cultura e Comunidade da FEPAL, recentemente, em Cartagena, e na jornada preparatória para o Congresso realizada em São Paulo. Promovemos esse vértice analítico apoiados numa ideologia de nos colocar à prova, constatar demandas ocultas em outros nichos, à margem dos grupos mais favorecidos.

Deborah é personagem contemporânea da grande cidade brasileira. Tem 22 anos, uma formação técnica em arquivologia e cursa atualmente História na universidade mais prestigiosa do estado de São Paulo, a USP. Como diz, foi “incluída” graças aos programas e esforços dos governos que caíram recentemente.

Mora na periferia da capital onde cresceu e educou-se em instituições públicas de ensino e graças à sua inteligência, senso crítico e muito esforço também. O pai é funileiro de automóveis, tem uma pequena oficina no bairro onde habitam. Há dez anos os pais se separaram. Tem um irmão menor autista que também recebe tratamento no serviço público.

Ela foi encaminhada por um casal de médicos que a empregou. Este casal tem um filho, igualmente universitário, que estudou nos melhores colégios da capital. Em um ambiente intelectualizado e politizado, seus pais, professores na faculdade de Medicina, são progressistas e críticos dos desvios da medicina contemporânea, baseada em evidências, impessoal, altamente dominada pela tecnologia. Preocupam-se, estudam e publicam na área de educação médica.

Deborah precisa trabalhar, estágios são difíceis em sua área. Nada recebe em casa e a família preferia vê-la num emprego rentável

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.



para ajudá-los. Incomoda-os seu estilo, sua firmeza, sua participação política. Deborah integra na universidade um “coletivo” LGBT, militando contra a homofobia, o machismo e a violência contra as mulheres.

A família, por meio do filho, recebe Deborah, que se dispõe a fazer o trabalho de faxina. O casal considera mais adequado ter uma pessoa assim em casa do que empregadas domésticas no estilo comum em nosso país: imigrantes nordestinas e de regiões mais pobres; negras, mestiças, vivendo as condições caracterizadas pela abjeção. Submissas, servis, incultas. Contam-me que experimentaram alívio em poder ter alguém em casa que reparou em sua biblioteca, teceu comentários sobre autores e obras. Passam então a adotá-la como secretária e bibliotecária, para organizar livros e papéis. Se Deborah está em casa quando podem fazer refeições lá, convidam-na à mesa, consideram-na colega, à altura, uma profissional e não uma “semiescrava”. Deborah é convidada para um almoço no sábado ao qual comparece acompanhada de sua namorada, igualmente universitária, igualmente de um nível socioeconômico desfavorecido.

O casal de colegas me relata que, após quase um ano de trabalho e de convívio com Deborah, a situação é boa, é recompensadora. Mas começam a ficar angustiados. Sobre tudo a mulher: “não sou escravagista”, diz, e afirma que espera que Deborah se responsabilize e preste esse serviço, que é como outro qualquer, como na Europa, como nos Estados Unidos; afinal, estudantes fazem esses trabalhos, empregam-se em bares e restaurantes.... Mas Deborah ocupa-se do celular, do seu tablet, dos livros, que arrumou e catalogou, mas que também quer ler e pede emprestado. Eles se sentem culpados e a dona da casa me confessa: “preciso de uma faxineira à antiga, que se submeta, que me obedeça, que não quebre nada, que não se distraia na lida doméstica, na limpeza do chão, dos banheiros... Deborah é uma intelectual, é como nós, tem um pensamento, tem um posicionamento político.” Optam por demiti-la, cuidadosamente. Convidam-na para almoçar. A situação é aceita por Deborah. Mas visivelmente está triste, apreensiva, angustiada. É quando se lembram de oferecer uma ajuda psicológica. É assim que a conheço no Serviço de Psicoterapia.

Começamos o atendimento; um atendimento psicanalítico. Uma jovem de 22 anos contemporânea, urbana. Cabelos curtos, levemente masculinizada: camiseta, jeans, tênis. Nenhuma maquiagem ou adereços. Não pagará por essa sessão, não há divã. Mas seus olhos se iluminam. Ela esboça um sorriso e diz sentir-se grata pela oportunidade. “Que privilégio ter alguém para me escutar!”. Penso na oportunidade que essa pessoa teve: passou a frequentar e teve acesso a um mundo de conhecimentos e privilégios que desconhecia até bem pouco tempo. E começou a vivenciar questões, como ser percebida como diferente, com uma vida diferente. Referiu-se a seus padrões como pessoas cultas, tolerantes e abertas... mas que de fato não a aceitavam como era.

Como estudiosa da História, me conta que também andou lendo Freud e aprecia muito *O Mal-Estar na Civilização*. Pelas circunstâncias da época em que está vivendo e das mudanças que pôde operar em sua condição de vida, Deborah permite que observemos e nos incomodemos com a constituição de sua identidade, com a vivência da exclusão social e sua singularidade. Ouvindo-a, a experiência da abjeção fica evidenciada. Deborah sofre com a consciência de ter vivido e poder viver uma vida que pode não importar, ou que perturba e mesmo ameaça pessoas e grupos. Mesmo na casa em que foi trabalhar não se sentia como uma empregada normal. Suas vivências e relatos da vida na periferia, com violência e morte de crianças e de negros que testemunhou, nos surpreende ameaçadoramente. Como são arraigados em nós simbolicamente e materialmente esse desprezo e essa repulsa pelo diferente, o estranho que ameaça! E é muito difícil para o analista reconhecer a sua falta de afeto diante de certos fatos e acontecimentos, ter vivenciado com indiferença certas situações. Deborah refere-se dolorosamente à uma sensação de poder não importar a ninguém e, sua militância, segundo diz, se justifica para mostrar que a sua vida e de seus correligionários importam e, se perdidas, serão lamentadas.

Tenho valorizado e incentivado a necessidade de analistas se colocarem à prova aproximando-se e vivenciando a questão da existência de pessoas que vivem essas condições de

exclusão, da abjeção. As questões das dificuldades com as diferenças e a intolerância são assunto psicanalítico.

E somos nós que podemos, diante da vivência de abjeção do outro, auxiliá-lo na recuperação e reafirmação de sua identidade, frágil e tornada inconsistente por um fenômeno que se instala além do indivíduo, politicamente, e que exclui tudo aquilo que ameaça as fronteiras sociais estabelecidas nas grandes cidades e em nossos países, onde reina tanta desigualdade.

O encontro com Deborah me fez enxergar essa dolorosa condição e a possibilidade de reorganização por meio da escuta analítica.

Referência

Freud, S. (2006). *El malestar en la cultura*. Madrid: Alianza. (Trabalho original publicado em 1930)



Cristina Rosas de Salas*

Turbulências da prática

De modo lento, mas inexorável, nossa prática teve modificações que, se não forem consideradas, correm o risco de se tornarem marginalizadas e gerar uma perda que não compensa nenhuma ortodoxia. Muitas delas surgiram do terreno fértil da psicanálise, e teorizar e investigar sobre elas parece um caminho mais do que promissor para o futuro.

No entanto, como costuma acontecer frente às mudanças, há defensores extremados de determinadas condições para se considerar um tratamento como analítico apesar de que, como já se sabe, nem sempre tais condições produzem mudanças nos sofrimentos desnecessários que são o motivo pelos quais nos consultam. Por outro lado, fora dos congressos e dos debates acadêmicos, a prática parece transcorrer de outra forma.

* Asociación Psicoanalítica Argentina.

1. Três perspectivas para a análise

O contexto

No meu país, generalizou-se a aceitação de que se vai “à terapia” ou “ao psicólogo” ou, sem maiores detalhes, diz-se que se vai “à análise”. Os motivos para tal aceitação com certeza têm a ver com o trabalho realizado pelos pioneiros, bem como com a difusão da teoria e da prática da psicanálise na universidade, especialmente nas faculdades de psicologia.

A existência de universidades públicas e gratuitas, e a criação de novas instituições na populosa área metropolitana de Buenos Aires e em todo o país, geram uma classe média de profissionais, inclusive de primeiros universitários, que aceitam a consulta psicológica como uma possibilidade garantida e sem grandes preconceitos.

Por outro lado, a ideia de que quem consulta um “psicólogo” está louco também perdeu intensidade no imaginário popular, e a diferença entre os que medicam e os que conversam é mais clara que há alguns anos.

Essa situação não passou despercebida para a economia de mercado, que inclusive a registrou antes dos próprios psicanalistas. E hoje essa oferta está presente para seus afiliados. Os analistas, a princípio reticentes e talvez sob a crença de que poderiam se manter à margem das condições de outros profissionais, hoje veem com mais frequência nessa oferta profissional uma possibilidade de trabalho. O contrato então já não é só entre analista e analisando, à medida que o plano de saúde ou o seguro de saúde intervêm, determinando, por exemplo, o número de sessões concedidas aos seus associados.

Os âmbitos

Como diz André Green (2010), o “trabalho de psicanalista” hoje é realizado em âmbitos que excedem amplamente o consultório particular. Existe em prisões, escolas, hospitais, clubes de futebol e, às vezes, acontece em condições que põem à prova a convicção no método e na perícia.

Em muitos casos, observa-se o que pode ser chamado de “uma prática de intervenções”, que encontra seu fundamento nos conceitos

centrais da teoria psicanalítica, mas que coloca em debate, ao mesmo tempo, o enquadre tradicional e a associação entre enquadre e processo analítico. Assim a sequência frequência-regressão-profundo-melhor é fortemente questionada, o que torna necessário repensar cada um dos termos.

Termina não sendo estranho que as condições estruturais sejam o que permite entender por que, mesmo com uma baixa frequência de sessões, conseguem-se avanços frente ao sofrimento enquanto que, em outras ocasiões, a gravidade das falhas e as defesas utilizadas precisam de condições, formação e experiência que excedem a consideração, apenas, do número de sessões. Razão pela qual é necessário avaliar cuidadosamente as condições mais propícias com os recursos disponíveis e considerando como ponto de partida o motivo da consulta e os efeitos de desestabilização produzidos pelo que aconteceu. A perícia para poder discriminar essas circunstâncias parece não ser um dado menor e é um argumento forte para a demanda de formação.

Teorizar sobre tais práticas, torná-las conhecidas, poder transmiti-las, é, além do mais, um desafio para os institutos de formação e implica pensar como atenuar o hiato que costuma surgir entre o que se transmite neles e o que efetivamente se realiza.

A demanda

Os motivos de consulta também se diversificaram e, às vezes, põem à prova conceitos que aprendemos e que repetimos por anos. É o caso dos direitos obtidos pelas minorias, como o matrimônio igualitário; o que surge graças aos avanços da ciência; o desenvolvimento tecnológico e os vícios que geram; a incidência da imagem na constituição da subjetividade; a exigência de adaptação e produtividade no universo trabalhista e educativo; e vários outros mais.

No entanto, algo não mudou: vêm os que sofrem e, às vezes, depois de terem passado por “múltiplas” ofertas de tratamento, que vão da religião até a autoajuda e a medicação.

Nesse ponto, entendo que depende de nós e de nossas instituições sustentar a psicanálise como uma alternativa válida frente ao sofri-

mento, para o qual considero necessário atenuar a nostalgia em relação ao que era a prática em outras épocas.

São preocupantes o desencanto e as saudades das “épocas de ouro”, quando os analisandos associavam e aceitavam o enquadre proposto sem questioná-lo muito, e éramos solicitados sem condicionamentos. E tudo isso dito, por vezes, a partir de uma perspectiva moralizante que se aproxima mais da melancolia do que do luto.

Também parece mesquinho, para a riqueza da psicanálise, ficar só como denunciante de transformações que nos assustam ou escandalizam e que penso associadas com aspectos ideológicos não analisados o suficiente. Tal posição está mais próxima de nos converter em guardiões do status quo do que de fazer da nossa prática a possibilidade que aproxime o sujeito dos seus desejos mais genuínos e de que assumam as inevitáveis consequências que isso traz.

Por que não sermos freudianos e sustentar o entusiasmo pelas vanguardas? Por que não sermos freudianos, sem medo frente aos obstáculos?

2. Expectativas

Em resumo, considero que é necessário enfrentar a passagem de uma prática ideal (ou idealizada) para a diversidade, com prudência. Coincido em pensar a prudência “como uma virtude que protege tudo o que é radical, transformador ou simplesmente estranho das ameaças às quais estaria exposto em um mundo em que os poderes fáticos, e também um conservadorismo do senso comum, reagem contra a força embrionária das coisas novas no lugar em que aparecem; contra as ideias, as experiências e as iniciativas de onde podem brotar uma diferença” (Tatián, 2012).

A prudência nesse caso não evita agir ou produzir ações concretas, nem o trabalho sobre experiências que nasçam. Trata-se de encontrar uma distância e um tempo justos (prudentes) para que o heterogêneo ao conhecido não gere resistências tão intensas que dificultem o necessário intercâmbio das experiências. A ideia é a de uma heterogeneidade prudente.

Se isso for possível, a investigação das turbulências geradas na passagem do Ideal

para as mudanças na prática, com certeza, será uma alternativa promissora para pensar o futuro da psicanálise.

Referências

- Green, A. (2010). *El pensamiento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Tatián, D. (2012). Mi libertad empieza donde empieza la libertad de otro. *Página/12*. Disponível em: <https://www.pagina12.com.ar/diario/dialogos/21-194501-2012-05-21.html>

Yolanda Gampel*

Turbulência na clínica psicanalítica

Desde hoje, 9 de novembro de 2016, dia em que começo a escrever este texto, Donald J. Trump é o presidente eleito dos Estados Unidos. É uma turbulência na constante turbulência do mundo, uma ruptura imprevisível. Um acontecimento, no sentido de Badiou (2005)? Turbulência é aquilo que perturba, obscurece ou agita uma situação em estado de aparente equilíbrio. O estado de turbulência se correlaciona com uma mudança catastrófica que, como tal, traz em sua violência não só a perturbação do sistema afetado, mas também a persistência do propriamente invariante que subjaz a qualquer transformação (Gampel, 2006).

Um acontecimento ocorre quando a parte excluída aparece na cena social repentina e drasticamente. A aparência de normalidade se rompe, e abre-se um espaço para repensar a realidade a partir do ponto de vista de sua base real na multiplicidade inconsistente. Um acontecimento anuncia que outro mundo é possível. Ao exercer a psicanálise na América do Sul e Central, no Oriente Médio – e agora também em outras partes do globo – abarca-se o impensado e o inexprimível, o imprevisto (Gampel, 2016).

Como assumir o político na sessão, ou esses produtos da subjetividade social, que incluem um saber e um conhecer criadores de mitos e crenças que pareciam irrefutáveis? Incluímo-nos neste campo, ou nos excluímos? A decisão de incluir-se está associada com a ideia de intervenção. Uma intervenção é uma forma de nomear ou analisar um acontecimento sem negá-lo, sem anular a subjetividade e as diferenças de cada um – paciente e terapeuta – e, dentro dessa tensão, produzir algo diferente.

O não incluído – o reprimido, a negação, a recusa ou a incapacidade de reconhecer e lidar com um evento traumático, os preconceitos que vão se instalando para justificar o não pensar – pode se converter, a qualquer momento, no espaço da revolta. A parte excluída aparece na cena social de repente e drasticamente, na multiplicidade inconsistente.

Em 8 de novembro, os norte-americanos votaram em Donald J. Trump. Os pacientes,

* Sociedade Psicanalítica de Israel.

mobilizados ante esse evento, mencionaram-no na sessão. Em meus 54 anos de vida em Israel, tendo passado por tantas guerras, atentados, destruições, não me lembro de uma mobilização tão generalizada em meu consultório (Gampel, 2016b). O político aparece como excesso, como demasiado cheio de realidade. A pergunta é o que é esse dizer na sessão, e como trabalhá-lo. Para os nossos pacientes, é um conflito que não tem nada a ver com psicanálise. Apresenta-nos o ser como indivíduo no mundo, seu devir, a política e seu desenvolvimento como sujeito do social. Em minha reflexão, acompanhou-me Janine Puget com sua noção de mundos sobrepostos (Puget e Wender, 1982), os conceitos desenvolvidos em “Subjetivação descontínua e psicanálise” (2014) e longas conversas e intervenções sobre o tema, sem nenhuma expectativa de saber o que fazer.

A (meu primeiro paciente da manhã, um jurista): Trump ganhou. Você esperava? O que vai acontecer? Que horror, um cara como esse. O que você acha? É preocupante. O que vamos fazer?

Eu dou de ombros. Sugiro intervir a partir da tensão que o acontecimento ocorrido causa entre os dois. Aponto que George Bernard Shaw, com sua aguda ironia, escreveu que a democracia é um instrumento que nos garante que não vão nos controlar melhor do que merecemos. “Sim, parece correto” diz A. “E como, a partir do seu trabalho, é possível pensar a situação para gerar uma resposta?”, pergunto-lhe. A dá de ombros.

B (um psicanalista): Cheguei de táxi. O taxista, muito satisfeito com o triunfo de Trump, me diz: “Uma mulher, com sua cabecinha de mulher, não pode cuidar desse país tão importante e poderoso. É necessário um homem, um homem”. Disse isso de maneira tão simples, e muitos terão pensado o mesmo. Nunca uma mulher.

Y: E a parte excluída aparece na cena social, repentina e drasticamente.

B: Como na minha vida agora.

Y: O mundo e a política surpreendem, assim como, às vezes, nos surpreendemos com nós mesmos quando reagimos de maneira muito diferente do que acreditamos ser e poder fazer.

Também pensei que B poderia estar falando de uma posição mental que não tolera a dependência de sua analista mulher, que não tolera seus próprios aspectos receptivos, que podem fazer com que o considerem frágil.

C (a mãe que sempre pensa em como salvar seus filhos do perigo daqui): A ilusão de voar para os Estados Unidos, Trump a deixou em pedacinhos. O que vamos fazer, Yolanda?

Y: Talvez tenha aparecido a verdadeira face desse país, sua face profunda e terrível, irrevogável e permanente.

C: Eu sentia que, como consequência de um evento passado, frente a meus medos da realidade aqui, os Estados Unidos era o lugar de abrigo, mas agora esse sentimento foi jogado fora por um acontecimento do presente.

D (diretor de teatro): Triste, a mentira do mundo... um personagem como Trump, que usou uma linguagem xenófoba, como a que usou Hitler para semear o medo na década de 30. São responsáveis por criar um clima tóxico, onde o ódio ganhou e se considera uma resposta aceitável para a ira.

Y: O ódio é uma emoção fácil de provocar, mas difícil de controlar.

No final do dia, fui construindo diferentes respostas para o estado de ânimo que se criou em cada sessão frente à situação política, e o meu próprio. Será que se construiu nas sessões um território para acomodar o que causa conflito no presente? No presente da sessão aparece o impensado, o inexprimível, o inexato... e a necessidade, na forma de uma demanda para fazer alguma coisa. Trabalhamos na borda, na cesura, nem dentro nem fora: estamos em um dentro da sessão e, ao mesmo tempo, na realidade em que vivemos.

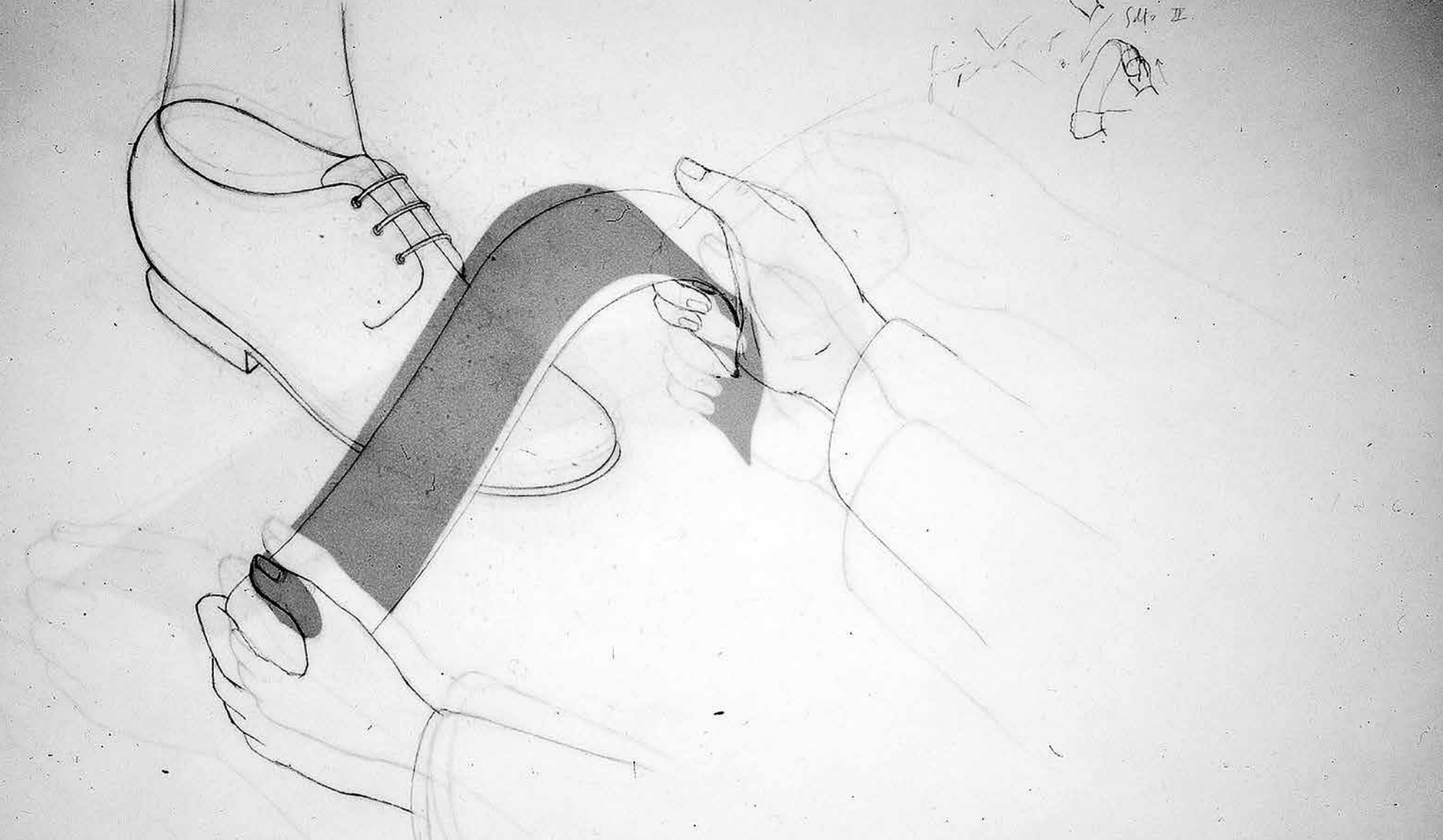
Nessas conversas, surgem elementos recebidos e não transformados, ou seja, angústias e estados emocionais que poderíamos definir como protoemocionais, distantes, arcaicos. Nossa atenção deve ser absoluta presença para capturar até os mínimos detalhes no presente da sessão, no país, no contexto do mundo. Os problemas que enfrentamos se referem aos mundos sobrepostos, o mundo onde analista e analisando existem. Trata-se de uma história

emocional tecida entre paciente e analista, na qual não se procura a decodificação de equivalentes preexistentes, mas a construção de significados que podem ser compartilhados e criem, pouco a pouco, uma maneira de aprender a viver no excesso deste mundo, na vida de todos os dias. Para fazer isso, é preciso pensar com instrumentos que ainda não conhecemos.

Como analistas, aderimos à verdade na dúvida, à incerteza, à hesitação. Sabemos que verdades absolutas levam ao fanatismo, com seus efeitos e derivações. A ordem política de hoje é consequência do desmembramento da ordem liberal, que levou a um populismo que não assume nenhuma responsabilidade por nada. “Onde está a esperança?”, me pergunto. Audácia, Yolanda, audácia – digo a mim mesma. Sempre coragem e audácia.

Referências

- Badiou, A. (2005). *Being and event* (Trad. Oliver Feltham). Londres: Continuum.
- Gampel, Y. (2006). *Esos padres que viven a través de mí. Los niños de guerras*. Buenos Aires: Paidós.
- Gampel, Y. (2016a). La pasión herida. La experiencia subjetiva particular de una psicoanalista israelí. En Vertzner Marucco, A. (Ed.), *De pánicos y furias. La clínica del desborde*. Buenos Aires: Lugar/APA.
- Gampel, Y. (2016b). *El trauma social y sus efectos*. Conferencia dada en el X Congreso Argentino de Psicoanálisis, Buenos Aires, mayo.
- Puget, J. (2014). *Subjetivación discontinua y psicoanálisis. Incertidumbres y certezas*. Buenos Aires: Lugar Editorial.



Richard Reichbart*

Turbulência nos Estados Unidos: o efeito Trump

Este texto, que envio dos Estados Unidos, foi sugerido a mim por Mariano Horenstein quando estava no Equador a caminho das Ilhas Galápagos, lugar do qual acabo de voltar. Você já esteve alguma vez em um barco durante vários dias? Conhece a sensação corporal que se tem quando se volta à terra de que o chão continua inclinado e que se cambaleia para manter o equilíbrio, apesar de tudo estar ostensivamente estável? Surpreende-me agora –já de volta aos Estados Unidos– que tenha sido dessa forma que eu, meus pacientes e os psicanalistas próximos à Associação Americana de Psicanálise e ao Iptar (meu instituto) experimentamos a eleição de um homem verda-

deiramente monstruoso – misógino, racista, narcisista; um homem realmente mesquinho e desagradável – para ser presidente dos Estados Unidos. Sente-se diariamente que os EUA navegam em águas turbulentas.

Claro que a eleição desse homem foi determinada por múltiplos fatores, e as tentativas de simplificação com uma única causa são equivocadas. Hillary Clinton ganhou o voto popular – de cerca de 2,9 milhões, ou uma margem de 2,1% –, mas somos governados por um sistema de colégios eleitorais em que a cada Estado é dado um número de eleitores, a partir da somatória dos seus dois senadores e dos seus representantes, e cujo número depende da população de cada Estado. Nossos pais fundadores, como Madison e Hamilton,

não confiavam na democracia e sentiam que tinham que proteger os Estados menores do que eles chamavam de “tirania da maioria”.

Hillary, na verdade, venceu nas costas, nas cidades grandes e com população mais diversificada. Trump venceu nas regiões centro e sul, entre a maioria branca e com população menos diversificada do centro do nosso país.

Mas não é essa é a história que quero contar. O que quero relatar, em termos viscerais, é como isso afetou meus pacientes na minha prática privada em uma região suburbana não muito distante da cidade de Nova York. Meus pacientes, quase de forma universal, jovens ou idosos, experimentaram uma ansiedade intensa; noites de insônia, em muitos casos, raiva, uma incredulidade enorme e sensações de náusea ao ver e escutar Trump. O que mais os desestabilizou, no entanto, não foi só Trump per se, mas sim a sensação de que há algo de essencialmente ruim no nosso país. Estas são algumas das suas reações:

Dra. A: Incomodada de forma indescritível. A eleição de Trump a afetou tão intimamente que durante vários dias dormiu muito pouco. Trump se parecia demais ao seu próprio pai, um ardente partidário de Trump e um homem muito rico, cujo menosprezo às mulheres foi uma característica terrível durante a sua infância. A Dra. A viu a agressão à Hillary como uma agressão à “mãe” em nossa cultura e como o reflexo da necessidade de que a mãe seja perfeita e depois culpada por qualquer imperfeição. Para a Dra. A, a tolerância à misoginia de Trump era o testemunho de um rasgo no tecido social do nosso país. Que uma mulher pudesse votar nele estava além da sua compreensão, como o fato de que sua própria mãe pudesse tolerar a misoginia do seu pai.

Sr. B: Republicano durante a vida inteira, com dois filhos pequenos, o Sr. B também ficou enormemente angustiado e até chegou às lágrimas ao pensar nos efeitos da eleição de Trump sobre seus filhos. Sua reação se agravou pelo fato de que seus sogros, na verdade, democratas, terem votado em Trump. Ele havia lhes enviado uma série de e-mails eloquentes e apaixonados, em que pedia que não votassem em Trump. Escreveu-lhes sobre como o modelo representado por Trump era inacreditavelmente horrível para seus filhos:

* Associação Americana de Psicanálise.

antimuçulmano, anti-imigrante, racista, um homem que ridiculariza deficientes. Ele me disse que ouviu uma história de que, durante o recreio, depois das eleições, uma criança havia perguntado a uma menina hispânica se ela agora teria que deixar os Estados Unidos. Para o Sr. B (que viveu com um pai e uma mãe distantes, enquanto crescia), envolver-se na criação dos seus filhos é algo primordial. Para ele, Trump representa um ataque psicológico contra o bem-estar dos seus filhos.

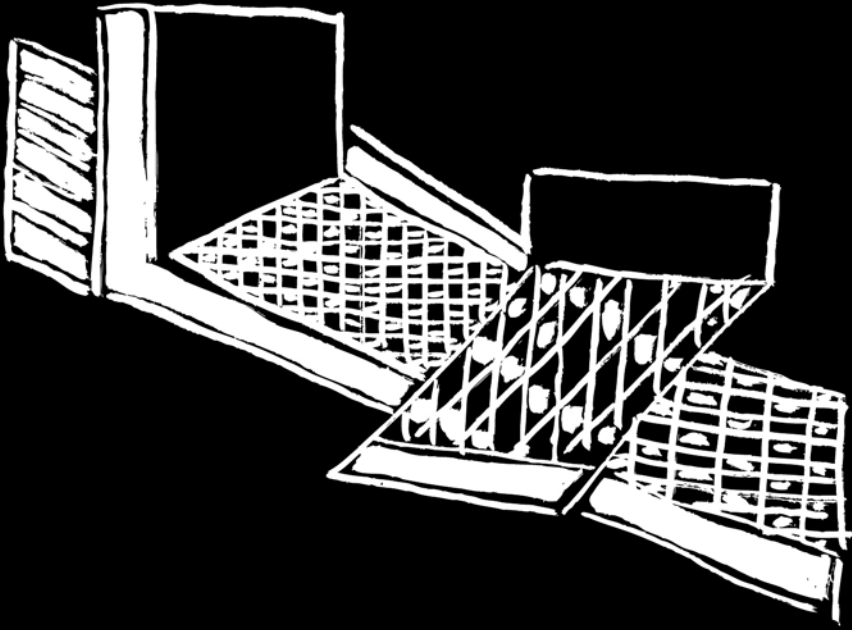
Sr. C: O Sr. C é um jovem adulto e permanece traumatizado com a eleição de Trump. Emocionalmente isolado, com uma personalidade tipo Asperger e uma tendência à paranoia, o Sr. C sofreu impulsos suicidas como consequência dos resultados eleitorais. Havia acompanhado as eleições de forma compulsiva e se uniu emocionalmente a Hillary Clinton. O fato de que alguém pudesse escolher uma pessoa desonesta e misógina como Trump continua, realmente, além da sua compreensão. Sua lealdade a Hillary provavelmente reflete o desejo de proteger a própria mãe de um pai que tende a desprezar.

Jonathan: Um adolescente judeu religioso que frequenta uma escola judaica conservadora, na qual ele é um dos poucos estudantes liberais. Viveu uma batalha constante com os colegas estudantes que apoiaram Trump. Para ele, esse foi um teste que fez com que decidisse seguir seu próprio caminho; uma experiência de crescimento. Em grande parte, vê seus companheiros conservadores como pessoas antinegras, em sua irredutível oposição a Barack Obama, e pensa que eles não conseguem perceber que Trump é o tipo de demagogo que pode propagar ódio contra as minorias, incluídos os judeus.

Dr. D: De um país do Leste Europeu, o Dr. D ficou devastado com a eleição de Trump. A experiência vivida em seu próprio país, com sua história de ditadores e lutas, leva-o a acreditar que esse é o fim da democracia americana. Mantém uma atitude ambivalente com os Estados Unidos, país que valoriza imensamente de muitas formas. Sua reação inicial à eleição foi reviver traumas sociais experimentados em seu próprio país.

Posso acrescentar que os psicanalistas nos Estados Unidos foram sacudidos dos pés à ca-

beça por essa eleição. Antes da disputa eleitoral, solicitei, na lista de distribuição de e-mails da Associação Psicanalítica Americana, que os norte-americanos publicassem declarações abertas que se opusessem à linguagem incendiária de Trump (a declaração final foi acadêmica demais). Meu instituto, Iptar, aprovou uma declaração prévia à eleição, em que indicava a dinâmica e o perigo de um demagogo. A conclusão é que Trump não é um homem decente. Que tantas pessoas tenham se disposto a eleger um homem assim, pode ser um erro fatal do nosso país. A psicanálise e a democracia dependem, em última instância, da honestidade, da simples decência humana e da compaixão. Isso é o que meus pacientes desejam. Se poderemos resistir por conta própria ao que é uma agressão ao tecido moral do nosso próprio país, isso é o que ainda não se sabe.



Clássica & Moderna

Alejandro Beltrán*

Separação, reunião e exílio em Avelino González**1



— Bem, vejamos, me diga como você explicaria o papel de Avelino González dentro da história da psicanálise no México e seu lugar no movimento psicanalítico internacional.

— Abordemos o problema de um ângulo mais modesto, como a história parcial de uma linhagem ou, com essa imagem que se usa em psicanálise, chegando, mesmo que superficialmente, a algumas das “camadas da cebola”: a chegada e a institucionalização da psicanálise no México, e como esse evento se relacionou com a dialética contraditória da psicanálise da época. Não pode ser uma biografia desse homem que nasceu em Gijón, Espanha, em 1920, nem uma história institucional dos grupos e das sociedades que criou até sua morte no México, em 1981. Trataremos de agarrar no ar uma linha possível.

A psicanálise chega ao México como um esforço híbrido, que parte da mestiçagem, como figura imaginária da nacionalidade mexicana.

Por um lado, corresponde com um movimento nacionalista que começou nos anos vinte do século passado, quando a intelectualidade que emergiu desse eclético ramo de movimentos sociais e guerras civis – que se conhece como Revolução Mexicana – tentou atualizar os princípios, a retórica e as instituições do velho regime, embasado em um autoritarismo positivista. Dentro dessa geração reformadora, os muralistas – o trio de Orozco, Siqueiros e Rivera, certamente os mais conhecidos – encabeçaram o que se chamou Escola Mexicana de Pintura, com letra maiúscula. Porém, esse esforço se multiplicou em distintas modalidades: a Escola Mexicana de Música, a Escola Mexicana de Dança, a novela da revolução, o cinema de ouro mexicano. Todas essas vertentes expressivas buscaram,

* Sociedad Psicoanalítica de México.

** Para Roberto Gaitán.

1. Nota do editor de *Clássica & Moderna*: O presente texto responde a uma singular proposta de seu autor, neste caso, utilizar uma entrevista imaginária como recurso para a transmissão de sua visão sobre Avelino González.

nas linguagens das vanguardas e nos modelos clássicos, formas contemporâneas de expressar o que naquele momento se considerava a essência nacional: esse povo inapreensível, ora o indígena (aquele proveniente do esplendor pré-hispânico, posto que o índio contemporâneo era depreciado), às vezes os camponeses, ou em outras o operário (transfiguração da luta de classes em uma trans-história que renovou a busca romântica da alma nacional).

No entanto, existiu outra busca, principalmente por meio da poesia, que explorou a criação à distância dos cânones nacionalistas, uma tentativa de inserir a arte criada no México como parte das grandes vanguardas. Temiam o confinamento provinciano do nacionalismo e procuraram construir um México cosmopolita. Talvez o grupo poético dos Contemporâneos seja o mais conhecido, e o mais atacado pelos artistas nacionalistas: desde anátemas homofóbicos até críticas ideológicas. Houve, durante as primeiras décadas do século XX, uma tensão, muitas vezes fecunda, entre nacionalismo e cosmopolitismo. E é nessa época, atravessada por essa realidade contraditória, que chegam os refugiados espanhóis. Avelino González, no mesmo dia em que faz 18 anos, embarca em Burdeos com destino ao México.

Não é por acaso que a psicanálise começa sua institucionalização no México por volta da década de cinquenta. O debate antes esboçado começou a se resolver graças ao trabalho daquela que seria conhecida como a Geração do Meio Século. Uma pergunta circulava no ambiente artístico da época, uma pergunta hamletiana, no estilo desse adolescente que descreve pouco depois Peter Blos (1962): Quem sou eu? Quem é este indivíduo que, supõe-se, carrega milênios de história e que, no entanto, sente-se desarraigado na modernidade das cidades? Entre a obra de Octavio Paz – paradigmaticamente, *O Labirinto da Solidão* –, as novelas de Carlos Fuentes – em especial, *A morte de Artêmio Cruz e A região mais transparente* – e a crítica do artista José Luiz Suevas (1965) à “cortina do nopal” – nome que usou para referir-se zombeteiramente ao muralismo –, inscreve-se “Motivações psicológicas do mexicano”, que Santiago Ramires redige em 1955 com a intenção de entender a alma nacional a partir de uma perspectiva psicanalítica. A Geração do Meio Século, da qual formaram parte os fundadores institucionais da psicanálise no México, faz uma tentativa de responder o enigma que supõe o diálogo pretensamente universal, a partir da singularidade mexicana: o histórico pesa como as pétreas pirâmides, que impõem a repetição circular do tempo – no sentido que dá Mircia Eliade (1949) –, mas a articulação com as vanguardas consideraria o exercício relativamente arbitrário do indivíduo no ato artístico. Essa geração vai propor que a tensão entre história e criatividade individual será um impulso criador, um patrimônio ao contrário de uma mancha.

— Tudo isso me faz lembrar o jogo das séries complementares de Freud.

— Exato, já veremos como essa tensão entre meio ambiente e indivíduo está implícita no trabalho de Avelino.

González pertenceu à Geração do Meio Século, e formou o primeiro grupo de estudos sobre Freud pouco depois de acabar sua formação em medicina em 1946. Nesse grupo se encontram, precisamente, Santiago Ramires e outros pioneiros, como José Luiz González e Ramón Parres. Aficionados, decidem viajar para o exterior para se formarem como psicanalistas, já que não havia uma instituição reconhecida pela IPA no país (Erich Fromm havia criado uma associação, mas estava fora da internacional).

Contudo, esboçar os grandes relatos do século XX mexicano, como viemos fazendo, pode ser exatamente a expressão desse sentimento secreto: o temor inerente à proximidade, um pálido temor à intimidade.

— Então, você diz que a genealogia representa aqui, na verdade, uma forma de colocar distância entre as pessoas, uma defesa.

— Talvez. Vou tentar revelar – mais que a história da instituição psicanalítica – o sentido que adquire, na obra de Avelino González, a separação, sua angústia e a urgência de reunião.

Mas, como eu entendo, não podemos deixar de lado nenhum aspecto da sua biografia: por exemplo, o que significaram os barcos para os republicanos asturianos; como, na costa cantábrica – que, por tradição, tem vivido do mar e de sua indústria –, os fascistas estrangularam o porto com um embargo que foi quebrado pelos barcos mexicanos, que levaram os poucos alimentos dos que dispunham em Gijón, de onde se originava a família de González. De barco, também, os republicanos foram ao México construir uma vida, que sempre viveram com nostalgia de sua origem, e com boa vontade para com a terra que os acolheu.

Os barcos trouxeram esperança, contudo marcaram a distância com a terra natal. Como se vê, trata-se da atualização histórica dos cânticos dos marinheiros de quase todos os povoados litorâneos. E talvez, nessa imensidade do oceano assolado pelos marinheiros espanhóis, cheios dessa melancolia, desse luto infindável pela mãe encravada na terra natal à que não voltariam, Avelino González encontrou o arquétipo do que descreveria como urgência de reunião. Reunir-se com essa mãe primitiva, originária, à qual nunca se retorna. E nos lembra León Felipe (1930) “Todos somos marinheiros”. E o segredo dessa melancolia também nos é anunciada por Felipe: “não te assuste / naufragar / que o tesouro que buscamos / não está no seio do porto / senão no fundo do mar”.

— Essas são rimas infantis.

— Não é casual que as recitasse: refletem esse desassossego do transtornado, como José Gaos (2016) chamou essa geração de intelectuais provenientes do exílio espanhol. O transtornado se opõe ao desterrado, no sentido de que o primeiro constrói uma ilusão de que os exilados não perdem a pátria ao assimilar-se em um espaço em que existe a mesma língua e similitudes nas fontes culturais. A suposta continuidade que constroem os pensadores exilados em sua nova terra estará fundamentada na filiação paterna, enquanto que a mãe, esse “seio do porto”, perder-se-á para sempre. Avelino González é filho do exílio espanhol. E um dos traços que caracterizam essa primeira geração do exílio foi o respeito e a gratidão ao nacionalismo revolucionário encarnado por Lázaro Cárdenas, presidente do México naquele tempo, que de maneira decisiva ajudou muitos espanhóis a se liberar do campo de concentração e da morte. Cárdenas foi popularmente nomeado, e não por acaso, o Tata, que quer dizer “pai”.

— Foi por isso você mencionou os movimentos populares emanados da Revolução.

— Como parte da vocação de exílio espanhol, Avelino buscou atualizar – ou seja, pôr em dia, a partir do discurso dominante da época, mas de uma ótica mexicana – a problemática da psiquê e, como você já sabe, nesse momento a psicanálise era a província inquestionável na matéria.

É significativo que os cinco trabalhos nos quais desenvolve a categoria de urgência de reunião tenham sido escritos em seu regresso ao México, depois de sua formação psicanalítica em Buenos Aires, na Associação Psicanalítica Argentina. Depois do barco que o trouxe ao México em 1939 – em uma trajetória na qual estiveram a ponto de naufragar, como Odisseu, arquétipo do

2. N.T.: O nopal, conhecido como tabaibeira, figo do diabo ou figueira da Índia, é uma espécie de cacto que produz um fruto comestível. Faz parte da mitologia asteca e é um dos símbolos nacionais do México.

marinheiro –, viajará outros dez anos numa espécie de segundo exílio, mas esse último com traços iniciáticos, pois se introduzirá na psicanálise junto aos grandes pensadores da psicanálise argentina. Um deles, León Grinberg (s. f.), considerou anos depois, e com razão, que “urgência de reunião” foi uma contribuição decisiva ao vocabulário psicanalítico. Da Espanha ao México, do México à Argentina, da Argentina ao México: um trecho vital em que transcorre na separação e, supomos, no desejo de reunião.

Em seu primeiro artigo sobre o tema (González, 1962), começa definindo a subjetividade implícita na angústia de separação: uma condição de “insuportável” que possui aquilo que está fora; em um sentido específico, o que está fora do campo perceptivo do sujeito.

—Então supomos uma certa perda na capacidade de simbolizar.

—Sim, mesmo que Avelino não colocasse assim, está implícito em sua obra. Englobar a acrofobia e a agorafobia como fobias espaciais nos permite focar no importante. Fala, acompanhando Jorge Mom (1956), de uma redução a uma “geometria psicológica” por parte do analisando. Os vértices dessa geometria podem se ampliar somente quando outro, reduzido ao objeto protetor, acompanhe-o. O perceptivo, como delimitador do exterior, e a qualidade ineludível do acompanhante, reiteram a dissolução rumo à literalidade – como o oposto da simbolização – de tal fenômeno.

Por exemplo, seu paciente, que ele chama A., necessita tocar-se para reconhecer seus limites. Ele podia se pensar desde que se soubesse pensado por outro, Ao caminhar pelas ruas, A. sente que é engolido pela mesma paisagem.

— Mas não nos devíamos do tema da mãe e dos marinheiros.

— Tenha-me paciência, porque esse mergulho no espaço me lembra inevitavelmente o trabalho que Avelino fez sobre a depressão dos marinheiros em 1963 (González, 1963). O mar embravecido como a representação da necessidade inconsciente de castigo, e o naufrágio como sua realização. Para guiar-se, o indivíduo tem que fazer uma mudança de perspectiva, ver as coisas ao revés, como acontece no espelho: ao medo de ser abandonado, o marinheiro opõe seu abandono ao porto.

Aqui aparece o tema da mãe, que Avelino não menciona nesses termos, mas de quem supomos, acompanhando Winnicott (1958a; 1965), que os cuidados, o *holding* e o *handling* da criança foram reduzidos a adestramento e regras. A possibilidade de um cuidado onde o afeto fosse central é negado e dissociado. A criança, como o marinheiro, não foi abandonada, é ela quem abandonou.

Regressando ao caso de A., a ausência de outro provocava a necessidade de fugir de imediato ou – índice mais um automatismo que de um símbolo – tinha uma ejaculação que o ejetava à tranquilidade. Não é de admirar que A. tivesse fantasias quase delirantes sobre a fragilidade de seu próprio corpo, pequeno barco quase a ponto de naufragar. O fora e o dentro quase não estavam diferenciados, o mundo interior se confundia com o exterior.

Aqui, uma novidade técnica que Avelino só menciona por alto, mas que o coloca lado a lado com os autores contemporâneos: A. só podia transitar entre a realidade e a fantasia com a condição de que o parceiro analítico o abordasse como em um jogo. Ficamos desejosos de saber como ocorria esse jogo, porém intuo que supunha um deixar-se ir pela fantasia do paciente, sem colocar apreciações interpretativas. Navegantes em busca de um porto que os atasse à realidade simbólica.

Também aqui aparece pela primeira vez a urgência de reunião como corolário da angústia de separação, porém entendida como paradoxo: em termos manifestos, é a pressão quase incontrolável para reunir-se com alguém ou chegar a um lugar que se considera seguro, perante a convicção do perigo que provoca a separa-

ção. Em termos latentes, a pressa na realidade põe em jogo a necessidade imperiosa de jogar-se no vazio, ou fundar-se na imensidão de um espaço informe. Por isso, apelar a quem sofre de angústia de separação para que busque companhia provoca uma reação diretamente oposta: um maior isolamento, pois reunir-se supõe um comando mortal. Se, em aparência, busca reunir-se com o objeto protetor, esse gesto oculta o terrível anseio pelo vácuo.

Somente mediante a análise, o objeto protetor cumpriria as funções de receptáculo explícito desses ataques, seria o representante da figura paterna que se oferece como polo de identificação e objeto da agressão. De qualquer modo, é uma terceiridade que salva do abismo da mãe arcaica. Eis a função da interpretação: a quantidade de interpretação que aceitam é aquela que os mantém equidistantes do analista em seus dois aspectos, como objeto que se perde na distância, e como objeto que ameaça digerir o sujeito. Trata-se de que o terapeuta respeite a modalidade de cada paciente para fixar sua distância.

O caráter mortal da urgência de reunião fica ainda mais claro no segundo dos textos que dedica ao tema, de 1963. Embora seja possível entender o gesto do agorafóbico como fuga ante o suposto perigo, ao igualar o salto ao vazio do agorafóbico, desnuda-se como expressão de um mesmo desejo agressivo cuja forma sintomática dependeria de uma lógica espacial (González, 1963b).

— Creio que isso necessita maior explicação.

— Partimos de uma das teorias do desenvolvimento imperante nesse momento no México, que é a mahleriana. A angústia de separação seria um sinal de alarme diante do afastamento de um objeto vivido como indispensável. Em termos de desenvolvimento, teríamos dois momentos: a mãe que se afasta e, portanto, abandona; em um segundo momento, a criança, agora capaz do movimento autônomo, é ela quem se afasta da mãe. Esses dois momentos despertariam duas modalidades de busca no sujeito: uma urgência de recuperação, quando se tenta que o objeto regressse, e uma urgência de reunião, quando se busca regressar ao objeto (Mahler, 1968).

Ao vincular essas duas modalidades nas quais a angústia de separação se expressa com mecanismos psíquicos básicos, González propõe que a urgência de recuperação seria veiculada por meio da introjeção, enquanto a reunião seria expressa por meio da projeção. Não obstante, se pensamos em termos contemporâneos, nos quais os polos projeção e introjeção são os vai e vens da transferência, as categorias cunhadas por González transcendem sua especificidade inicial, que era entender as fobias espaciais, tal como apontou com excessiva modéstia em 1966. Em minha opinião, colocá-la em relação pode nos ajudar a compreender certos aspectos da transferência, e como esta põe em jogo a relação do analisado com seus objetos internos. Você vai perceber que tento demonstrar que a reflexão sobre o espaço e o objeto realizada por González excede a fenomenologia e a clínica da fobia. Abre, em realidade, um campo de reflexão sobre o estatuto do outro na psicanálise. Por isso, não me deterei particularmente no fóbico – os casos clínicos, sua sintomatologia, e a discussão sobre o seu lugar na psicopatologia – e sim na separação como fenômeno permanente no processo analítico (González, 1966), assim como Meltzer também definiu em seu momento (1967).

Com essa intenção, vamos sair da lógica de desenvolvimento cronológico e pensar em termos estruturais um pouco diferentes aos propostos pelo próprio González. Fora da história, e imersos na atemporalidade da lógica especular, o sujeito que busca reunir-se com aquilo que lhe falta parte da convicção imaginária de que esse outro possui aquilo que o completa. Nesse sentido, a recuperação é igual à reunião, pois ambas partem do mesmo postulado: existe um objeto, ou seja, algo localizado no universo, que é o Não-Eu – de modo que tenho que transitar

um espaço –, que possibilita minha completude. Recuperar e reunir partem da mesma fantasia a-histórica: existe a possibilidade de ser um com o outro. Somente a existência dessa fantasia, que se coloca fora do tempo, permite a argumentação histórica: se o outro tem aquilo que me falta é que alguma vez foi meu.

Abel Fainstein (2013) tem razão: uma das singularidades que mostram a genialidade da categoria urgência de reunião e recuperação é a incorporação da mãe descrita por Mahler nessa sequência que vai da fusão à ilusão onipotente, uma atuação por parte do sujeito na qual propõe recuperar o que se supõe que perdeu, aquilo que o fazia completo, e, portanto, habitar para além das necessidades; em palavras mahlerianas, ser um com a mãe da fase separação-individualização. Porém, num segundo momento, o sinal de alarme aparece, posto que compartilhar a onipotência materna supõe que as barreiras que delimitam o Eu do Não-Eu se apaguem. Recordemos o paciente A. tocando seu corpo para reconhecer seus limites. A mãe que oferece a completude, por definição, não tem fronteiras; o indivíduo teria que fusionar-se com a mãe da fase autista.

O que podemos ver na urgência de reunião é o abismal “fundo do mar” que é a mãe arcaica. Para salvar essa reviravolta, a triangulação edípica funciona como uma defesa: a construção de uma continuidade espacial cimentada na figura do pai que dá certa coesão ao self, no sentido de Kohut(1971).

Como o descreveram alguns psicanalistas contemporâneos, entre eles Daniel Stern (1985), a mãe fusional é uma construção que se realiza a *posteriori*, com a aquisição da linguagem. Não tem referente na evolução inicial do filhote humano, quem por outro lado possui uma rudimentar noção de ser à parte, de diferença com a mãe. Então, se a mãe simbiótica da teoria mahleriana é uma afirmação agora insustentável, podemos recolocá-la a partir da elaboração feita por Avelino González. A fusão com a mãe não supõe a regressão a um ponto de fixação, a um momento que aconteceu concretamente. Tratar de realizar no mundo do dual um estado fusional supõe a destruição – pelo menos em parte – da estrutura simbólica do sujeito.

Sabemos que a destruição do campo histórico do indivíduo supõe a atuação da pulsão de morte. Se nunca foi possível regressar ao “seio do porto”, então este é uma miragem que, com “os funestos cânticos do mar” (Gorostiza, 1939), faz com que o sujeito se precipite no “fundo do oceano”.

— Lembra-me a discussão atual sobre o gozo na escola laciana.

— Essa idéia se encontra implícita na estrutura especular que esbocei antes, mas vamos deixar assim: seu desenvolvimento escapa dos limites desse ensaio.

Agora ressaltarei que, durante os cinco artigos nos quais desenvolve seu pensamento sobre a angústia de separação e a urgência de reunião, há implícita uma questão entre distintos continentes psicanalíticos: a escola norte-americana, dominada nesse momento pela psicologia do Eu, e a escola argentina, onde Avelino se formou, com uma perspectiva particularmente inglesa.

Assim, por exemplo, quando explica as fobias espaciais, cita Mom, Grinberg e os Baranger, porém, quando plateia o problema metapsicológico, vê-se impelido a citar Rapaport, chave da ortodoxia da psicologia do eu. Deste último autor toma o vértice da adaptação como imperativo (Rapaport, 1959), mas o faz de uma maneira que lhe muda o sentido.

Para os norte-americanos, a adaptação era uma forma de naturalizar as instituições sociais: o indivíduo tinha que se adequar à norma assim como o animal ao meio ambiente. O alcance de liberdade que se tinha era na definição dessa adaptação, realizando uma mudança aloplástica ou autoplástica. Inclusive, o alcance dessa liberdade era pequeno, pois, se o indivíduo tentava mudar o entorno quando

não era pertinente, seus esforços eram por definição, inadaptados. Contudo, nas obras de González, existe, talvez sem explicitar, uma acepção diferente, mais próxima da obra de Winnicott (1958b) ou Balint (1968). O contexto no qual o indivíduo se desenvolve – se adapta – não é um marco fixo, tem mais a ver com o trabalho de maternagem, como o impositivo, sutil, agressivo, amoroso, estimulante ou traumático que pode ser ao largo da primeira parte da vida.

Avelino converte a dimensão metapsicológica da adaptação no imperativo de pensar o social, mas dentro de uma perspectiva mais próxima do pensamento humanista que o exílio e a herança da Revolução Mexicana lhe proporcionaram. Lembremos as palavras de sua irmã Amapola: eles foram educados por pais “tomados pela época do idealismo, do anarquismo e do socialismo” (Dupont, 2011, p. 23-58).

A forma com que tentou resolver as contradições do discurso psicanalítico da época o coloca dentro desse marco que mencionei quase ao princípio: talvez não fosse sua intenção, mas formou uma espécie de Escola Mexicana de Psicanálise, como os muralistas, por exemplo, formaram uma Escola Mexicana de Pintura. Não seria estranho a essa vocação seu incansável empenho por formar instituições, tanto a nível nacional como latino-americano.

A maneira como Avelino González resolveu essa tensão também permite entendê-lo como uma ponte conceitual entre ambas as escolas. A leitura cuidadosa de seu trabalho nos propõe coincidências epistemológicas e técnicas entre ambas que, desde a enunciação fenomenológica, pareceriam irreconciliáveis. Conseguiu escapar da tendência da escola norte-americana de converter a psicanálise na confirmação do necessário e do universal, para transformá-la em uma ferramenta para pensar o acidental e o singular, isto é, os resquícios de liberdade do indivíduo.

— Na sua percepção do devir do marinheiro há um caráter definitivo, uma fatalidade definitiva, refletida nos versos que você citou de León Felipe.

— Se pensamos que a realização da urgência de reunião supõe a perda do *self* ao se confundir com outro, uma forma de se manter com vida seria resistir à vertigem. Acompanhando a escola mahleriana, a constância do objeto, a introjeção da função materna, significaria uma fonte interna de tranquilidade para suportar a separação. Mas a constância objetual está acompanhada dessa forma definitiva com a qual Freud pensava a perda: é possível construir ilusões narrativas que ajudem a catexizar um novo objeto, mas o trabalho de luto supõe reconhecer a perda do original. Inclusive, manter essa conversa imaginária marca o caráter de impossibilidade que está implicado na reunião.

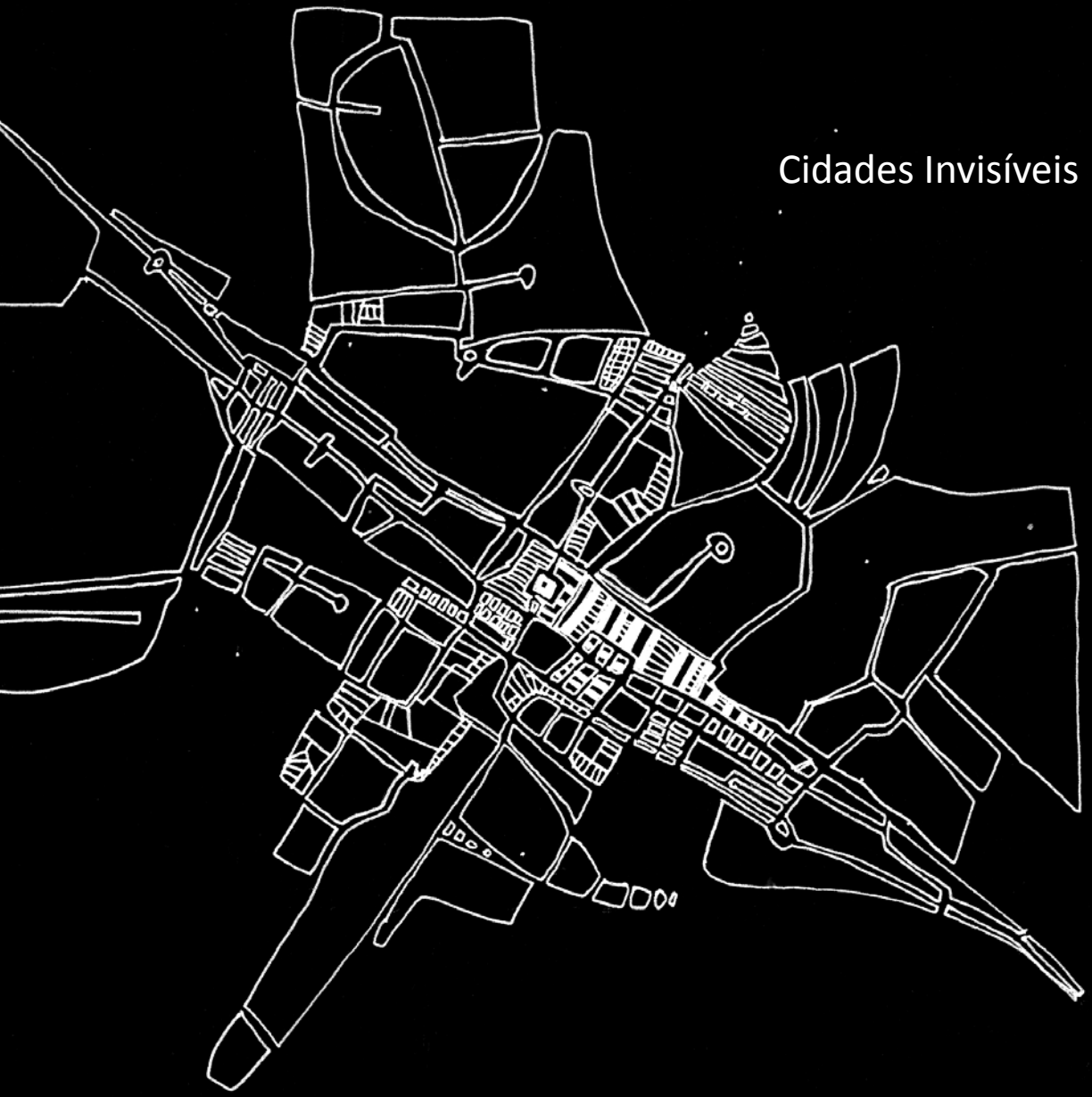
— Você dizia que o tema do mar percorre sua obra e sua vida.

— É, de certa maneira, o eixo que lhe dá sentido: dos marinheiros que buscam sem encontrar um porto, chave da melancolia, até o gesto final que marca sua história, pois, depois de sua morte, as cinzas de Avelino foram espalhadas no mar.

Referências

- Balint, M. (1968). *The Basic Fault*. Londres: Tavistock.
- Blos, P. (1962). *On adolescence: a psychoanalytic interpretation*. Glencoe: Free Press.
- Cuevas, J. L. (1965). *Cuevas por Cuevas*. México: Era.
- Dupont, M. (2011). Semblanza de Avelino González por su hermana Amapola. In *Obras de Avelino González Fernández*. México: Sociedad Psicoanalítica de México.
- Eliade, M. (1949). *El mito del eterno retorno*. Buenos Aires: Alianza. 2011.
- Fainstein, A. (2013). Obra de Avelino Gonzalez Fernandez. Pionero del psicoanálisis en México. Disponible em: http://www.abelfainstein.com/wp-content/uploads/26_Presentación-Obra-de-Avelino-Gonzalez-Fernandez.pdf
- Felipe, L. (1930). Canción marinera. *Versos y oraciones del caminante. Libro II*. Nova Iorque: Instituto de las Españas en los Estados Unidos.
- Gaos, J. (2016). *Materiales para una autobiografía filosófica*. Confesiones profesionales, otros ensayos y papeles. México: Bonilla Artigas.
- González, A. (1962). Notas sobre la angustia de separación: sus efectos en el destino de la interpretación. In *Obras de Avelino González Fernández*. México: Sociedad Psicoanalítica de México. 2011.
- González, A. (1963a). La depresión en el marinero. In *Obras de Avelino González Fernández*. México: Sociedad Psicoanalítica de México. 2011.
- González, A. (1963b). Angustia de separación, urgencia de reunión y fobia a las alturas. In *Obras de Avelino González Fernández*. México: Sociedad Psicoanalítica de México. 2011.
- González, A. (1966). Hacia una definición del proceso psicoanalítico: el papel que en él desempeña la angustia de separación. In *Obras de Avelino González Fernández*. México: Sociedad Psicoanalítica de México. 2011.
- Gorostiza, J. (1939). Muerte sin fin. Disponible em: http://bibliotecadigital.ilce.edu.mx/sites/fondo2000/vol2/18/htm/sec_5.html
- Grinberg, L. (s. f.) Condolencias. In *Obras de Avelino González Fernández*. México: Sociedad Psicoanalítica de México. 2011.
- Kohut, H. (1971). *The Analysis of the Self*. Nova Iorque: International Universities Press.
- Mahler, M. (1968). *On Human Symbiosis and the Vicissitudes of Individuation: Volume I, Infantile Psychoses*. Madison: International Universities Press.
- Meltzer, D. (1967). *El proceso psicoanalítico*. Buenos Aires: Hormé, 2013.
- Mom, J. (1956). Algunas consideraciones sobre el concepto de distancia en las fobias. *Revista de Psicoanálisis*, nro. 14.
- Ramírez, S. (1955). Motivaciones psicológicas del mexicano. In *El mexicano, psicología de sus motivaciones*. México: Random House. 2004.
- Rapaport, D. y Gill, M. (1959). The Points of View and Assumptions of Metapsychology. *International Journal of Psycho-Analysis*, 40.
- Stern, D. (1985). *The Interpersonal World of the Infant. A View from Psychoanalysis and Developmental Psychology*. Nova Iorque: Basic Books.
- Winnicott, D. W. (1958a). Fragmentos concernientes a algunas variedades de confusión clínica. In *Exploraciones psicoanalíticas I*. Buenos Aires: Paidós. 1992.
- Winnicott, D. W. (1958b). Preocupación maternal primaria. In *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós. 1999.
- Winnicott, D. W. (1965). *The Maturation Processes and the Facilitating Environment*. *International Psycho-Anal. Library*, 64:1-276. Londres: The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis.

Cidades Invisíveis





Griselda Sánchez Zago*

Tenochtitlan, hoje Cidade do México

*Duerme en paz, Ixtaccihuatl
nunca los tiempos borrarán
los perfiles de tu expresión.
Vela en paz. Popocatepetl:
nunca los huracanes apa-
garán tu antorcha, eterna
como el amor...¹
José Santos Chocano,
El idilio de los volcanes*

Minha cidade.

Estou sentada frente à minha mesa de trabalho, atrás de mim a grande janela que dá para a sacada, espécie de guardiã protetora das minhas orquídeas e dos meus “lírios-da-paz”, vendo à minha frente o sofá por trás do divã, onde escuto o desfiar de palavras que esperam ser transformadas; começo a pensar nas paisagens que percorrerei para transmitir meu México em meu ofício cotidiano. Meu consul-

tório está incrustado no sul da cidade, em um bairro que ainda conserva esse sabor de povoado, onde, ao sair, você encontra o lugar de comprar *tortillas*, o homem que vende o frango, a fruta, onde todos ainda se conhecem e se cumprimentam, coisa que já não é frequente em uma cidade como esta. A três ruas, encontra-se o centro de San Ángel, com suas ruas de pedra, a casa-estúdio de Diego Rivera e o restaurante aonde levamos todos os nossos visitantes psicanalistas: o San Angel Inn, antiga fazenda da família Goicoechea, com esse sabor mexicano que Luis Barragán imortalizou, e que é conhecido como “a definição de um estilo mexicano universal”, ao tornar famoso o mundo que o rodeou em sua infância e que marcou seu estilo.

A Cidade do México, como qualquer grande cidade, é um mosaico, não só de tradições, mas também de perspectivas, de origens, uma cidade onde a psicanálise teve um grande incremento por conta do exílio de muitos psicanalistas do Cone Sul nos anos 70, e que permitiu que começassem a se expandir os lugares em que se analisava, passando da zona oeste, mais privilegiada economicamente e de muito difícil acesso para a maioria da população, a outras zonas de maior densidade populacional e onde as instituições acadêmicas universitárias se faziam escutar com seu vozerio, suas perguntas, sua curiosidade e sua vontade de aprender, de ser incluídas em um mundo íntimo dentro de uma zona de barulheira e rapidez vertiginosa da grande cidade, a busca de um lugar onde o silêncio permitisse o intercâmbio, a experiência, a descoberta, o saber.

Aqui vivemos, nas ruas onde se cruzam os cheiros, as cores, os sabores, as dores, mas jamais os olhares. Ou, como diria Carlos Fuentes em seu imperfeito retrato, em *A região mais transparente* (1958/1968):

Cidade punhado de bueiros, cidade cristal de vapor e geada mineral, cidade presença de todos os nossos esquecimentos, cidade de penhascos carnívoros, cidade de brevidade imensa, cidade do sol detido, cidade de calcinações longas, cidade a fogo lento, cidade com a água no pescoço, cidade de letargia

malandra, cidade dos nervos negros, cidade dos três umbigos, cidade do riso cor de ouro, cidade do fedor torto, cidade rígida entre o ar e os vermes, cidade velha nas luzes, velha cidade em seu berço de aves agourentas, cidade nova junto ao pó esculpido, cidade ao lado do céu gigante, cidade de vernizes escuros e pedraria, cidade sob o lodo resplandecente, cidade de víscera e cordas, cidade da derrota violada, cidade do mercado submisso carne de talha, cidade reflexão da fúria, cidade do fracasso ansiado, cidade em tempestade de cúpula, cidade bebedouro das gargantas rígidas do irmão enopado de ser e crostas, cidade tecida na amnésia, ressurreição de infâncias, encarnação de pluma, cidade cachorro, cidade famélica, suntuosa vila, cidade lepra e cólera, afundada cidade. Tuna incandescente. Águia sem asas. Serpente de estrelas. A nós, nos coube aqui. O que vamos fazer. Na região mais transparente do ar² (pp 22-23).

A pós-modernidade gerou a dificuldade de estabelecer um laço social, o México é um bom representante, o intercâmbio é de objetos, os ideais desmoronaram, o conflito intrapsíquico adquiriu novas formas sintomáticas, nesse sujeito da pólis, onde o território não é mais assim, que busca lugares de pertencimento, de identidade, de um espaço que permita a singularidade. É uma cidade onde o ritmo acelerado teve como consequência a intolerância – senão, a incapacidade – à espera; o imediatismo se jacta da sua presença. Por isso, a possibilidade de psicanalisar torna-se imprescindível para aqueles a quem o redemoinho cidadão tenta subtrair o reduto do mais singular, daquilo que é mais específico de alguém, do mais próprio. Psicanalisar na Cidade do México pode significar um trajeto em automóvel de duas horas ou mais, de um ponto da cidade a outro, às vezes o analista é escolhido pela proximidade geográfica. Ainda assim, o percurso é de pelo menos meia hora. Às vezes, em greves, manifestações, Dia dos Mortos, Dia da Virgem de Guadalupe, entre outras festividades e eventos, ruas e regiões inteiras são fechadas, e prefere-se cancelar a sessão porque será impossível chegar.

* Sociedad Freudiana de la Ciudad de México.

1. Dorme em paz, Ixtaccihuatl, nunca os tempos/apagarão os perfis da sua expressão./Vela em paz./Popocatepetl: nunca os furacões/apagarão sua tocha, eterna como o amor...; tradução livre.

2. Tradução livre.

Estou em um recinto fresco e com cheiro de perfume de vela, que compete com a ténue luz elétrica da minha lâmpada onde, à distância, eventualmente, ouvem-se o assobio do senhor que vende batatas ou a gravação do que vende *tamales*³; tormentos e batalhas, medos e temores, alegrias e desgostos, sonhos e promessas são despejados em um falar e dizer sobre si mesmo, em um chorar e ansiar, em um descobrir e surpreender. Onde a memória involuntária inventa o passado e reatualiza o presente.

São as memórias dos analisandos e a minha, que evocam a origem mítica e a história de amor de onde surge a Cidade do México, bem como a posterior fundação e conquista espanhola, de roubo e violência... No final das contas, todas as análises transcorrem entre histórias de amor atravessadas e sustentadas pelo amor de transferência. Qual é essa história de amor?

Tenochtitlan...

Tenochtitlan, hoje Cidade do México, como todas as histórias, começa com uma história de amor, representada por dois vulcões majestosos, os mesmos que emolduram e ladeiam a cidade mais povoada do mundo: o Iztaccíhuatl, que em náhuatl significa “mulher adormecida”, e o Popocatepetl, que significa “montanha fumegante”; vulcões que, como essa história de amor, entraram em erupção e que eventualmente continuam em atividade, exalando um ou outro suspiro, fumaça que representa a prova de que Popoca continua a velar o corpo da sua amada. História de amor transmitida através das gerações:

Conta a história que um belo guerreiro (Popoca) e a princesa Iztaccíhuatl estavam apaixonados. Antes de ir à guerra para lutar contra os tlaxcaltecas, Popoca pede a mão da princesa ao seu pai. O pai aceitou e prometeu recebê-lo com uma grande celebração se ele voltasse vitorioso. Popoca vai à guerra, e um guerreiro, com ciúmes do amor que expressavam, diz à princesa que Popoca morreu na batalha. Ela morre de amor, sem saber que tudo era mentira. Quando

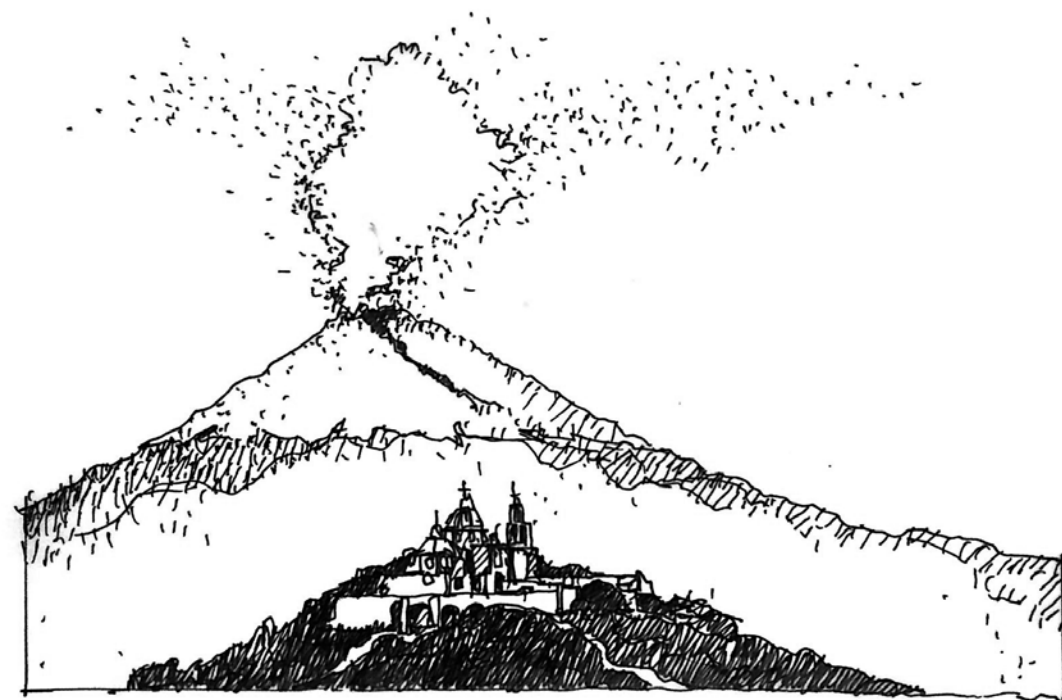
Popoca volta vitorioso, recebe a terrível notícia de que a princesa havia morrido. Cheio de dor, constrói para ela um altar na direção do sol e reúne dez montes para formar uma enorme montanha. Toma a princesa em seus braços e a coloca, inerte, no topo da montanha. Pega uma tocha fumegante, ajoelha-se para velar seu corpo, e assim está até hoje: dois vulcões que falam de amor. Com o passar do tempo, a neve cobre os vulcões e, para deleite dos moradores da capital e dos visitantes, é um espetáculo maravilhoso, quando a poluição permite.

Foi assim que essa história de amor deu origem a Tenochtitlan. A partir daí, correram muita tinta e sangue, desde a colônia, a Revolução, o século XX. Terra de migrações, centro econômico, político, da República Mexicana.

O intercâmbio de mercadorias é feito em diferentes lugares, desde os *tianguis*⁴ – herança da época pré-hispânica – até os mercados da colônia e os supermercados dos tempos atuais. Muitos são famosos, como o Bazar do Sábado, encravado no sul da Cidade San Ángel, bairro tradicional. Junto ao Coyoacán (lugar de coiotes), são lugares obrigatórios para quem nos visita ou se queremos nos sentir turistas na nossa cidade.

A divisão imaginária da cidade – o norte para os novos ricos; o leste, a cidade popular; o oeste, dos ricos; e o sul, dos intelectuais – deve acontecer porque a Universidade Nacional Autónoma do México se encontra nessa zona sul e de grande crescimento de instituições acadêmicas.

A psicanálise no México nasceu sendo de extração política de direita, sempre com a mesma perspectiva do governo vigente, e, apesar de a maioria da população da Cidade do México ser de esquerda, a convivência é necessária. O crescimento exponencial da Cidade do México se deveu à grande migração que houve de todos os Estados da República, daí que agora nos chamem de *chilangos*, cujo significado é “aquele que vem ao centro”. Nós, que nascemos aqui, nos denominamos *defeños* (“do DF”, por sermos do Distrito Federal). Quando escrevo isto, a Cidade do México deixou de ser Distrito



Federal e vamos ver como nos chamamos.

A psicanálise teve sua época de esplendor nos anos 60 e se consolidou no oeste da cidade, com uma só associação pertencente à IPA (Associação Psicanalítica Internacional, por suas siglas em inglês), a Asociación Psicoanalítica Mexicana (APM), fundada por analistas formados em vários lugares, Buenos Aires, como José Luis González; França, Rafael Barajas; EUA, Ramón Parres; seu único vice-presidente da IPA: Agustín Palacios. Com o passar dos anos, ao lado do crescimento populacional, a psicanálise também passou pelo mesmo processo em suas diferentes abordagens e práticas. Hoje em dia existem mais três associações dentro da IPA, dois componentes – a Sociedad Psicoanalítica de México (SPM) e a Asociación Mexicana para la Práctica e Investigación y Enseñanza del Psicoanálisis (Associação Mexicana para a Prática, Pesquisa e Ensino da Psicanálise - Ampiep) – e uma nomeada de forma provisória enquanto eu escrevia esta resenha: a Sociedad Freudiana de la Ciudad de México, sociedade à qual pertencem.

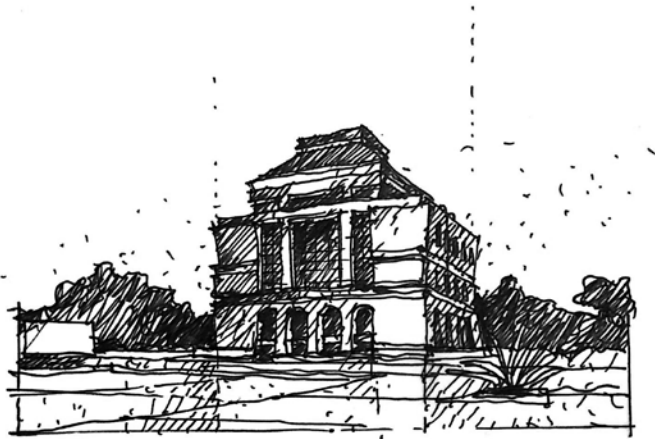
Cada uma delas tem sua longa história no caminho da defesa de posturas autônomas e diferentes das vigentes durante décadas de psicanálise. São histórias complexas, de divi-

sões e muitas vezes exclusões e cisões de grupos, em busca de outros modos institucionais de funcionamento com maior flexibilidade quanto à formação e à relação dos psicanalistas com sua sociedade e com as outras disciplinas. Muitas consideraram que sempre seria prejudicial para a psicanálise o fechamento, o isolamento, impedindo, pela maneira como era vivido, o desenvolvimento e o crescimento teóricos e práticos. No entanto, defenderam a necessidade e o benefício de permanecer dentro da organização mundial (IPA). SPM e Ampiep alcançaram reconhecimento depois de muitos anos em que conseguiram manter a seriedade das suas propostas. Mas, hoje em dia, o intercâmbio é grande e inevitável, os louros em que muitos se sentaram desapareceram: é necessário trabalhar. O espírito da nossa nova sociedade é de intercâmbio entre psicanalistas que queremos dialogar e fazer com que nossa disciplina cresça no contexto contemporâneo.

Dentro das filas da Sociedad Freudiana da Cidade do México, posso mencionar Juan Carlos e Esperanza Plá, e Fanny Cerejido, para citar os mais conhecidos; mas, assim como Juan Carlos, vários partiram deste mundo antes de ver consolidado o trabalho de gerar outro espaço. Encontramos também escolas lacania-

3. Prato clássico da culinária camponesa latino-americana, geralmente preparado com massa de milho, como base, envolvida em folhas, semelhante à pamonha brasileira, mas com recheio de verduras ou carnes.

4. “Mercado ou lugar público”, no castelhano utilizado no México.



nas em quantidade, cujo crescimento acontece dentro das universidades e que geram, fora das instituições, o mesmo marco referencial do tripé freudiano; a expansão da psicanálise é grande, mas é necessário continuar a alimentá-la com trabalho, com estudo, com escuta.

Todos esses, nossos imaginários, são colocados no divã para que possam ser “vistos” com o som gerado pelas palavras, como diria Octavio Paz (1975/2014) em seu magnífico poema *Pasado en claro*: “Não vejo com os olhos: as palavras são meus olhos”⁵ (p. 582). E, através desses olhos que falam e desses ouvidos que as escutam, abrir a possibilidade de simbolizar frente a tanta vida, frente a tanta morte.

A vida de fora aparece de forma irremediável, as frustrações sociais, políticas entram no espaço analítico. Ela acelera a angústia, questiona valores e torna mais evidente a impossibilidade. A castração está sempre aí como afronta, como tragédia, o conflito frente à morte, frente à destruição, guerras das quais o cidadão se torna espectador do espetáculo da morte, da perversão, do caos; já não é mais possível rir da morte, ou talvez, seja necessário agora, rir-se ainda mais.

Mas também aparece a busca, a esperança dessa promessa, ainda que se saiba que nunca será cumprida. Aparece também o encantamento pelo caminho, para poder continuar.

A aposta de Freud continua viva, como vivos continuam os filhos mortos de uma cidade e de um país doente, agora sempre em luto

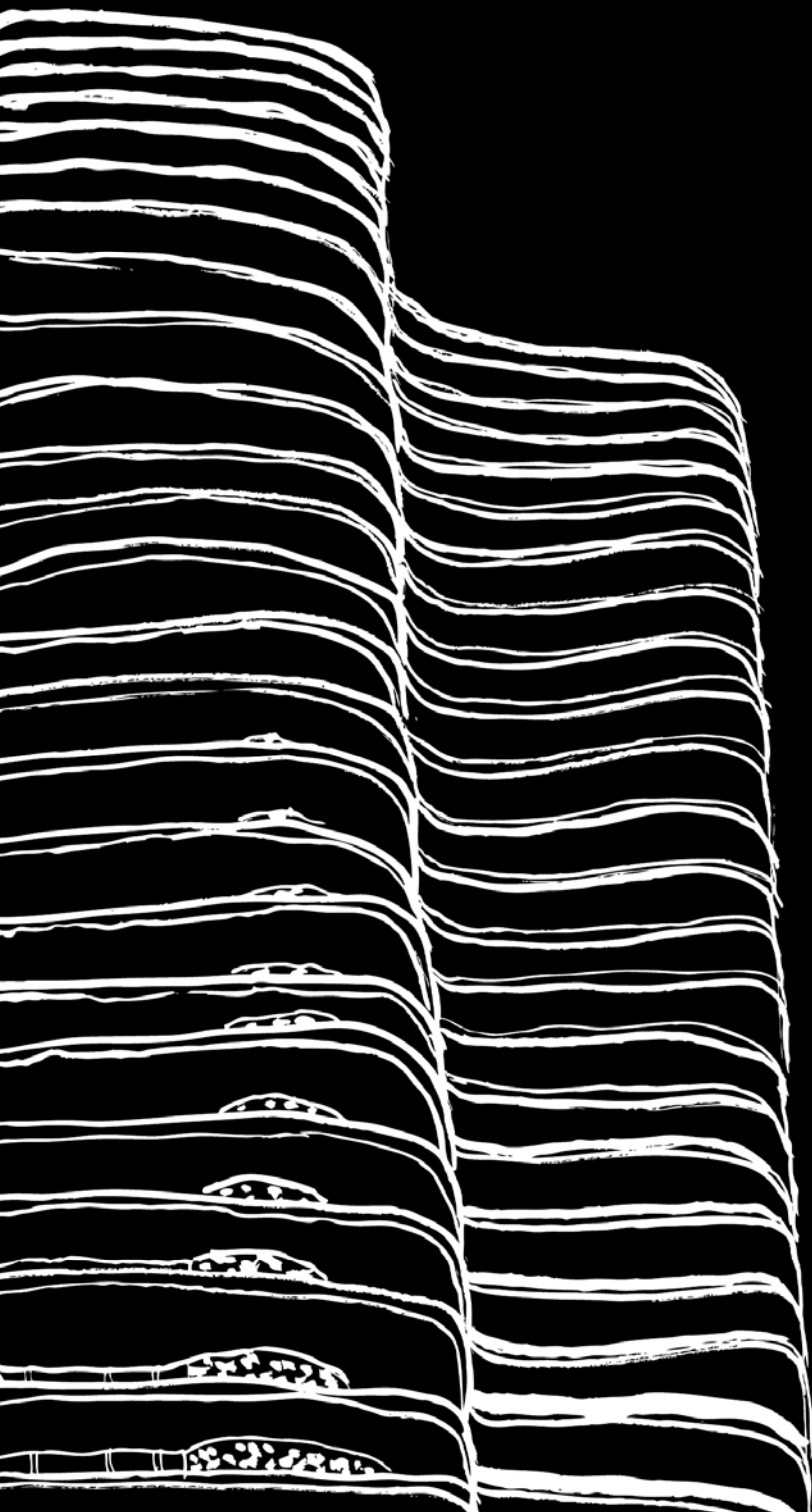
com seus feminicídios, seus desaparecimentos forçados. Ainda continuamos a ter força, ainda; e a psicanálise terá que dar conta do *mal-estar na cultura*, para parafrasear o fundador.

Quero emoldurar este pequeno retrato com outra lenda, A Chorona: mulher indígena que, do seu amor por um fazendeiro espanhol, gera três filhos. Após o nascimento destes, ela lhe pede para formalizar a relação; ele se esquiva e casa-se com uma espanhola da sua posição social; ao ver-se enganada, ela mata os filhos, afogando-os em um rio, e, não suportando a culpa, suicida-se. Todas as noites, depois das 11 horas, na época da colônia, havia toque de recolher, porque se dizia que apareceria A Chorona gritando: “Ai, meus filhos!”. Hoje, no século XXI, buscamos milhares de mortos, entre eles os 43 desaparecidos de Ayotzinapa. Mas A Chorona nunca encontrará seus filhos, porque eles estão no céu como anjinhos, e ela vagará até a eternidade da Terra como castigo por suas ações, chorando por eles, buscando como se não tivessem morrido.

Referências

- Fuentes, C. (1968). *La ciudad más transparente*. Barcelona: Seix Barral. (Trabalho original publicado em 1958)
- Paz, O. (2014). *Pasado en claro*. In O. Paz, *Obras completas* (vol. 7, pp. 577-595). México: Fondo de Cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1975)

5. Tradução livre.



De Memória



Nilde Parada Franch*

O encontro com Vida e Luis Prego e Silva

Era o ano de 1978. Estava eu considerando iniciar minha formação no Instituto Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), quando tive conhecimento de que um “casal de uruguaios winnicottianos, com formação em Londres” abria espaço para a constituição de um grupo de aprimoramento para profissionais com experiência em análise de crianças.

Assim se deu nosso encontro, do qual resultou uma amizade de muitos anos.

A relação foi empática desde o início. A receptividade e a generosidade, acrescidas da competência para ensinar e para trocar experiências, foram os ingredientes básicos.

A Dra. Vida e o Dr. Luis Prego e Silva contribuíram em muito para a formação de uma postura psicanalítica, de um olhar que privilegia múltiplos vértices e, especialmente, de uma atitude ética.

Eles trabalhavam mensalmente às sextas-feiras e sábados pela manhã com um grupo de membros da SBPSP, oferecendo formação em análise de crianças e adolescentes. Aos sábados à tarde e domingos pela manhã, trabalhavam conosco.

Habitualmente eu os levava de volta ao hotel no sábado e os buscava no domingo cedo. Inúmeras vezes levei-os ao aeroporto. Essas idas e vindas propiciaram felizes oportunidades de verdadeiros “encontros”.

Falávamos sobre muitos e diferentes assuntos. Em certo momento, perguntei-lhes como conviviam com a situação política em seu país: ditadura, tortura, “desaparecidos”... O Dr. Prego disse-me, se bem me lembro, mais ou menos isto: “Não se pode afrontar as autoridades atuais, sob a pena de também ‘desaparecermos’. O que podemos, sim, é fazer o melhor possível em nosso trabalho, que nos permite humanizar em vez de submeter”. O que ficou claro para mim, naquele momento, foi a renúncia ao impulso de reagir à violência e às injustiças “a qualquer preço”; enfim, levar em conta a realidade, os recursos para enfrentá-la e assumir uma posição construtiva. Uma difícil renúncia diante da barbárie.

Outras vezes falávamos de nossas famílias, de nossa vida profissional, da formação psicanalítica.

Uma característica que chamava muito a minha atenção era a coragem de ambos para enfrentar situações polêmicas e difíceis, e uma clareza iluminada sobre a função paterna a ser exercida na família e nas instituições.

Como casal, via-os como respeitosos, companheiros, cúmplices amorosos.

Numa das férias durante aqueles anos de convivência, estava eu com meu marido em Salvador, Bahia, visitando o Mercado Modelo. Ambiente oniroide com o som de berimbaus, o cheiro do dendê e dos acarajés, as baianas preparando-os, as barracas onde se viam roupas rendadas, peças de prata, de couro, de madeira, produtos como o camarão seco, o amendoim, o caju etc. Passeávamos, impregnados por esse clima. Lembrei-me do casal Vida e Luis e decidi comprar-lhes um presente. O que seria? Nas andanças pelo mercado, deparo-me com uma barraca de colchas para camas. Uma delas me encanta! Mas seria apropriado? Combinaria com o quarto deles? Era uma colcha tecida de fios da cor cru. Tinha que ser aquela!

Na “volta às aulas”, quando se apresentou um momento favorável, entreguei-lhes o pacote.

Ao ver o conteúdo, Luis e Vida se entreolharam com um ar enigmático, para mim. Então, revelaram que durante aquelas férias tinham feito uma pequena reforma e, no quarto, só faltava uma nova colcha! O tecido e a cor caíam como uma luva! Sorrimos, nos abraçamos e Dr. Prego disse: “Você não acredita em comunicação inconsciente?”

Após o término do curso, quando já não vinham regularmente a São Paulo, passei a vê-los em Montevideú, onde os procurava para eventuais supervisões. Encontrava-os também em jornadas, congressos etc.

A última vez que estive com Prego foi em Montevideú, ocasião em que eu coordenava uma mesa sobre o tema “Envelhecimento”, da qual ele participava. Estive algumas poucas vezes com Vida depois disso.

Sinto saudades, mas eles me acompanham. Fizeram parte de meu desenvolvimento. Foram uma parte importante da minha vida.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Os destinos de um nome na celebração de um olhar

É muito difícil resumir em poucas palavras o que foi a experiência de uma vida tão fecunda de alguém que tinha o nome de “Vida”.

Ter esse nome pode ser para celebrar a criação e oferecer aos outros essa oportunidade.

Vida foi uma das fundadoras da psicanálise de crianças no Uruguai e também em São Paulo, para onde viajou durante vários anos na década de 1970 com seu marido, o grande professor Luis Enrique Prego, para iniciar a formação de analistas de crianças dos colegas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. E poderíamos dizer que eles foram os introdutores do pensamento de Winnicott no Brasil e no Uruguai. Fato que estendiam também por meio da formação de psicoterapeutas psicanalistas em sua Clínica Prego (fundada em 1976), com os intercâmbios com os grupos do querido professor Salvador Celia em sua Clínica L. Kanner de Porto Alegre, com quem tiveram reuniões regulares durante vários anos. Dessa forma, as contribuições de Luis Enrique e de Vida se ampliavam para vários pontos do Brasil.

Vida foi uma pessoa apaixonada pelas artes, a literatura, a pintura e especialmente a poesia, a dança e a ópera.

O meu vínculo direto com Vida começou na década de 1990 a partir de contatos profissionais, de ouvi-la em congressos e seminários, de ficar surpreendido ao ver como é possível unir sensibilidade, profundidade e respeito pelo outro na escuta analítica. Dessa forma, iniciei supervisões curriculares com ela, e começou a se gestar um laço de amizade e de consonância especialmente pela articulação entre a arte e a psicanálise. No ano de 2000, recebi com surpresa o convite de Vida para que coordenássemos, juntos, um grupo de estudo sobre psicanálise de crianças. Reunimos várias pessoas interessadas, entre as quais havia colegas e amigas de diferentes disciplinas. Nesse momento, Vida tinha 84 anos de idade e, se eu não estiver errado, ela tinha pelo menos três grupos de estudo, além de outras atividades.

Este grupo se reunia às quintas-feiras em sua casa para estudar, tomar chá, experimentar os sabores de alguns bolos (feitos por ela) e da textura policromática de mil histórias que começaram lentamente a ocupar, como um invólucro continente, o espaço da reunião.

Cada reunião era uma viagem. Uma viagem pela psicanálise, por autores, por histórias de vida. Fomos entendendo sua paixão pela ópera, por exemplo, ao saber que, quando criança, adormecia com os enredos das óperas que sua mãe lhe contava como se fossem histórias. A pequena Vida se separava de sua mãe e do mundo com a voz materna envolvendo-a com histórias sobre as paixões humanas.

Vida foi nos contando sobre seu contato com a psicanálise, sua vinculação com os Baranger, a estadia, durante a década de 1950, nos Estados Unidos, em Baltimore,

quando seu marido iniciou sua formação como psiquiatra com Leo Kanner, sua relação com E. Bick, a experiência de observação de bebês, histórias com seus pacientes...

Vida publicou muito pouco. Creio que no “nosso ambiente analítico” conheceu-se apenas um trabalho dela: “A casa: cena da fantasia”¹, publicado na *Revista Fepal* como uma homenagem.

Em uma das reuniões do grupo, os nossos pensamentos giravam ao redor de um assunto recorrente: a importância do ambiente afetivo na sessão, a capacidade de metaforizar e sua relação com a sensorialidade e o pensamento, e Vida se lembrou de ter esboçado alguns desses pontos em um trabalho que se intitulava “La risa” [“O riso”³]. Esse texto descreve a análise de uma paciente adulta com elementos depressivos. Vida analisava intuitivamente, tanto as cores das roupas, quanto sua forma de se deslocar ao caminhar, metaforizando o estado emocional da paciente com uma paisagem de outono, e que a textura de suas palavras tinha uma “cor outonal”, que com o tempo e a elaboração psíquica foram mudando. Trabalho analítico, texturas cromáticas, sensorialidades, transmodalidades, capacidade de metaforização da analista que pode abrir caminhos de pensamento na paciente. Podíamos apreciar a sutil integração de uma linguagem corporal com a linguagem verbal, bem como as vicissitudes da paisagem emocional da paciente.

Sua relação com as artes abria uma sensibilidade a esses aspectos do discurso na cena analítica e na vida. Ela podia descrever, com marcada sutileza, alguns movimentos de Clotilde e Alejandro Sakharoff, dois dançarinos russos que na década de 1940 vieram ao Rio de Janeiro. Vida ia avançando em idade, mas a celebração da arte e da expressão das emoções através dela se mantinha.

Descobrimos que havia um livro de Alejandro Sakharoff, *Reflexões sobre a música e a dança* [“Reflexões sobre a música e a dança”⁴], e no final do ano de 2014 propus que trabalhássemos a contribuição da arte para pensar os processos de pensamento, e desejava usar esse livro de Sakharoff.

Um livreiro amigo me disse que possuiu o livro, durante alguns anos, e que o tinha vendido, pela internet, a uma professora de dança de Paris. Dias depois, avisou-me que tinha uma revista argentina, *Ars*, dedicada aos Sakharoff, editada nos anos 40 em Buenos Aires. Nessa revista, uma série de intelectuais da época oferecia seu depoimento sobre o impacto estético de sua arte. O surpreendente era que um deles, Antonio Berni, descrevia a plasticidade de movimentos de Clotilde Sakharoff e “a utilização das metáforas rítmicas” quase da mesma forma que Vida tinha nos transmitido.

Tínhamos a intuição de que esse texto iria acompanhar Vida em seus últimos passos na dança da vida. No dia em que lhe dei a revista sua emoção trouxe ainda mais histórias.

Durante as quintas-feiras de março e parte de abril de 2015, as histórias da relação entre a dança, a música, a arte e a psicanálise se espargiram entre nós como uma coreografia de sentimentos e pensamentos, e como uma forma de despedida.

E assim Vida morreu em 13 de maio de 2015, aos 99 anos de idade, acompanhada por seus filhos, Fernando e Carlos Enrique, suas noras (a colega Julia Ojeda), seus netos, seus bisnetos e por todos aqueles que celebramos sua passagem pela vida e que tivemos o privilégio de ouvir suas histórias, de dançar com ela pelo espaço das vivências da alma humana.

1. Maberino de Prego, Vida (2002). La casa: escena de la fantasía. *Revista Fepal*, p. 164-179.

2. N. de T.: Fepal.

3. N. de T.: Tradução livre.

4. N. de T.: Idem.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

Cristina Martínez de Bagattini*

Professor emérito Dr. Luis Enrique Prego Silva

Escrevo com a sensação de que me será impossível abarcar os múltiplos aspectos de uma figura e de uma trajetória como a do Dr. Luis Enrique Prego Silva.

Sua presença tinha a marca do grande Professor, com sua postura elegante, sempre impecavelmente vestido e seu habitual bom humor. Era enérgico e vital, generoso com seu tempo e seus conhecimentos.

Na Asociación Psicoanalítica del Uruguay, como membro titular desde 1966, exerceu todas as funções didáticas e desempenhou os cargos de diretor de Publicações (1964-1966), secretário da Comissão Diretiva (1969-1971) e presidente da Comissão Diretiva (1972-1974).

Participou como delegado da APU, na qualidade tanto de relator como de convidado, em milhares de congressos psicanalíticos internacionais. Suas intervenções punham em relevo sua qualidade como investigador e a profundidade de seu pensamento como psicanalista. Parafrazeando Christopher Bollas (1987/1991), poderia se dizer que ele próprio se constituía num “objeto transformador”, o que levou a que muitos lhe demandássemos supervisões ou grupos de estudos, tanto no nosso país como no exterior.

Nesses mesmos anos atuava como professor titular encarregado dos cursos de psiquiatria infantil nos hospitais Pedro Visca, primeiro e Perreira Rossell, depois; dava aulas, realizava palestras em associações científicas e supervisões; todas atividades verdadeiramente cativantes e enriquecedoras. Ao mesmo tempo, elaborou um projeto a partir do qual a Faculdade de Medicina, no ano de 1973, criou a pós-graduação de Psiquiatria de Crianças e Adolescentes. Orgulhamo-nos que seu empenho e sua inspiração tenham dado lugar à primeira pós-graduação da América Latina, e do mundo, dedicada à psiquiatria e independente da pediatria e da psiquiatria de adultos.

No ano de 1987 o Conselho da Faculdade de Medicina reconheceu sua trajetória o nomear professor emérito.

Quanto a seus inumeráveis aportes teóricos, destacarei somente alguns: muito antes de que se ampliasse a distintos quadros nosográficos à psicose da criança, Prego descreveu o que ele denominava “o psicótico”. Esse conceito valiosíssimo incluía uma parte psicótica da personalidade, que levava ao que ele chamou de “modo de viver psicótico”, que não entrava em nenhum dos quadros clínicos descritos até esse momento. Ainda hoje se veem pacientes difíceis de classificar e persiste a utilidade desse conceito.

Seu interesse nos estados psicóticos da criança surgiu da estadia junto a Leo Kanner que um jovem Prego realizou no final da década de 50, acompanhado de sua inseparável Vida e seus dois pequenos filhos.

Trabalhou nesse tema mais de cinquenta anos. Suas últimas opiniões sobre estes transtornos estão publicadas na entrevista realizada por colegas nas Jornadas sobre Winnicott do ano de 2003. Aí, nos diz com sagacidade: “eu creio que, do ponto de vista psicológico, também há uma espécie de ponto frágil, que num momento dado, as circunstâncias podem favorecer ao desenvolvimento desse transtorno, modificá-lo, mas não suprimi-lo” (Braun de Bagnulo & Schroeder, 2003).

Cita Winnicott, com quem coincide ao dizer que “o constitucional é mudo e o ambiente o faz falar” (Winnicott, citado por Bagnulo & Schroeder, 2003).

Em outro aporte inovador, apoiado em três casos clínicos, publicou em 1972 um trabalho em que mostra a forma em que as famílias protegiam sua estrutura e preservavam o estado manifestado da doença em um de seus membros. O valor dessa reflexão, utilizada ao mesmo tempo por autores franceses, está referido ao momento histórico em que, no Rio da Prata, se fazia um uso muito dogmático da teoria kleiniana.

Outra de suas primeiras contribuições foi com a aparição do “você” no desenvolvimento da linguagem da criança. Dizia:

Tenho a impressão de que ainda existe outra expressão da atividade e do desenvolvimento psíquico, sobre a qual não foi dito quase nada. Refiro-me à aparição do “você” como algo diferente do “não-eu” e ainda diferente do objeto (Prego Silva, 1999).

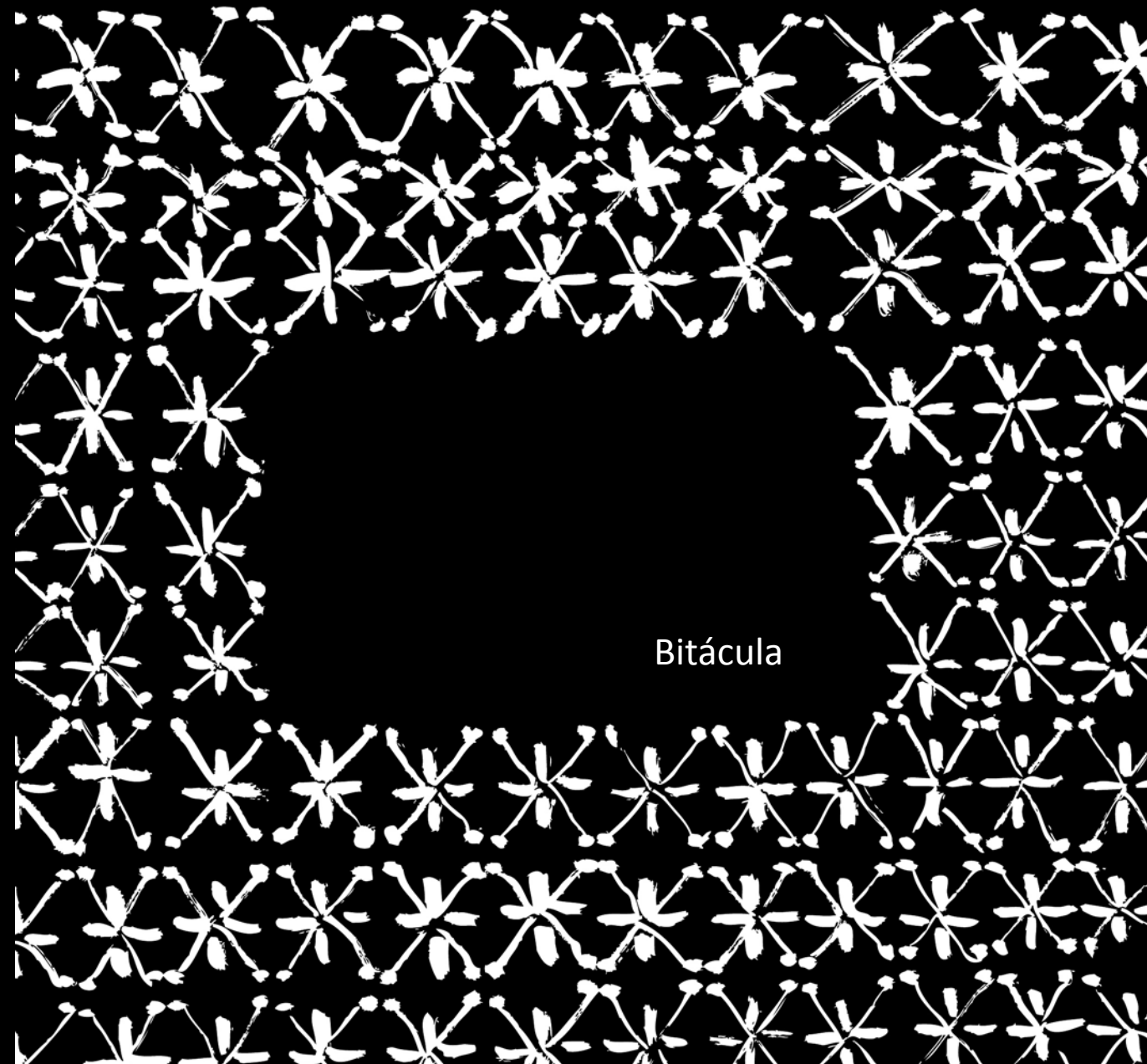
Em 1965 conheceu Winnicott em Amsterdã e nunca mais abandonaria sua leitura e a transmissão de seus pensamentos. Manteve relação epistolar com Masud Khan e Renata Gaddini. Criou a Fundação Winnicott e difundiu seu pensamento no nosso meio e em outros países.

Esse incansável explorador da mente infantil e de suas zonas mais sombrias ou inacessíveis, empático e criativo com seus pacientes e seus discípulos, usufruía com o mesmo empenho da música, da pintura, do cinema, do teatro e da literatura. Era fotógrafo e artesão. Íntegro na tarefa escolhida e na vida, cultivou a amizade e os afetos familiares, como esposo, pai e avô, com a sabedoria e o regozijo daqueles que amam a vida.

Referências



- Bollas, C. (1991). *La sombra del objeto*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1987)
- Braun de Bagnulo, S., & Schroeder, D. (2003). Entrevista com o Prof. Emérito Dr. Luis Enrique Prego no âmbito do XII Encuentro Latinoamericano sobre el Pensamiento de D. W. Winnicott: Violencia y Desamparo. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. Disponível em: <http://www.apuruguay.org/apurevista/2000/1688724720039806.pdf>
- Prego Silva, L. E. (Ed.). (1999). *Autismos: revisando conceptos*. Montevideo: Trilce.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.



Bitácula

As sociedades e grupos constituintes da FEDERAÇÃO LATINO AMERICANA DE PSICANÁLISE – FEPAL, deseja fazer presente sua posição e experiência diante do grande número de crianças e adolescentes com diversos graus de sofrimento diagnosticados comumente como Transtornos do Espectro Autista:

DECLARAÇÃO DE CARTAGENA

- Diante da desesperança que afeta os pais e familiares de crianças com este sofrimento tão grave, os tratamentos psicanalíticos oferecem uma alternativa para melhorar a qualidade de vida destas pessoas.
- Escutar e acompanhar as inquietações dos pais e familiares destas crianças que sofrem por não poder vincular-se com o meio social é tarefa prioritária para os psicanalistas.
- A detecção e intervenção precoces das crianças que mostram sinais preocupantes na conexão, vinculação humana e reconhecimento do outro, possibilita o desenvolvimento de tratamentos psicanalíticos de eficácia duradoura que lhes permita viver melhor.
- Sustentamos que estes padecimentos respondem a uma causalidade multifatorial, pelo que ressaltamos o valor das equipes interdisciplinares com orientação psicanalítica que permitam uma abordagem multidimensional no alívio do sofrimento da criança e da sua família.
- Nossa experiência clínica demonstra que os tratamentos assim conduzidos promovem a potencialização de novos recursos, não requerendo apelar ao adestramento da criança nem à medicalização do sofrimento.

Víctor Guerra* e
Mónica Santolalla**

Crianças com suspeita de autismo e analistas com suspeita de ineficácia

Há mais de dez anos, os psicanalistas somos testemunhas, expectantes e questionadas, de um fenômeno instalado socialmente no campo da clínica. Foi prevalecendo e se difundindo uma visão diagnóstica unidirecional sobre as formas de sofrimento grave da infância, rotuladas sob a nomenclatura de Transtornos do Espectro Autista (TEA).

Esse fenômeno precisou, para tornar-se efetivo, de diagnósticos monocausais, feitos com protocolos e rótulos, diante dos quais a perspectiva psicanalítica é considerada obsoleta e até contraindicada, especialmente a partir da exacerbação do argumento de uma suposta ineficácia da nossa prática com as crianças e suas famílias.

Desde a época do fundador, a psicanálise, com a descoberta do inconsciente, teve lugar paradoxal na cultura, foi exposta tanto a idealizações como a desqualificações violentas. No entanto, soube resistir como agente transformador.

No nosso presente, o fator emergente dessa dialética se localizaria ao redor do sofrimento infantil, expresso nos transtornos do espectro autista como patologia de altíssima prevalência, em que se agudiza o questionamento da psicanálise e são oferecidos, como serviço de referência, tratamentos cognitivo-comportamentais que evitam a multicausalidade, a singularidade humana e o que é próprio do nosso ofício: explorar as zonas da dor, muitas vezes indescritíveis e sem sentido, que nos habitam.

Desde 2012, uma forte campanha política, jurídica e dos meios de comunicação tentou proibir, em países como a França, os tratamentos de orientação psicanalítica com crianças que padeciam sofrimentos graves na construção da subjetivação.

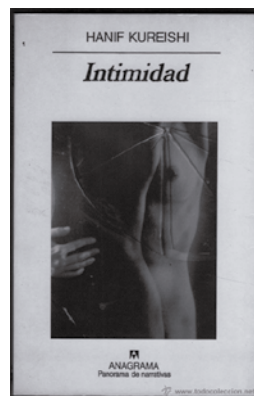
O ataque sistemático à psicanálise e à sua prática com crianças, em países em que nossa disciplina teve forte implantação e uma rica história, constituiu um alerta para os psicanalistas latino-americanos.

Frente à massificação desses fenômenos na infância e na adolescência, os psicanalistas filiados à Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) reagimos, levantando nossa voz com um trabalho intenso e coletivo, convocando as sociedades e os psicanalistas que pertencem à federação para um encontro criativo onde pudessem ser conhecidos e divulgados trabalhos latino-americanos frutíferos sobre essas formas de sofrimento infantil e que resultasse em uma declaração que marque nossa posição sobre o tema, a partir de uma perspectiva crítica que permita resguardar porções de liberdade e direitos, bem como alertar sobre falsas soluções que comprometem o futuro de muitas crianças e jovens da nossa região.

Assim germinou o que terminou por chamar-se *Declaração de Cartagena*, na expectativa de expor à esfera pública nossa perspectiva e nosso compromisso em relação ao sofrimento da criança e de sua família.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.

** Asociación Psicoanalítica de Córdoba.



Intimidade

Hanif Kureishi

Em poucas páginas, Kureishi condensa também algumas poucas, mas decisivas horas na vida de Jay, um escritor bem-sucedido, de meia idade, no dia em que abandonará sua mulher e irá embora da casa que divide com ela e seus filhos. Esta versão masculina de Nora (*Casa de bonecas*, Ibsen) também profere seu grito de liberdade, mesmo que em um contexto muito distinto e por razões diferentes. Ou, justamente, defendendo a aparente falta de razão da necessidade de fugir da agonia de um casamento “adequado” demais, em que algo da ordem do desejo e da paixão se perdeu. Escapar da opressão dos dias que se repetem, da convivência rotineira, do tédio desse singular efeito de fusão dos casais, que sintetiza com precisão: “Preferiria não vê-la por alguns meses, para poder esquecê-la; talvez então consiga ter uma ideia de como é na verdade, à margem de mim”. O autor nos permite entrar na intimidade de um personagem profundamente contemporâneo, que se abre de forma crua e sacode convencionalismos, que aborda essa frágil margem entre o amor e o ódio, que se expõe em uma crise pessoal e universal ao mesmo tempo, a do desencontro, a do estranho com que se convive, a do desejo falido de comunhão com o outro, a da não relação sexual. “Que cientista disse que os corpos nunca se encontram?”. Um relato sobre a proximidade, a distância e a impossibilidade da intimidade. (Natalia Mirza Labraga)

São Paulo:

Companhia das Letras, 2000



Obras de Avelino González Fernández, pioneiro da psicanálise no México

Andrés Gaitán e Abigail Cobar (organizadores)

Estas *Obras* reúnem o essencial de um psicanalista que construiu uma forma original de pensar a clínica, mas que, por haver ficado preso na crise institucional da psicanálise (a separação em continentes clínicos que não se escutavam: o funcionalismo norte-americano, a escola inglesa e a francesa; o ataque fratricida de antigos colegas mexicanos; a burocratização da IPA que impossibilitou sua reinserção, quando renunciou à associação da qual foi fundador), teve seu trabalho pouco conhecido para além dos seus companheiros de geração e daqueles que foram seus formandos. Esta edição restitui essa falta; se no centro encontra-se sua contribuição-chave, a categoria urgência de reunião, ao longo do livro o vemos propor a ética como eixo do trabalho analítico, ao considerá-lo indissociável do plano social. (Alejandro Beltrán)

México:

Sociedad Psicoanalítica de México, 2011



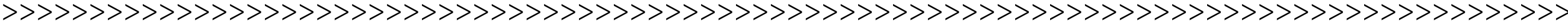
Teoria quântica: estudos históricos e implicações culturais

Olival Freire Jr., Osvaldo Pessoa Jr. e Joan Lisa Bromberg (organizadores)

Esta coletânea de textos históricos, filosóficos e culturais sobre a física quântica foi agraciada em 2011 com o 53o Prêmio Jabuti, na categoria Ciências Exatas (1o lugar). Baseia-se em um *workshop* em Campina Grande, em 2008, organizado por Olival Freire Jr., da Universidade Federal da Bahia, que reuniu historiadores, filósofos e educadores do exterior e do Brasil, e também alunos. O resultado final foi este livro muito rico e interessante, com 20 artigos sobre diferentes aspectos da física quântica. Todos os textos estão em português. Para qualquer pessoa minimamente interessada em física quântica, haverá artigos atraentes nesta multifacetada coletânea. Há diversos artigos de história da física, incluindo os de três renomados autores estrangeiros, havendo também vários artigos de filosofia da física quântica. Dois autores discutem o fenômeno cultural do misticismo quântico. (Osvaldo Pessoa Jr.)

Campina Grande e São Paulo:

Editores da Universidade Estadual da Paraíba e Editora Livraria da Física, 2010



sidade Católica de Pelotas (UCPel); professor licenciado de psicologia médica e psiquiatra da Faculdade de Medicina da UCPel. Editor do blog *Disgráfico: self decodificações* (hemersonmendes.wordpress.com). hemersonmendes@terra.com.br

Natalia Mirza Labraga
Psicanalista de adolescentes e adultos. Membro associado da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU), Montevideu. Ex-docente da Faculdade de Psicologia da Universidade da República (UdelaR). Integrante da Comissão de Comunicação da APU. Editora da seção **Bitácora**. Editora regional e integrante do Comitê Executivo da revista *Calibán*. nmirzal@gmail.com

Marcio José de Moraes
Desembargador federal aposentado. Procurador do Município de **São Paulo** (1974-1976). Juiz federal (1976-1989). Desembargador federal do Tribunal Federal da 3ª. Região (1989-2015). Curso de formação em psicanálise (Centro de Estudos Psicanalíticos, 2005-2008). Cursos: Fundamentos da Psicanálise (2009-2011) e Psicopatologia

Contemporânea (2012-2014) do Instituto Sedes Sapientiae de São Paulo. marjomoraes@gmail.com

Maria Teresa Naylor Rocha
Psicanalista de adultos e crianças da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ-Rio II); membro fundador do Programa de Psicanálise e Interface Social (Propis) da SBPRJ; coordenadora dos projetos de pesquisa psicanalítica *Vi Vendo a Cidade* (2002-2007) e, desde 2009, do *Travessia*, realizados na SBPRJ. De 1989 a 2000 coordenou grupos de observação da relação mãe-bebê do Instituto da SBPRJ. Artigos publicados nas revistas *RBP*, *Trieb* e na coletânea *A psicanálise nas tramas da cidade*. mteresanaylorrocha@gmail.com

Víctor Javier Novoa Cota
Doutor em fundamentos e desenvolvimentos psicanalíticos pela Universidade Autónoma de Madri. Professor investigador de tempo completo na Faculdade de Psicologia e integrante do Núcleo Acadêmico Básico do Mestrado em Psicologia da UASLP. Autor do livro *Psicoanálisis, teoría y clínica*, bem como de diversos artigos.

vnovoac@hotmail.com
Nide Parada Franch
Membro efetivo e analista didata da SBPSP, São Paulo. Analista de crianças e adolescentes. Editora do *Livro Anual de Psicanálise*. Ex-co-chair para América Latina e membro do Cocap (*Committee on Child and Adolescent Psychoanalysis*). Presidente da SBPSP (2012-2016). nildefranch@gmail.com

Oswaldo Pessoa Jr.
Professor livre-docente de filosofia da ciência no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Fez doutorado no Departamento de História & Filosofia da Ciência na Indiana University, EUA, com tese sobre o problema da medição na física quântica (1990). Trabalha com filosofia da física e desenvolve pesquisa em “modelos causais em história da ciência” e em filosofia da mente. opessoa@usp.br

Carlos Alberto Plastino
Psicanalista, mestre em teoria psicanalítica (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e especialista em ciência política (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-

-RJ). Professor aposentado do Instituto de Medicina Social do Rio de Janeiro e professor da PUC-RJ. Autor dos livros *A aventura freudiana, elaboração e desenvolvimento do conceito de inconsciente em Freud* (ed. Tempo Brasil); *O primado da afetividade. A crítica freudiana ao paradigma moderno* (ed. Relume Dumará). caplastino@gmail.com

Richard Reichbart
J.D., PhD. Ex-presidente, supervisor e analista didata do Instituto para o Treinamento e a Investigação Psicanalítica (Iptar), Nova York. Diretor coexecutivo de *Psychoanalysis in El Barrio*, PEP Video. Diretor executivo de *Black psychoanalysts speak*, PEP Video. Membro da IPA. Membro da Associação Americana de Psicanálise. Ex-presidente da Sociedade Psicanalítica de Nova Jersey. reichbart@earthlink.net

Cristina Rosas de Salas
Membro titular da Asociación Psicoanalítica Argentina, em Buenos Aires. Professora do Instituto de Psicanálise A. Garma, da APA, desde 1991. Membro da Comissão Diretora da

APA e da Comissão Científico-Técnica (2006-2008). Membro dos comitês de apelação e de leitura de trabalhos para titular. Primeiro prêmio da *Revista Latino-Americana de Psicanálise*, “La pulsión y sus desbordes”. Trabalhos publicados. cristisalas1@gmail.com

Griselda Sanchez Zago
Doutora em psicologia, psicanalista com função didática e presidente da Sociedade Freudiana da Cidade do México (SFCM). Psicanalista com função didática do Ilap, psicanalista titular em funções didáticas e presidente da Sociedad Freudiana de la Ciudad de México. Membro do comitê editorial da revista eletrônica *Carta Psicoanalítica*, membro do conselho editorial da *Revista Mineira de Psicanálise*. Membro do grupo de Direitos Humanos da Fepal e de Lacan na IPA. gzsago@icloud.com

Dominique Scarfone
Psiquiatra e psicanalista; professor honorário do Departamento de Psicologia da Universidade de Montreal. Seus trabalhos mais recentes: *Quartiers aux rues sans nom*, Paris, 2012; e *Jean*

Laplanche. An introduction; The unconscious in translation; The unpast. The actual unconscious, todos editados em Nova York em 2015. dominique.scarfone@umontreal.ca

Enrique Torres
Formou-se em Buenos Aires e permaneceu 15 anos na capital argentina. Depois foi professor e supervisor em uma instituição associada à Universidade de Gotemburgo, na Suécia. Desde 1980 reside em Córdoba, onde foi cofundador da Asociación Psicoanalítica de Córdoba. Autor de numerosos trabalhos em publicações nacionais e estrangeiras. Prêmio Fepal em 1988. Duas publicações no IJPA. enriquerafaeltorres@gmail.com

Xochiquetzaly Yeruti de Avila Ramírez
Doutora em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora, assessora em práticas clínicas profissionais no Centro de Orientação Psicológica e Docente do Mestrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia da UASLP. Candidata a pesquisadora nacional, SNI-Conacyt. xoyeruti@gmail.com



Orientações aos autores

Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise

Calibán é a publicação oficial da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), organização vinculada à Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Vem sendo editada de forma regular desde 1994, antes sob o título *Revista Latino-Americana de Psicanálise*.

Sua proposta editorial tem o objetivo de propiciar a difusão e o desenvolvimento do pensamento psicanalítico latino-americano em sua especificidade, bem como promover o diálogo com a psicanálise de outras latitudes. Procura estimular a reflexão e a discussão através da inserção das questões pertinentes à psicanálise nos contextos científico, cultural, social e político contemporâneos. Sua periodicidade é semestral. Cada número incluirá em seu conteúdo artigos em formato de ensaio, artigo científico, entrevista, resenha ou outros que os editores considerarem pertinentes.

A publicação de artigos em *Calibán* não reflete o pensamento dos editores ou sua concordância com os conceitos emitidos, sendo de exclusiva responsabilidade de cada autor ou entrevistado as opiniões constantes em cada um dos trabalhos ou entrevistas publicados na revista.

1. Os trabalhos a serem publicados em **Argumentos** deverão ser inéditos. No entanto, se os editores os considerarem de especial interesse, trabalhos que já tenham sido publicados ou apresentados em congressos, mesas redondas etc. poderão ser editados, com a especificação do local e da data originária de exposição.
2. Caso o trabalho inclua material clínico, o autor tomará as mais estritas medidas para preservar a identidade dos pacientes, sendo de sua exclusiva responsabilidade o cumprimento dos procedimentos para alcançar esse fim ou para obter o consentimento correspondente.
3. Os trabalhos apresentados serão objeto de uma avaliação independente com características do método “duplo-cego”, feita por pelo menos dois pareceristas do Comitê de Pareceristas da revista, que poderão fazer recomendações voltadas à eventual publicação do artigo. A avaliação será feita com base em critérios parametrizados, e a resultante aceitação, rejeição ou o pedido de alterações ou ampliações do trabalho constitui a tarefa dos pareceristas da revista, que remeterão suas sugestões ao Comitê Editor. Os editores definirão, em função da pertinência temática e das possibilidades da revista, a oportunidade da publicação.

4. Os trabalhos deverão estar redigidos em espanhol ou em português. Em casos específicos, poderão ser publicados trabalhos originais em outros idiomas.

5. Deverão ser enviados por e-mail aos endereços eletrônicos editorescaliban@gmail.com e revista@fepal.org em duas versões:

A) Artigo original com nome do autor, instituição à qual pertence, endereço eletrônico (no rodapé da primeira página) e breve descrição curricular de 50 palavras.

B) Uma versão anônima com pseudônimo e sem menções bibliográficas que permitam eventualmente identificar o autor. Deverão ser eliminadas as referências nas propriedades do arquivo digital que identifiquem o autor.

Ambas versões deverão ter o seguinte formato: documento Word, folha A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, entrelinha dupla. Nenhuma das versões deverá exceder 8.000 palavras. Seções específicas da revista poderão incluir um número menor de palavras.

6. A bibliografia, que não será considerada na extensão máxima de palavras permitida, deverá ser apenas a imprescindível e ajustar-se às referências explicitadas no texto. Todos os dados de referência das publicações citadas serão incluídos, com especial cuidado de esclarecer quando se trata de citações de outros autores e de que sejam fiéis ao texto original. A bibliografia e as citações bibliográficas se ajustarão às normas internacionais da *American Psychological Association*, disponíveis em www.fepal.org.

7. Também se anexará um resumo na língua original do artigo, redigido em terceira pessoa e de aproximadamente 150 palavras, junto à sua tradução para o inglês.

8. Deverão ser acrescentadas, na língua original do artigo e em inglês, palavras-chave do Tesouro de Psicanálise da Associação Psicanalítica de Buenos Aires, disponível para consulta em <http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/tesouro.pdf>.

9. Caso o trabalho seja aceito para publicação, o autor deverá assinar um formulário de autorização mediante o qual cede legalmente seus direitos. Pela mencionada cessão, ficará proibida a reprodução escrita, impressa ou eletrônica do trabalho sem autorização expressa e por escrito dos editores.



Calibán

Revista Latino-Americana
de Psicanálise



• **Na capa e contracapa:**

Francis Alÿs
Tornado, Milpa Alta, 2000-2010
Documentação fotográfica de uma ação.
Foto: Francis Alÿs

• **Em 2a. e 3a. capas:**

Francis Alÿs
Cuando la fe mueve montañas / When faith moves mountains, Lima, 11 de abril de 2002.
Em colaboração com Cuauhtémoc Medina y Rafael Ortega.
Documentação fotográfica de uma ação.

Paradox of Praxis 1 (Sometimes making something leads to nothing), Ciudad de México, 1997.
Documentação fotográfica de uma ação.
Fotos: Enrique Huerta.

The Loop, Tijuana-San Diego, 1997.
Documentação fotográfica de uma ação.

Argumentos: **O que não se sabe**

Fora de Campo: Prêmio Sigmund Freud

O Estrangeiro: Alberto Kornblihtt

Textual: Uma entrevista com **Hanif Kureishi**

Dossiê: *O que tão-pouco se sabe*

Vórtice: *turbulências* na clínica
(Latinoamérica/Europa/EE.UU./Medio Oriente)

Cidades Invisíveis: Cidade do **México**

Clássica & Moderna: Avelino González

De Memória: Prego Silva

Bitácula: **Declaração de Cartagena**